



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC
Departamento de Ciência da Informação - DCI
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI

Francisco Arrais Nascimento

NOMEAR, CLASSIFICAR, EXISTIR: um estudo das práticas discursivas como contribuição
para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+

Marília - SP,
2021

Francisco Arrais Nascimento

NOMEAR, CLASSIFICAR, EXISTIR: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Dr. Daniel Martínez-Ávila

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Marília - SP,
2021

N244n

Nascimento, Francisco Arrais

Nomear, classificar, existir : um estudo das práticas discursivas como contribuição para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+ / Francisco Arrais Nascimento. -- Marília, 2021
276p. : il., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Daniel Martínez-Ávila

1. Ciência da Informação. 2. Organização da Informação. 3. Palavras e expressões. 4. Pessoas LGBTQ. 5. Homossexualidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Francisco Arrais Nascimento

NOMEAR, CLASSIFICAR, EXISTIR: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+

Tese para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, na área de concentração Informação, Tecnologia e Conhecimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Dr. Daniel Martínez-Ávila,
Universidad Carlos III de Madrid, UC3M, Espanha.

2º Examinador: _____
Dra. Deise Maria Antonio Sabbag,
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

3º Examinador: _____
Dr. João Batista Ernesto de Moraes,
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

4º Examinador: _____
Dr. Fabio Assis Pinho,
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil.

5º Examinador: _____
Dr. Adelino Francisco Zurian Hernandez,
Universidade Complutense de Madrid, UCM, Espanha

Marília, 14 de maio de 2021.

Dedico este trabalho de pesquisa às vítimas da exclusão social em função das suas orientações sexuais, suas identidades de gênero e/ou de suas práticas sexuais que tiveram, têm e terão suas vozes silenciadas e suas memórias apagadas, esquecidas ou soterradas pela construção histórica que se pauta em um proselitismo heteronormativo que rege a sociedade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradecer é um ato que adquire complexidade em função dos afetos que permeiam a tessitura subjetiva que compõe as relações. O ato de reconhecer torna-se complexo devido a sua necessidade de perceber o outro. Apenas após identificar não apenas esse outro, mas sua contribuição direta e/ou indireta, se pode mensurar o valor da contribuição, para somente então encontrar uma forma de compensar de maneira equivalente o outro pelo afeto despertado.

Este estudo de tese não teria sido imaginável sem os atos de violência que tornaram possível a visão da “condição” do outro em nossa sociedade. No trajeto, os entendimentos necessários tanto acadêmicos, quanto os sociais e culturais foram sedimentados e possibilitaram vislumbrar zonas de sombra, narrativas silenciadas e atores sociais esmaecidos no decorrer do processo de construção sócio-histórico, político e cultural deste país.

Assim, agradeço ao meu orientador Dr. Daniel Martínez-Ávila por seu cuidado, respeito, confiança e competência.

Aos professores, Dra. Deise Maria Antonio Sabbag, Dr. Fabio Assis Pinho, Dr. Francisco A Zurian e Dr. João Batista Ernesto de Moraes pelas contribuições nas minhas bancas de qualificação e defesa, sem dúvida o trabalho não seria o mesmo sem suas contribuições enriquecedoras.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (PPGCI – Unesp) por suas valiosas contribuições no processo de construção do Conhecimento, muito obrigado.

A Dra. Caroline Kraus Luvizotto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (Faac/Unesp), por sua atenção, presteza e disponibilidade. Obrigado.

Frente aos agradecimentos, utilizando-me das palavras de Guimarães Rosa em sua obra “Grande sertão veredas” para reconhecer que “o correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Assim, reconhecendo o que a vida almeja de nós, agradeço a Andrea Carla Melo Marinho, Doralice Rodrigues e Emanuella Maria Barbosa Lourenço Bezerra por sua amizade, compreensão, força, discernimento e postura frente a vida. A vocês minha Admiração.

A Denise Cristina Belam Fioravanti pela amizade, acolhimento, compreensão, respeito e cuidado. Obrigado.

A Rafael da Silva Shirakava, Kelli Cristina Corrêa e Admeire da Silva Santos Sundström pela amizade. Obrigado

A Graziela dos Santos Lima pela amizade e escuta atenta. Existir em determinados casos requer muito mais coragem. Obrigado.

A Antônio Carlos Pereira por sua amizade, cuidado, paciência e compreensão. Obrigado.

“Pero ¿alguien sabe cómo se atraviesa un lenguaje dominante?
¿Con qué cuerpo? ¿Con qué armas?” (HOCQUENGHEM;
PRECIADO; SCHÉRER, 2009, p. 140).

“Mas alguém sabe como uma língua dominante é percorrida?
Com que corpo? Com quais armas?”
(HOCQUENGHEM; PRECIADO; SCHÉRER, 2009, p. 140,
tradução nossa).

NOMEAR, CLASSIFICAR, EXISTIR: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a Organização do Conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+

RESUMO

Ao adentrar ao campo dos estudos de Gênero, se pode vislumbrar ao firmar-se sob o viés dos “desvios” da norma, situando-se no domínio das dissidências sexuais e de gênero, se pode vislumbrar um cenário multifacetado, complexo e hipersegmentado. Seguindo a perspectiva de Hjørland (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997), em função da diversidade de comunidades discursivas e estratos sociais que compõem tal domínio, este domínio pode ser compreendido enquanto polimorfo, devido a múltiplas formas de vivência e experiências encontradas. Logo, tendo-se a linguagem enquanto prática de significação, permeando todo e qualquer sistema de representação que subsidia formas de resistência e linhas de fuga (FOUCAULT, 2000), tem-se a possibilidade de visualizar os processos pelos quais a identidade dos sujeitos é construída e adquire sentido (SILVA, 2000), levando-se a pensar a performatividade (DERRIDA, 1991). Assim, objetivou-se identificar os termos êmicos utilizados no domínio das dissidências sexuais e de gênero, sob o recorte das comunidades discursivas LGBTQIAP+ que podem fundamentar de forma ética e atuar como garantia autopoiética na prática de organização do conhecimento, para além de, colaborar para a criação de sistemas de organização e representação do conhecimento mais eficientes acerca de tal domínio. Para tanto, elegeu-se a Análise de Domínio (AD) como metodologia, alicerçada em dois recursos metodológicos que atuaram de forma colaborativa para alcançar o resultado aqui apresentado, a saber Etnografia e Observação (SILVERMAN, 2009; FLICK, 2009) e Cartografia (Cartografia de documentos e Cartografia de sentimentos) (ROLNIK, 2016). Assim, ao vislumbrar os sistemas de saber/poder e patriarcal nos quais está inscrito toda a engenharia social de controle dos corpos, engendrada em uma interseccionalidade das relações de poder, raça, gênero e sexualidade que incidem sobre os corpos de modo a controlar suas práticas em uma produção serializada de sujeitos dóceis e economicamente viáveis sob a perspectiva do biopoder e consequentemente do capital. Diante disso, ao visualizar, compreender os usos e práticas, organizar e dar espaço ao discurso não hegemônico, viabilizou-se a construção de diálogos profícuos que possibilitem uma representação verossimilhante, eficiente e eficaz no âmbito dos sistemas de organização da informação e do conhecimento, uma vez que, as linguagem documentárias e os sistemas de classificação devem atuar de forma a auferir um acesso universal, ou seja, uma recuperação eficiente além de uma representação verossimilhante do objeto representado/buscado de modo a satisfazer as necessidades de busca e representação não apenas do usuário, mas também das comunidades discursivas que interagem com os mesmos.

Palavras-chave: Comunidades discursivas. Práticas discursivas. LGBTQIAP+. Terminologia. Organização do Conhecimento.

NAMING, CLASSIFYING, EXISTING: a study of the discursive practices as a contribution to the Knowledge Organization produced by LGBTQIAP + communities

ABSTRACT

When entering the field of gender studies, under the bias of the “deviations” from the norm, standing in the domain of sexual and gender dissidences, one can see a multifaceted, complex and hypersegmented scenario. Following Hjørland's perspective (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997), due to the diversity of discursive communities and social strata that make up this domain, it can be understood as a polymorph domain, due to multiple forms of living and experiences found. Therefore, considering language as a practice of signification that permeates any and all representation systems that support forms of resistance and lines of flight (FOUCAULT, 2000), it is possible to visualize the processes by which the subjects' identities are constructed and acquire meaning (SILVA, 2000), leading to the question of performativity (DERRIDA, 1991). Thus, the aim of this thesis is to identify the emic terms used in the domain of sexual and gender dissidences and focusing on the LGBTQIAP + discursive communities that can ethically base and act as an autopoietic warrant in the practice of knowledge organization, in addition to contributing to the creation of more efficient knowledge organization systems on this domain. To this end, Domain Analysis (DA) was chosen as a methodology, based on two methodological resources that worked collaboratively to achieve the results presented here, namely Ethnography and Observation (SILVERMAN, 2009; FLICK, 2009) and Cartography (Cartography of documents and Cartography of feelings) (ROLNIK, 2016). Thus, when looking at the knowledge/power and patriarchal systems in which all the social engineering of the control of bodies is inserted, engendered in an intersectionality of relations of power, race, gender, and sexuality that affect the bodies to control their practices in a serialized production of docile and economically viable subjects from the perspective of biopower and consequently of capital. In view of this, when visualizing, understanding the uses and practices, organizing and giving space to the non-hegemonic discourse, it was possible to create fruitful dialogues that enable a credible, efficient, and effective representation within the context of information and knowledge organization systems, since, documentary languages and classification systems must act in order to obtain universal access, that is, an efficient recovery in addition to a verisimilar representation of the object represented/searched in order to meet the search and representation needs not only of the user, but also of the discursive communities that interact with them.

Keywords: Discursive communities. Discursive practices. LGBTQIAP+. Terminology. Knowledge Organization.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Representação do sistema de dobras na composição dos corpos sexuados.....	33
Figura 2 - Representação da metodologia adotada neste estudo de tese	48
Figura 3 - The Nightmare, Johann Heirich Füssli (1781).	63
Figura 4 - O pesadelo - <i>The nightmare</i> , Johann Heinrich Füssli (1790)	64
Figura 5 - Classificação da Luxúria dos Manuais de confissões dos séculos XVI e XVII	67
Figura 6 - Gravura de Theodor de Bry, representando a execução de “índios sodomitas” por Núñez de Balboa, publicada em “Grand Voyages, Vol. IV” (Frankfurt, 1594).....	72
Figura 7 - "Three Young White Men and a Black Woman" Christiaen van Couwenberg (1632).....	81
Figura 8 - Etnias indígenas, da América Latina, sobre as quais há evidência arqueológica, histórica, etnográfica ou linguística, comprobatória da prática de homossexuais	86
Figura 9 - Sistema patriarcal segundo Nunes (2016)	115
Figura 10 - Classificação das heterossexualidades	128
Figura 11 - Classificação do Domínio das Homossexualidades (Mazzei, 1979).	132
Figura 12 - Assassinatos de Travestis e Transexuais segundo o Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras	140
Figura 13 - Reportagem da Folha de São Paulo de 1 de março, 1987	142
Figura 14 - Eixos classificatórios dos transtornos parafilicos segundo o DSM.....	148
Figura 15 - Classificação do Domínio Ursino.....	246
Figura 16 - Representação dos gêneros não normativos e da ausência de gênero	247
Figura 17 - Gêneros Não-ocidentais identificados na literatura.....	248
Figura 18 - Domínio das Homossexualidades Masculinas e Modalidades Alternativas de Sexualidade	249
Figura 19 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	255
Figura 20 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	256
Figura 21 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 3) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	257
Figura 22 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 4) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	258
Figura 23 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 5) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	259
Figura 24 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 6) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	260
Figura 25 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 2 (Folha 1) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	262
Figura 26 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 2 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	263
Figura 27 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 1) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	265
Figura 28 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	266
Figura 29 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 3) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	267
Figura 30 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 4) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606	268

Figura 31 - "Máscara que se usa nos negros" (1820-30), Jean-Baptist Debret. Representação de um escravo "tigre" em sua função de transporte de dejetos	270
Figura 32 - Capa do Jornal Lampião da Esquina noticiando as investidas da polícia contra a comunidade LGBTQIAP+ no período da ditadura civil-militar do brasil.	271
Figura 33 - Capa do Jornal Lampião da Esquina denunciando a matança cometida contra a comunidade LGBTQIAP+	272
Figura 34 - Capa do jornal Lampião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"	273
Figura 35 - Reportagem do jornal Lampião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"	274
Figura 36 - Reportagem do jornal Lampião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"	275
Figura 37 - Relatório do Pornhub sobre tendências de buscas no Brasil em 2019	276

Lista de Quadros

Quadro 1 - Diferenciação entre Organização da Informação e Organização do Conhecimento a partir das conclusões de Bräsher e Café (2008).....	44
Quadro 2 - Objetivos específicos do estudo de tese.....	46
Quadro 3 - Abordagens da Ciência da Informação.....	49
Quadro 4 - Obras identificadas pela cartografia de documentos	55
Quadro 5 - Registro de sodomia praticado por mulheres no Estado Membro da Bahia, Brasil	87
Quadro 6 - Casos analisados em que os pacientes foram internados no sanatório Pinel por práticas homossexuais	102
Quadro 7 - "Homens" e "Bichas": Sistema "A".....	122
Quadro 8 - "Homens" e "entendidos": Sistema "B".....	123
Quadro 9 - O modelo médico do século XIX: Sistema "c"	125
Quadro 10 - Sistema "D"	126
Quadro 11 - Classificação do domínio das masculinidades que fazem uso da prostituição como forma laborativa da cidade de São Paulo (Perlongher, 1993).....	126
Quadro 12 - Organização das heterossexualidades	130
Quadro 13 - Evolução da tipificação e classificação das temáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)	148
Quadro 14 - Classificação das homossexualidades nas edições da Classificação Decimal de Dewey (CDD).....	250

Lista de Abreviaturas e Siglas

5H - Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos e Hookers
ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
Abrev. – Abreviatura
AD - Análise de Domínio
ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade
Adj. – Adjetivo
Adv. – Advérbio
AIDS - *acquired immunodeficiency syndrome* - síndrome da imunodeficiência adquirida, em português
AL – Alagoas
Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais
Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APA - *American Psychological Association*
Art. – Artigo
ATM - *Ass To Mouth*
Aum. – Aumentativo
BA – Bahia
C.2.g. - Comum de dois Gêneros
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD – *Crossdressers*
CDD - Classificação Decimal de Dewey
CE – Ceará
CFP - Conselho Federal de Psicologia
CI - Ciência da Informação
CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CNJ - Conselho Nacional de Justiça
COVID 19 - Doença respiratória aguda, causada pelo novo coronavírus sars-CoV-2.
CP - Código Penal
CPR - Código Penal Republicano
Def. – Definido
Der. – Derivado
DF – Distrito Federal
Dim. – Diminutivo
Dr. A.G. - *Dressed As a Girl*
DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EP - *Estrutura Profunda*
ES – Espírito Santo
ES - *Estructura de Superfície*
EUA - Estados Unidos da América
Ex. – Exemplo
Expr. – Expressão, sintagma verbal ou oração
F. – Feminino
GBTQP+ - Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Queers, Pansexuais e outros grupos masculinos
GGB - Grupo Gay da Bahia
GO – Goiás
HIV - sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana
HsH - Homens que fazem sexo com Homens
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Indef. – Indefinido
Interj. – Interjeição
Intr. – Intransitivo

IS - *Information Science*

IST - Infecção Sexualmente Transmissível

LCC - *Library of Congress Classification*

LD - Linguagem Documentária

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Pansexuais, Polisssexuais e não-cis que não se considere trans ou ainda qualquer uma das definições atribuídas na sigla.

M. – Masculino

MG – Minas Gerais

MH - Movimento Homossexual

MT – Mato Grosso

NE – Nordeste. Neste estudo especificamente Região Nordeste do Brasil.

OC - Organização do Conhecimento

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONGs - Organizações não Governamentais

PA – Pará

PB – Paraíba

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PE – Pernambuco

Pl. – Plural

RDC - Resolução da Diretoria Colegiada

RI - Recuperação da Informação

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

RS – Rio Grande do Sul

S. – Substantivo

SC – Santa Catarina

SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

Sing. – Singular

SP – São Paulo

STF - Supremo Tribunal Federal

STM - Superior Tribunal Militar

Superl. – Superlativo

T.D. – Transitivo Direto

T.I. – Transitivo Indireto

TGEu - *Transgender Europe*

TGS - t-girls

UDI - usuários de drogas injetáveis

V. – Verbo

Var. – Variante

Sumário

1 Introdução	16
2 Aspectos Metodológicos	46
3 A tríade acerca das homossexualidades: pecado, crime e doença no trato histórico da diferença	61
4 Onde colocar o desejo? Classificações existentes no domínio das dissidências sexuais e de gênero no Brasil	103
5 Vocabulário para Estudo de Homossexualidades e Modalidades Alternativas de Sexualidade e Desejo no Brasil	137
6 Considerações Finais.....	154
Referências	158
Filmografia.....	189
Glossário	192
Apêndice 1	246
Apêndice 2	247
Apêndice 3	248
Apêndice 4	249
Apêndice 5	250
Anexo 1	255
Anexo 2	262
Anexo 3	265
Anexo 4	270
Anexo 5	271
Anexo 6	273

1 Introdução

Ao adentrar ao campo dos estudos de Gênero, se pode vislumbrar que, “[...] tradicionalmente, o gênero como categoria de análise não tem logrado a atenção ou o respeito dos críticos latino-americanos”¹ (MOLLOY, 2002, p.164). Tal entendimento aloca a temática como transversal, tornando-a análoga em debates superficiais onde a categoria gênero não alcança em muitos aspectos a profundidade necessária para o seu entendimento de forma verossimilhante. No entanto, o cenário latino-americano tem compreendido a partir das labutas dos movimentos sociais que os gêneros, para além de uma categoria de análise, configura-se como um domínio. Nesse interim, firmando-se sob o viés dos “desvios” da norma, situando-se no domínio das dissidências sexuais e de gênero, se pode vislumbrar um cenário multifacetado, complexo e hipersegmentado. Seguindo a perspectiva de Hjørland (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997), em função da diversidade de comunidades discursivas² e estratos sociais que compõem tal domínio, este domínio pode ser compreendido enquanto polimorfo, devido a múltiplas formas de vivência e experiências encontradas. Salienta-se que, adotando uma posição teórico discursivo-desconstrucionista de base foucaultiana, parte-se do pressuposto de que as relações de poder, os sistemas de controle, docilização e condicionamento da sociedade, além de, toda a engenharia social, suas tecnologias e seus dispositivos de controle, estabelecem uma relação simbiótica com o objeto de estudo utilizado neste estudo de tese, a saber o vocabulário utilizado por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais³, Queer/Questionando, Intersexuais⁴, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Pansexuais, Polisssexuais e não-cis que não se considere

¹ Citação original: “*Tradicionalmente el género como categoría de análisis no ha gozado de la atención ni del respeto de la crítica latinoamericana*”. (Molloy, 2002, p.164).

² Nascimento (2015, p. 63), em diálogo segundo Hjørland e Albrechtsen (1995) e Hjørland (1997), afirma que os autores “[...] expõem sua teoria, afirmando primeiramente, que a unidade de análise da Ciência da Informação é formada pelos campos coletivos de conhecimento ou domínios de conhecimento concernentes às suas comunidades discursivas” (*discourse communities*).

³ Segundo Jesus (2012, p. 15) Transexual é “Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica”.

⁴ Segundo Jesus (2012, p. 14) intersexual seria a “Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não descenderam, pênis demasiado pequeno ou clitoris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas”.

trans ou ainda qualquer uma das definições atribuídas na sigla (LGBTQIAP+). Freire e Freire (2015, p.11) ao referir-se aos estudos da epistemologia da Ciência da Informação, afirmam

Além da dificuldade advinda da dinâmica própria ao seu objeto de estudo, construído a partir do olhar das várias disciplinas com as quais a Ciência da Informação se relaciona, há, ainda, sua complexa relação com o contexto histórico da sociedade ocidental, o que resulta em uma multiplicidade de abordagens.

Tal afirmação, pode ser aplicada com certa facilidade ao estudo aqui apresentado, uma vez que os pontos apontados pelos autores, podem ser observados no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Logo, o estudo de tese aqui apresentado situa-se na grande área de Ciências Sociais Aplicadas, na área de Comunicação e Informação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como subárea a Ciência da Informação, alicerçando-se sob o viés teórico da Organização da Informação e do Conhecimento, compreendendo a informação como insumo essencial para a Ciência da Informação, configurando-se como, “[...] um fenômeno que não se prende facilmente a conceitos e teorias gerais, estando relacionado a todas as áreas do conhecimento e se moldando aos interesses de cada uma delas” (FREIRE; FREIRE, 2015, p. 11). Partindo do conceito de que a

Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação interpretação e uso da informação. (SHERA; CLEVELAND, 1967, p. 265).

Compreendendo a informação “[...] no sentido de conhecimento comunicado”, ciente de seu “[...] papel central na sociedade contemporânea” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 148), norteando-se sob a compreensão de “informação como coisa” (BUCKLAND, 1991), emerge de tal cenário, indagações como: Como a Ciência da Informação tem lidado com informações e conhecimentos oriundos de grupos marginalizados? Os sistemas de Informação têm acompanhado as demandas das comunidades discursivas tidas como desviantes e subversivas? A representação da informação tem sido verossimilhante, ética e eficiente frente aos proselitismos, preconceitos e antipatias?

Assim, em um primeiro momento aparentemente, os atos de nomear, classificar e consequentemente de existir são ações corriqueiras, simples dadas sua ocorrência no cotidiano. Sob as linhas de Melo (2010, p. 178) “[...] o ato de nomear e organizar objetos, seres e fenômenos ao nosso redor responde a um apelo de nossa mente por referenciais que dêem [sic] sentido a caleidoscópica realidade”. No entanto, ao voltar-se para a rotina dos sujeitos em

sociedade e imergir em contextos específicos, tais ações adensam-se revelando uma tessitura complexa e multifacetada inscrita em um cenário rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995), construído histórica, geográfica e culturalmente, que tutelam relações de poder que atuam de forma incessante e em todas as direções (horizontal e vertical) incidindo sobre os corpos de forma a torna-los politicamente dóceis e economicamente produtivos (FOUCAULT, 1987a) do ponto de vista dos discursos hegemônicos, em uma complexa engenharia que agrega tecnologias (LAURETIS, 1994), sistemas (FOUCAULT, 1987b; 2000; NUNES, 2016; RUBIN, 2017) e dispositivos de controle social (FOUCAULT, 2020a, 2020d). Ressalta-se que, o poder é coercitivo (lei) e produtivo (pedagógico), no entanto, o que seria o poder? De acordo com Ríos (2005) o poder é

[...] a capacidade de decidir sobre a própria vida: como tal, é um fato que transcende o indivíduo e se plasma nos sujeitos e nos espaços sociais: aí se materializa como afirmação, como satisfação de objetivos [...]. Mas o poder consiste também na capacidade de decidir sobre a vida do outro, na intervenção com fatos que obrigam, circunscrevem ou impedem. Quem exerce o poder se arroga o direito ao castigo e a postergar bens materiais e simbólicos. Dessa posição domina, julga, sentencia e perdoa. Ao fazê-lo, acumula e reproduz o poder⁵. (RÍOS, 2005, p. 154).

Segundo Revel (2011, p. 27-28) ao dissertar sobre as ações do poder em sociedade e sobre os corpos, a mesma esclarece que

O controle social não passa só pela justiça, mas também por uma série de outros poderes laterais (as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas; a gestão dos corpos e a instituição de uma política de saúde; os mecanismos de assistência, as associações filantrópicas e os patrocínios etc.) que se articulam em dois momentos: trata-se, por um lado, de construir populações nas quais inserir os indivíduos – o controle é basicamente uma economia do poder que gerencia a sociedade em função de modelos normativos globais num aparelho estatal centralizado –; mas, por outro lado, trata-se também de tornar o poder capilar, quer dizer, de instalar um sistema de individualização que se destine a modelar cada indivíduo e a gerenciar sua existência.

Tal aspecto duplo do controle social atua de forma contundente sobre os corpos e foi exaustivamente trabalhado por Foucault tanto ao debruçar-se sobre o discurso médico no século XIX, quanto na produção da História da sexualidade I, variáveis fundamentais para o entendimento do estudo aqui apresentado, uma vez que, alicerça a gênese da análise realizada

⁵ Citação original: “[...] la capacidad de decidir sobre la propia vida; como tal es un hecho que trasciende al individuo y se plasma en los sujetos y en los espacios sociales: ahí se materializa como afirmación, como satisfacción de necesidad, y como consecución de objetivos. Pero el poder consiste también en la capacidad de decidir sobre la vida del otro, en la intervención con hechos que obligan, circunscriben, prohíben o impiden. Quien ejerce el poder se arroga el derecho al castigo y a conculcar bienes materiales y simbólicos. Desde esa posición domina, enjuicia, sentencia y perdona. Al hacerlo, acumula y reproduce poder” (RÍOS, 2005, p. 154).

e ancora o entendimento acerca da engenharia de poder criada em torno do objeto estudado, para além, de permitir a compreensão da tríade (pecado-crime-doença⁶) que comporta a produção do conhecimento acerca do domínio analisado (VAINFAS, 1989; PRADO; MACHADO, 2008; BARBOSA; MEDEIROS, 2018; NASCIMENTO; MASSONI; SHIRAKAVA; PINHO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2020).

Segundo bell hooks⁷ (2008), ao imergir no contexto das relações de poder estabelecidas sob o recorte de raça, desperta para “[...] uma consciência da ligação entre línguas e dominação”, marcando a gênese do pensamento da autora acerca da “língua do opressor”. Tal consciência, dialoga de forma contundente com o que foi desenvolvido neste estudo de tese acerca do vocabulário elaborado pela comunidade discursiva composta por orientações sexuais e do desejo além de identidades de Gênero compreendidas nos estrados sociais compreendidos pela sigla LBTQIAP+, uma vez que, “[...] esse construto tem o potencial para desempoderar aquelas e aqueles entre nós que apenas começaram a aprender a falar, que apenas começaram a aprender a reivindicar a língua como um lugar onde nós fazemos de nós mesmos sujeitos” (HOOKS, 28, p. 858).

Assim, segundo tatiana de la tierra⁸ (2008, p. 95) “Nomear, categorizar e classificar, rotular e marcar, fazer uma determinação linguística, sinalizar, definir, dizer, ‘esta é a palavra, estas são as palavras⁹ que representarão você’- isso é uma coisa poderosa¹⁰”. pois aquele que nomeia, manifesta sobre o que é nomeado, uma ação de poder, que consequentemente lança luz sobre o lugar ocupado por cada um dos sujeitos na hierarquia social, ou seja, em uma sociedade regida por uma divisão social marcadamente binária e oposicional (Masculino x Feminino), onde “[...] a mulher, argumenta ela [Wittig], só existe como termo que estabiliza e consolida a relação binária e de oposição ao homem; e essa relação, diz, é a heterossexualidade” (BUTLER, 2003, p. 164). Nesse interim, o ato de nomear evidencia quem tem poder e quem se submete a ele. Logo, nomear torna-se um ato político e ideológico (OLSON, 2002; BUTLER, 1998; 2003).

⁶ Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID).

⁷ bell hooks é pseudônimo de Gloria Jean Watkins, inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Em respeito ao desejo da autora, seu nome teve a grafia alterada não respeitando a norma vigente no Brasil acerca de nomes próprios que impõe que eles sejam escritos com suas iniciais maiúsculas.

⁸ Em respeito ao desejo da autora a grafia do nome dela foi alterado, não seguindo a norma vigente no Brasil acerca da grafia de nomes próprios que impõe que eles sejam escritos com suas iniciais maiúsculas.

⁹ Compreende-se que “[...] *las palabras tienen la capacidad de proyectarse sobre nuestros sentidos, permitiendo el proceso de percepción que desemboca en la comprensión integral del texto*” (PINTO MOLINA, 1992, p. 51).

¹⁰ Citação original, “*To name, to categorize and classify, to label and brand, to make a linguistic determination, to signal, to define, to say, ‘this is the word, these are the words that will represent you’ - this is a powerful thing*” de la tierra (2008, p.95).

Com isso, a “nomeação” ou ato de nomear, configura-se enquanto uma das questões centrais ao se tratar da relação entre linguagem e realidade, uma vez que, sem ela, a existência fica comprometida e fadada ao esquecimento. O nome é o alicerce para que a identidade surja, é ele quem diferencia as coisas e seres no mundo. Compreende-se, assim, que os corpos, tal como as identidades, são construídos a partir dos discursos, que se articulam ao redor dos nomes (NASCIMENTO; FIORAVANTI; BIZELLO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2018). Para Silva (2000, p. 76) “[...] identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística”. Logo, um corpo discursivamente construído, não pode ser desvinculado dos atos linguísticos que o nomeiam e constituem. Observa-se assim, que identidade e diferença acontecem simultaneamente sendo um produto de um mesmo processo, pois ao se identificar (nomear) algo dar-se-á início ao processo de identificação (SILVA, 2000). Tal processo é ancorado na negação, pois dizer que se é algo ou se identificar sob um nome significa negar e ocultar vários outros aspectos que não aparecem de imediato. Essa negação e o que está oculto no nome não estão explícitos no nome; o que aparece de forma explícita no nome é o predicativo ou complemento que o acompanha (MOREIRA, 2010).

Nesse interim, Silva (2000, p. 81) discorre que “[...] identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva linguística [sic] – está sujeita a vetores de força, a relação de poder”. Simone de Beauvoir (1970) ao problematizar a posição da mulher na sociedade, arraigou a gênese do movimento em que diversos autores questionam a “[...] construção cultural da mulher como Outro [...]”¹¹ (THORNHAM, 2001, p. 34), ou seja, “[...] a partir do que não é homem” (JACOBS, 2017, p. 360). Butler (1998, p. 283) norteando-se sob as linhas de (AUSTIN, 1975) é contundente ao afirmar que “[...] o performativo é a prática discursiva que promulga ou produz aquilo que nomeia¹²”, ou seja, “[...] o que ela chama de performatividade do gênero, [...] diz respeito ao caráter ativo da relação entre o sujeito e a sociedade, enquanto esta última é organizada dentro de normas e de leis que funcionam pelo discurso” (TIBURI, 2013, p. 22).

Ao vislumbrar tal entendimento, se pode reiterar a percepção de que existem discursos hegemônicos que regulam, normatizam, instauram normas e produzem “verdades” e assim prevalecem e são perpetuados. “Desse modo, discursos são legitimados como práticas, e representações de gênero são naturalizadas como identidades sexuais” (JACOBS, 2017, p. 360). Nesse bojo, quem fala e de onde se fala são questões centrais, que resguardam os interesses por

¹¹ Citação original, “[...] *cultural construction of woman as Other* [...]” (THORNHAM, 2001, p. 34).

¹² Citação original, “[...] *a performative is that discursive practice that enacts or produces that which it names*” (BUTLER, 1998, p. 283).

trás do que é falado. Moreira (2010, p. 2919) ressalta que no ato de nomear “[...] as posições sociais de quem nomeia e do que é nomeado devem ser obedecidas, e essas posições revelam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder”.

Tiburi (2013, p. 22) explicita que, “[...] quando, nos anos 1960, se começou a falar em gênero, o termo era usado para se referir ao ‘papel’ social e cultural que se dispunha sobre o sexo, como que para explicá-lo”. Tal entendimento superficial, hipossuficiente e até inverossimilhante passa a ser questionado e desconstruído por Beauvoir (1970), Irigaray (1985), Kristeva (1988), Cixous (2000), Butler (2003) e Rubin (2017) que empreendem um entendimento para além do papel social e cultural, apontando que os sistemas nos quais a sociedade está imersa e pelos quais pauta seus entendimentos acerca de sexo/gênero apresentam-se de forma superficial e pouco dialética.

Segundo Butler (2003, p. 168)

A ‘nomeação’ do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Wittig, ‘somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida por nós... ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais’.

Bourdieu (2012, p. 15) afirma que “[...] a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas [...], em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes”, ou seja, “[...] para que uma forma de submissão tão paradoxal exista, é preciso que ela se naturalize, a ponto de ser vivenciada muitas vezes de forma subjetiva, velada” (MORAIS, 2017, p. 88). Sob o entendimento de Michel Foucault (1987a) o dispositivo perfeito seria internalizado pelos sujeitos, de modo a não mais perceber-se a atuação dele sobre os corpos assujeitados. Sob o entendimento de Castoriadis (1975) “[...] determinados papéis de gênero são atribuídos externamente a pessoas, que, dotadas de consciência, interiorizam padrões culturais em sua psique por meio de um ‘processo de interiorização subjetiva’ desses padrões a sua imagem constituinte originária ao longo da socialização”.

Revel (2011, p. 36) pontua que “[...] Os procedimentos disciplinares se exercem mais sobre os processos da atividade do que sobre seus resultados e ‘o assujeitamento constante de suas forças [...] impõe uma relação de docilidade-utilidade’” (FOUCAULT, 1987a, p. 118).

Ambra (2019, p. 17) ao indagar-se “o que é um homem?”, compreende que “[...] as respostas possíveis a essa pergunta quase sempre se conjugam num imperativo determinado. Ou melhor, são escutadas e interpretadas pelos homens a partir de uma lógica de ‘deve ser’”. Chegando à conclusão de que, “o homem é, assim, a medida fixa do humano e qualquer coisa

que escape a essa régua torna-se uma identidade, um caso especial que diverge da regra e até mesmo uma costela, para os mais beatos”.

Assim, ao demarcar esse local de entendimento como ponto de partida da discussão empreitada neste estudo de tese, seria comum ao leitor indagar-se “o que é ser um homem? O que é ser uma mulher?” (GIDDENS, 2005, p. 99; LANZ, 2014, p. 19) proferiram essas indagações ao imergir em seu discurso acerca da construção das identidades¹³. Giddens (2005, p. 99) ainda afirma “[...] talvez você pense que ser um homem ou uma mulher esteja fundamentalmente associado com o sexo do corpo físico com que nascemos. Mas como muitas questões de interesse dos sociólogos, a natureza da masculinidade e da feminilidade não é facilmente classificável”.

Hélio Raimundo Santos Silva (2007) em seu estudo acerca das travestilidades aponta que um dos objetivos da pesquisa é “[...] desaprender convenções e contrariar expectativas cristalizadas” (SILVA, 2007, p. 15). Tal objetivo dialoga de forma peremptória com o enunciado de Guattari (1985) sobre o “descentramento radical da enunciação científica”. Este objetivo alinha-se de forma contundente e verossimilhante com o teor não normativo de seu estudo, para além de estabelecer diálogo com os estudos de gênero possíveis no período em que foi desenvolvido. Ao elaborar tal raciocínio Silva (2007) informa que

Desvelar a surpreendente evidência de possibilidades antes inconcebíveis corresponde a ampliar horizontes do humano, imprimindo novos impulsos à imaginação moral e à invenção política. Projetados retrospectivamente sobre a cena de que se descolaram (o objeto da descrição), em a descrevendo sob o prisma extremo da liberdade - ou seja, da estética ou, nesse caso, do literário -, esses horizontes rasgados autorizam o vislumbre de outra arquitetura, outras relações, outros movimentos. Autorizam percepções ampliadas pela raiz do chão cultural que nos embriaga e entorpece: eis a liberdade a serviço do conhecimento. Entretanto, conceder a essa iluminação a nobreza do conhecimento e pô-lo a dialogar com disciplinas acadêmicas e seus créditos legítimos, seus vocabulários e protocolos ... eis o desafio. (SILVA, 2007, p. 15)

Assim, Giddens (2005), Silva (2007), Lanz (2014) lançam luz sobre zonas de sombras construídas historicamente na sociedade possibilitando um novo entendimento acerca das dissidências de gênero e de sexualidade, uma vez que, “[...] nem sexualidade, nem sexo seriam verdades essenciais, mas apenas construções históricas” (TIBURI, 2013, p. 22).

Dito isto, se pode compreender que entre os elementos que emergem da análise social, a sexualidade tem papel privilegiado. Cabe ressaltar que, “[...] o discurso da sexualidade não se

¹³ Segundo Silva (2000, p. 74) sob uma óptica “[...] a identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’”, ao ponto que, também pode ser compreendida como “[...] um significado – cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2000, p.89).

aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres [...], às relações individuais”¹⁴ (FOUCAULT, 2000, p. 259).

Este entendimento, faz com que as homossexualidades possam ser compreendidas de forma verossimilhante, uma vez que, as homossexualidades compreendem uma gama alargada acerca do mesmo tema: “[...] o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo” (FRY; MACRAE, 1983, p. 7). Dessa forma, sob uma perspectiva ampliada, assume sua pluralidade e aqui mencionada como sexualidades, neste caso homossexualidades, em uma tentativa de contemplar a multiplicidade de tais experiências abrangidas sob a égide do mesmo conceito (NASCIMENTO, 2015). Tal entendimento, alinha-se com Pamplona (2012, p. 51) “[...] não existe o bissexual, a bissexual, assim como não existe a lésbica, o homossexual, a travesti, o/a transexual, a *drag queen*¹⁵, existem sim, travestilidades, homossexualidades, lesbianidades, transexualidades e também bissexualidades”.

O domínio das dissidências sexuais e de gênero tem auferido espaço em função de múltiplas reivindicações dos movimentos sociais que veiculam demandas diferenciadas dentro do domínio em questão nos últimos cem anos em áreas como a Antropologia, a Sociologia, para além de todas as áreas de Ciências da Saúde. Contudo, o que fora construído em torno e sobre as homossexualidades desde o século XV e que perdura em tempos hodiernos como ecos discursivos, ainda apresenta forte perspectiva patologizante e mecanicista, que permeiam as relações, ancoradas na visão biomédica que alicerça os discursos acerca do domínio das homossexualidades desde o século XIX. No entanto, nos últimos anos, tal discurso vem sendo desconstruído de forma lenta e progressiva, alocando as homossexualidades como coisa, comportamento, fenômeno e acima de tudo um domínio a ser estudado e compreendido dada a sua importância no âmbito histórico social.

Logo, imergir no domínio das dissidências sexuais e de gênero norteando-se sob aporte teórico discursivo-desconstrucionista de base foucaultiana, ancorando-se no próprio discurso

¹⁴ Ainda que o termo sexualidade tenha nascido somente no início do século XIX, cremos que seria impossível não o mencionar ao caracterizar a condição daquilo que é sexual noutros períodos anteriores. Como assinalou Foucault, o termo marcou algo diferente, um remanejamento de vocabulário, mas, obviamente, não marcou “[...] a brusca emergência daquilo a que se refere”. (FOUCAULT, 2020, p. 7)

¹⁵ Artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico. Chama-se *drag queen* o homem que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas, e *drag king* a mulher que se veste como homem. Os primeiros registros apresentam-se como “Dr. A.G.” (*Dressed As a Girl*, traduzido por “vestido como uma garota”) sigla utilizada por William Shakespeare para diferenciar seus atores no roteiro das peças.

de Michel Foucault em entrevista concedida a (JOECKER; OUERD; SANZIO, 1982, p. 24) que reitera sua aversão¹⁶ as identidades, afirmando que

É preciso não ser homossexual, mas sim buscar encarniadamente ser guei. Interrogar-se sobre nossa relação com a homossexualidade é antes de tudo desejar um mundo onde essas relações sejam possíveis, mais do que simplesmente ter o desejo de uma relação sexual com outro alguém do mesmo sexo.

Foucault (2004) dá continuidade a esse entendimento ao discorrer

É necessário lutar para dar espaço aos estilos de vida homossexual, às escolhas de vida em que as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sejam importantes. Não basta tolerar dentro de um modo de vida mais geral a possibilidade de fazer amor com alguém do mesmo sexo, a título de componente ou de suplemento. [...] O fato de fazer amor com alguém do mesmo sexo pode muito naturalmente acarretar toda uma série de escolhas, toda uma série de outros valores e de opções para os quais ainda não há possibilidades reais (FOUCAULT, 2004, p 119).

João Silvério Trevisan (2018, p. 42) discorre acerca de uma experiência vivenciada por ele, que se insere nesse debate de forma tenaz, tanto no tocante a obra de Foucault, quando no objeto deste estudo (vocabulário LGBTQIAP+), informando que “[...] certa vez, em Aracajú, ouvi um termo curioso e muito perspicaz, usado pela população local para designar uma bicha: “duvidoso”, tal lembrança desencadeou um entendimento lógico que reflete muito mais do que o significado ou a nomeação dos sujeitos por aquele termo. Trevisan (2018, p. 42) prossegue afirmando

Homossexual é exatamente isto: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja, trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante.

Logo, utilizar-se das teorizações *queer*¹⁷ enquanto chaves analíticas, uma vez que, segundo Duque (2011, p.33) utilizando-se das linhas de Gamson (2006, p. 347) compreendem

¹⁶ Silva (2000, p. 90) explica o posicionamento de Foucault ao alocar ele no movimento pós-estruturalista e diálogo com a “filosofia da diferença” que “[...] erguem-se, em parte, como uma reação à idéia [sic] clássica de representação. É precisamente por conceber a linguagem – e, por extensão, todo sistema de significação – como uma estrutura instável e indeterminada que o pós-estruturalismo questiona a noção clássica de representação. Isso não impediu, entretanto, que teóricos e teóricas ligados sobretudo aos estudos culturais como, por exemplo, Stuart Hall, ‘recuperassem’ o conceito de representação, desenvolvendo-o em conexão com uma teorização sobre a identidade e a diferença”.

¹⁷ O termo *Queer* sofre um deslizamento de sentido para se tornar como é compreendido em tempos hodiernos. Segundo Louro (2004, p. 7-8) “[...] *Queer* é estranho, raro esquisito. *Queer* é, também, o sujeito à sexualidade desviante homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do inexcédível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e

que, o *queer* “[...] volta-se para as compreensões dos processos de categorização sexual e sua desconstrução”, logo, é uma política de (des)identificação, uma vez que, foi produzido pelo discurso medico-científico uma identidade patologizante, o movimento LGBTQIAP+ cria um movimento de (des)identidade com um discurso contrário, e portanto, compreendendo o gênero como uma categoria de enquadramento sociopolítico, construído culturalmente (BEAUVOIR, 1970), não sendo, “[...] portanto, imutáveis ou inerentes à natureza humana, mas sim mutáveis e suscetíveis de serem transformadas” (ARAÚJO, 2011, p. 60), para além do entendimento de que gênero não configura-se como uma ideologia, como apregoado, a não ser uma “ideologia do gênero heteroatribuído”, mas sim, um instrumental de análise das relações humanas e sociais, enquanto o sexo é um determinismo biológico (BUTLER, 2003; GIDDENS, 2005; LANZ, 2014; PRECIADO, 2014; RUBIN [1984], 2017) e que “[...] a sexualidade é construída historicamente!¹⁸” (FURLANI, 2007, P. 11) em um cenário onde gênero e sexo são elementos constitutivos da identidade (BUTLER, 2003; RUBIN, 2003; ALMEIDA, 2017) para além da função constitutiva do dispositivo¹⁹ de controle social de ambos (FOUCAULT, 2020a). Scott (1995, p. 76) destaca que “[...] o uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”.

Em suma,

[...] para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa são suas células reprodutivas (espermatozoides, logo, macho; óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura. [...] Sexo é biológico, gênero é social. Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológicas, quando, na verdade, a maior parte delas é influenciada pelo convívio social. (JESUS, 2012, p. 06)

Segundo Dorlin (2008, p. 39) “Esta distinção entre sexo e gênero tornou possível quebrar a relação causal comumente assumida entre corpos sexuais, e mais geralmente a ordem

fascina”. Segundo Teresa de Lauretis (2011, p. 298) “*En el siglo pasado, después del célebre juicio y posterior encarcelamiento de Oscar Wilde, la palabra queer se asoció, principalmente, con la homosexualidad como estigma. Fue el movimiento de liberación gay de la década de los setenta el que convirtió en una palabra de orgullo y en un signo de resistencia política. Al igual que las palabras gay y lesbiana, queer ha designado en primer lugar una protesta social, y sólo en segundo lugar una identidad personal*”.

¹⁸ “Dizer que algo é historicamente determinado é considerar que esse algo “tem uma história”, que foi concebido num “determinado tempo”, numa “época específica”, num “certo contexto”. A frase, ao remeter a sexualidade ao âmbito da História Humana, reitera o entendimento de que todo conhecimento é temporal, é circunstancial, é contingencial” (FURLANI, 2007, p. 11).

¹⁹ Foucault (2000, p. 144) apresenta o conceito de dispositivo como, “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”.

'natural' ou biológica, por um lado, e as relações sociais desiguais entre homens e mulheres, por outro lado”. Tal entendimento, permite compreender (gênero e sexo) para além do discurso biologizante, em um discurso de degenitalização do gênero enquanto campos onde o poder disciplinar (FOUCAULT, 1987a) e a biopolítica²⁰ entrelaçam-se em uma estratégia de controle simultaneamente individualizante e massificador (FOUCAULT, 2000; 2020a).

Segundo Corrigan (1991, p.210), todos os investimentos são feitos no corpo e sobre o corpo, assim os corpos “[...] são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentido”.

Ressalta-se que,

Enquanto a disciplina sucedia como “anátomo-política” dos corpos e se aplicava basicamente aos indivíduos, a biopolítica representa, portanto, essa grande “medicina social” que se aplica à população com o propósito de governar a sua vida: a vida faz, daí em diante, parte do campo do poder. (REVEL, 2011, p.25)

Diante disso, “[...] é preciso fixar que existe uma política sexual” (GABEIRA, 1986, p. 11). Logo, ao questionar a matriz heterossexual, infiltrada na cultura brasileira por meio do processo de colonização e de dominação euroestadunidense, se inicia o processo de desestabilização das representações de Gênero (Homem x Mulher), problematizando as questões biologizantes acerca do sexo (Masculino x Feminino) (JACOBS, 2017).

Não está no escopo deste estudo de tese a compreensão de que gênero e sexualidade²¹ são modalidades de um mesmo processo social. Tal entendimento conduz ao erro. No entanto, “[...] gênero e sexualidade podem ser entendidos como categorias de produção da diferença” (FRANÇA, 2019, p. 45). Se compreende ainda que, gênero e sexo apresentam construções sociais distintas que se relacionam, tendo seu entendimento muitas vezes alocados enquanto sinônimos, o que não se configura enquanto uma compreensão verossimilhante. Jacobs (2017, p. 361) norteando-se sob as linhas de Gamble (2001) que situa a discussão temporalmente e epistemologicamente ao apontar que

²⁰ Segundo Revel (2011, p. 24) “O termo biopolítica” designa a maneira pela qual o poder se encaminha para a transformação, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, a fim de governar não só os indivíduos por meio de uma série de procedimentos disciplinares, mas também o conjunto dos seres vivos que compõe a população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que tais gestões se tornaram apostas políticas”.

²¹ Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 29) “[...] a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução” sendo todo esse conjunto de ações partes constitutivas da subjetividade de cada sujeito e, portanto, não podendo ser alienada das características humanas. Segundo “[...] a *American Psychological Association* - APA (2009) a distinção entre dois construtos: a orientação sexual e a identidade sexual, entendendo esta como autoidentificação e internalização daquela (que, por sua vez, refere-se a padrões de desejo e afeto ligados a impulsos fisiológicos à revelia de escolhas conscientes)” (ALBERTINI; COSTA; MIRANDA, 2019, p. 2).

[...] os discursos normativos que constroem as representações das identidades sexuais começam a ser desestabilizados durante a terceira onda do movimento feminista, conhecida também como pós-feminismo²², que se insere em parte da filosofia e teoria crítica feminista desenvolvida a partir da década de 1980.

Os estudos de Rubin (2003) da segunda metade do século XX, delineiam seu entendimento de forma incisiva afirmando que,

[...] o gênero afeta a operação do sistema sexual e o sistema sexual já teve manifestações específicas do gênero. Mas apesar do sexo e do gênero serem relacionados, não são a mesma coisa, e eles formam a base de duas arenas distintas da prática social. [...] é essencial separar analiticamente o gênero da sexualidade para refletir com mais precisão a separação social existente. Isso vai contra o alicerce de muitos pensamentos feministas contemporâneos, que tratam a sexualidade como uma derivação do gênero. (RUBIN, 2003. p.42)

Giddens (2005) em consonância com tal discurso reitera que

Gênero [...] diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. O gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo. A distinção entre sexo e gênero é fundamental, já que muitas diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica (GIDDENS, 2005, p. 102).

Nesse ínterim, em uma primeira aproximação com o fenômeno estudado, a saber: a materialidade das práticas discursivas no domínio das dissidências sexuais e de gênero, ancorando-se na esfera das “relações eróticas/afetivas” estabelecidas no desvio, ou seja, entre sujeitos praticantes de modalidades alternativas de gênero e sexualidade que alteram ou se “diferenciam” das interpelações normativas do discurso sexual dominante, isto é, que se situam à margem da “binaridade de gênero” (BADINTER, 1993; FIGARI, 2007). Discurso este que, em definitivo, se encarrega da “[...] organização social da reprodução sexual através da construção das claras e inequívocas identidades e posições recíprocas dos corpos sexuados” (BUTLER, 2003, p.161).

Segundo Preciado (2017, p. 26)

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém nascido [Sic], deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos órgãos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.

Logo, “[...] o sistema sexo/gênero é um sistema de escritura” (PRECIADO, 2014, p.26). Sob a óptica de Teresa de Lauretis (1994) “O sistema sexo-gênero, enfim, é tanto uma

²² Ver: GAMBLE, Sarah. Postfeminism. In: GAMBLE, Sarah (Ed.). *Feminism and Postfeminism*. London; New York: Routledge, 2001. p. 43-54.

construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, *status* dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS, 1994, p. 212). Segundo Deleuze e Parnet (1998, p. 145) “[...] somos feitos de linhas”, tal alegoria faz o leitor visualizar a tessitura composta socialmente na construção, representação e identificação dos sujeitos.

Ao voltar-se para as identidades, Woodward (2005, p. 8), ressalta-se ainda que as identidades adquirem “[...] sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Assim, diante do que fora exposto, se faz necessário repensar os processos cognitivos e semânticos humanos que fazem do mesmo, um ser essencialmente social – a linguagem. Para Louro (1997, p. 65)

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre muito “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários [...] supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.

Louro (1997) estabelece diálogo com a perspectiva foucaultiana acerca dos dispositivos de controle social, onde o dito e o não dito, atuam enquanto elementos constitutivos do dispositivo.

Em consonância com a compreensão de Preciado (2014), a noção foucaultiana de tecnologia, não se limita a qualquer concepção reducionista de técnica. “Não se trata, de modo algum, de um conjunto de objetos, instrumentos ou qualquer outra coisa dessa espécie” (HADDOCK-LOBO, 2018, p. 99), mas sim de “[...] um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade” (PRECIADO, 2014, p. 154). Preciado (2014) conclui ainda que “[...] o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico” (PRECIADO, 2014, p. 29).

Sob a óptica de Shera (1977, p. 10)

A linguagem do cérebro é metafórica, o que é a essência da analogia: e em verdade, o que faz do homem um ser singular, é sua capacidade altamente desenvolvida de conceituar a experiência e comunicar as conceituações através de representação simbólica. Uma necessidade constante do cérebro por algo de que ele possa se alimentar, pode ser vista como um impulso humano básico, e o poder de comunicar se torna não uma feliz e fortuita invenção, mas uma necessidade essencial e inevitável à sobrevivência

humana. "No começo era o verbo" ("*In the beginning was the word*") - na verdade sem o "verbo" dificilmente teríamos um princípio.

Em consonância ao que fora posto por Shera (1977), Ferreira (2001) define a linguagem como sendo “[...] o uso da palavra articulada (na voz) ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas, a forma de expressão pela linguagem que é própria dum indivíduo, grupo, classe”. Tal linha de raciocínio é complementado por Mengarda (2001), onde ele compreende a Língua enquanto um organismo vivo que se transforma com o uso. Onde os falantes desempenham papel essencial, pois provocam as mudanças na língua. Já a escrita registra as mudanças e é através dela que podemos verificar suas transformações ao longo do tempo em todas as línguas humanas. Preti (2000, p. 12), contribui com tal tessitura de conhecimento ao entender a língua enquanto “[...] suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade (falantes) como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária”.

Logo, tendo-se a linguagem enquanto prática de significação, permeando todo e qualquer sistema de representação que subsidia formas de resistência e linhas de fuga²³ (FOUCAULT, 2000), tem-se a possibilidade de visualizar os processos pelos quais a identidade dos sujeitos é construída e adquire sentido (SILVA, 2000), levando-se a pensar a performatividade (DERRIDA, 1991). Nesse interim, as relações de poder se evidenciam, uma vez que, quem pode falar, quem pode ouvir e para além de tal relação, quem pode compreender aquilo que foi dito configuram-se como marcadores de diferença (SILVA, 2000) inscritos geograficamente, economicamente, politicamente, culturalmente e legitimados historicamente (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2007). Ressalta-se que, tal relação de poder apresenta como característica central a subalternidade. Segundo Spivak (2010, p. 12) o sujeito subalterno é aquele pertencente “[...] às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Tal entendimento, dialoga com o pensamento de Derrida (2013, 1971 e 1997), que não apenas identifica tais marcadores da diferença, mas, manifesta no escopo de sua obra, a proposição de uma revisão de elementos construídos na consolidação do pensamento ocidental. Desse modo,

²³ Ver FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

[...] é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. (SILVA, 2000, p. 91)

Portanto, pode-se perceber que, assim como as identidades, o gênero, o sexo, suas dobras (DELEUZE, 1991) e até a própria sexualidade são normatizadas por meio dos mecanismos e políticas de coerção do corpo (FOUCAULT, 1987a), gerando com isso, toda uma gama de sujeitos que fazem uso da “performance” como forma de resistência ou mesmo de proteção contra as sanções²⁴ impostas pela norma vigente. Dalgalarrondo (2000, p.216) detalha que

A sexualidade, desejo fundamental do ser, ocupa um lugar central em nossa condição existencial. Ela compreende três dimensões básicas: uma biológica, uma psicológica e outra cultural. A dimensão biológica corresponde ao impulso sexual, determinado por processos fisiológicos, cerebrais (sistema límbico, principalmente) e hormonais; a psicológica corresponde aos desejos eróticos subjetivos e à vida afetiva intimamente implicada na vida sexual; finalmente, a dimensão cultural corresponde aos padrões de desejos, comportamentos e fantasias sexuais criados e sancionados historicamente pelas diversas sociedades e grupos sociais. Estas três dimensões manifestam-se de modo geral, de forma conjunta na vida sexual.

É fundamental ressaltar que a “performance” não ocorre sempre de maneira consciente; quando falamos de determinados conceitos, os dispositivos de coerção social e a biopolítica dos corpos e de produção dos mesmos são tão dissolvidos na sociedade que acabam sendo internalizados pelos sujeitos sem que se perceba a extensão de sua ação sobre o seu corpo. Compreende-se, assim, que o corpo tal como as identidades, são construídos a partir dos discursos. Para Hall (2001), as identidades culturais não são coisas com as quais nascemos, mas as que são formadas e transformadas no interior da subjetividade. Logo, um corpo discursivamente construído, não pode ser desvinculado dos atos linguísticos que os nomeiam e constituem (SALIH, 2012; MARCILESE; SILVA, 2014; NASCIMENTO; GUIMARÃES, 2017).

²⁴ Os casos de sanções aplicadas sobre corpos marginalizados são diversos. Se pode apontar por exemplo “[...] duas normas administrativas proíbem que o sangue de homens homossexuais seja sequer coletado no país. O artigo 64 da portaria 158/2016 do Ministério da Saúde considera ‘inapto temporário por 12 meses homens que tiveram relações sexuais com outros homens e/ou as parceiras sexuais destes’. O artigo 25 da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 34/2014 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) estabelece que ‘os contatos sexuais que envolvam riscos de contrair infecções transmissíveis pelo sangue devem ser avaliados e os candidatos nestas condições devem ser considerados inaptos temporariamente por 12 meses, incluindo-se indivíduos do sexo masculino que tiveram relações sexuais com outros indivíduos do mesmo sexo e/ou as parcerias sexuais destes’” (DOMINGUEZ, 2018, p. 14). Ressalta-se que, em maio de 2020, após o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5543, o Supremo Tribunal Federal (STF) extinguiu as restrições aplicadas a tal estrato social no tocante a questões de doação de sangue.

Tiburi (2013, p. 22) aponta que “[...] o discurso habita o corpo e que, de certo modo, faz esse corpo, confundir-se com ele. Por isso, a diferença entre sexo e gênero não seria mais o caminho para a luta feminista”. Simone Beauvoir (1970, p. 9) ao propor sua teoria acerca da mulher enquanto “termo em processo” (RUBIN, 2003; SALIH, 2012) afirmando que “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, assim se pode compreender também que, “[...] os homens não nascem homens, eles são feitos homens” (GABEIRA, 1986, p. 11). Tal raciocínio inaugura um entendimento que Butler em entrevista concedida a Revista Cult nº185 resume ao manifestar uma posição acerca da influência de Beauvoir sobre os estudos do domínio do Gênero, a saber: “[...] Penso que a ideia de que alguém ‘se torna’ uma mulher é importante, abrindo a possibilidade de se tornar algo diferente de uma mulher, talvez um homem, ou talvez algo que exija outra forma de prática de nomeação” (RODRIGUES, 2013, p. 26).

Segundo a interpretação da obra de Judith Butler por Salih (2012, p.232):

Na medida que a nomeação da “menina” é transitiva, isto é, em ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo “tornar-se menina”, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche plenamente a norma. Essa é, entretanto, uma “menina” que está obrigada a “citar” a norma para se qualificar e se manter como um sujeito viável. A feminilidade não é, então, a consequência de uma escolha, mas a citação forçada de uma norma, cuja complexa historicidade é indissociável de relações de disciplina, regulação, punição.

É fundamental compreender que a biopolítica não se apropria da vida para suprimi-la, mas sim para administrá-la em termos regulatórios, ou seja, trata-se de distribuir o vivente em um domínio de valor e de utilidade (CASTRO, 2011). Ressalta-se ainda que a “performance” não ocorre sempre de forma consciente; quando se fala de determinados conceitos, os dispositivos de coerção social e a biopolítica dos corpos e de produção dos mesmos são tão dissolvidos na tessitura social que acabam por ser internalizados pelos sujeitos, que não percebem a extensão de sua ação sobre o seu corpo.

Logo, Butler (2003) afirma que

A marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna de seu gênero, como se o gênero fosse uma pós-escrito ou uma consideração cultural posterior? (BUTLER, 2003, p. 162).

Rich (1993) e Butler (2003) ao situarem tal entendimento na norma vigente, ambas afirmam que a heteronormatividade é uma “[...] ordem compulsória’ que exige dos sujeitos a coerência total entre um sexo, um gênero e uma conduta/desejo/afeto, que são obrigatoriamente heterossexuais”. A exemplo do que foi posto, o discurso reducionista da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil Damares Alves “Menino veste azul, menina veste rosa²⁵”, onde os sexos masculino e feminino “[...] são vistos como opostos e complementares: correspondem a determinada configuração física, suscitam determinados comportamentos e disposições e dão ensejo a desejos e práticas sexuais em direção ao sexo ‘oposto’” (FRANÇA, 2019, p. 45) inscrito em um sistema (Patriarcado²⁶) sendo passível de identificar o mesmo como heteropatriarcado. Assim, “[...] o gênero, enquanto organizador da cultura, e em articulação com sexualidade, modula o modo heteronormativo de como homens e mulheres ‘devem’ se comportar, como seus corpos podem se apresentar e como as relações interpessoais podem se constituir, nesses domínios” (PETRY; MEYER, 2011, p. 195).

Diante disso, segundo Freire (2012, p. 88) ao utilizar-se das linhas de Goffman (1988) afirma que, “[...] os ‘normais’ são aqueles que apresentam as características esperadas de acordo com o grupo em que estão inseridos”. No entanto, cabe ressaltar que “[...] como toda norma, porém, essa também se explicita pelos seus limites. A diversidade de corpos, relações e sujeitos que habita nosso cotidiano constantemente a desafia e expõe seu próprio caráter cultural” (FRANÇA, 2019, p. 45)²⁷.

Segundo Preciado (2017, p. 91-92) “[...] a heterossexualidade é uma paródia do gênero sem original na qual as posições de gênero que acreditamos naturais (masculinas ou femininas) são o resultado de imitações submetidas a regulações, repetições e sanções constantes”. Para Lanz (2014, p. 41) em diálogo com (KITZINGER, 2005, p. 478) a heteronormatividade “[...] é, pois, um dispositivo totalitário e hegemônico resultante da aplicação compulsória das normas binárias de conduta de gênero a todas as relações estabelecidas entre as pessoas na nossa sociedade”. Sob as linhas de Hannah Arendt (2012) infere que “[...] o domínio total, que procura sistematizar a infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos como se toda a

²⁵ Clarissa Pains. “‘Menino veste azul e menina veste rosa’, diz Damares Alves em vídeo”. O Globo, 3 jan. 2019, disponível online: <https://www.youtube.com/watch?v=XneG8mC5CGo>, acesso em 28 de março de 2021.

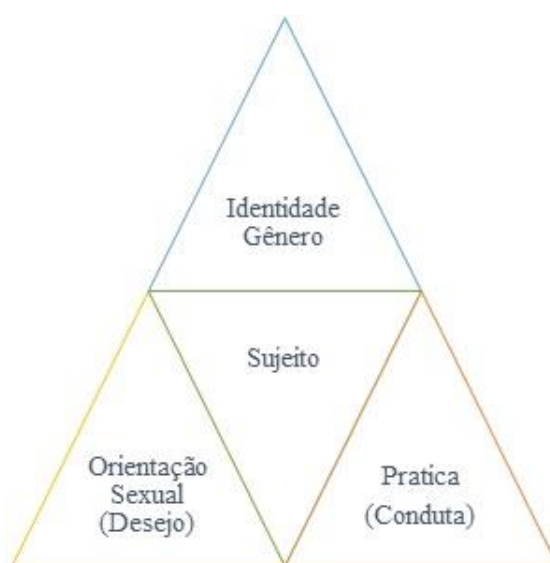
²⁶ Segundo Costa (2000, p. 4) o Patriarcado pode ser definido como a: “[...] organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquetipo viril)”.

²⁷ Citação original: “[...] the way how men and women should behave, how their bodies should be represented and how their interpersonal relations can be composed, in these fields” (Petry & Meyer, 2011, p. 195).

humanidade fosse um só indivíduo, só é possível quando toda e qualquer pessoa seja reduzida à mesma identidade de reações” (ARENDT, 2012, p. 582).

Assim, ao representar o que a norma pretende ao limitar as práticas sexuais, as identidades de gênero além de impor uma vertente universal aos corpos sexuados (Figura 1) elaborou-se uma representação das dobras que se sobrepõem na construção dos sujeitos. Logo, se pode compreender que a coerência do gênero se realiza na criação de uma dupla ilusão, a saber: a ilusão do que seria “natural” para o corpo sexuado e do que pareceria “natural” para aqueles que afirmam ter esse corpo por agirem sob a égide do que se enquadra como “natural”.

Figura 1 - Representação do sistema de dobras na composição dos corpos sexuados.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No cenário aqui apresentado, segundo Butler (2003, p. 196)

[...] há três dimensões contingentes na corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da performance, então a performance sugere uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance. Por mais que crie uma imagem unificada da ‘mulher’ (ao que seus críticos se opõem frequentemente), o travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade - através da ficção reguladora da coerência heterossexual. Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero - assim como sua contingência.

Ao longo de tal raciocínio, ao criar o que seria “natural” e naturalizadamente aceito, também se cria aquilo que não é “natural”, ou seja, tudo o que não é natural não é considerado normal pelos classificadores sociais construídos sob a égide desse raciocínio, é marginal, sai da norma, do padrão, do foco do sistema de organização do conhecimento e é impelido às margens (OLSON, 1997; CORNELL, 1992). Aqueles que não se adequam a essa ordem são alocados na

zona de exclusão, tornando-se ininteligíveis como pessoa, porque a identidade só pode ser estabelecida dentro das “[...] leis que buscam estabelecer as linhas causais ou expressivas de conexão entre sexo biológico, gêneros constituídos culturalmente e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos nas manifestações do desejo sexual nas práticas sexuais” (BUTLER, 2007, p. 72). Nascimento, Massoni, Shirakava, Pinho e Martínez-Ávila (2020) afirmam que “[...] toda política identitária é ‘anti-diversitária’, uma vez que a identidade não apenas não comporta, mas sim segrega toda e qualquer singularidade, ‘minoritiza’ nos sistemas de classificação” (CAMPBELL, 2000). Para Silva (2000, p. 82) “[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. Logo, “[...] a identidade [...] teria um efeito de homogeneização que suprimira a diversidade, a diferença na igualdade” (LEOPOLDO, 2020, p.160).

Desse modo, sob o ponto de vista das classificações, Costa (1998, p. 66) declara que

Encontramos inúmeros exemplos de classificação inscrita e actantes [sic] nos mais variados domínios das relações sociais, tal como se apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas as outras, ou se referem a terceiras, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando umas distintas e outras vulgares, umas sérias e outras desonestas, umas competentes e outras incapazes, umas merecedoras de mais respeito e outras de menos.

Costa (1998, p. 66) prossegue suas análises afirmando que

[...] com frequência, nas relações entre pessoas, classificações deste e doutros tipos são verbalizadas, embora não sejam em regra objecto [sic] de grandes delongas reflexivas. Na maioria dos casos, tais classificações estão presentes de forma implícita. Muitas vezes não chegam se quer a ser ditas. Mas comandam os comportamentos e as avaliações, dão o tom aos modos de interação, conduzem as práticas relacionais de diferença ou arrogância, de intimidade ou distanciamento, de atenção ou alheamento, entre muitas formas de modulação do relacionamento humano e de organização das relações sociais.

Segundo Melo (2010, p. 178) ao refletir “[...] sobre o problema de representação do conhecimento e os seus desdobramentos deste processo”, ao qual nomeia por “[...] categorização, na vida em sociedade”, prossegue ao traduzir as linhas de (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.32) definindo que “[...] categorização constitui um mecanismo de organização da informação [por generalização ou abstração e discriminação] obtida a partir da apreensão da realidade”²⁸. Albuquerque (2013, p. 48) afirma ainda que “enquanto fenômeno social, a classificação, devido ao seu formato e ao seu tratamento, torna-se a representação

²⁸ Citação original: “*La categorización es un mecanismo de organización de la información obtenida a partir de la aprehensión de la realidad, que es, en sí misma, variada y multiforme*” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.32).

temática do conhecimento, visto que as diversas sociedades existentes são agrupadas para atenderem às necessidades de organização e de comunicação”. Ressalta-se que, “[...] as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso também hierarquizar” (SILVA, 2000, p. 82).

Sob esta compreensão, se pode vislumbrar que, “[...] mediante a categorização agrupamos elementos diferentes em conjuntos, o qual nos permite pensar, perceber, agir e, inclusive, falar” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.32)²⁹. Tal entendimento, aplicado ao domínio das dissidências sexuais e de gênero pode ser melhor observado na Figura 18.

Logo, em consonância com o que Albuquerque (2013) aponta, García Gutiérrez (2007, p. 10) conclui e indaga-se que nos “[...] conhecemos por meio de uma ação classificatória. Mas ‘classificar’ também significa ‘ocultar conhecimento’. Como é possível - então que nosso conhecimento é o alimento da nossa ignorância?”³⁰. Tal constatação de García Gutiérrez (2007) é contundentemente comum e naturalizada na sociedade, uma vez que, ao passar por alguém na rua, imediatamente elabora-se uma série de classificações alicerçadas nos estereótipos de gênero, classe social, origem geográfica, entre outros marcadores da diferença (SILVA, 2000).

Sob as linhas de Kinsey, Pomeroy e Martin (1972, p. 586)

Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras nem todas são brancas. É um princípio fundamental da taxinomia que raramente na Natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo.

Dessa forma, se pode inferir que, se existe uma modulação dos relacionamentos sociais, evidencia-se que também existe uma hierarquia que é explicitada sob diversas vertentes (econômica, cultural, de gênero, de raça, entre outros) no âmbito social. Nascimento (2015, p. 30) afirma que, assim “[...] compreendemos que a subjetividade que emerge das relações entre os sujeitos, atribui valores as coisas, possibilitando a emergência das noções de diferença. Tal noção pressupõe a compreensão da discriminação”. Não obstante, mesmo na diferença não se tem uma homogeneidade, nem sempre, se lida com grupos distintos de pessoas, mas sim, com

²⁹ Citação original: “Mediante la categorización agrupamos elementos diferentes en conjuntos, lo cual nos permite pensar, percibir, actuar e incluso hablar” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.32).

³⁰ Citação original: “Conocemos mediante una acción clasificatoria”. Pero “clasificar” significa también “ocultar conocimiento”. ¿Cómo es posible - entonces - que nuestro saber sea el alimento de nuestra ignorancia?” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2007, p. 10).

grupos sobrepostos. Mesmo dentro dos movimentos feministas e antirracistas, raça e gênero são vistos como problemas mutuamente exclusivos (CRESHAW, 2002)

Logo, torna-se inevitável inferir que, se existem discursos hegemônicos, inscritos em relações de poder, existem oprimidos, excluídos e segregados como resultado de uma relação binária (margens/centro) que foram construídas, legitimadas e reafirmadas continuamente em processo de certificação da hierarquização, segregação e cerceamento de direitos dos sujeitos e assujeitados relegados as margens.

Michel Foucault, ao dedicar-se ao estudo do poder, elabora no interior de sua obra, um percurso epistêmico acerca de uma teoria do saber (FOUCAULT, 1987b), uma teoria do poder (FOUCAULT, 1987a), em seguida um refinamento das mesmas dando origem a uma teoria do poder/saber (FOUCAULT, 2020a), para somente então culminar em um entendimento para além do poder, ou seja, uma teoria do possível, em (FOUCAULT, 2020b, 2020c, 2020d) (NOBAIS, 2009, p.91). A consciência acerca deste percurso, torna-se fundamental para o entendimento da complexidade do que foi analisado, para além do entendimento do que fica compreendido como o sistema de poder/saber, que exerce em seu interior uma relação construtiva de conhecimento e não uma relação de cerceamento deles. Assim, se pode depreender que, o poder estimula a produção de conhecimento em seu domínio de forma a reiteradamente ser reafirmado (FOUCAULT, 1987b; 2000).

Nesse interim, Foucault (2000), nas palavras de Felberg (2015, p. 21) elabora o entendimento de como “[...] os mecanismos de poder são exercidos provenientes de diferentes direções”, e revela “[...] como se dá a relação de poder e saber na sociedade, produzindo ‘verdades’ e cujo objetivo principal é o controle/dominação das pessoas através de práticas políticas e econômicas numa sociedade capitalista” (FELBERG, 2015, p.21).

Logo, compreender que “[...] a sociedade capitalista fabrica o homossexual como produz o proletário, elevando seus próprios limites a cada momento. A homossexualidade é uma fabricação do mundo normal” (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p.23)³¹.

Tal entendimento é necessário para a compreensão do estudo aqui apresentado, uma vez que, a elaboração do vocabulário analisado tem sua gênese nas relações de poder inscritas nos sistemas patriarcal (IRIGARAY, 1985; KRISTEVA, 1988; CIXOUS, 2000; NUNES, 2016), de poder/saber (FOUCAULT, 1987b; 2000) e de sexo/gênero (RUBIN, 2017). Logo, ao identificar tais sistemas, se pode arquitetar, formas de resistência e linhas de fuga, um viés de

³¹ Citação original: “[...] *la sociedad capitalista fabrica lo homosexual como produce lo proletario, suscitando a cada momento su propio límite. La homosexualidad es una fabricación del mundo normal*” (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p.23).

saída do que se compreende como alçada da normalidade (PERLONGHER, 1993; HALBERSTAM, 2008; LEOPOLDO, 2020).

Ao inserir esse debate no âmbito da Ciência da Informação (CI), se pôde apreender, em um primeiro momento que, segundo Araújo (2018, p. 104)

A história da Ciência da Informação pode ser pensada a partir da ideia de episteme desenvolvida por Foucault (1990): a ligação existente entre as teorias, conceitos e disciplinas científicas, de um lado, e os contextos históricos, culturais, sociais, políticos e tecnológicos, de outro. Nesse sentido, uma determinada manifestação científica é sempre fruto de uma época, de um conjunto de problemáticas de um tempo e um contexto.

Assim, investigar o vocabulário LGBTQIAP+ apresentou-se não apenas como um desafio, mas uma possibilidade de instrumentalizar e dar subsídios aos profissionais da informação, por meio do entendimento acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero, para uma representação e uma classificação verossimilhante, ética e precisa acerca dos grupos que compõe tal recorte social. Segundo afirmam Pinho, Melo e Oliveira (2019, p. 39), em diálogo com Smiraglia (2014), “[...] nesse processo, é esperado que seja empregada uma terminologia clara e descritiva, com um significado que seja consistente tanto para o usuário quanto para o classificador”.

Tal entendimento, coaduna com as linhas de Silva (2016, p. 30) que ressalta “[...] que a epistemologia contemporânea possui uma tonalidade marcadamente líquida e com transformações muito rápidas e imediatas, o que favorece um conjunto de estudos epistemológicos que prime pela percepção aplicativa e prática”, em diálogo com as linhas de González de Gómez e Dill Orrico (2006, p. 9) que afirmam que: “[...] estamos em um momento em que discussões declaradamente teóricas e epistemológicas têm um grande apelo prático e certo imediatismo, pelo modo como repercutem nas tomadas de posição políticas, ecologias, éticas”. Esta ação não é apenas possível, mas necessária e urgente dada a compreensão de que existir e representar reivindicam espaço e tratamento adequados, para além do entendimento de que a continuidade da inexistência, inexpressividade, ineficácia e inverossimilhança dos instrumentos e sistemas de classificação endossam a norma vigente, relegando o conhecimento produzido pelos sujeitos alocados as margens ao esquecimento, a não recuperação da informação e/ou ineficácia dos instrumentos de recuperação devido a resistência a demandas da comunidade discursiva LGBTQIAP+.

Sob a óptica de Gangnebin (2009, p. 40) ao analisar a obra de Benjamin acerca da fundamentação epistemológica e consequentemente ético-política de seus argumentos, a autora aponta a impossibilidade epistêmica entre o discurso científico e fatos históricos, “[...] já que

estes últimos, adquirem seu *status* de ‘fatos’ apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico ‘que, na falta de algo melhor, chamamos de real’”.

Nessa complexa tessitura de construção e validação do conhecimento, variáveis como a comunicação científica, definida por Lara (2006, p.395), como

Processo que envolve a construção, comunicação e uso do conhecimento científico com o objetivo de promover sua evolução. Compreende canais formais e informais utilizados pelos cientistas tanto para comunicar os resultados de sua pesquisa, como para se informar sobre os resultados alcançados por outros pesquisadores. Embora o sistema de comunicação científica exista desde a antiguidade, considera-se que os primeiros periódicos científicos publicados no séc. XVII sejam os precursores do modelo moderno de comunicação científica. Esse modelo tem sido, a partir do surgimento de redes eletrônicas, objeto de discussão, em função das alterações na concepção dos próprios elementos da comunicação científica, do papel de seus atores e das mudanças de prioridade em relação ao conhecimento científico.

Logo, para que se possa compreender a atuação de tal pesquisa no âmbito da Ciência da Informação (CI), alicerça-se o argumento na natureza interdisciplinar da CI (LE COADIC, 2004; SARACEVIC, 1996), uma vez que a CI responde aos problemas informacionais da sociedade, de sua origem voltada ao uso da informação nos diferentes contextos humanos. De modo a maximizar o entendimento acerca do estudo na área, adotou-se a perspectiva proposta por Silva (2016) que divide o conceito da área proposto por Borko (1968) em três “estruturas discursivas”, a saber: estrutura discursiva conceitual, estrutura discursiva acerca a dinâmica da área e estrutura discursiva finalística.

Assim, a estrutura discursiva conceitual ancora-se no conceito de que “[...] a Ciência da Informação é uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meio de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso” Borko (1968, p. 3). Albuquerque (2013, p. 45) dialoga com o proposto ao elaborar o entendimento de que “[...] a Ciência da Informação é uma disciplina voltada para o estudo da produção, circulação e uso da informação”.

A estrutura discursiva acerca a dinâmica da área segundo Silva (2016), está alicerçada no entendimento de que a “[...] Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação” (BORKO, 1968, p. 3).

Posto isso, ao voltar-se para o estudo aqui apresentado se pode compreender que o aspecto homogeneizadamente nas assunções e categorias dos sistemas de organização do conhecimento refletem tal entendimento. Com isso, se pode compreender que conceitualmente

os instrumentos de organização e representação do conhecimento, por vezes, trazem elementos inverossimilhantes, ultrapassados, hipossuficientes e deslocados, em certos casos tendem a estereotipagem até mesmo a afirmação do preconceito a respeito dessa temática (ALLPORT, 1954; BERMAN, 1993), explicado conceitualmente de forma concisa e, por vezes, incongruentes pela literatura da área (PINHO, 2010).

Por fim, a estrutura discursiva finalística proposta por Silva (2016), indica que a Ciência da Informação “[...] tem tanto um componente de ciência pura, através de pesquisa dos fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços” (BORKO, 1968, p. 3).

Logo, utilizando-se do viés da Organização do Conhecimento (OC), alinhando-se com o entendimento de Monteiro e Giraldes (2008, p. 13) ao observarem que “[...] a organização do conhecimento tem provocado a atenção de pesquisadores de várias áreas, todos com a preocupação comum de viabilizar o acesso ao conhecimento e à informação”. Em consonância com a constatação de Pinheiro (1999, p. 175-176) ao afirmar que “[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma”. Tendo em vista a compreensão de que ao adquirir uma informação “[...] o leitor/receptor constrói uma significação própria que pode estar mais ou menos próxima do significado intencionado pelo autor. Quanto mais próxima for essa correspondência, menor a possibilidade de equívocos” Café, Barros e Santos (2014, p. 203).

Sob essa construção, entende-se que, “[...] o lugar em que a informação se faz conhecimento é na consciência do receptor que precisa ter condições para aceitar a informação e a interiorizar” (BARRETO, 2007, p. 24). Logo, uma informação inverossimilhante, distorcida, hipossuficiente ou de natureza preconceituosa pode enviesar o entendimento do leitor/receptor. Assim, ao vislumbrar a composição multifacetada, heterogênea e polimorfa das margens e inferir que o sistema poder/saber estimula a produção de conhecimento, e consequentemente demanda tanto informações quanto conhecimentos já estabelecidos, que necessitam ser organizados, preservados, disseminados, para a construção de novos conhecimentos em um movimento helicoidal de resistência inscrita em uma relação de poder.

Segundo Nascimento (2015) em diálogo com Oliveira (2005) o relevo dado à área da CI, é devido ao esforço para enfrentar os problemas de organização, crescimento e disseminação do conhecimento registrado, que teve acentuado crescimento desde a invenção da imprensa apresentando desde então um crescimento exponencial. Pinho (2010, p.4) afirma que “[...] o entendimento do objeto de estudo da CI – a informação registrada e socializada –

por meio da análise dos domínios do conhecimento como um todo ou de comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997), sendo como uma das abordagens os estudos terminológicos”. Compreende-se que, os objetos da CI fazem parte de um processo dinâmico de desenvolvimento, constituído de relações com outras áreas do conhecimento, como as ciências Humanas, Sociais e Exatas, o que estimula uma relação de interação entre áreas que propicia uma abordagem, que perpassa as mais diversas áreas com o objetivo de compreender, organizar, preservar e disseminar a informação.

Na área da Ciência da Informação (CI) o debate em âmbito nacional acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero ainda é recente. Compreende-se que as iniciativas de organizar a informação para o público alocado neste domínio não consideram a terminologia utilizada por eles para que as obras sejam devidamente classificadas e indexadas, de modo a refletir o seu universo idiossincrático enquanto comunidade produtora e consumidora de informação.

Logo, tem-se enquanto questão norteadora da pesquisa a seguinte indagação: quais são os termos êmicos utilizados no domínio das dissidências sexuais e de gênero, sob o recorte das comunidades discursivas LGBTQIAP+ que podem fundamentar de forma ética e atuar como garantia autopoiética na prática de organização do conhecimento e colaborar para a criação de sistemas de organização e representação do conhecimento mais eficientes acerca de tal domínio?

Diante disso, Melo (2010, p. 180) aloca de forma assertiva que a Organização do Conhecimento, configura-se como uma das disciplinas (subárea da CI), essencial para a representação da informação. A representação da Informação, torna-se ferramenta indispensável para a Recuperação da Informação (RI), uma vez que, “[...] a RI não é apenas uma atividade da Ciência da Informação, mas é a mais importante delas e onde mais ocorrem as relações interdisciplinares” (SARACEVIC, 1995, p. 2).

Silva (1998, n.p.) ao dissertar acerca das relações estabelecidas entre a representação, identidade e as relações de poder sob a óptica dos estudos culturais, afirma de forma contundente que

A representação está estreitamente associada ao olhar, à visão. De uma forma ou de outra, a questão do olhar, tal como a da representação, tem estado no centro da análise cultural. A representação é diretamente dependente de um regime escópico, de um regime da visão. Da perspectiva da análise cultural, visão e representação, em conexão com o poder, se combinam para produzir a alteridade e a identidade.

Logo, para o autor, “[...] a visão situa-se, de certa forma, entre a representação e o representável. Inquiridor, o olhar esquadrinha o campo das coisas visíveis: o que ele retorna é a representação” (SILVA, 1998, n.p.), dessa forma, “Postular, [...], a visão como elemento de mediação não significa, entretanto, retornar a algum tipo de realismo, renunciando, assim, à reivindicação do caráter construído e indeterminado da representação” (SILVA, 1998, n.p.), uma vez que, aquilo que é representado Segundo Silva (1998, n.p.)

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. [...] o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder.

Assim, sob a égide das relações de poder, “[...] tanto a nossa identidade quanto a identidade dos outros (a diferença) aparecem como absolutas, como essências, como experiências originais, primordiais” (SILVA, 1998, n.p.). “A primazia da diferença é tão constitutiva de nosso pensamento que o impede de realizar esse giro sobre si mesmo, que seria necessário para se questionar, para captar precisamente o fundamento constitutivo³²” (WITTIG, 2006, p. 22). Ressalta-se que, toda e qualquer identidade se configura como um espaço restritivo e castrador, uma vez que, obriga o indivíduo que com ela se identifica a renunciar a uma série de aspectos da sua própria personalidade, que não estejam contidos nos supostos “marcadores” de tal identidade. Silva (1998, n.p.) ressalta que, “[...] a identidade só faz sentido numa cadeia discursiva de diferenças: aquilo que “é” é inteiramente dependente daquilo que “não é”. Em outras palavras, a identidade e a diferença são construídas na e através da representação: não existem fora dela”.

Silva (1998, n.p.) elabora de forma peremptória onde o poder se situa nas relações de poder nas quais se inscrevem as representações e consequentemente as identidades, ao afirmar que

O poder está situado nos dois lados do processo de representação: o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder. A representação, entretanto, não é apenas um condutor do poder, um simples ponto na mediação entre o poder como determinante e o poder como efeito. O poder está inscrito na representação: ele está “escrito”, como marca visível, legível, na

³² Citação Original: “*La primacía de la diferencia es tan constitutiva de nuestro pensamiento que le impide realizar ese giro sobre sí mismo que sería necesario para su puesta en cuestión, para captar precisamente el fundamento constitutivo*” (WITTIG, 2006, p. 22).

representação. Em certo sentido, é precisamente o poder que está representado na representação. As relações de poder que funcionaram como condições de possibilidade dessa representação deixaram aí sua marca e seu rastro inconfundíveis. Mesmo que seja também função da representação apagar essas marcas e esses rastros, a representação é, pois, sempre, uma relação social, quer a encaremos como processo, quer a vejamos como produto.

Lauretis (1994, p.212) dialoga com o que fora posto ao refletir que

Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. Assim, a proposição de que a representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo a um tempo o produto e o processo do outro, pode ser reexpressa com mais exatidão: “A construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de representação”.

Uma vez que, “[...] somos todos interpelados pelo gênero, lembrando que a interpelação” (PINAFFI; TOLEDO; SANTOS; PERES, 2011) é “[...] o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária” (LAURETIS, 1994, p. 220). Logo,

É nessa conexão entre representação, identidade e poder que adquire importância a chamada "política de identidade". Compreendendo que a identidade é política, que a representação é política, os diferentes grupos sociais e culturais, definidos através de uma variedade de dimensões (classe, 'raça', sexualidade, gênero, etc.), reivindicam seu direito à representação e à identidade. As relações de poder são dependentes da definição de certas identidades como 'normais', como hegemônicas. Através da "política de identidade", os grupos subordinados contestam precisamente a normalidade e a hegemonia dessas identidades. Nesse terreno contestado, as identidades "reprimidas" reivindicam não apenas seu acesso à representação, mas, sobretudo, seu direito a controlar o processo de sua representação. (SILVA, 1998, n.p.).

Diante disso, ancorando-se no entendimento de Saracevic (1995, p.1) acerca de que “[...] a Ciência da Informação possui três características gerais que são sua razão de existência”. O autor discorre que “primeiramente, a Ciência da Informação é interdisciplinar por natureza [...] está inexoravelmente conectada a tecnologia da informação” e que, “[...] juntamente com outros campos, um participante ativo na evolução da Sociedade da Informação” (SARACEVIC, 1995, p. 1).

Assim, Saracevic (1995, p. 2) conceitua a Ciência da Informação como “[...] a ciência que lida com a coleção, armazenamento (estoque) e recuperação eficiente da informação”. Estabelecendo diálogo com as linhas de Shera e Cleveland (1967), o entendimento da área começa a adquirir contornos tornando-se clara sob o entendimento de Borko (1968). Le Coadic, 2004, p. 26) vai além do conceito de Ciência da Informação, o qual muitos autores se debruçaram na segunda metade do século XX, apontando o objetivo dela, como sendo

[...] o estudo das propriedades ferias da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente: i) a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e ii) a concepção de produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso”, ou seja, “Na organização e recuperação da informação, os SOC cumprem o objetivo de padronização terminológica para facilitar e orientar a indexação e os usuários” (CARLAN; MEDEIROS, 2011, p. 54).

No tocante a área de Ciência da Informação, o debate acerca da “informação” e do “conhecimento” permeiam quase a totalidade das produções na área, não obstante, segundo Fogl (1999), a informação é composta por: a) conhecimento, que é o conteúdo da informação; b) linguagem, como instrumento de expressão de itens de informação; c) suporte, energia ou objetos materiais necessários para que a informação seja armazenada. Logo, informação e conhecimento estabelecem uma relação simbiótica nos processos de construção do conhecimento, uma vez que o conhecimento sob a óptica individual, pode ser compreendido enquanto “[...] é a certeza subjetiva e objetivamente conclusiva da existência de um fato ou do estado de um caso. O conhecimento não é transferível. Só pode ser adquirido por alguém por meio de seu próprio repensar”³³ (DAHLBERG, 1995, p. 10). Ressalta-se que, segundo Saracevic (1995, p. 5) “[...] a informação é um fenômeno e a comunicação é o processo de transferir ou de compartilhar esse fenômeno”. Assim, informação, comunicação e conhecimento configuram-se como partes constitutivas do processo de construção do conhecimento em uma estrutura helicoidal.

Nesse interim, Café e Bräscher (2008), Melo (2010), Vital e Café (2011), assim como Rodrigues (2015), utilizando-se das linhas de Fogl (1979), inferem que a informação pode ser analisada sob três aspectos ou vertentes, a saber: “[...] semântico “[...] avalia a informação em termos de sua veracidade, confiabilidade, conhecimento, adequação dos juízos de valor e assim por diante” (CAFÉ; BRÄSCHER, 2008, p. 4), pragmático “[...] o valor da informação depende do significado particular atribuído a ela pelo receptor desta informação, uma vez que ele a adota segundo um determinado propósito” (CAFÉ; BRÄSCHER, 2008, p. 4) e com relação ao método de fixação do conhecimento e dos juízos de valor e o suporte material utilizado” (CAFÉ; BRÄSCHER, 2008, p. 3).

Assim, ancorando-se sob as três vertentes da informação apontadas por Fogl (1979) e amplamente difundidas no âmbito da Ciência da Informação, o estudo de tese aqui apresentado

³³ Citação original: “[...] knowledge is the subjectively and objectively conclusive certainty of the existence of a fact or of a state of a case. Knowledge is not transferible. It can only be acquired by somebody through his or her own re-thinking”. (DAHLBERG, 1995, p. 10).

alicerçando-se na característica interdisciplinar da Ciência da Informação compreende segundo as linhas de Albuquerque (2013, p. 48) acerca da Organização do Conhecimento,

[...] enquanto área de estudo, diferencia-se em duas concepções de conhecimento: uma, enquanto processo cognitivo individual, constitui-se em uma certeza subjetiva ou objetivamente conclusiva da existência de um fato ou de um estado de um caso adquirido por meio de reflexão; e a outra, enquanto algo sobre o qual existe certo consenso social.

Melo (2010) ao debruçar-se sobre o estudo de Bräsher e Café (2008) elabora o seguinte quadro de forma a facilitar ao entendimento acerca da área.

Quadro 1 - Diferenciação entre Organização da Informação e Organização do Conhecimento a partir das conclusões de Bräsher e Café (2008).

Organização da Informação	Organização do Conhecimento
Processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais.	Processo que se aplica a unidades do pensamento (conceitos ³⁴) e visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade.
Seu produto é a representação da informação, conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.	Seu resultado é a representação do conhecimento que reflete, assim, um modelo de abstração de mundo real, construído para determinada finalidade.
Mundo dos objetos físicos.	Mundo da cognição ou das ideias.

Fonte: Elaborado por Melo (2010, p. 181) a partir das conclusões de Bräsher e Café (2008).

Diante disso, os estudos acerca do vocabulário LGBTQIAP+ para o domínio das dissidências sexuais e de gênero tem considerado as garantias literária, cultural e de uso (BEGHTOL, 1986; 2002a, 2002b, 2005; DE LA TIERRA, 2008; PINHO, 2010; BARITÉ; FERNÁNDEZ-MOLINA, GUIMARÃES; MORAES, 2010), respeitando uma ética transcultural de mediação (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2002) e impondo limites a um “poder de nomear” do indexador (OLSON, 2002) em seus eventuais preconceitos e antipatias (ALLPORT, 1954; BERMAN, 1993).

Nesse ínterim, se pode perceber que a produção do conhecimento acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero não se apresentam de forma linear, em função disso, a importância das influências de análises da homossexualidade como regime político (RUBIN, 2003; 2017; PRECIADO, 2014; BENTO, 2017), a pesquisa dos dispositivos sexuais modernos e das sexualidades periféricas (FOUCAULT, 1971; 1987a; 1987b; 1999; 2000; 2004; 2010a, 2010b; 2020a; 2020b; 2020c), as análises da identidade performativa (BUTLER, 1998; 2002; 2003; 2007; 2010; 2015). Ressalta-se que, Michel Foucault, nesse sentido, seria o precursor da possibilidade de se pensar biopoliticamente o sexo em sua relação direta com a produção

³⁴ Segundo Melo (2010, p. 179) Dahlberg (1978, p. 102) compreende conceito como “[...] a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto”.

maquínica de corpos sexuais (PRECIADO, 2014). Sua teoria teve desdobramentos, refinamentos e transformações nas obras de Paul Preciado (2014), Donna Haraway (2004) além de intenso diálogo com Teresa de Lauretis (1984, 1994, 1989, 2000 e 2007).

A temática tem auferido largo espaço nos estudos antropológicos, sociais, para além de ocorrências em diversas áreas do conhecimento e subáreas de estudo no campo científico. Questões acerca do “[...] multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais. Mesmo que tratadas de forma marginal, como ‘temas transversais’” (SILVA, 2000, p. 73). O autor prossegue alertando que “[...] em geral, o ‘multiculturalismo’ apóia-se [sic] em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença” (SILVA, 2000, p. 73).

Em contrapartida, Díaz-Jatuf (2017) aponta a necessidade de informação por estratos sociais situados na margem. Em consonância com esse discurso Arboit (2014, p. 385) é taxativa ao afirmar que

[...] não se pode mais ignorar as contradições e as polissemias presentes na linguagem, nos conceitos, no processo de construção do conhecimento porque todos são e devem ser considerados reflexo do pluralismo cultural e do dinamismo que inexoravelmente fazem parte da vida em sociedade.

Assim, ancorando-se na esfera da Organização da Informação e do Conhecimento, alicerçando-se em um primeiro momento sob a óptica dos estudos no campo da ética (PINHO, 2010; Pinho; Milani, 2020), e alastrando-se para outros domínios na esfera da Organização da Informação e do Conhecimento, encontram-se os estudos acerca da atuação e precisão e dos termos relativos ao segmento LGBTQIAP+ no contexto das Linguagens Documentárias (SILVA; LARA, 2004; GUIMARÃES; PINHO, 2011; 2012), terminologia e classificação (CABRERA, 2012; PINHO, 2014; NASCIMENTO; LEITE JUNIOR; PINHO, 2015, PINHO, 2017, NASCIMENTO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2019; PINHO; MELO; OLIVEIRA, 2019), além de estudos no campo da memória (NASCIMENTO, 2015; PINHO; NASCIMENTO, 2016) revelam a emergência da temática no âmbito da CI. Ressalta-se que, os sistemas de representação e classificação do conhecimento tem relegado garantias autopoiéticas (MAI, 2011; MARTÍNEZ-ÁVILA, BUDD, 2017) de nomeação dos sujeitos, tornando a prática monodirecionais (especialista – usuário) e hipossuficientes, ocasionando uma certificação das práticas de exclusão dos sujeitos não compreendidos sob a égide dos discursos hegemônicos acerca do domínio em questão.

Segundo Martínez-Ávila, Budd (2017, p.706) em diálogo com Mai (2011) a garantia autopoiética é compreendida como uma incumbência “[...] em que a autoridade é criada dentro

do sistema e os usuários do sistema, de forma autorreferencial, estabeleceriam os termos e classes a serem incluídos. Nesse caso, a autoridade do sistema emergiria de seu uso”³⁵. Essa compreensão favorece o diálogo e a construção de uma representação do conhecimento mais eficiente do ponto de vista da recuperação da informação, uma vez que, não evidencia relações de poder, mas torna equânimes as nomeações.

Nesse interim, objetivou-se identificar os termos êmicos utilizados no domínio das dissidências sexuais e de gênero, sob o recorte das comunidades discursivas LGBTQIAP+ que podem fundamentar de forma ética e atuar como garantia autopoiética na prática de organização do conhecimento, para além de, colaborar para a criação de sistemas de organização e representação do conhecimento mais eficientes acerca de tal domínio.

Logo, para sanar não apenas o objetivo do estudo, como também os desdobramentos dele, elencou-se e enumerou-se cada um dos objetivos específicos de forma a tornar a compreensão mais didática e evidente ao leitor (Quadro 2).

Quadro 2 - Objetivos específicos do estudo de tese

Item	Objetivo específico	Explicação
1	Revelar padrões opressivos da sociedade sob a forma de preconceitos no que à primeira vista poderia parecer um fenômeno aleatório e esporádico no domínio das dissidências sexuais e de gênero	Capítulo 3
		Capítulo 4
2	Assinalar a funcionalidade social dos estereótipos, demonstrando que eles não constituem erros de percepção, mas uma forma de controle social construídos historicamente	Capítulo 4
3	Problematizar a linguagem enquanto performatividade no contexto LGBTQIAP+, onde ela atua como ação de resistência, apresentados por meio do vocabulário êmico LGBTQIAP+	Capítulo 4
		Capítulo 5
4	Compreender os usos e significados dos termos utilizados pelas comunidades discursivas LGBTQIAP+, identificando as metáforas e eufemismos presentes no vocabulário	Capítulo 4
		Capítulo 5
		Glossário

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

2 Aspectos Metodológicos

Metodologicamente o estudo de tese aqui apresentado, configura-se como o produto de uma bricolagem enquanto uma abordagem metodológica (LÉVI-STRAUSS, 1970; DELEUZE; GUATTARI, 1976; 2000; DENZIN; LINCOLN, 2006), uma vez que, com o *bricoleur* almeja-se “[...] trabalhar nos limites do conhecimento, realizando conexões entre os espaços e as margens que existem no conhecimento formal, proporcionando forma para uma nova

³⁵ Citação original: “[...] *in which the authority is created within the system and the users of the system, in a self-referential manner, would establish the terms and classes to be included. In this case, the authority of the system would emerge from its use*” (MARTÍNEZ-ÁVILA; BUDD, 2017, p.706).

consciência” (SOUZA; SILVA; ALVES; ROCHA; MELO, 2016, p. 28), compreendendo que, ao eleger um objeto de estudo socialmente constituído e utilizado por estratos sociais marginalizados, distanciou-se do discurso hegemônico e consequentemente da ideia comumente atribuída a aquilo que é marginal e portanto subversivo, de sem valor, inaudível, abjeto, sujo, imoral e muitas vezes sem importância para o meio acadêmico. Reconhece-se que, na verdade o objeto aqui estudado “[...] está muito perto da marginalidade quando não dentro dela” (LEOPOLDO, 2020, p. 160), como lugar destinado aos praticantes de modalidades alternativas de sexualidade, desejo e/ou práticas de natureza desviante da norma vigente acerca dos gêneros, dos sexos e das práticas sexuais, não deixando de ser por isso, “[...] um lugar de fuga, de saída do espaço da normalidade” (LEOPOLDO, 2020, p. 160). Assim, “[...] a bricolagem subversiva aceita o fato de que a experiência humana é marcada por incertezas e que nem sempre a ordem é estabelecida com facilidade” (KINCHELOE; BERRY 2007, p.19).

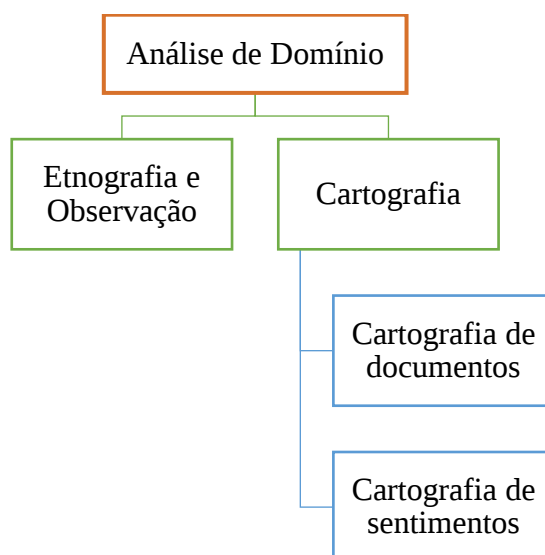
Nesse interim, se pode afirmar que se trata de uma metodologia não convencional, uma vez que, não se situa exclusivamente na Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciência da Informação, História, entre outros, “[...] mas que transita entre todos estes elementos, tornando-se algo como uma ‘metodologia *queer*’” (LEOPOLDO, 2020, p. 160), devido ao que segundo Leopoldo (2020, p. 161-162) ancorando-se no entendimento de Halberstam (2008) que a compreende como, “[...] um afastamento do saber tradicional universitário, uma deslealdade dos métodos de investigações acadêmicas tradicionais, o que definitivamente não é sinônimo de perda de rigor e de qualidade”, mas sim, um movimento de fuga dos discursos constitutivos das instituições que regem a produção dos conhecimentos ainda em tempos hodiernos. Tal entendimento coaduna com a forma com que Foucault direciona seus estudos, nunca estabelecendo um conjunto de pautas sistemáticas ou instruções de como realizar uma análise do discurso própria do autor. Afirmando com veemência “[...] eu tomo cuidado de não ditar como as coisas deveriam ser” (FOUCAULT, 1994, p. 288) sendo ainda provocante ao afirmar que, escreveu para perturbar o equilíbrio e a certeza, de modo que “[...] todos aqueles que falam pelos outros ou para os outros” (FOUCAULT, 1994, p. 288) não saibam mais o que fazer.

Com base em uma abordagem qualitativa, buscaram-se, segundo Minayo (2000, p. 21) respostas às questões particulares que não podem ser quantificadas como o universo de motivos, de aspirações, de crenças, de valores e atitudes. De acordo com Gil (2019, p.62-63), a pesquisa documental, na qual ancora-se o estudo aqui apresentado, proporciona algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa

bibliográfica, segundo o autor, e o que as diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

Assim, ao adotar os procedimentos metodológicos necessários para obter respostas aos questionamentos que comumente emergem do processo investigativo e atender aos objetivos supra citados pelo pesquisador, elegendo-se a Análise de Domínio (AD) como metodologia, alicerçada em dois recursos de metodológicos que atuaram de forma colaborativa para alcançar o resultado aqui apresentado, a saber Etnografia e Observação (SILVERMAN, 2009; FLICK, 2009) e Cartografia (Cartografia de documentos e Cartografia de sentimentos) (ROLNIK, 2016) (Figura 2)

Figura 2 - Representação da metodologia adotada neste estudo de tese



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

De forma a situar o viés metodológico, ancorando-se sob uma abordagem discursiva, alinhando-se com o pensamento de Hjørland e Albrechtsen (1995), que definem a AD e estabelecem um diálogo com a CI, sob a óptica do paradigma domínio-analítico, onde o mesmo

[...] primeiramente, um paradigma social que considera a CI [Ciência da Informação] como uma das muitas ciências sociais, fomentando [...] perspectivas psicossociais, sociolinguísticas, sociológicas do conhecimento e sociológicas da ciência no contexto da Ciência da Informação. O paradigma domínio-analítico é, em segundo lugar, uma abordagem funcionalista, com o intuito de entenderas funções implícitas e explícitas da informação e da comunicação, e de delinear mecanismos subjacentes ao comportamento informacional a partir desta visão. Em terceiro lugar, é uma abordagem filosófico-realista, tentando constataras bases da CI por meio de fatores que sejam externos às percepções individualístico-subjetiva dos usuários em

oposição, por exemplo, aos paradigmas comportamentais e cognitivos³⁶ (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p.400).

O diálogo e aplicação de tal entendimento são fortalecidos pelas linhas de Kobashi (1994), Abrahamsen (2003), Hjørland (1997, 2002, 2016, 2017), Nascimento (2006), Guimarães (2008) e Tennis (2012a, 2012b) no âmbito da Ciência da Informação, além de Pinho (2010), Guimarães e Pinho (2011, 2012), Guimaraes, Nascimento e Pinho (2017), Campbell, Guimarães, Pinho, Martínez-Ávila, Nascimento (2017) sob o viés mais específico da Organização do Conhecimento.

Segundo Nascimento (2015, p.62) ao utilizar-se das linhas de Nascimento (2006) aponta que “[...] a análise de domínio é um contraponto das abordagens do cognitivismo e dos sistemas de informação que se voltam aos processos psicológicos e tecnológicos”, tal entendimento, foi respectivamente, sumarizado no quadro a seguir

Quadro 3 - Abordagens da Ciência da Informação

Paradigma	Abordagem	Processos	O olhar
Cognitivo	Indivíduo	Psicológicos	Organização e tratamento da Informação
Físico	Sistema	Tecnológicos	
Social	Domínio	Sociais e Culturais	Informação construída

Fonte: Elaborado por Nascimento (2015) ancorando-se sobre as linhas de Nascimento (2006).

Assim, ao situar a Análise de Domínio no paradigma social da informação, compreendendo que “[...] a Ciência da Informação deve assumir a inserção das ciências sociais em suas bases teóricas, visto que o objeto de estudo é socialmente produzido, transferido e utilizado” (NASCIMENTO, 2015, p. 63), se pode inferir que “[...] a proposta da Análise de Domínio é realizar uma análise qualitativa, histórica e funcional da informação” (NASCIMENTO, 2015, p. 63). Ressalta-se que, “[...] o nível de consciência histórica em Ciências Sociais está referenciado ao nível de consciência histórico social” (MINAYO, 2001, p.14).

Nesse interim, Nascimento (2015, p. 64) utilizando-se das linhas de Tennis (2012a, p. 11) para afirmar que, uma Análise de Domínio coerente fornece aos leitores uma declaração clara sobre a sua definição, escopo, alcance, e a sua finalidade. Para tanto, os elementos da análise de domínio amparam estes requisitos. Logo segundo Tennis (2012a, p. 8) infere que

³⁶ Citação original: “[...] firstly a social paradigm, conceiving of IS as one of the social sciences, promoting a social psychological, a sociolinguistic, a sociology of knowledge, and a sociology of science perspectives on IS. The domain-analytic paradigm is secondly a functionalist approach, attempting to understand the implicit and explicit functions of information and communication and to trace the mechanisms underlying informational behavior from this insight. Thirdly it is a philosophical-realistic approach, trying to find the basis for IS in factors that are external to the individualistic-subjective perceptions of the users as opposed to for example the behavioral and cognitive paradigms” (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p.400).

[...] com o objetivo de delinear a estrutura de um domínio e o que o analista entende como sendo suas partes, o alcance e escopo de uma análise de domínio, também deveriam ser levados em conta os níveis de especialização de um domínio. Isso surge do truísmo básico de que quanto mais de perto se analisa um problema, mais complexo ele se torna, ou seja, quanto mais observarmos um domínio sem restrições quanto ao olhar especializado que adotarmos, podemos construir um critério arbitrário, ou pelo menos post hoc, para se parar. Isto é, a especificidade da nossa análise deve ser comunicada antes pelos métodos de fluxo da consciência do que pelo desenvolvimento.

Logo, “[...] instrumentos, conceitos, significados, estruturas de informação, necessidades informacionais e critérios relevantes são refletidos nas comunidades discursivas” (HJØRLAND 2002, p. 258). Diante disso, no decorrer do estudo de tese aqui apresentado, existe um esforço em conceituar de forma verossimilhante e eficiente os sujeitos compreendidos nas comunidades discursivas que compõe o escopo do estudo. Logo, o estudo etnográfico que serve de alicerce para a Análise de Domínio, alinha-se com o entendimento de Franco (2018, p. 894) ao apontar que “[...] a etnografia é uma abordagem qualitativa antiga que envolve a construção do conhecimento mediante o acesso e a permanência em um ambiente por tempo suficiente para alcançar uma compreensão profunda das ações e de seus sentidos para as pessoas que o constituem³⁷”. Em diálogo com o que Franco (2018) afirma, Brewer (2000) define etnografia como

[...] o estudo das pessoas em ambientes ou ‘campos’ que ocorrem naturalmente por intermédio de métodos que capturam seus sentidos sociais e atividades comuns, envolvendo a participação do investigador diretamente no ambiente, ou também nas atividades, para coletar dados de maneira sistemática, porém sem que o sentido seja imposto externamente sobre eles (BREWER, 2000, p. 10).

Em um primeiro momento, ressalta-se que, o processo observacional é quase autoexplicativo, no entanto, de uma sensibilidade ainda esmaecida e opaca em diversos estudos qualitativos que se utilizam de estratos sociais marginalizados pela ordem social. A tríade observar, escutar e registrar regem este tipo de método, sem ele a etnografia não existiria, ou pelo menos, teria graves problemas para sua realização. Diante disso, se pode afirmar que, a observação em mais de um momento (GIL, 2019), em locais de socialização e de prostituição foram essenciais para o desenvolvimento do estudo de tese aqui apresentado, uma vez que,

Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção: somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda, de um empobrecimento que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas. Castigo que sofremos à medida que não sentimos nem

³⁷ Citação original: “*Ethnography is a long-standing qualitative approach that involves the construction of knowledge by accessing and remaining in a setting long enough to gain a deep understanding of the actions and their meanings for the people that constitute it*” (FRANCO, 2018, p. 894).

exercemos simpatia pelas coisas. A simpatia, que é uma afinidade pré-categorial do sujeito com o seu objeto, traz em si já uma intuição de ordem superior, que começa com a negação do óbvio e do já visto. (BOSI, 1992, p 112)

As primeiras observações foram realizadas em imersões de campo durante o mestrado (2013-2015) na região do Cariri cearense (espaço amostral da dissertação) além de locais de socialização nas cidades de Recife – PE, Fortaleza – CE além de Salvador – BA, São Paulo – SP, Porto Alegre – RS, sendo frequentemente revisitados no decorrer de sete anos, de forma a observar a dinâmica social, as mudanças, comportamentos, deslizamentos, adaptações, além do surgimento de novos termos no vocabulário LGBTQIAP+.

No ano de 2019, durante o levantamento de dados para um desdobramento do estudo de tese aqui apresentado, em aplicativos³⁸ de interação afetivo sexual, onde se pode vislumbrar uma alternativa viável para a continuidade da coleta de dados no cenário que se desvelaria no ano de 2020 com a pandemia de COVID-19³⁹. Ressalta-se que, durante a pandemia, os LGBTQIAP+ que tem a prostituição como forma de subsistência não interromperam suas atividades laborativas em função da não existência de políticas públicas eficientes de apoio e auxílio a determinados estratos sociais no Brasil. Tal afirmação, é enfatizada ao se observar a falta de ações como, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE não incluir no censo demográfico de 2021 perguntas sobre sexualidade e identidade de gênero, tornando as populações compreendidas pela sigla LGBTQIAP+ invisíveis do ponto de vista das políticas públicas por mais uma década.

Assim, se pode continuar a observar o comportamento de LGBTQIAP+ em meio digital, reduzindo as idas a campo no ano de 2020 e início de 2021. Destaca-se que, o dialeto LGBTQIAP+ dificilmente poderia ser compreendido em profundidade sem a observação de seus usos e práticas *in loco*, uma vez que, o vocabulário é rico em metáforas e eufemismos,

³⁸ No estudo NASCIMENTO, Francisco Arrais et al. Autonegação e autoclassificação das homossexualidades masculinas e sexualidades alternativas no Brasil. Investig. bibl, México, v. 34, n. 84, p. 151-168, sept. 2020. utilizou-se do *Scruf* (aplicativo mobile de interação social utilizado por homens que buscam relacionar-se afetivo-sexualmente com outros homens). Nos estudos NASCIMENTO, Francisco Arrais; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Autonegação e autoclassificação na construção de conceitos e classificações sobre gênero, sexualidade e raça no domínio das homossexualidades masculinas. IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia, v. 5, p. 7-22, 2019 e NASCIMENTO, Francisco Arrais et al. O poder de nomear e a construção das masculinidades em aplicativos de interação afetivo-sexual no Brasil. In. ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (Org.). Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota), utilizou-se tanto do *Scruf* quando do *Grindr* (aplicativos mobile de interação social utilizado por homens que buscam relacionar-se afetivo-sexualmente com outros homens).

³⁹ Doença respiratória aguda, causada pelo novo coronavírus sars-CoV-2.

apresentando ainda diversos deslizamentos de sentido, ressignificações e influências de outros idiomas como inglês, francês, espanhol e italiano, que são incorporados ao vocabulário de forma peculiar. Ressalta-se que, a comunidade discursiva composta por travestis, transsexuais e transgêneros são os principais difusores e influenciadores do dialeto, inclusive responsáveis pela incorporação dos termos de outros idiomas que não obstante são os locais da Europa para onde emigram tal comunidade discursiva em busca de melhores condições de vida e com isso criaram na segunda metade do século XX uma economia do desejo, impulsionado pelos mercados do sexo que envolvem Brasil e Europa⁴⁰.

Piscitelli (2005, p 8) salienta que, o conceito de mercados do sexo “[...] está longe de restringir-se à realização do que, no Brasil, é popularmente conhecido como programas”. No entanto, Piscitelli (2005, p. 8) explicita que

As definições correntes da prostituição tampouco contribuem para pensar nos diversos tipos de inserção em um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, marcado pela mercantilização, não necessariamente assume a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro.

Assim, dada a complexidade do que está sendo observado, se pode compreender que observar está para além de vislumbrar a existência do outro, de classificá-lo, de estabelecer padrões de análise passíveis de mensuração, principalmente quando esse outro encontra-se em condição de segregação, abjeção ou exclusão social. Estar no mesmo espaço que estes sujeitos, não faz com que o pesquisador possa compreender toda a gama de subjetividades que atuam sobre aqueles sujeitos, influenciando seu comportamento, vivências e formas de lidar com o mundo. A percepção é limitada aos sentidos em muitos momentos, além da enganosa performance dos sujeitos que tendem a esconder determinadas realidades que lhes causam sofrimento ou embaraço social.

Henri Lefebvre (2006, p. 128) indaga-se de forma incisiva “[...] quantos mapas, no sentido descritivo (geográfico) serão necessários para absorver [esgotar] um espaço social, para codificar e decodificar todos os seus sentidos e conteúdo?”, tal indagação, torna-se pertinente ao se debruçar sobre os estudos sociais, principalmente no tocante a sexualidade e seus desdobramentos. Assim, em um segundo momento, cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o elemento desconstrutor de certas realidades onde ocorre uma realocação e ressignificação dos sentidos e a formação de outros, realidades que se desvelam para expressar afetos nos contextos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

⁴⁰ Ver Vale (2005, 2007), além do Documentário etnográfico “O Voo da Beleza” (2012).

O termo "cartografia" utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre "territórios" e dar conta de um "espaço". Assim, "Cartografia" é um termo que faz referência à ideia de "mapa", contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorrias no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado. (FONSECA e KIRST, 2003, p.92).

Assim, segundo Prado Filho e Teti (2013, 47)

[...] a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade.

Logo, “[...] tal estratégia desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, traça diagramas de poder, expõe as linhas de força, diagrama enfrentamentos, densidades, intensidades” (PRADO FILHO; TETI, 2013, 47).

No entanto, fica claro o uso de tal metodologia exploratória como forma de levantamento de fontes e registros (documentos, cartas, atas, fotografias, vídeos, entre outras) além de uma percepção acerca da sensibilidade das fontes que embasaram o estudo aqui apresentado, uma vez que, as memórias e registros das homossexualidades são colocadas a margem ou alocadas como fontes secundárias e sem importância pela norma vigente. Assim, ao eleger tais registros como prioritários e de suma importância subverte-se a norma impondo o não esquecimento de tais memórias, fazendo com que todo um construto venha a emergir no contexto social em que está inserido sob uma posição diferenciada e de forma subterrânea. Ressalta-se que, dependendo da natureza do documento (registro) e da instituição em que ele está sob tutela, podem vir a ocorrer problemas de identificação das dissidências sexuais e de gênero, a Resolução do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) nº 270/2018, que regulamenta o uso do nome social pelas pessoas trans, travestis e transexuais usuárias dos serviços judiciários, membros, servidores, estagiários e trabalhadores terceirizados, ou seja, somente a partir de 2018, começou a se inserir em o nome social dos sujeitos trans, travestis e transexuais em campo especificamente destinado ao mesmo. Anteriormente, não se tinha o registro do nome social dos sujeitos, o que dificultava inclusive a própria identificação do sujeito nos processos crime que foram instaurados por práticas como homicídios contra a população trans, travestis e transexuais. Nesse interim, mesmo em produções acadêmicas foram encontradas divergências com relação a datas, incompatibilidade de dados e referências no Brasil, o que torna o desenvolvimento de estudos com determinados estratos sociais ainda mais complexos.

Assim, a construção de uma cartografia de termos êmicos do universo LGBTQIAP+, torna-se um primeiro passo para o entendimento dos sujeitos que compõe esta comunidade discursiva. Segundo Rolnik (2016) paisagens psicossociais, políticas e afetivas também são cartografáveis. Diante disso, propôs-se adentrar a esfera das discussões de gênero, situando-se teórico-metodologicamente em perspectiva discursivo-desconstrucionista, recorrendo aos estudos pós-estruturalistas de base foucaultiana, além da relação com as teorizações *queer*.

Kogure e Esteves Jr. (2018, p. 278) ancorando-se sob as linhas de Santos (1997) detalham que

Partimos do princípio de que o conceito de paisagem transcende aos limitados âmbitos da visibilidade ou dos aspectos formais de determinado fragmento territorial. Trata-se de um conceito inerente aos domínios psicossociais relacionado aos sistemas sensitivo, perceptivo e cognitivo; à produção de subjetividades individuais e coletivas intrínsecas às relações entre humanos e destes com o ambiente. Para Santos, a paisagem desvela a história das dinâmicas sociais, é o palimpsesto que plasma as sucessivas lógicas da produção no espaço e no tempo; a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação.

Nesse ínterim, estabelecendo diálogo com o conceito de domínio proposto por Hjørland (2017, p. 441) que afirma que

Um domínio é um corpo de conhecimento, definido socialmente e teoricamente como o conhecimento de um grupo de pessoas que compartilham compromissos ontológicos e epistemológicos. Os domínios são frequentemente disciplinas acadêmicas, mas também podem ser, para exemplo, hobbies.

Assim, utilizando-se de uma cartografia de documentos, de modo a identificar obras e possíveis materiais bibliográficos acadêmicos ou não acadêmicos que possibilitassem a melhor compreensão acerca do vocabulário LGBTQIAP+ para além do registro documental que tomasse a natureza de prova do que fora analisado (BRIET, 2016), foram identificadas cinco obras, sendo duas acadêmicas e três não acadêmicas (Quadro 4). Ressalta-se que, buscou-se ainda, identificar obras de sujeitos LGBTQIAP+ para compor o arcabouço teórico do estudo, não apenas na questão do vocabulário, mas de toda a bibliografia utilizada, respeitando assim o lugar de fala dos sujeitos, conferindo não apenas voz a tais indivíduos que compõe as comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997, 2017) englobadas pela sigla LGBTQIAP+, mas alocando-os nos locais de fala que lhes são devidos. Tomando por viés a produção de Scott (1998, p. 297-298) que tece “[...] uma crítica à história dos oprimidos ao mudar a perspectiva para privilegiar as experiências que criaram os sujeitos silenciados/oprimidos, construindo a história da diferença”. Sob essa linha de raciocínio, a história da diferença poder ser entendida como “[...] a história da designação do outro, da

atribuição de características que distinguem categorias de pessoas a partir de uma norma presumida”, ou seja, “[...] pela heteronormatividade, excluindo todos aqueles considerados desviantes” (MOREIRA, 2012, p. 272).

Quadro 4 - Obras identificadas pela cartografia de documentos

Item	Título	Autor	Ano	Natureza	Número de termos
1	Diálogo das bonecas	Jovanna Cardoso da Silva (Jovanna Baby)	1992	Não acadêmica	236
2	Bichonário: um dicionário gay	Orocil Junior	1996	Não acadêmica	668
3	Aurélia, a dicionária da língua afiada	Angelo Vip Fred Libi	2006	Não acadêmica	1300
4	Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS	Larissa Maués Pelúcio Silva	2009	Acadêmica	97
5	MEMÓRIA DA MILITÂNCIA: a contribuição da Organização do Conhecimento para a reconstrução da memória do movimento LGBT da região do Cariri cearense	Francisco Arrais Nascimento	2015	Acadêmico	835

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Segundo as linhas de Kogure e Esteves Junior (2018, p. 278) em diálogo com a teoria de Rolnik (1987) “Cartografia configura-se como um instrumento diferenciado dos mapas”: enquanto este representa “um todo estático”, a cartografia “[...] é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1987, p. 23). Assim, a delicada tessitura de uma cartografia de sentimentos alinha-se de forma basilar aos entendimentos de Rolnik (2016, p. 12) ao apontar que

[...] apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se assim, parte de nós mesmos.

Assim, segundo Kogure; Esteves Junior (2018, p. 279), o lugar que o outro ocupa frente ao pesquisador se torna crucial para a construção de uma cartografia de sentimentos, uma vez que, “[...] é preciso que ‘o outro deixe de ser um objeto de projeção de imagens preestabelecidas [...] e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência’ (ROLNIK, 2016, p. 12). Para se concretizar, aciona-se ‘uma potência específica do sensível’” (ROLNIK, 2016, p. 12), ou seja, a percepção do outro enquanto sujeito, humano e não abjeto, é fundamental para a construção de uma cartografia de sentimentos, uma vez que, a compreensão do lugar ocupado pelo outro faz com que o pesquisador possa vivificar de forma verossimilhante aquilo que está sendo observado.

Nesse interim, cabe pontuar que em uma concepção ideológica o sujeito é o sujeito, aquele que se assujeita a algo ou alguém, por meio de uma relação de poder, inscrita em um cenário. No entanto, o que se tem é uma constante dispersão de lugares de assujeitamento. Uma sujeição, seja pelo outro que tenta assujeitar o indivíduo, mas também a sujeição com relação a si mesmo. Compreende-se assim, que, a multiplicidade é constitutiva do sujeito. Logo, não há um sujeito, mas múltiplos assujeitamentos em um sujeito. Goffman (1988, p.140) afirma de forma peremptória que “[...] o problema já não é saber se a pessoa tem experiência com o próprio estigma, porque ela tem, mas sim saber quantas são as variantes dessa experiência”. Assim, perceber essa condição é essencial para compreender a paisagem que se pretende cartografar.

Desse modo, na presente pesquisa da continuação a pesquisa de mestrado, intitulada “MEMÓRIA DA MILITÂNCIA: a contribuição da organização do conhecimento para a reconstrução da memória do movimento LGBTQIAP+ da região do cariri cearense” na qual buscou-se reconstruir a memória do movimento LGBTQIAP+ na região do Cariri cearense por meio da análise das atas oriundas das Organizações não Governamentais (ONGs) que constituíram o Movimento LGBTQIAP+ na região do Cariri⁴¹ cearense, além do discurso dos ativistas que apresentam comprovada atuação em tal empreitada, foi possível constatar por meio da Organização do Conhecimento a existência de uma comunidade discursiva peculiar composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais⁴², Travestis⁴³, Transexuais, Intersexuais⁴⁴ e todos aqueles abarcados pela designação LGBTQIAP+. Tal entendimento, não tinha despertado o interesse do pesquisador em outros momentos, em função da não compreensão da importância

⁴¹ A Lei Complementar Estadual nº 79/2009 indica 09 municípios pertencentes à Região Metropolitana do Cariri: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Algumas abordagens territoriais, regionais e mesorregionais chegam a atribuir até 28 municípios Região do Cariri cearense como a identificadas no âmbito dos Territórios da Cidadania.

⁴² A bissexualidade assim como as diversas matizes das homossexualidades tem auferido espaço nas produções cinematográficas, o que auxilia na sedimentação do conhecimento acerca de determinadas práticas. Diante disso, optou-se por inserir no texto indicações de obras cinematográficas que pudessem auxiliar na compreensão daquilo que está sendo afirmado. Logo, recomenda-se ver os personagens Stuart (Stephen Baldwin) e Eddy (Josh Charles) na obra cinematográfica “*Threesome*” (1994), Massimo (Andrea Renzi) e Michele (Stefano Accorsi) da obra cinematográfica “*Le Fate Ignoranti*” (2001), Ennis Del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal) da obra cinematográfica “*Brokeback Mountain*” (2005), Julianna “Jules” Martin Allgood (Julianne Moore) da obra “*The Kids Are All Right*” (2010), Elio Perlman (Timothée Chalamet) e Oliver (Armie Hammer) da obra cinematográfica “*Call Me by Your Name*” (2017), Thomas (Tim Kalkhof) e Oren (Roy Miller) da obra cinematográfica “*The Cakemaker*” (2017), Ronit Krushka (Rachel Weisz) e Esti Kuperman (Rachel McAdams) da obra “*Disobedience*” (2017).

⁴³ Segundo Jesus (2012, p. 16) travesti pode ser definido como “Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento”.

⁴⁴ “A experiência intersex mostra em níveis extremados a normalização compulsória dos corpos e das identidades, pois evidencia a restrição das identidades de gênero ao binarismo homem-mulher e a das identidades sexuais a uma suposta coerência necessária entre corpo sexuado, práticas e desejos” (PINO, 2007, p. 152).

do mesmo para as comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 1997, 2017) compreendidas sob a sigla LGBTQIAP+.

No entanto, após passar a conviver com determinada frequência com as “microestruturas” (termos) do vocabulário LGBTQIAP+, tanto nos registros (atas), quanto no cotidiano dos sujeitos seja em suas funções cotidianas ou nos espaços de socialização na Região do Cariri cearense e em Fortaleza, foi possível compreender que tal comunidade discursiva criou e faz uso de um rico vocabulário permeado por termos e expressões irônicas, eufêmicas, disfêmicas e ortofêmicas (MILANI; PINHO, 2012) além de metáforas sendo ainda fortemente influenciados pelos artefatos culturais de natureza televisiva e musicais (CAMPBELL; GUIMARÃES; PINHO; MARTÍNEZ-ÁVILA; NASCIMENTO, 2017; NASCIMENTO; GUIMARÃES, 2017; GUIMARAES; NASCIMENTO; PINHO, 2017).

Ressalta-se ainda, que tal “dialeto” apropria-se de termos de idiomas de matriz africana como o Iorubá e o nagô, além de idiomas como o inglês, francês e espanhol. Em um primeiro momento tal vocabulário se denomina “Bajubá”, com forte influência de religiões de matriz africana. No entanto, novos termos foram sendo incorporados ao vocabulário oriundos de outros idiomas, deslizamentos de sentido, de forma a criar termos (microestruturas) a partir das experiências dos sujeitos que compõe tal comunidade discursiva.

Diante disso, se pode compreender que, os padrões de nomeação sugerem que a OC - o ato de definir entidades e categorias e atribuir nomes específicos a eles - é um gesto de auto capacitação em níveis diferentes, dada a sofisticação do discurso da comunidade analisada, o que aponta para um certo empoderamento (NASCIMENTO; MASSONI; SHIRAKAVA; PINHO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2020), que segue em trajetórias diferenciadas, uma acadêmica e outra de natureza individual, logo, subjetiva. Por um lado, os nomes e as possíveis categorias que possam vir a surgir da análise de tal comunidade discursiva podem vir a constituir-se em um sistema de organização do conhecimento, linguagem documentária (LD), tesouro ou alguma ferramenta que possa vir a auxiliar na representação desta informação e na recuperação da mesma, por outro lado, aufere aos sujeitos que se identificam ou foram alocados nos estratos sociais abarcados pela designação LGBTQIAP+ uma representação verossimilhante além de uma possibilidade de uma identificação efetiva. Silva (2000, p.91) destaca que

A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico [sic] e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

Sob esse aspecto, Pinho, Melo e Oliveira (2019, p. 39) em diálogo com (FUJITA; BOCCATO; RUBI; GONÇALVES, 2009), afirmam que “[...] as LDs têm como objetivo a organização e a disseminação da informação, e exigem melhor controle da terminologia para um desempenho adequado da filtragem e recuperação da informação”.

Os autores continuam a análise concluindo que

Dessa forma, são necessários sistemas que funcionem de forma efetiva no que diz respeito à organização e representação do conhecimento, caso contrário, a recuperação da informação fica comprometida à medida que o sistema ou a pessoa responsável não consegue criar uma relação adequada entre os documentos disponíveis e a busca do usuário (PINHO; MELO; OLIVEIRA, 2019, p. 39).

Pinho (2010, p. 10) no início da segunda década do século XXI, já apontava sob o ponto de vista do profissional da informação obstáculos para “[...] a representação dos termos em relação às linguagens de indexação brasileiras”. O autor pontua que um dos esforços para sanar tal obstáculo foi “[...] a tradução dos termos em inglês para o português”. Esse esforço identifica um segundo obstáculo no processo de representação dos termos relacionados as dissidências sexuais e de gênero, a escassez de obras de referência acerca da temática. Pinho (2010, p.10) identifica por meio de sua experiência as obras, a saber: “‘*The guild dictionary of homosexual terms*’ de autoria do Dr. Albert Ellis e o ‘*Reader’s guide to lesbian and gay studies*’ cujo editor é Timothy F. Murphy”. Apenas após a identificação dos termos, a tradução e a comparação de uso deles em romances de temática homossexual, o profissional da informação conseguiu sanar de forma paliativa a escassez de obras de referência na área de Ciência da Informação. Ressalta-se que mesmo as produções acadêmicas apresentam falhas e erros em relação a conceitos, incongruências de termos, datas e referências.

Segundo López Yepes (1989, p. 41) utilizando-se das linhas de Otlet (1934) afirma que

[...] todo documento contém: i) uma realidade objetiva, ii) um pensamento subjetivo, provocado pela confrontação entre o “eu” e a realidade, iii) um pensamento objetivo ou resultado da reflexão sobre os dados da realidade até chegar à ciência, iv) uma linguagem ou instrumento de expressão do pensamento.

Assim, se o documento necessita de uma linguagem ou instrumento de expressão do pensamento, as informações produzidas por sujeitos LGBTQIAP+ que fazem uso de tal vocabulário, podem ser representadas de forma verossimilhante, eficiente e lógica, sem a necessidade da “tradução” para um sistema que não consegue compreender ou mesmo dar voz aos sujeitos que desviam da norma em função de sua própria natureza e/ou da natureza de suas práticas sexuais e de gênero.

Logo, ao adentrar ao universo analisado, o cenário encontrado evidencia uma complexa construção dialética prático/funcional utilizada em larga escala pelos sujeitos LGBTQIAP+, principalmente por aqueles que praticam a prostituição como forma laborativa⁴⁵; ressaltada a predominância de Travestis, Transexuais e *T-lovers*⁴⁶. Constata-se que, “[...] o único contexto em que as pessoas podem expressar alguma admiração pelas travestis é a rua, é a prostituição” (KULICK, 2008, 201) dada a natureza abjeta em que esses sujeitos foram alocados pelos proselitismos sociais construídos em função da narrativa binária heteropatriarcal.

Para compreender o que estava sendo dito por tais sujeitos, o pesquisador necessitou imergir em tal cenário, onde em um primeiro momento se identificou e enumerou os termos utilizados em uma organização preliminar de 835 termos. Ressalta-se que tal identificação durante o período do mestrado (2013-2015) fora superficial uma vez que tais termos não eram o foco do estudo, mas sim uma ferramenta na compreensão dos grupos discursivos que elaboraram os documentos analisados. Ressalta-se que os termos listados na dissertação estão restritos aos empregados nos documentos analisados e utilizados no cotidiano dos sujeitos entrevistados, alocados na região que serve como cenário de pesquisa. Essa característica foi decisiva para que o autor deste estudo decidisse oxigenar a amostra buscando em literatura específica e/ou voltada para o domínio das dissidências sexuais e de gênero (Quadro 4), além de, observar as interações dos sujeitos em espaços de socialização de forma a melhor compreender os usos deles. Logo, se pôde compreender que o universo de termos é maior do que o que fora identificado e que necessitou de um melhor tratamento para aprofundamento na temática.

Assim, após a cartografia de documentos para identificação de termos/microestruturas, identificação dos tipos e localização dos elementos que serviram como objetos de estudo, deu-se início ao processo de compreensão e evidencia das principais temáticas, tipologias e classificação dos termos encontrados. Por isso, a pesquisa de natureza documental está apoiada na pesquisa bibliográfica possuindo caráter explicativo sob a forma de Análise de Domínio

⁴⁵ Segundo Leite Junior (2008, p. 210) no âmbito da Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego, encontra-se no número 5198: “Profissional do sexo – Garota de Programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexuais (Profissionais do sexo), Travesti (Profissionais do sexo).

⁴⁶ Designação para homens que mantem relações erótico/afetivas com travestis e transexuais onde se pode observar que tais relações normalmente são permeadas por interesses econômicos, ou perpassam tal interesse em um primeiro momento, tomando tónus de afeto em um segundo momento da relação. Das obras que servem de amostra para o estudo de tese aqui apresentado, apenas as duas obras acadêmicas identificam esse estrato social (comunidade discursiva) como tal.

apoiada no levantamento e na análise documental (cartografia), além de uma etnografia observacional em ambientes de socialização LGBTQIAP+.

Dada a natureza do objeto analisado (dialeto LGBTQIAP+), as contribuições das linhas de Orlandi (1996; 2002; 2009; 2010) e Charaudeau (2013) acerca do discurso e da linguagem foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo de tese, uma vez que, apesar de ter uma base foucaultiana, o autor em nenhum momento de sua obra propõe um método de análise do discurso, apesar de sua obra ser permeada de análises de discursos e de o fazê-lo de forma contundente. Ressalta-se que, a análise do discurso não foi utilizada como método. No entanto, influenciou de forma basilar o estudo aqui apresentado.

Nesse interim, infere-se que discurso, dialeto, linguagem e língua enquanto fala, aparecem com certa frequência neste estudo de tese. Diante disso, de forma a sanar possíveis entendimentos dúbios ou distorcidos acerca daquilo que aqui se apresenta, ressalta-se que, em função da necessidade de um registro as obras identificadas para compor parte da amostra deste estudo (Quadro 4), foram trabalhadas obedecendo o modelo arbóreo⁴⁷ (PINTO MOLINA, 1992), o discurso aufere o entendimento da obra de Foucault, atuando enquanto dispositivo, dialeto, segue a conceituação corrente no entendimento da língua portuguesa como uma variação regional de uma língua, uma vez que ocorrem não apenas usos de termos (microestruturas) de outros idiomas, mas também o deslizamento de sentido de outras dando ao dialeto LGBTQIAP+ uma identidade própria, ou seja, uma variedade linguística que, embora possua especificidades, não é considerada outra língua. Dito isto, a linguagem é concebida “[...] como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [cujo] discurso torna possível à permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade” (ORLANDI, 2009, p. 15) ou seja, a própria fala, o discurso verbalizado. Ressalta-se que, “[...] a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio” entre os indivíduos (MARX; ENGELS, 2007, p. 34-35).

Logo, para Pais (2003, p. 72) todo discurso ocorre, em princípio, como “[...] uma análise de uma vivência, ou de uma experiência, que se dê na relação entre um sujeito e o mundo exterior, ou que se realize no seu imaginário. De fato, uma vivência ou uma experiência se torna inteligível para o próprio sujeito na medida em que seja discursivizada”.

⁴⁷ “[...] las partes fundamentales del árbol son raíz, tronco, ramas y hojas, también en el texto podemos encontrar sus equivalentes: las hojas se corresponderían con la estructura de superficie (ES) (microestructura); las ramas representarían la superestructura; el tronco sería la estructura profunda (EP) (macroestructura); y la raíz se equiparaía con el tópico del discurso”. (PINTO MOLINA, 1992, p. 49).

Em uma linha diferente dos autores anteriormente citados, Charaudeau (2013) amplia o conceito de discurso de tal modo que nos permite ligá-lo à informação, enquanto objeto de estudo da Ciência da Informação. Para este autor, o discurso resulta da sequência de três lugares de construção dos sentidos, partindo da produção à recepção, mediado por quem fala e a quem se dirige e a maneira pela qual se fala. Para Patrick Charaudeau, o discurso no campo da informação, “[...] equivale a se interrogar sobre a mecânica de construção dos sentidos, sobre a natureza do saber que é transmitido e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor” (CHARAUDEAU, 2013, p. 41).

3 A tríade acerca das homossexualidades: pecado, crime e doença no trato histórico da diferença

Comumente ao se adentrar ao domínio das dissidências de gênero e de sexualidades não se rompe com o padrão estabelecido pela heteronormatividade e consequentemente pela própria “colonização” do conhecimento, construído historicamente pelas diferentes instituições e estratos sociais privilegiados pelos proselitismos sociais. Em contrapartida, “[...] um argumento consolidado no âmbito das Ciências Sociais e Humanas é o da necessária articulação das categorias de gênero, geração, classe, raça/etnia, orientação sexual, região e religião na análise de fenômenos sociais e culturais” (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 635).

Sob esse aspecto, torna-se inevitável concluir que o brasileiro conhece a história do Brasil pela visão do europeu, e a história do movimento LGBTQIAP+ pela visão do estadunidense! Ao arraigar os principais marcos históricos sob a narrativa do colonizador. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). No entanto, essa compreensão da construção histórica, alicerçada em uma narrativa única, obscurece a realidade, que imerge em momentos históricos específicos, lançando luz sobre zonas de sombra, e consequentemente fazendo emergir memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) e narrativas silenciadas dos grupos marginalizados no decorrer da história do país.

Sob as linhas de Adichie (2019, p. 26) “[...] a história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Consequentemente Adichie (2019) aponta que como efeito dessa construção baseada em uma história única é: o roubo da dignidade das pessoas. Tornando “[...] difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (ADICHIE, 2019, p. 27-28)

Tal entendimento, pode ser observado ao se debruçar sobre o viés histórico-cultural da divisão de gênero, uma vez que, “[...] a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1993, p. 8). Apesar da consciência de que tal debate não é o foco deste estudo, ele configura-se como a gênese do marcador social da diferença que alicerça este estudo. Enquanto para os ocidentais a heteronormatividade vigora, impondo-se de forma contundente, sobre todas as outras manifestações identitárias sexuais, fazendo uso de toda uma rede de dispositivos de controle social para a manutenção de poder, alocando todo o desvio às margens, impondo os silenciamentos e relegando-os ao esquecimento, ou seja, criou-se um relevo acidentado e irregular onde as margens construíram hierarquias utilizando-se dos mesmos mecanismos de marginalização que legitimaram a relação margem/centro que as alocou à margem, inscritas sob a égide de relações de poder, baseadas em desdobramentos do sistema sexo/gênero (RUBIN, 2017), definido como os arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em um produto da atividade humana, onde a heterossexualidade passou a ser compreendida como norma (centro) e todas as outras manifestações que se localizam no desvio são alocadas às margens. Ressalta-se que, a identidade posta enquanto norma não é suficiente para o todo, ou seja, a identidade normativa que ocupa o centro não tem a capacidade de abarcar todos os sujeitos de forma universal. Logo, cria em si uma relação de centro/margem, normal/patológico.

Foucault e Motta (2004) afirmam que

[...] aquilo que o cristianismo trouxe para essa história da moral sexual foram novas técnicas. Novas técnicas para impor essa moral ou, na verdade, um novo ou um conjunto de novos mecanismos de poder para inculcar esses novos imperativos morais, ou melhor, esses imperativos morais que haviam deixado de ser novos no momento em que o cristianismo penetrou no Império Romano e se tomou, muito rapidamente, a religião do Estado. (FOUCAULT; MOTTA, 2004, p. 65).

E reiteram ao afirmar que

[...] o pastorado trouxe consigo toda uma série de técnicas e de procedimentos que concerniam à verdade e à produção da verdade. O pastor cristão ensina — e nisso ele se inclui, certamente, na tradição dos mestres de sabedoria ou dos mestres de verdade, que podiam ser, por exemplo, os filósofos antigos, os pedagogos. Ele ensina a verdade, ele ensina a escritura moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja. Nisso ele é um mestre, porém o pastor cristão também é um mestre de verdade em um outro sentido: por um lado, o pastor cristão, para exercer sua tarefa de pastor, deve saber, é claro, tudo o que fazem suas ovelhas, tudo o que faz o seu rebanho e cada um

dos membros do rebanho a cada instante, mas ele deve também conhecer o interior do que se passa na alma, no coração, no mais profundo dos segredos do indivíduo. Esse conhecimento da interioridade dos indivíduos é absolutamente exigido para o exercício do pastorado cristão. (FOUCAULT; MOTTA, 2004, p. 69)

De acordo com Foucault (2010b, p. 52), o poder pastoral começa a se desenvolver durante a Idade Média ocidental como uma organização de poder de origem religiosa incidindo na vida e em todas as circunstâncias da vida. Temos, assim, um poder controlador que “[...] não é exatamente nem um poder político nem jurídico, nem um poder econômico nem um poder de dominação étnica, mas um poder que se exercita garantindo a salvação de seu produto final: o indivíduo” (RODRIGUES; ROSEIRO; ROCON; ROSEIRO, 2016, p. 140).

Para um melhor entendimento acerca do processo de “colonização” sofrido pelo domínio dos gêneros e das sexualidades no Brasil, se faz necessário compreender como os atores sociais envolvidos atuaram para que os discursos hegemônicos que ecoam em tempos hodiernos fossem perpetrados e atuassem como “verdade”. Ressalta-se que, “[...] não existe verdade sem convencimento. Essa é a lógica interna de todo discurso que ganha vida e disputa uma posição de verdade no mundo” (COLLING, 2011, p. 84).

Mott (2002, p.8) ao citar Flandrin (1981) afirma “[...] a matriz hegemônica da sexualidade ocidental é a moral⁴⁸ judaico-cristã, cujos pilares encontram-se fixados, sobretudo, nas Tábuas da Lei, no Levítico, nas Epístolas Paulinas, nos Confessionais Medievais e no Catecismo Católico promulgado pelo Concílio de Trento”. A delimitação das fronteiras das diferenças no Brasil, tem sua gênese na bula⁴⁹ papal *Summis desiderantes affectibus*, promulgada em 5 de dezembro de 1484, pelo Papa Inocêncio VIII⁵⁰ (1484-1495). A bula alega que os demônios, chamados *íncubos* (masculinos) e *súcubos* (femininos), adotavam formas humanas para manter relações sexuais violentas com pessoas desprevenidas, assim causando natimortos, impotência e esterilidade (SPENCER, 1999; NASCIMENTO, 2015; NASCIMENTO; LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2020). Qualquer ser humano poderia ser um demônio ou estar sob o domínio dele, sobretudo o que fosse atraente, sedutor e que tentasse o outro para a união sexual (Figura 3 e 4). Mais tarde, acreditou-se que os homossexuais condenados podiam ser filhos de tais uniões (SPENCER, 1999, p.124).

Figura 3 - The Nightmare, Johann Heirich Füssli (1781).

⁴⁸ “Por ‘moral’ entende-se um conjunto de valores e regras de ação proposto aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas etc” (FOUCAULT, 2020b, p. 32).

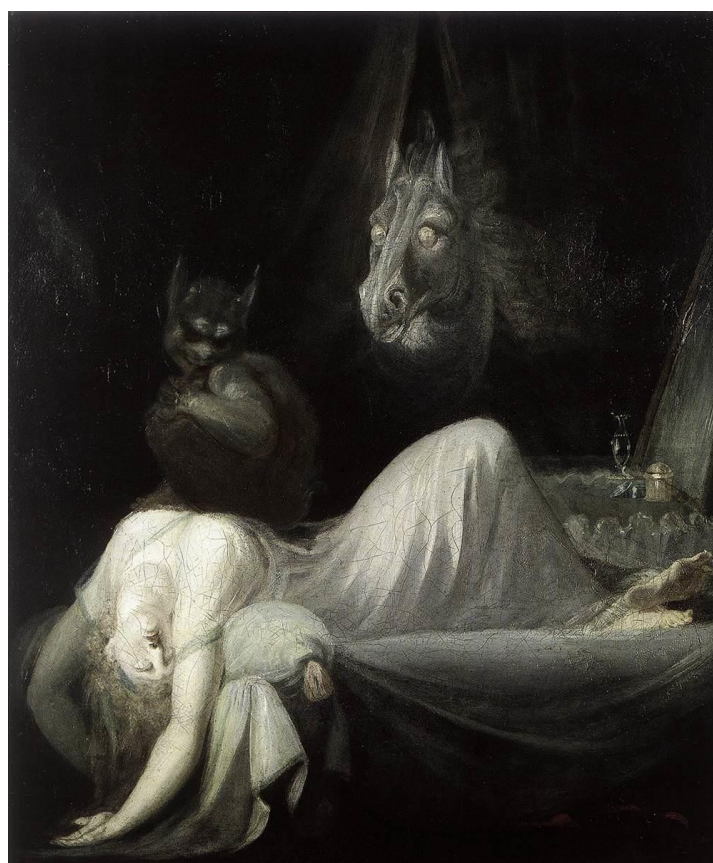
⁴⁹ Bula é que uma “[...] carta solene do papa, na qual [ele] se manifesta sobre algum assunto de fé ou [de] moral” (SACCONI, 2010, p. 336).

⁵⁰ 213º Papa da Igreja Católica Apostólica Romana. Eleito em 29 de agosto de 1484 como sucessor do Papa Sisto IV, foi consagrado a 12 de setembro de 1484.



Fonte: *Detroit Institute of Arts* (EUA).

Figura 4 - O pesadelo - *The nightmare*, Johann Heinrich Füssli (1790)



Fonte: *Goethe-Museum, Frankfurt* – Alemanha.

Heinrich e Sprenger ([1484] 2017, p. 16) apontam de forma contundente que no cenário medieval inquisitorial

Coloca-se no sexo o pecado supremo e, assim, o poder fica imune à crítica. Apenas nos tempos modernos se tenta deslocar o pecado da sexualidade para o poder. Isto é, até hoje não só o homem como as classes dominantes tiveram seu *status* sacralizado porque a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana.

Nesse interim, é comum o leitor indaga-se o porquê de toda essa movimentação de dispositivos para controle dos corpos e consequentemente das sexualidades dos mesmos. Heinrich e Sprenger ([1484] 2017, p.18) respondem que “[...] era essencial ao sistema capitalista que estava sendo forjado no seio do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade[...].” Se por um lado, segundo Rampinelli (2013, p. 139)

Marx mostra como se deu a acumulação originária a partir da conquista das jazidas de ouro e de prata das Américas; da escravidão, do extermínio e do sepultamento de indígenas e africanos nas minas de nosso continente; e, finalmente, apresenta as razões do saque e da expropriação das riquezas que permitiram que a etapa de produção capitalista surgisse no horizonte da história mundial, cavalcando a Revolução Industrial.

Por outro lado, Foucault (1987; 2020a) aponta que

[...] as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. [...] O momento histórico das disciplinas e o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". (FOUCAULT, 1987a, p. 118)

Heinrich e Sprenger ([1484] 2017) apontam ainda que

[...] Pela sexualidade o Demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens. [...] como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do Demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o Demônio “porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto, nenhuma mulher pode ser reta [...] A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras é copular com o Demônio. Satã é, portanto, o senhor do prazer. (HEINRICH; SPRENGER, [1484] 2017, p. 19)

Dessa forma “[...] a sexualidade se normatiza e as mulheres se tornam frígidas, pois orgasmo era coisa do Diabo e, portanto, passível de punição” (HEINRICH; SPRENGER, [1484] 2017, p. 20). Para Del Priore (1995, p. 193) “[...] uma doutrina teológica que atingia em

cheio a mulher, cobrindo-a de suspeição, predispunha-se a ver nela objeto de manobras do Demônio⁵¹”. Com isso, é possível afirmar que esse biopoder foi indispensável para o desenvolvimento do capitalismo na medida em que ele garantiu a “[...] inserção controlada dos corpos no aparelho de produção”, o “[...] ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”, para somente então, se ter o aumento da produtividade e da exploração da força de trabalho (FOUCAULT, 2020a, p. 152).

Assim,

Casamento e maternidade se tornaram então o único locus social onde a mulher (burguesa) podia locomover-se; de resto, ela dependia inteiramente de seu marido. A domesticação da mulher atingiu no século XIX um tal ápice que mesmo o forte instinto sexual imputado às mulheres ao longo do tempo chegou a ser desmentido. [...] A domesticação, portanto, foi infletida como tendência a um ser absolutamente assexuado. (SCHOLZ, 1996, p. 26).

Sob as linhas de Silvia Federici (2019, p. 67)

Por meio da caça às bruxas, portanto, um novo código social e ético foi imposto, e isso tornou qualquer fonte de poder independente do Estado e da Igreja suspeita de diabolismo e provocou o medo do inferno – o medo do mal absoluto sobre a terra. O fato de ter sido comumente assumido que a personificação do diabo era uma mulher teve profundas consequências para a condição das mulheres no mundo capitalista que a caça às bruxas ajudou a construir. Dividiu as mulheres. Ensinou a elas que, ao se tornarem cúmplices da guerra contra as “bruxas” e aceitarem a liderança dos homens quanto a isso, obteriam a proteção que as salvaria do carrasco ou da fogueira. Ensinou-as, acima de tudo, a aceitar o lugar a elas designado no desenvolvimento da sociedade capitalista, pois, uma vez que fosse aceito que poderiam se tornar servas do diabo, a suspeita de diabolismo acompanharia a mulher por todos os instantes de sua vida.

Apenas com a separação do entendimento de casamento e procriação a mulher pode ter a liberdade assistida, uma vez que o poder é capilar e que os dispositivos de controle social não desaparecem, mas se transformam para melhor servir ao poder (FOUCAULT, 2020a; 2020b).

Sob as palavras de Miskolci (2014, p. 60)

A progressiva separação entre sexualidade e reprodução – que foi radicalizada com a invenção da pílula anticoncepcional⁵² – permitiu que o sexo passasse a ser encarado cada vez mais como fonte de prazer, o que impulsionou desejos e a vivência da sexualidade desvinculada de sua regulação procriativa, por meio de instituições como o casamento heterossexual.

Guattari e Rolnik (2000) elaboram que

O que caracteriza os modos de produção capitalístico é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são da ordem do capital, das semióticas monetárias ou dos modos de financiamento.

⁵¹ Ver DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

⁵² A primeira pílula anticoncepcional só veio a ser lançada no mercado na segunda metade do século XX (NUCCI, 2012).

Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação [...]. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 16).

Ao estabelecer um diálogo com o que fora supracitado discorrem que

A ordem capitalista produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo⁵³, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 42).

Segundo Almeida (1992, p. 65) em seu estudo nos manuais de confissões dos séculos XVI e XVII a luxúria insurge nos textos analisados com a nomeação ambígua de “[...] deleitação morosa’, podendo significar apenas satisfação com uma recordação, ou desejo propriamente”. Evidencia-se que a instituição religiosa que detinha o poder no período medievo, incumbia de pecado não apenas a prática, mas o pensamento (desejo/fantasia), a palavra, os atos e as omissões. Logo, uma densa série de desdobramentos e hierarquias foram possíveis dentro de um mesmo gênero de falta. O gênero Luxúria foi subdividido em sete espécies (CARRASCO, 1985; ALMEIDA, 1992; SALDARRIAGA, 2004), a saber

Figura 5 - Classificação da Luxúria dos Manuais de confissões dos séculos XVI e XVII



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Almeida, (1992).

⁵³ Mesmo em tempos hodiernos ainda se pode observar que os processos de controle impostos pela sociedade como forma de docilização e domesticação dos corpos das mulheres ainda podem ser observados por exemplo no discurso jurídico, onde, de acordo com a Lei ° 9.263/96, só podem realizar a cirurgia de ligadura de trompas as mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos. Em se tratando de mulheres casadas, é necessário também a autorização por escrito do marido (art. 10, I e § 5º).

I - em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos, desde que observado o prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico, período no qual será propiciado à pessoa interessada acesso a serviço de regulação da fecundidade, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce;

§ 5º Na vigência de sociedade conjugal, a esterilização depende do consentimento expresso de ambos os cônjuges.

Almeida (1992, p. 65-66) descreve algumas das espécies de ações classificadas no gênero luxúria ao citar o Frei Bartolomeu dos Mártires

Ajuntamento com casada, que é adultério. Se com parente dentro do quarto grau, que é incesto. Se com pessoa consagrada, ou que tem voto de castidade, que é sacrilégio. Se com virgem, que é estupro. Se consigo mesmo, que é molície. Se com outro da mesma espécie, que é sodomia. Se solteiro com solteira, que é simples forniciação. Se teve tocamientos impudicos fora do uso matrimonial. Se pôs-se em perigo de poluição. Se com intenção sensual falou palavras desonestas ou folgou de as ouvir. Se deliberadamente deleitou-se em pensamentos desonestos.

A espécie “Contra natureza” englobava diversas práticas sendo qualificadas em graus de abominação e sujidade. A característica comum entre as subespécies contidas na espécie contra natureza seria a emissão da “semente” do homem durante qualquer ato sexual sem a possibilidade de procriação. Os atos enquadrados nessa subespécie do *Peccatum Horribilem* poderiam ser ósculos, amplexos e *molices* (masturbação recíproca, o que em tempos hodiernos pode ser denominado “*brotheragem*”⁵⁴) com parceiros do mesmo sexo (NASCIMENTO; MASSONI; SHIRAKAVA; PINHO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2020), *fazer as sacanas* (masturbação) e “[...] a outrora muito praticada *coxeta*, a qual os inquisidores e ainda hoje os legistas chamam de *cópula intra femura*, nas coxas” (MOTT, 2002, p. 12), ou ainda a *sodomia perfeita* (penetração do pênis⁵⁵ no ânus, com ejaculação) seja em uma relação heterossexual ou homoerótica (MOTT, 2002, p. 12), tal prática aufere espeço no rol de crimes passíveis da pena capital, descrita nos manuais e regimentos inquisitoriais como “*penetrattio in vas posteriore cum seminis effusione*” (MOTT, 1988). Mott (1995, p. 11) ressalta que,

Instaurada em 1536, a Santa Inquisição especializou-se na perseguição de duas categorias de desvios religiosos: os crimes de heresia (judaísmo, protestantismo, feitiçaria, blasfêmia, pacto com o Demônio), e os crimes sexuais (homossexualidade, bigamia e solicitação ⁵⁶ do sacerdote no confessionário.

⁵⁴ O termo “*Brotheragem*” é “[...] uma adaptação da palavra *brother*, representa uma parceria, informando que não se busca uma relação amorosa, mas sim uma *brotheragem*, ou seja, uma parceria masculina para relações sexuais, sem comprometer sua masculinidade e heterossexualidade” (NASCIMENTO; MASSONI; SHIRAKAVA; PINHO; MARTÍNEZ-ÁVILA., 2020, p.161). O termo emerge no contexto social, específico dos sujeitos homossexuais nas primeiras décadas do século XXI, atuando como um deslizamento de sentido que visa borrar as fronteiras entre as interações entre os sujeitos sem molestar a identidade heterossexual professada por grande parte de seus praticantes. Ressalta-se ainda que o termo auferiu vertiginosa visibilidade e importância no meio em cenário nacional que já consta como uma das categorias de conteúdo em sites pornográficos.

⁵⁵ Na linguagem da época o pênis é “[...] chamado de ‘natura’, ‘membro viril’, ‘membro desonesto’. Desonestidade, por exemplo, era palavra muito usada para designar lubricidade, sensualidade ou, simplesmente, sacanagem. Nos documentos da época já aparece a expressão ‘fazer as sacanas’”. (VAINFAS, 2013, p. 21).

⁵⁶ Segundo Mott (1995, p. 33) ao citar o Regimento do Santo Ofício da Inquisição (1774) definia o crime de solicitação como: “se algum confessor, no ato da confissão sacramental, antes ou imediatamente depois dele, ou com ocasião e pretexto de ouvir de confissão no confessionário ou lugar deputado para ouvi-la, ou em outro lugar escolhido para esse efeito, fingindo que ouve a confissão, solicitar ou, de qualquer modo, provocar a atos ilícitos

Segundo Leiva (2015, p. 115) ao utilizar-se das linhas de Corominas e Pascual (1984, p. 288-289) define “[...] o termo espanhol ‘sodomita’ foi retirado do latim sodomita (‘Habitante de Sodoma’) que - segundo Corominas e Pascual- ‘na Idade Média tomou seu significado atual por alusão aos vícios de que os habitantes da cidade bíblica eram acusados’”⁵⁷. Leiva (2015, p. 115) prossegue tal construção acercado do conceito de sodomita apontando que “[...] ‘Sodomita’ significa originalmente ‘prostituta’⁵⁸, em alusão direta ao proibições no Antigo Testamento à prostituição cúltica. De um modo geral, a sodomia foi concebida como parte de um ‘Universo simbólico’ que incluía heresia e bruxaria⁵⁹”.

A interpretação da teologia moral cristã definiu o termo sodomita como aquele que, semelhantemente aos habitantes de Sodoma, prática atos sexuais com pessoa do mesmo sexo (VAINFAS, 1989; SPENCER, 1999; PRESTES; VIANNA, 2008; TREVISAN, 2018). Para as classes mais abastardas as denominações acerca das homossexualidades eram sodomia⁶⁰, praticantes da sujidade (FREIRE, 2012, p. 89), *peccatum contra-natura* (BELLINI, 1987, p. 64) ou “pecado nefando⁶¹”, já para as classes menos abastardas os termos empregados para a designação das homossexualidades eram “somitigaria”, “mau pecado”, “velhacaria”,

e desonestos, com palavras ou tocamientos impudicos para si ou para outrem, as pessoas que a ele se forem confessar, assim mulheres como homens, havendo prova bastante ainda por testemunhas singulares, se for clérigo secular, fará abjuração de leve e será privado para sempre do poder de confessar e condenado nas mais penas justamente agravadas pelo Santo Padre Bento XIV, e será degredado por oito até dez anos para fora do bispado e para sempre do lugar do delito, pelo escândalo que nele deu com as culpas”.

⁵⁷ Citação original: “*El término español ‘sodomita’ fue tomado del latín sodomita (‘habitante de Sodoma’) que – de acuerdo con Corominas y Pascual- “en la Edad Media tomó el significado actual por alusión a los vicios de que se acusaba a los pobladores de la ciudad bíblica”*” (LEIVA, 2015, p. 115).

⁵⁸ Segundo Oliveira e Simões (2018, p. 152-153) “No caso do vocábulo ‘puto’, deve-se considerar que ele está associado à prática da prostituição, ou seja, dá ao homoafetivo a condição de infiel, de devasso ou sexófilo”.

⁵⁹ Citação original: “‘sodomita’ significa originalmente ‘puto’, en alusión directa con las prohibiciones en el Antigo Testamento a la prostitución cúltica. En términos generales, la sodomía era concebida como parte de un ‘universo simbólico’ que incluía la herejía y la brujería” (LEIVA, 2015, p. 115).

⁶⁰ “A palavra tem sua origem no Antigo Testamento, a propósito da destruição divina de Sodoma narrada no Gênesis. A recusa de Lot em oferecer aos moradores da cidade os dois anjos que havia hospedado, e o suposto desejo sexual que a todos animava quando forçaram a porta daquele piedoso hebreu no encalço dos hóspedes, eis as raízes da associação entre o castigo de Sodoma e a condenação Judaica das relações sexuais entre homens” (VAINFAS, 1989, p. 145).

⁶¹ “Ne-fandus”, o que não pode ser dito (VAINFAS, 1989, p. 155). O termo é definido como aquilo que é tão abominável aos olhos de Deus que não deve ser nomeado, aquilo que não deve ser dito. Nefando ou nefário: Indigno de se nomear; abominável, execrável, execrando, pecado Nefando cujo nome não se pode dizer: sodomia, pecado contra a natureza, cópula anal, homossexualidade. Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia (Século XVI-XIX), Salvador, 1999.

“fanchonice”, “roçadinho”⁶², “fresco”⁶³, “machona”, “puto”, “viado”⁶⁴, “*fodincu*” e “*fodidincu*”, “[...] dependendo da posição assumida no *peccattum nefandum*” (MOTT, 2002, p. 12), é abordada com indignação, quer se trate do ato de um homem com uma mulher, quer de um homem com outro. Esta última possibilidade vem sempre associada ao ato sexual “com as bestas” (Figura 3 e 4), ou à relação homossexual feminina (ALMEIDA, 1992, p. 103). O grau de abominação direcionado a tais práticas era tão elevado que “[...] abominação do nefando, considerado o 'mais imundo dos crimes', levou ao fato de que diferentes instâncias tomassem para si a tarefa de puni-lo, tomando-o delito de foro misto, vale dizer, da competência simultânea de juízes laicos e eclesiásticos” (BELLINI, 1987, p. 71). Por implicar o máximo de desordem possível na procriação. Ressalta-se que, “[...] para a antiga moral cristã, a sexualidade nos é dada somente para procriar, e qualquer outro uso seria perverter a obra de Deus” (FLANDRIN, 1988, p.7). Assim, a sodomia era considerada como um pecado gravíssimo, que não prescrevia jamais, continuando digno de punição por muito tempo (TREVISAN, 2018; VAINFAS, 1989, p. 151), segundo Aguiar (1926) o *peccattum nefandum*⁶⁵ é

[...] o mais torpe, sujo e desonesto pecado, o mais aborrecido ante Deus e o mundo, pois somente falando os homens neste pecado, sem outro ato algum, tão grande é o seu aborrecimento que o ar não o pode sofrer, mas naturalmente fica corrompido e perde sua natural virtude. (AGUIAR, 1926, p.519)

Ressalta-se que, apenas no Regimento de 1613 insurge a referência explícita ao crime de sodomia, muito embora desde 1547 o Santo Ofício de Lisboa já procedesse contra os *somítigos*⁶⁶ (MOTT, 1992a, 1992b). Aimé Césaire (1978, p.25) lança luz sobre zonas de sombra

⁶² Termo aplicado as práticas lésbicas, segundo Mott (1987) em função das mesmas não possuírem um falo e o ato dar-se apenas no contato entre os órgãos sexuais.

⁶³ Segundo Oliveira e Simões (2018, p. 151-152) o termo “[...] foi popularizado através da imprensa brasileira, no século XIX, com o intuito de promoção de satirizar indivíduos do sexo masculino que praticavam o amor com outros do mesmo sexo na condição de passivos, esse vocábulo associa a homoafetividade à condição amena do clima e à jovialidade”.

⁶⁴ O termo emerge do contexto social na década de 1920. Segundo Green (2019, p. 153) o caso que contribuiu para a folclorização desse termo, a saber: “[...] um comissário de polícia ordenou a prisão de todos os homens homossexuais que fossem encontrados num certo parque [...] Seu subordinado tentou executar a tarefa, mas voltou ao superior admitindo o fracasso. Explicou que, quando os policiais tentavam prender os jovens, eles corriam como veados. Diz-se que o incidente foi amplamente divulgado pela imprensa e, assim, tornou-se um mito do folclore gay”.

⁶⁵ Segundo Barbosa; Medeiros (2018, p. 274) “O conceito de sodomia encontrava-se presente nas Ordenações Afonsinas publicada em 1446 e 1447 no livro V, título XVII: “dos que cometem pecado de sodomia” que o definia como o pecado mais torpe e sujo e o que mais aborreceria a Deus”. “Já nas Ordenações Manuelinas, datadas de 1514-1521, o crime de sodomia situava-se no livro V título XIII ‘dos que cometem pecado de sodomia’, determinando que a pessoa que incorresse nesse crime deveria ser queimada e transformada em pó e que todos os seus bens fossem confiscados para a Coroa”.

⁶⁶ Mott (2002, p. 12) aponta para um deslizamento de sentido desse termo em tempos hodiernos onde o termo é “[...] usado atualmente como sinônimo de avarento, talvez uma corruptela ou associação com semítico (judeu)”.

acerca das relações estabelecidas entre o “colonizador” e o “colonizado” ao afirmar de forma contundente que

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitê, chicote e o homem indígena em instrumento de produção. É a minha vez de enunciar uma equação: colonização = coisificação. Ouço a tempestade. Falam-me de progresso, de “realizações”, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas.

Nesse sentido, cabem duas observações para uma melhor compreensão do leitor. A primeira é de que nessa parte do texto elegeu-se a noção de discurso colonial, que apresenta como principal argumento o estereótipo. Segundo Bhabha (1998, p. 105) o estereótipo “[...] é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. Assim, compreender-se que a função do discurso colonial é a criação de um espaço marginal para aqueles que se assujeitam e/ou são sujeitados tendo como objetivo “[...] apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111).

Assim, as narrativas acerca do Brasil colonial, sobre seus nativos e suas práticas sob a óptica do “colonizador” (GÂNDAMO, 1858 [1576]; NOBREGA, 1931; CARVAJAL, 1941; LÉRY, 1941, 1972, 1990; SOUSA, 2000 [1587]), cunham em si, não apenas o registro de um processo de dominação, mas sim, a “prova em apoio a um fato” (BRIET, 2016, p. 101), fato esse, de que “[...] raça, saber, sexualidades, classe, controle do trabalho” (FERNANDES, 2015, p. 23), dentre outros, ecoaram em “[...] ações cotidianas como nomear, vestir, cortar o cabelo, divisão do trabalho” e dizem “[...] respeito necessariamente à imposição de um novo padrão de moral baseado no modelo binário e cristão hegemônicos, dentro de uma lógica de exploração e subordinação” (FERNANDES, 2015, p. 23). Ressalta-se que “[...] antes de ser descoberto, o selvagem teve que ser inventado” (BARTRA, 1992, p.16).

Parker (2002, p. 15) ao citar o “[...] historiador holandês Gaspar Von Barlaeus em 1660, por ocasião de seu retorno da viagem ao Brasil” afirmara de forma veemente em seus escritos “[...] não existe pecado abaixo do equador” (BARLAEUS, 1980; PARKER, 1991). Logo, o que se pode compreender acerca de tal afirmação é que nas culturas nativas das Américas, não

existiam a noção de pecado, o que é completamente compreensível, uma vez que tal noção vem atrelada ao cristianismo e sua inscrição europeia. De acordo com Pieroni (1997, p. 26-27)

A noção de pecado/reparação e crime/castigo é manifestada nas ordenações. A reparação por meio de uma penitência e o castigo na forma de uma pena permitem restaurar a ordem do mundo que o pecado. [...]. Nesta ordem judiciária, os tribunais seculares, inquisitoriais e eclesiásticos conseguiram trabalhar de comum acordo.

Logo, se pode perceber que o processo de colonização não atuou apenas sobre os aspectos geográficos, mas modificou de forma profunda e irreversível os aspectos culturais (religiosos) das Américas. Tal entendimento, alinha-se com Rampinelli (2013, p. 139) no tocante a

[...] conquista da América Latina no século XVI consistiu, não apenas na tomada do território e na expropriação de suas riquezas, mas no extermínio de determinados grupos, na destruição de culturas e na forçosa obrigação do esquecimento do passado, imposto pelos europeus aos povos originários.

No desenvolvimento de seu estudo, Rampanelli (2013) utilizando-se das linhas de Báez (2010) que infere três conceitos aplicados ao processo de conquista/colonização da América Latina, a saber: o genocídio, o etnocídio e o “memoricídio”. Segundo Báez (2010, p. 288) “Um povo sem memória [...] é como um homem amnésico: não sabe o que é nem o que faz e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado”. A gravura de Theodor de Bry publicada em “*Grand Voyages, Vol. IV*” (Frankfurt, 1594) descreve a cena em que Vasco Nuñez de Balboa assassina o irmão de um cacique no Panamá e quarenta de seus companheiros por estarem vestidos de “mulher”, em 1513, representa de forma verossimilhante o índice de violência ao qual foram submetidos os praticantes de modalidades alternativas de sexualidade foram tratados durante o processo de conquista/colonização das Américas (Central e do Sul).

Figura 6 - Gravura de Theodor de Bry, representando a execução de “índios sodomitas” por Núñez de Balboa, publicada em “*Grand Voyages, Vol. IV*” (Frankfurt, 1594)



Fonte: Fernandes, 2015.

Em sua análise, Rampanelli (2013, p. 139) “[...] o genocídio foi cometido contra certos grupos étnicos, quer eliminando-os pelo trabalho escravo ou compulsório, quer assassinando-os por sua resistência armada aos dominantes”, o etnocídio, sob óptica do autor “[...] é resultado do roubo econômico que exigiu a modificação das estruturas mentais dos subordinados”, negando aos nativos “[...] o direito à terra que já ocupavam e seus recursos naturais, o direito ao uso de sua própria língua e educação e o direito de fazer sua história coletiva com autodeterminação” (BÀEZ, 2010, p. 133) e o memoricídio, “[...] consiste na eliminação de todo o patrimônio, seja ele tangível ou intangível, que simboliza resistência a partir do passado” (RAMPANELLI, 2013, p. 139). Diante disso, se pode vislumbrar um processo de dominação cultural e religiosa portuguesa, o que faz com que, cesse a relação de poder, uma vez que não existe relação de poder em uma relação de dominação, pois não há meios de resistência por uma das partes envolvidas, fazendo com que, a parte dominante pratique todo tipo de atrocidade com a parte dominada.

Para que se possa compreender a atuação do poder de nomear (OLSON, 2002) enquanto parte constituinte do mecanismo que opera por meio de dispositivos de controle social, faz-se

necessário adentrar ao domínio dos estudos acerca da memória, uma vez que, a constituição das relações de poder abrange toda uma densa trama capaz de atravessar diversas áreas do conhecimento, dada a natureza do objeto de estudo (MARINHO; NASCIMENTO; BORBA; MORIGI, 2018).

Logo, ao imergir em tal domínio e compreender como ele é constituído, entende-se que tal objeto atua de forma multifacetada e em campos distintos, configurando-se enquanto um complexo rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2000) influenciado por variáveis que revelam um liame simbiótico, norteado pelas relações de poder que vigoram na sociedade, segundo o período histórico, o contexto cultural, o espaço geográfico e os atores ou comunidades discursivas envolvidas.

Comumente as narrativas históricas tornam-se um embrincado movimento de elucidação dos jogos de poder estabelecidos para que se possa compreender de fato a construção de determinado acontecimento. Butler (2003, p. 64) ao referir-se à história da opressão das mulheres afirma que “A história das origens é, assim, uma tática astuciosa no interior de uma narrativa que, por apresentar um relato único e autorizado sobre um passado irrecuperável, faz a construção da lei parecer uma inevitabilidade histórica”. Gangnebin (2009, p. 43) lembra que,

[...] a história é sempre, simultaneamente, narrativa (as histórias inumeráveis que a compõem; *Erzählung*, em alemão) e processo real (sequência das ações humanas em particular; *Geschichte*), que a história como disciplina remete sempre às dimensões humanas da ação e da linguagem e, sobretudo, da narração.

Nesse interim, pode-se compreender que as questões acerca das dissidências sexuais e de gênero atravessam os séculos ocupando uma vultuosa parcela da vida cotidiana dos sujeitos que as vivenciam, fantasiam ou elucubram possibilidades de dar vazão ao desejo, “*inventing new possibilities*” (FOUCAULT, 1996, p. 384). Para além das fronteiras regulatórias estabelecidas geograficamente, socialmente, culturalmente e politicamente, os gêneros apresentam em si fronteiras difusas e tentaculares que segmentam cada metro quadrado que nos rodeia (PRECIADO, 2014). De acordo com Le Goff e Nora (1974, p. 113)

Em seus próprios progressos, a história retorna hoje a objetos que ela não compreende [sic] mais, e vê ressurgir nos limites de seu enunciado aquela “inquietante estranheza”, que lhe designa o que foi, antigamente, familiar e que foi, progressivamente, eliminado pela razão moderna. Cabe aqui perguntar se há possibilidade de escrever-se uma história de exclusão (que se trate do milagre, da feitiçaria e da mística, por exemplo).

Michael Pollak (1989) ao debruçar-se sobre a temática da memória e do esquecimento, esboça uma análise acerca dos estudos de Maurice Halbwachs (1877-1945) enfatizando que “[...] a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem

na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989, p. 3) destacando o papel dos monumentos, objeto de estudo de Pierre Nora.

Logo, uma vez que, se existem diferentes pontos de referência que estruturam a memória, referências essas vinculadas a discursos que necessitam de ouvintes para serem compreendidas, registradas para além da oralidade e consequentemente preservadas. Ao vislumbrar tal entendimento, se pode suscitar a percepção de que existem discursos hegemônicos que regulam, normatizam, instauram normas e produzem “verdades” e assim prevalecem e são perpetuados. Fischer (2001, p. 199) ressalta que, “[...] o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder”. Assim, se o poder produz “verdades” se pode dizer que “[...] a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente” (FOUCAULT, 2020a, p. 11). Em consonância com o entendimento de Foucault (2000) que discorre

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2000, p.12).

Le Goff (2003, p. 426) reitera que:

[...] tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Diante disso, Britzman (1996, p. 74) destaca que, cada grupo, comunidade ou mesmo sociedade vivencia um processo social em que o passado é reconstruído, e de forma distinta da história, uma vez que esta pauta-se mais especificamente naquilo de que se tem registro, independentemente se sua vivência efetiva. Sob as linhas de Gangnebin (2009, p. 41) “‘A história’, acrescenta Benjamin, ‘é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas aquele preenchido pelo tempo-agora [*jetztzeit*]’”. Logo, se a história é construída no presente, o entendimento de Britzman (1996) pode em determinados contextos, marcados por relações de poder, induzir ao erro, uma vez que, os registros são feitos por aqueles que detém o poder. O que se percebe com certo nível de clareza é que a memória não pode existir sem um registro. Cabe ressaltar que, também não faz parte do escopo deste estudo de tese a compreensão de que não existe memória dentro de sociedades de tradição oral. Para Halbwachs (1990, p. 81) “[...] as palavras e o pensamento morrem, mas os escritos permanecem”. Assim, Ferreira e Amaral (2004, p.138) afirmam

A memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes técnicos que nos inscrevem numa determinada cultura, tradição. Posto que a memória não é possível sem artifícios como a linguagem, a escrita, falar de memória é falar de esquecimento.

Em confluência ao que fora afirmado por Ferreira e Amaral (2004), Nora (1993, p.13) amplia a compreensão desses “suportes” aos lugares de memória, a saber

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento [de] que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...]. [Os lugares de memória] são bastiões sobre os quais se escora. Mas, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los.

Tal óptica documental dos registros ampara-se no entendimento de documento proposto por Briet (2016, p. 1) como sendo “[...] toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova”. Diante dessa perspectiva, entende-se que a questão da memória é uma preocupação central de grupos e classes sociais, assim como de governos e partidos políticos (LE GOFF, 2003). Segundo o ponto de vista de Silva e Anhezini (2011, p.652) “[...] tornar-se senhor da memória, seja ela própria ou alheia, é um ato político e que está diretamente ligado à formação e à conservação das identidades”. Segundo LOPES (2002, p.34)

Há frequentemente e com justiça, a justificativa de que a história de grupos oprimidos resgata uma memória fundamental para se entender o preço da história dos vencedores, mas para além da vitimização ou mitificação de uma história de resistências, a construção de memórias alternativas se constitui em um referencial político central para a construção de uma sociedade multicultural.

Segundo Burke (1991, p. 297),

Frequentemente se diz que a história é escrita pelos vencedores. Seria possível dizer, de igual modo: a história é esquecida pelos vencedores. Eles podem permitir-se esquecer o que os vencidos, que não se conformam com os acontecimentos, veem-se condenados a ter em mente, a reviver e reconsiderar, sob a perspectiva do que poderia ter sido diferente.

Jelin (2002, p. 6) conclui que,

[...] é então um espaço de luta política, e não raro essa luta é concebida em termos de luta “contra o esquecimento”: lembrar para não repetir. Os slogans podem ser um pouco complicados neste ponto. A “memória contra o esquecimento” ou “contra o silêncio” esconde o que na verdade é uma oposição entre diferentes memórias rivais (cada uma com seu esquecimento). É verdadeiramente “memória contra memória”⁶⁷.

⁶⁷ Citação original: “[...] es entonces un espacio de lucha política, y no pocas veces esta lucha es concebida en términos de la lucha «contra el olvido»: recordar para no repetir. Las consignas pueden en este punto ser algo

Assim, Le Goff e Nora (1974) ao imergir na obra de Michel Foucault (1926-1984) (*Historie de la folie*) citam que

Não existe linguagem comum, ou melhor, não existe mais: a constituição da loucura como doença mental no fim do século XVIII representa o termo de um diálogo que se rompe, concede a separação já adquirida, e coloca no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, um pouco balbuciantes, sem sintaxe fixa, por meio das quais fazia-se a comunicação entre a loucura e a razão. A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão a respeito da loucura, só pôde estabelecer-se graças a esse silêncio. Não foi minha intenção fazer a história dessa linguagem, mas fazer a arqueologia desse silêncio. (FOUCAULT, 1971, p. 11)

Logo, o que Foucault (1971) afirma pode facilmente ser aplicado a qualquer outro estrato social marginalizado, desde que, as relações de poder tenham removido dos sujeitos sua condição plena de humano, alocando-os em uma zona de abjeção e impondo-lhe silenciamentos e consequentemente o esquecimento. Segundo Piovezani (2020, p. 45) “Tal como se diz do peixe, o pobre morre pela boca. Miseráveis e marginalizados são mortos em larga medida, tendo suas bocas como pretexto. As maneiras de comer e de beber, de rir e de chorar, de falar e de calar se congregam no que se designa como ‘estilo global de usos da boca’⁶⁸”.

Richard Miskolci (2012, p. 24) assegura que abjeção se refere “[...] ao espaço que a coletividade costuma relegar a aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política”. Salienta-se que aquilo ou aquele, coisa ou indivíduo que se aloca em um contexto de esquecimento perde a condição de (importante) e consequentemente pode vir a ser apagado da memória, não obstante também da história, levando consigo parte considerável do que se relaciona com ele, sobre ele e por ele. Cabe ressaltar que, não se busca o esquecimento, ele é imposto por aqueles que operam a norma, sobre aqueles que se submetem e/ou são submetidos a ela, utilizando-se de uma, “[...] complexa lógica de intolerância, preconceito e discriminação” (BARBOSA, MEDEIROS, 2018, p. 268).

De forma simplificada concebe-se que toda construção, seja de um sujeito ou de uma identidade, envolve certo grau de normatização, cujo efeito é a produção de excluídos. Tais sujeitos que ocupam a zona de exclusão são definidos por Judith Butler (2003) como corpos

tramosas. *La «memoria contra el olvido» o «contra el silencio» esconde lo que en realidad es una oposición entre distintas memorias rivales (cada una de ellas con sus propios olvidos). Es en verdad «memoria contra memoria»* (JELIN, 2002, p. 6).

⁶⁸ Esse estilo, de que fala Bourdieu (1996a, p. 74), enseja igualmente preconceitos de outras ordens, tal como o sofrido pela comunidade LGBTQIAP+. Sobre as discriminações e intolerâncias de que são vítimas as qualidades de voz e as pronúncias gays, ver MENDES, Ronald Beline. Gênero/sexo, variação linguística e intolerância. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.). Preconceito e intolerância. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Mackenzie, 2011, p. 99-116.

abjetos⁶⁹, aqueles cujas vidas são consideradas ilegítimas e, portanto, quase impossíveis de se materializar, destacando ainda que o corpo abjeto “[...] não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas, vidas” e “[...] cuja materialidade é entendida como, não importante” Prins e Meijer (2002, p. 161). O tratamento destinado a certas formas de vida dentro de uma relação de disparidade no âmbito social é descrito por Butler (2010, p. 13), como uma relação em que, “[...] certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras”⁷⁰.

Ao inserir essa discussão no universo da Organização do Conhecimento enquanto espaço mediador entre um conhecimento produzido pela sociedade e a apropriação dele para que um novo conhecimento possa ser construído, ancorando-se na compreensão de Dahlberg (1993, p.211) de que a OC é “[...] a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos”, tem-se o “poder de nomear” do indexador, enunciado por Olson (2002) que, ao ser permeado por escolhas que, por sua vez, refletem estruturas de valores, pode tanto compactuar quanto romper com o silêncio, este muitas vezes advindo com forma de “ocultação” ou de “esquecimento” que podem ser impostos a grupos sociais, comunidades discursivas e/ou sujeitos, que se distanciaram ou desviaram da norma vigente e com isso são alocados à margem da sociedade, revelando uma segregação por conta de seu “distanciamento” ou “desvio” do centro hegemônico. Isso revela, um processo eletivo – e, por decorrência, ideológico - em que um conceito ou um conjunto deles ao ser alçado a uma posição de descritor, evidencia uma posição política, mesmo que não se tenha plena consciência disso, esperando-se ainda que, nessa condição, como também se espera que tal representação venha a dialogar com as demais e a influenciar pessoas (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2002). Ressalta-se que, “[...] a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 91), logo, “[...] quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000, p. 91).

⁶⁹ O termo foi cunhado por Julia Kristeva em sua obra *“Powers of Horror”* (1982).

⁷⁰ Citação no original: *“Si ciertas vidas no se califican como vidas o, desde el principio, no son concebibles como vidas dentro de ciertos marcos epistemológicos, tales vidas nunca se considerarán vividas ni perdidas en, el sentido pleno de ambas palabras”* (BUTLER, 2010, p. 13).

Posto isso, ao compreender o esquecimento como a cessação da memória que se tinha e em tratando-se de uma ação involuntária que supõe deixar de conservar na memória alguma informação que tinha sido adquirida e voltar-se para as questões acerca dos silenciamentos, compreende-se diante do que fora exposto que os silenciamentos são elementos constitutivos dos dispositivos para a promoção do esquecimento. Salienta-se que

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discríção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 2020a, p. 30-31)

Diante de tal concepção, se pode compreender a natureza político-ideológica do domínio da Memória, de onde emergem relações de poder envoltas em cenários que se interseccionam, hierarquizam-se em um movimento direcionado ao centro hegemônico, com o intuito de tornarem-se a norma.

González de Gómez (2003, p.61), propõe que

O modo de produção informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição vigentes em certo tempo, lugar e circunstância, conforme certas possibilidades culturais e certas relações de poder.

Em suma, se pode vislumbrar que se alocou enquanto minorias aquilo que não se enquadrava na norma, que teoricamente deveria ser subordinado segundo as hierarquias estabelecidas pela construção histórica da diferença. Assim, obliterando-se os discursos mais frágeis do ponto de vista econômico, cultural e político, a exemplo disso, se pode observar os discursos indígenas e negro⁷¹, que foram marginalizados, deslocados, expatriados e soterrados, uma vez que, entende-se que “[...] a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 8) tento sob esse aspecto subterrâneo, marginal e em contexto de silenciamento, todo conhecimento, cultura

⁷¹ No ano de 2007 pesquisadores das Universidades de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos, e de Hull, na Inglaterra, organizaram o que até então é tido como o mais completo banco de dados já organizado sobre o tráfico de escravos no mundo. O banco de dados inscrito sob o sítio (<https://www.slavevoyages.org/>) reúne quase 35 mil viagens de navios negreiros realizadas entre 1501-1867, concluindo que o Brasil dominou o tráfico de pessoas escravizadas no mundo, recebendo em seu litoral aproximadamente 4,8 milhões de escravizados (TREVISAN, 2018, p.123). Ver: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_escravos_database_pu

e práticas sociais enquanto “[...] elementos constitutivos de versões sobre o passado dos grupos dominados da sociedade” (NOGUEIRA, 2013, p.58) apagados.

O que seria um homem negro escravizado? Ao indagar-se, Marx (1971) toca de forma pungente no âmago de questões que viriam a nortear os debates raciais nos séculos seguintes. A resposta elucubrada por Marx (1971) desvela toda uma tessitura rigorosa e pluridimensional que ecoam na arquitetura da sociedade ainda em tempos hodiernos, a saber

Um homem de raça negra. Uma explicação vale tanto quanto a outra. Um negro é um negro. Só em determinadas relações é que ele se torna escravo. Uma máquina de fiar algodão é uma máquina de fiar algodão. Apenas em determinadas relações ela se torna capital, assim como o ouro em si não é dinheiro, nem o açúcar é igual ao preço do açúcar. (MARX [1849], 1971, p. 28)

Imergir no domínio dos preconceitos e antipatias é fazer emergir demandas linguísticas, discursivas e consequentemente sociais que ainda não são conhecidas em sua plenitude por toda sociedade, dado o tratamento abjeto com que a própria sociedade lida com alguns corpos. Em uma classificação estabelecida histórica culturalmente alguns corpos são invisibilizados, outros não possuem natureza humana plena e apenas um pequeno grupo é digno de gozar de plenos direitos e do afeto.

Os corpos negros são exemplos explícitos do que fora supracitado. A hipersexualização desses corpos durante o período colonial no Brasil, estabelece os alicerces para a compreensão e representação contemporânea desses corpos, uma vez que, em diversos meios os corpos negros ainda são vistos como um corpo a ser usado para o prazer e deleite, isso quando normativo e estereotipado, quando não, tal corpo não é digno de ser amado, desejado ou mesmo de se tornar objeto do desejo. A mulher negra, bela, “mulata”, viçosa teve em seu corpo parcela contundente das marcas do processo de miscigenação do país. A narrativa de Prado Junior (1976) e a pintura de Christiaan van Couwenberg (1632) (Figura 7) dialogam de forma profunda acerca do cenário de violência em que os corpos negros foram submetidos no processo de colonização, tendo sua humanidade esvaziada para serem comercializados como coisa e utilizados como animais por sua força de trabalho, além do uso de seus corpos para os prazeres de seus senhores.

Caio Prado Junior (1976, p. 342-343) estabelece que

Realmente a escravidão, nas duas funções que exercera na sociedade colonial, fator trabalho e fator sexual, não determinará senão relações elementares e muito simples. [...] A outra função do escravo, ou antes da mulher escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contato sexual, não se aproximando

se não muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem.

Figura 7 - "Three Young White Men and a Black Woman" Christiaan van Couwenberg (1632)



Fonte: Musée des Beaux-Arts de Strasbourg.

Processo esse, que não atuou de forma higiênica, polida e civilizada, mas sim, de forma cruel, grotesca e violenta principalmente no tocante aos corpos tidos como abjetos. Segundo Chauí (2000, p. 89), são marcas da sociedade colonial adepta de um sistema escravista, onde “[...] as diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando/obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade”. Nesse ensejo, Freyre (1995, p. 316-317) narra que

A “raça inferior”, a que se atribuiu tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da “superior” o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues⁷² as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. Porque durante muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem.

Tal narrativa, lança luz sobre zonas de sombra que ainda tornam opacos os entendimentos acerca da vida dos negros no Brasil. Segundo Goetttert (2002, p. 106)

⁷² Sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema pallidum*.

Diferentemente do índio, o negro era traficado e chegava ao Brasil “despossuído” de sua humanidade. O negro não era nem trabalhador nem vadio: era escravo. Ao escravo não era possibilitado o “entrar e sair” do mundo do conquistado; ele nascia escravo e se formava dentro desse mundo ao ser embarcado nos navios do tráfico na costa africana.

Logo, o que estava sendo questionado no processo de colonização era a própria natureza humana do sujeito escravizado. A mulher negra, violada em suas mais diversas esferas do corpo, cultura, história e subjetividade, passou a encontrar em narrativas modernas o reconhecimento dos crimes cometidos contra elas, o que não redime ou restitui aquilo que foi extirpado de todas as mulheres vítima de tráfico humano durante o processo de colonização do Brasil. No entanto, ainda existe uma questão tão cruel quanto a da mulher, que por ações do poder, foi esmaecido na narrativa histórica, a saber: A questão do homem negro.

Força de trabalho, reprodutor, carregador de dejetos⁷³, essas são algumas das funções desempenhadas pelos homens negros escravizados que aportaram no Brasil. Michael Pollak (1989, p. 15) percebeu que:

Para certas vítimas de uma forma limite da classificação social, aquela que quis reduzi-las à condição de "sub-homens", o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo, uma situação limite da experiência humana, fosse integrada em uma forma qualquer de "memória enquadrada" que, por princípio, não escapa ao trabalho de definição de fronteiras sociais. É como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado.

A estereotipagem dos corpos negros perpassa o padrão heteronormativo de masculinidade e virilidade, para além dos padrões estéticos construídos e impostos pela sociedade. Como objeto, o corpo negro a ser desejado precisa ser necessariamente condizente com o discurso de saúde, beleza, masculinidade e virilidade, respeitando ainda as fronteiras do objeto de prazer de natureza exótica. Em contrapartida, os corpos negros que não se adequam a esse padrão são automaticamente alocados no espelho do “não desejo”, mas sim da servidão não sexual. Rosa (2006, p. 4) percebe que “[...] parece-nos que o que se encontra em disputa no caso da masculinidade negra é a posição de fala sobre si e sobre a sociedade, a possibilidade de construir um discurso sobre sua condição subalterna na sociedade racista e sexista”, que lhe negou voz, contorno e espaço.

Avtar Brah (2006, p. 351) em consonância com o enunciado de Marx (1971) afirma que “[...] estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis

⁷³ Ver Figura 31 e reportagem sobre os escravos 'tigres': <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50526902>

independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela”. Davis (2017, p. 22) amplia o discurso ao afirmar que “[...] as raízes do sexismo e da homofobia se encontram nas mesmas instituições econômicas e políticas que servem de base para o racismo”. Löwy (2014) reitera que “[...] toda tentativa de explicação do racialismo ocidental deve levar em consideração antes de qualquer outra coisa as condições econômicas” (LÖWY, 2014, p. 23). Em diálogo com tal entendimento, (CARNEIRO, 2017, p. 13) “[...] o racismo é um sistema de dominação, exploração e exclusão que exige a resistência sistemática dos grupos por ele oprimidos, e a organização política é essencial para esse enfrentamento”.

Uma vez que, a narrativa histórica foi feita pelo “colonizador” em uma via de mão única, auferindo o *status* de verdade, logo, não questionável. Ressalta-se que, tal narrativa eclipsou os conhecimentos construídos nas margens de forma a diminuir seu “potencial científico”, desqualificando-os frente a sociedade e consequentemente frente a academia. Além do uso de todo o aparato constituinte do dispositivo de controle social, sob o viés da memória e consequentemente do esquecimento, para um apagamento⁷⁴ conveniente aos grupos hegemônicos.

Nesse interim, Parker (2002) dá continuidade a suas análises afirmando que

[...] imagens semelhantes de um mundo dividido, separado em universos morais distintos, norte e sul do equador, passaram a ser os tropos mais familiares da imaginação ocidental. E dentro desta visão moral mais ampla, a sexualidade se transformou em uma espécie de precedente máximo – um marcador fundamental da diferença em um sistema global de trocas simbólicas. (PARKER, 2002, p. 15).

Ao debruçar-se sobre questões acerca das dissidências sexuais e de gênero, se pode observar que para além do território, da cultura e conhecimento, existiu um processo de “[...] colonização das sexualidades indígenas” (FERNANDES, 2015, p. 23), desvelando que, “raça, sexualidade e poder são uma constante nas formas pelas quais a colonização operou” (FERNANDES, 2015, p. 23). A colonização baseia-se em um conjunto de poder que opera em relação a noções como raça, gênero e povo, por exemplo, e a partir de práticas desde as quais estas noções são construídas e mantidas justamente para a manutenção destas relações de poder (FERNANDES, 2015; 2019)

⁷⁴ Figari (2007, p. 31) ao discorrer acerca das punições destinadas aos sujeitos condenados a fogueira, revela que “Na França e em outros países europeus, os autos do processo eram queimados junto com eles(as), perdendo-se inclusive o registro de execução”. Isso explicita a tentativa de apagamento intencional, uma espécie de *damnatio memoriae* aplicada sobre aqueles que fossem condenados pelas instituições religiosas.

Parker (2002, p. 20), já apontava que “[...] nas últimas décadas, a atenção e o debate claramente evoluíram – na verdade, as modas mudaram tanto na análise da homossexualidade quanto em qualquer outra área do debate acadêmico” (PLUMMER, 1992). No final das décadas de 1970 e 1980, pesquisas como as (HERDT, 1981; 1987; HERDT e STOLLER, 1990) narram de forma minuciosa as práticas homossexuais ritualísticas praticadas pelos Sâmbias (PARKER, 2002).

Estudos como os de (WHITEHEAD, 1981; GREGOR, 1985; WILLIAMS, 1986; BLACKWOOD, 1986; ROSCOE, 1991) obedecem aos preceitos euroestadunidenses voltando-se para os estudos acerca dos nativos norte-americanos (*Berdaches*), e de forma esmaecida e tons ainda insipientes de estudos acerca de etnias da América Latina, no tocante as práticas sexuais.

Assim, o que Fernandes (2015; 2019) fez ao lançar luz sobre zonas de sombra até então pouco iluminadas em função da narrativa histórica única acerca do processo de colonização do Brasil fez emergir um debate sobre os “gêneros não ocidentais”⁷⁵ que agora incluía as Américas Central e do Sul.

Vainfas (1989, p. 38) discorre que

Ameríndios luxuriosos⁷⁶, colonos insaciáveis, negros lascivos, mulatas desinquietas, senhores desregrados, sinhás enciumadas, o pecado estava em todas as gentes e lugares. - a todos, sem exceção cabia portanto intimidar, ameaçar, castigar - foi o que pensaram os seguidores de Trento no ultramar português.

Sob as linhas de Gândavo (1858 [1576], p.47-48)

Algumas Indias ha que tambem entre elles determinam de ser castas, as quaes nam conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus officios, como senam fossem femeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos, e vão a guerra com seus arcs e frechas, e a caça perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, com quem diz que he casada, e assim se communicam e conversam como marido e mulher.

Sousa (2000 [1587], p. 235-236) discorre acerca da prática de luxúria dos Tupinambás

São os Tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxuria que não cometam; os quais sendo de muito pouca idade têm conta com mulheres, e

⁷⁵ Gêneros não-ocidentais, podem ser definidos como todas as identidades não-mulher e não-homem oriundas de culturas tidas como não-ocidentais ou não que não sofreram processo de colonização do conhecimento e imposição da cultura eurocêntrica acerca dos gêneros (Figura 17).

⁷⁶ "A partir dos séculos XI e XII, em meio ao processo que levaria à sacramentalização do casamento e da cópula conjugal, a moral sexual cristã unificar-se-ia por meio da noção sintética da luxúria, incluída pelos teólogos na lista dos sete pecados capitais. Reunidos sob essa noção, os 'vícios da carne' seriam categorizados, distribuídos em classes mais ou menos antigas, capazes de descrever com maior precisão o vasto rol de transgressões morais" (VAINFAS, 1989, p. 145).

bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, granjeiam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. É esse gentio tão luxurioso que poucas vezes têm respeito às irmãs e as tias, e porque este pecado é contra seus costumes, dormem com elas pelos matos, e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas têm muitas, como já fica dito pelo que morrem muitos de esfalfados [cansaço]. [...] são muito afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais se não têm por afronta; e o que se serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeias pelo sertão há alguns que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas.

As narrativas históricas dos colonizadores se multiplicam acerca do comportamento pouco “civilizado” dos nativos das Américas Central e do Sul, criando uma cartografia de documentos que identificam as etnias indígenas, da América Latina, sobre as quais há evidência arqueológica, histórica, etnográfica ou linguística, comprobatória da prática de homossexuais (Sodomia). Nesse contexto, destacam-se autores como Fray Gregorio Díaz (1729) e seus registros sobre as etnias México, Nueva España e Texcuco do México, Antonio de Herrera (1730) e suas narrativas sobre as etnias Caribes (Venezuela), Haytises (Venezuela), Huayllas (Cuba), Ipuyes, Chiricoa (Santo Domingo), Coquibacoa (Colômbia), Jamaica (Jamaica), Panamá (Panamá), Puerto Rico (Puerto Rico), San Juan (Puerto Rico), Tlascal (México) e Yucatecas (México), Padre Juan Rivero (1883) e suas contribuições para a preservação da memória acerca das práticas sexuais das etnias Gaira (Venezuela) e Cuba (Venezuela), Francisco Pi y Margall (1888) e seus registros acerca das etnias Bobure (Venezuela), Californios (Califórnia), Capachos (Venezuela), Cayos (Colômbia), Chinatos, Guatíaos (Colômbia), Guayaquil (Venezuela), Chitarero (La Florida), Darien (Haiti), México (México), Motilones, Nicaragüatecas (Nicarágua), Salivas (Venezuela), Suvataes (Colômbia), Tabasco (México), Tahus, Timotes (Venezuela) e Urabaes (Colômbia), Fray Reginaldo Lizárraga (1907) e suas observações acerca da etnia Guanuco (Bolívia), Francisco López de Gómara (1922) com seus registros sobre as etnias Albardas (México), Bogotá (Colômbia), Caribama, Caribes (Colômbia), Chincama, Huayllas (Cuba), Chiriguano, Caparicote (Colômbia), Jaguaces, Panuco (México), Perú (Perú), Santa Marta (Colômbia) e Zamba (Colômbia), Pedro Cieza de León (1922) e seus apontamentos sobre as etnias Cañares, Chinchas (Perú), Gigantes (Perú), Conchuco (Perú), Doguenes (Perú), Lile, Manta (Perú), Isla de Plata, Puerto Viejo (Perú), Isla de Puna (Perú), Santa Helena (Perú), San Miguel (Perú), Serranos, Tarama (Perú), Tumbamba (Perú) e Yungas (Perú), Bernal Díaz del Castillo (1933) e seus registros sobre as etnias Guahibos (México), Nueva España (México) e Yucatecas (México), Fernández de Piedrahita (1942) e seus registros sobre os costumes das etnias Achaguas (Venezuela), Florida

La (Venezuela), Laches (Colômbia) e Mosca (Colômbia), Pedro Sarmiento de Gamboa (1942) e suas observações acerca da etnia Perú (Perú), Inca Garcilaso de La Vega (1943) que registrou práticas dissidentes de sexualidade nas etnias Cunama (Perú), Carauli (Perú), La Española, Picta (Perú), Quellaca (Perú) e Uiña (Perú), Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1944) que observou as etnias Itotos (La Florida), Cipacingo e Mariames (La Florida) no tocante as suas práticas comportamentais, Fray Andrés Pérez de Ribas (1944) e suas linhas que registram as práticas desviantes das etnias Mayas (México), Sinaloa (México) e Sonora, Luiz Mott (1998), Estevão Rafael Fernandes (2015; 2019) e Frâncio Costa Simão (2020) voltaram-se suas linhas para os estudos das etnias brasileiras (Ver Figura 8).

Figura 8 - Etnias indígenas, da América Latina, sobre as quais há evidência arqueológica, histórica, etnográfica ou linguística, comprobatória da prática de homossexuais



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Com a noção de “pecado” também se inserem no cotidiano das colônias a punição pelos atos, como forma de penitência pelas práticas, antes naturais e culturalmente aceitas e

disseminadas, no entanto, com o processo de colonização diversas práticas foram alocadas a marginalia e/ou punidas como atos hereges.

Segundo Fernandes (2019, p. 30) “[...] é comum nas narrativas mencionadas, o olhar abjeto, servindo como uma das justificativas para a colonização, fazendo uso, sobretudo, da conversão a partir do medo”. Destacam-se dentre as narrativas históricas, três registros, dado o volume e riqueza de detalhes com que foram descritos, sendo, um de humilhação pública e degredo envolvendo uma mulher acusada de sodomia e outras duas acerca da aplicação da pena capital, como punição pela prática da sodomia, uma de um nativo, condenado a morte por boca de canhão e o terceiro um cativo, morto no tronco por seu senhor, por ter praticado sodomia com um capitão do exército.

Segundo Mott (1985, p. 102; 1992, p. 171-172) em diálogo com Siqueira (1978, p. 227) apontam que

De um total de 283 culpas confessadas nestes tribunais, englobando blasfêmia, superstição, judaísmo e luteranismo, bigamia, feitiçarias etc. Há 44 casos de sodomia (15,5% dos desvios), sendo depois das blasfêmias o pecado do mortal mais freqüente [sic] mente praticado pelos primeiros povoadores nordestinos.

Em um levantamento acerca das práticas de sodomia no Estado membro da Bahia no Brasil, Mott (1999) elenca os seguintes registros de sodomia (Quadro 5) praticada por mulheres no estado da Bahia e punidas em um processo disciplinar.

Quadro 5 - Registro de sodomia praticado por mulheres no Estado Membro da Bahia, Brasil

	Ano	Nome	Idade	Estado civil	Condição	Residente
Século XVI	1580	Isabel Antônia ⁷⁷		Solteira	Livre	Salvador - BA
	1591	Francisca ⁷⁸	22 – 23 anos	Casada	Livre	
	1591	Felipa de Souza ⁷⁹	35 anos	Casada	Livre	
	1591	Catarina Quaresma ⁸⁰	25 anos	Casada	Livre	Salvador - BA
	1591	Maria Lourenço ⁸¹	40 anos	Casada	Livre	
	1591	Paula De Siqueira ⁸²	40 anos	Casada	Livre	
	1592	Ana Cunha ⁸³	32 anos		Livre	Ilheus - BA
	1592	Caterina Baroa ⁸⁴	41 ou 42 anos	Casada	Livre	Salvador - BA

⁷⁷ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 13.787; cf. Vainfas, (1989, p.179); Bellini (1987, p.26). Apelidada “a do veludo”, “mulher sem marido”, degredada do reino para a Bahia, “por usar do pecado nefando com outras mulheres”. Era fama pública na Bahia que usava um falo artificial revestido de veludo em suas relações homoeróticas, daí o apelido “a do veludo”.

⁷⁸ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 124-125.

⁷⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1267.

⁸⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289.

⁸¹ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 73-74.

⁸² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo, 3307; Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p.47-480.

⁸³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289.

⁸⁴ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p.160.

	1592	Francisca Luiz ⁸⁵	40 anos	Abandonada pelo marido	Livre	Salvador - BA
	1592	Guiomar Piçarra ⁸⁶	38 anos	Casada	Livre	Itaparica - BA
	1592	Guiomar Pinheira ⁸⁷	38 anos	Viúva	Livre	
	1592	Maria Rangel ⁸⁸	24 anos	Casada	Livre	
	1592	Mécia ⁸⁹	44 anos		Livre	Salvador - BA
	1592	Quitéria Sequa ⁹⁰	38 anos	Casada	Livre	
	1593	Isabel Marques ⁹¹	37 anos	Casada	Livre	
Século XVII	168?	Marimbonda ⁹²				Salvador - BA
	final do século XVII	Nise ⁹³				
Século XVIII	1781	Ana Joaquina ⁹⁴		Desquitada		Salvador - BA

Fonte: Elaborado pelo autor (2021), a partir de dados de Mott (1999).

A primeira narrativa acerca da punição de uma mulher por pecado de sodomia, ocorreu em 26 de janeiro de 1592 em Salvador, tendo como acusada a portuguesa Felipa de Souza⁹⁵, era “[...] viúva de um pedreiro e casada com um lavrador modesto” (REZZUTTI, 2018, 246). Tendo provas de diversas amantes e resquícios de outros tantos envolvimento com outras mulheres em prática de “relacionamentos lésbicos”, chegando a confessar ao inquisidor ter tido seis parceiras em oito anos, como Maria Peralta, Maria Loureiro, entre outras. Heitor Furtado de Mendonça julgou-a culpada e condenou-a a receber açoites públicos. O ato ocorreu Pelourinho, tendo a acusada seus bens confiscados, sendo inclusive obrigada a comparecer a auto de fé descalça e com vela acesa na mão, incumbiu-se de penitências espirituais e ainda precisou pagar as custas processuais. Condenada em 1591, saiu da capitania em 1592 e nunca mais se teve notícias de seu paradeiro (REZZUTTI, 2018). Ressalta-se que, existem outros

⁸⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 13.787.

⁸⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1275; Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 157-158.

⁸⁷ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 95-96.

⁸⁸ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 124-125.

⁸⁹ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p.157-158.

⁹⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289; Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 95-98.

⁹¹ Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p.160.

⁹² Gregório de Matos, 1969, p.625.

⁹³ Gregório de Matos, 1969, p.1631.

⁹⁴ Arquivo Público do Estado da Bahia, Cartas do Governo, 13-7-1781.

⁹⁵ N° 1267: Processo de Felipa de Sousa cristã velha presa no cárcere do *Sancto Officio*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal.

casos de condenação por prática de “relacionamentos lésbicos” (Ver Quadro 5) aplicada em outros momentos, inclusive durante a primeira visita do Tribunal do Santo Ofício no Brasil, o português Heitor Furtado de Mendonça que atuou no Nordeste do Brasil no período compreendido entre os anos 1591-1595, chegou a receber 29 denúncias pelo mesmo “crime” praticado por Felipa de Souza. Sete acabaram julgadas pela Inquisição e punidas. No entanto, não existe registro de punição tão severa, quanto a aplicada a Felipa de Souza, aplicada a mulheres por prática de “relacionamentos lésbicos” no Brasil.

A segunda narrativa foi realizada pelo padre capuchinho francês Yves D’Evreux (1874), registrado no livro intitulado “Viagem ao Norte do Brasil (1613-1614)” (*Voyage au nord du Brésil fait en 1613 et 1614*) torna-se peça central do argumento acerca da conversão pelo medo. A narrativa destaca que

[...] ha [sic] em Juniparan, na ilha, um hermaphrodita [sic], no exterior mais homem do que mulher, porque tem a face e voz de mulher, cabelos finos, flexíveis e compridos, e comtudo [sic] casou-se e teve filhos, mas tem um gênio tão forte que vive porque receiam os selvagens da aldeia trocar palavras com elle [sic]. (D’EVREUX, 1874, p.90).

A continuação da extensa narrativa se desvela uma “cerimônia” de disciplina que revela bem mais que uma simples condenação,

Um pobre índio, bruto, mais cavalo [sic] do que homem, fugiu para o matto [sic] por ouvir dizer que os franceses o procuravam e aos seus semelhantes para matá-los e purificar a terra de suas maldades por meio da santidade do Evangelho, de candura, da pureza e da clareza da religião Catholica [sic] apostólica romana.

Apenas foi apanhado amarraram-no e trouxeram-no com segurança ao Forte de Sam Luiz, onde deitaram-lhes ferros aos pés: vigiaram-no bem até que chegassem os principais de outras aldeias para assistirem ao seu processo e proferirem sua sentença, como fizeram a final.

Não esperou o prisioneiro pelo princípio do processo, e ele mesmo sentenciou-se, porque diante de todos disse, “vou morrer, e bem o mereço, porém, desejo que igual fim tenham meos [sic] cúmplices”. (D’EVREUX, 1874, p. 230).

Um dos pontos importantes que emergem da narrativa acerca da aplicação da pena capital ao indígena tibira⁹⁶, da etnia Tupinambá é a confissão, ele foi acusado, preso e não esperou a sentença, o próprio já se sentenciou como quem já esperava que não sobreviveria a

⁹⁶ Nomenclatura atribuída a indígenas que tinham práticas homossexuais. É importante salientar que o nome do indígena foi apagado da história, tendo apenas as suas práticas auferido relevo frente a narrativa do colonizador. O nome adotado por ele em batismo pouco antes de sua execução é comum e não concede ao sujeito uma identidade em sua etnia.

Um movimento pela beatificação do indígena teve início no ano de 2014, tendo como porta-voz o sociólogo e antropólogo Luiz Mott.

sentença. O ato reflete uma ação que vai emergir nos contextos dos dispositivos de controle social como uma das formas mais vorazes de auferir provas para a condenação dos sujeitos.

Foucault (2020a, p.67-68) alerta

É preciso estar muito iludido com esse artil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; é necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente. Imensa obra a que o Ocidente submeteu gerações para produzir — enquanto outras formas de trabalho garantiam a acumulação do capital — a sujeição dos homens, isto é, sua constituição como "sujeitos", nos dois sentidos da palavra.

Não é estranho a construção social dos dispositivos de controle, que uma ferramenta tão poderosa não seja utilizada em outros momentos para alcançar os objetivos desejados. Foucault (2020a) continua seu diagnóstico afirmando que “[...] o homem, no Ocidente, tornou-se uma fera de confissão” (FOUCAULT, 2020a, p. 66). Logo, a confissão pode ser compreendida como um instrumento de identificação, a identidade é narrada em tom de confissão. Fontaine (2016) se indaga “Como entender esse diagnóstico genealógico? A reflexão de Foucault sobre a confissão ganha sentido dentro de uma genealogia da subjetividade moderna, que traça a história da formação e das transformações culturais do ‘sujeito’”⁹⁷ (FONTAINE, 2016, s/p). Tal entendimento se torna explícito ao compreender que quem confessa aufere ao outro o poder de verdade, esse poder, como todas as relações de poder existentes em uma sociedade, labora para a manutenção do poder, sob a óptica dos grupos hegemônicos. Foucault (2020a) aponta que “[...] o discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado” e corrobora com o poder (FOUCAULT, 2020a, p. 10).

Nesse interim, a figura do especialista se torna essencial, uma vez que sob a óptica confessional a verdade está no outro, tal sujeito pode ser o religioso, que escuta e sentencia, posteriormente, o médico, que escuta e diagnostica, podendo ainda ser ocupado por outros sujeitos, que tem o poder auferido por *status* social, econômico e/ou político. O que todos esses sujeitos têm em comum é o acesso ao poder de punir os sujeitos por suas práticas, sendo este poder, legitimado pelas instituições a que são vinculados, ou seja, nesse cenário, se pode vislumbrar que, o poder impele a confissão. Um exemplo prático de tal afirmação é afirmado

⁹⁷ Texto original: “*Comment comprendre ce diagnostic généalogique? La réflexion de Foucault sur l’aveu prend sens au sein d’une généalogie de la subjectivité moderne, qui retrace l’histoire de la formation et des transformations culturelles du ‘sujet’*” (Fontaine, 2016, s/p).

por Arns (1985) ao referir-se as confissões obtidas pelos militares e legitimadas como provas nos “[...] inquéritos policiais-militares formados para apurar fatos considerados atentatórios à Segurança Nacional tinham nas confissões extra-judiciais [sic] – geralmente obtidas sob insuportáveis coações – o suporte principal da acusação” (ARNS, 1985, p. 181). Sob esse construto, Foucault (1987a, p. 166) disserta sobre a atuação da alegoria da masmorra, criada para “[...] trancar, privar da luz e esconder” aquilo que seria indesejado, que ameaçasse a manutenção do poder ou que apresentasse a incapacidade de adequação a norma social. O princípio da masmorra é invertido nesse caso, de forma a gerar uma “condenação social”, para que a punição sirva de exemplo para que outros sujeitos tenham a prática em função da punição imposta a ela.

Retomando-se a narrativa de D’evreux (1874) acerca da pena capital aplicada por sodomia, o autor discorre que

Terminado o processo e proferida a sentença, cuidou-se em sua alma dizendo-lhe que se ele recebesse o batismo, apesar de sua má vida passada, iria direto para o Céu apenas sua alma se desprendesse do corpo.

Acreditou nossas palavras e pediu o batismo: para tal fim veio o Sr. de Pezieux procurar-me em nossa casa de S. Francisco em Maranhão, e conversando se devia ser eu quem o batizasse, resolvemos negativamente pelas seguintes razões.

Pensavam os selvagens que nós outros padres éramos pessoas misericordiosas e compassivas, que espontaneamente empregávamos nossos esforços perante os grandes para alcançar a vida dos condenados. Que os grandes nos estimavam e nada nos negavam, e que além disso, nós pregávamos que Deus não queria a morte e sim a vida do pecador, e que por isso tínhamos vindo aqui para dar essa vida de forma que, se eu o batizasse publicamente, antes dele morrer, teria satisfeito muitos caprichos destes espíritos débeis e incapazes a respeito da opinião, que formavam de nós e que seria muito prejudicial a nossas intenções, dando além disso causa a várias murmurações dos selvagens, que diziam “se os grandes nada lhes negam, porque não pedem a vida d’este?”

Por tudo isso e por outras razões que omito, decidimos ser conveniente e necessário que eu não o batizasse. Roguei, pois, ao dito senhor que, depois de instruí-lo pelos intérpretes, o batizasse antes de ir ao suplício, sem as cerimônias da igreja, o que se prestou e cumpriu.

Recebeu, com tranquilidade e sem tristeza, na presença dos principais selvagens, o batismo. Depois do que um dos principais, chamado Karuatapiran, cardo vermelho, de quem ainda falarei, lhe disse estas palavras:

“Tens agora ocasião de estares consolado e de não te afligires, pois presentemente és filho de Deus pelo batismo, que recebeste da mão de Tatu-Uaçu (nome do Sr. de Pezieux em sua língua) com permissão dos Padres. Morres por teus crimes, aprovamos tua morte, e eu mesmo quero por o fogo na peça para que saibam e vejam os franceses que detestamos tuas maldades; mas repara na bondade de Deus e dos padres para contigo, expelindo Jurupari para longe de ti por meio do batismo de maneira que apenas tua alma saia do

corpo já vai direto para o céu ver Tupã e viver com os Caraíbas que o cercam. Quando Tupã mandar alguém tomar teu corpo, se quiseres ter no Céu os cabelos compridos e o corpo de mulher antes do que o de um homem, pede a Tupã que te dê o corpo de mulher e ressuscitarás mulher. E lá no céu ficarás ao lado das mulheres e não dos homens”.

Os atos de prender, sentenciar, submeter a suplício e executar a pena capital não obedeceram aos tramites inquisitoriais, uma vez que, não se tem registro documental e muito menos na narrativa de D'Évreux de autorização do papa e também da Inquisição para a consumação de tal pena, o que leva a crer que a condenação foi arbitrária e orquestrada pelo capuchinho francês Yves d'Évreux (1577-1632), que mesmo em sua narrativa, tenta se eximir do envolvimento no ato, um exemplo disso é: a própria narrativa revela que por temer uma repercussão negativa, o mesmo não iria batizar o “selvagem sodomita”, deixando isso a cargo do carrasco, não sendo realizada cerimônia em igreja ou de qualquer outra natureza solene, para o recebimento do sacramento. Ressalta-se ainda, que em dado momento da narrativa, D'Évreux apressou-se a corrigir a interpretação feita por Caruatapirã do evangelho cristão, o que corrobora para um entendimento de que os nativos não tinham consciência da real natureza da fé cristã ou de seus preceitos.

Desculpareis este pobre selvagem, não cristão e nem catequizado, falando da Ressurreição. Ele nos ouviu ensinar que num dia ressuscitariam todos os homens, regressando cada alma do lugar em que estava para ocupar o seu corpo, acrescentando o que pensou ser indiferente à ressurreição, isto é, que uma alma recebe um corpo de homem ou de mulher, no que se enganou não se deixando em pé tal ideia falsa, pois ele e o paciente foram instruídos da verdade. Julguei acertado referir aqui simplesmente o que se passou para que o leitor reconheça sempre quanto sou fiel em minhas descrições, como já disse, e provarei sempre nos discursos, que ainda hei de transcrever.

Este infeliz condenado recebeu as consolações de muito boa vontade, e antes de caminhar para o suplício, disse aos que o acompanhavam: “vou morrer, não mais os verei, não tenho mais medo de Jurupari, pois sou filho de Deus, não tenho que prover-me de fogo, de farinha, de água e nem de ferramenta alguma para viajar além das montanhas, onde cuidais que estão dançando vossos pais. Dá-me, porém, um pouco de *petum* para que eu morra alegremente, com voz e sem medo”.

Deram-lhe o que ele pediu, à semelhança dos que vão ser justificados, aos quais também se dá pão e vinho, costume não de agora e sim da mais remota antiguidade, pois então se oferecia aos criminosos vinho com mirra e ópio para provocar sono dos pacientes.

Feito isso, levaram-no para junto da peça montada na muralha do Forte de S. Luiz, junto ao mar, amarraram-no pela cintura à boca da peça, e o Cardo Vermelho lançou fogo à escorva, em presença de todos os principais, selvagens e franceses, e imediatamente a bala dividiu o corpo em duas porções, caindo uma ao pé da muralha e outra no mar, onde nunca mais foi encontrada.

Quanto a sua alma, é de crer que os anjos a levassem ao céu, pois morreu logo depois de haver recebido as águas do batismo, certeza infalível da salvação daqueles a quem Deus concedeu tal graça, não pequena e nem comum, porém tão rara com o arrependimento do bom ladrão da Cruz, que tendo vivido sempre desregradamente até chegar aquele lugar, recebeu, contudo, está promessa de Jesus Cristo – *Hodie mecum eris in Paradiso*, “hoje estarás comigo no Paraíso”. Outro tanto podemos dizer desse infeliz e desgraçado índio, que nos deu tão bela ocasião de admirar e de adorar os juízos de Deus.

Karuatapyran, o algoz, com gestos e palavras, mostrava grande contentamento e alegria perante os franceses por haver recebido tal honra, que apreciava muito mais do que as que sua Nação cheia de abusos dá aos que publicamente matam os prisioneiros, sendo essas consideradas as maiores existentes entre eles, e um favor não pequeno aos mancebos quando escolhidos para tal fim, pois é uma espécie de acesso de grandeza, para ser um dia principal.

Por tudo isto o grande Karuatapyran exaltava-se deste seu feito e dele se servia para se fazer tímido, dizendo por todas as aldeias por onde andava o que tinha feito, asseverando ser irmão dos franceses, seu defensor e exterminador dos maus e dos rebeldes.

Tal fato, faz emergir indagações acerca da real consciência religiosa dos “selvagens” frente ao ato de aplicação da pena capital a um de seus iguais. Não há registros de aplicação de pena capital com morte por boca de canhão, em terras brasileiras. É importante salientar que “[...] depois do crime de solicitação, a sodomia foi o delito sexual mais denunciado nessa capitania, datando de 1672 a prisão do primeiro sodomita maranhense, já então sob inspiração da Inquisição Portuguesa” (MOTT, 1995, p. 38). Logo, uma vez que, o nativo tupinambá condenado a pena capital por crime de sodomia perfeita, tendo sido executado no ano de 1614, e o primeiro registro de prisão por sodomia na capitania do Maranhão ser datado do ano de 1672, insurge assim, um reforço na indagação de quem teria autorizado a aplicação da pena capital ao indígena tibirá, o que lança ainda mais desconfiança da natureza da condenação. Sob a óptica de Rampinelli (2013, p. 140) o processo de colonização e o consequente “[...] desenraizamento cultural impôs a decadência dos idiomas, o preconceito contra a tradição e a negação da história. [...] o etnocídio nos mostra a destruição sistemática dos modos de vida, de cosmovisão e de pensamento de pessoas distintas”.

Sob a égide do discurso religioso, a “[...] Inquisição teve um papel fundamental na criminalização dos sodomitas” (FREIRE, 2012, p. 90). A confissão por sua vez, tornar-se instrumento fundamental para a aquisição de provas e até para a própria condenação, uma vez que, era através das confissões de práticas tidas como ilegítimas, pecaminosas e condenáveis pelos estatutos e tribunais do Santo Ofício que os inquisidores acusavam e condenavam os desviantes na colônia (FREIRE, 2012; (HEINRICH; SPRENGER, [1484] 2017; FOUCAULT, 2020), ou seja, em um primeiro momento o falar torna-se a forma como a pessoa é cooptada pelos dispositivos de controle social.

O Terceiro caso envolvendo um jovem cativo e o capitão do exército Pedro Gomes, tendo ocorrido em Sergipe *del Rey*, em 1678. O episódio encontra-se registrado no 14º Caderno do Nefando da Inquisição de Lisboa: Frei Inácio da Purificação, carmelita da Bahia. O relato aponta que o cativo foi açoitado até a morte por seu senhor, em função da prática do pecado nefando com o capitão Pedro Gomes, segundo o que foi registrado nos documentos do período, o cativo não confessou o crime em um primeiro momento, mas sim, foi denunciado ao seu senhor, por ter recebido um presente do militar, e ao ser indagado sobre ele, narrou o ocorrido, o que levou o mesmo ao suplicio e morte. O que chama a atenção nos casos de punição do pecado de sodomia no Brasil é que as penas mais severas foram aplicadas em sujeitos que compunham grupos vulneráveis e de pouco poder social no âmbito do processo de colonização, a saber: uma mulher, um indígena e um cativo. Desse contexto, indagações como: Por qual motivo os brancos, nobres e clérigos envolvidos em outras tantas ocorrências do pecado de sodomia, não foram punidos com tamanha severidade? Inclusive tendo suas identidades não reveladas em muitos registros de forma a proteger tais sujeitos.

Vainfas (2013, p. 21) descreve ainda que,

O padre Manoel da Nóbrega chegou à Bahia em 1549, à frente de seis inacianos, inaugurando a presença jesuítica na colônia. Em 1553, não teve como esconder seu desalento com a conduta do clero colonial. “A evitar pecados esse clero não veio”, escreveu a outro padre. Queixou-se de que os padres viviam amancebados com as índias, chamadas por ele de “negras da terra”, alegando que eram suas escravas! Além disso, absolviam todo tipo de lubricidade, sem dar qualquer penitência. Era caso de “chorar”, escreveu Nóbrega.

Diante das constatações supracitadas e da narrativa de Manoel da Nóbrega em Vainfas (2013) se pode vislumbrar que a atuação da igreja contra indivíduos praticantes de modalidades alternativas de sexualidade não foi em função de códigos ou de leis da instituição a qual serviam, mas sim, atos políticos ou motivados por motivos outros que não o combate as práticas ditas pecaminosas.

Nesse interim, “[...] o que está em jogo não é um código de atos permitidos ou proibidos, é toda uma técnica para analisar e diagnosticar o pensamento, suas origens, suas qualidades, seus perigos, seus poderes de sedução, e todas as forças obscuras que podem se ocultar sob o aspecto que ele apresenta” (FOUCAULT, 1985, p. 37). Nascimento (2015, p. 24-25) em diálogo com Foucault (2000), afirma que, “[...] a ciência e os discursos médicos dos séculos XVII-XIX difundiram normas de regulamentação das práticas sexuais. E, segundo Foucault, criou-se, nesse momento, um aparelho que, ao multiplicar os discursos sobre o sexo, a sexualidade e suas práticas, visava produzir discursos sobre o sujeito”.

Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constitui-la [A sexualidade] como objeto de análise médica, ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e controles novos [...] antes eles eram percebidos como libertinos e às vezes como delinquentes (daí as condenações que podiam ser bastante severas – às vezes o fogo, ainda no século XVIII – mas que eram inevitavelmente raras). A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com loucos, como doentes do instinto sexual. (FOUCAULT, 2000, p. 233).

Freire (2012) e Foucault (2020) lançam luz sobre uma das zonas de sombras da narrativa histórica tornando possível observar a ligação entre os saberes teológicos e os saberes jurídicos que possibilitaram a perpetuação do estigma sobre a categoria sodomita. “No contexto da Contrarreforma, adotado por Portugal, o casamento – e a instituição familiar⁹⁸ - foi sacralizado, o que fez com que as normas que regulavam os costumes sexuais se recrudescessem para sua proteção” (FREIRE, 2012, p. 90). Assim, sodomitas passam a compor uma “classificação estigmatizada” sendo considerados seres inferiores e indignos. Goffman (1988, p. 15) aponta que “[...] alguém com um estigma não seja completamente humano”. Esse entendimento vigora com o discurso religioso de forma contundente até meados do século XIX, quando começa a perder espaço para o discurso jurídico e para o discurso médico-psicológico. Foucault (2020a), Felberg (2015, p. 15) descreve que

O termo “homossexual” foi criado em 1869 (século XIX) pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karoly Maria Kertbeny na Alemanha. Kertbeny, que também era ativista dos direitos humanos, criou o termo “homossexual” como parte de seu sistema de classificação de tipos sexuais, em substituição ao pejorativo pederasta, em voga na Alemanha e na França de sua época. Contudo, em 1870, um texto de Westphal intitulado “As sanções sexuais contrárias” definiram a homossexualidade, em termo psiquiátricos, como um suposto desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino, em suma, uma espécie de loucura. A partir de então, no ramo da sexologia, a homossexualidade foi descrita como uma das formas emblemáticas de degeneração, podendo vir a destruir os pilares da sociedade.

Segundo Cunha (2019, p. 26) “[...] o homossexual se viu definido pelo seu desejo por outro homem, desejo que o esvaziaria de sua masculinidade e o colocaria em confronto com sua própria natureza”. Esse entendimento pode apontar a gênese de diversas construções modernas sobras as homossexualidades que alocam em primeiro plano a prática, o desejo e o afeto do sujeito homossexual em detrimento de sua condição ou mesmo de sua humanidade.

Assim, a figura do homossexual marcou historicamente para o homem algo fundamental a qualquer identidade: seu campo de exclusão, o limite para toda e qualquer identificação possível. Ou seja, para corresponder a essa imagem natural do homem, era preciso escapar a qualquer traço, ao menor vestígio

⁹⁸ “Esse modelo familiar jamais impediu a existência de relações extraconjugais, especialmente dos homens, que tinham amantes, saíam com prostitutas ou, em segredo ainda maior, com outros homens” (MISKOLCI, 2014, p.63).

dessa outra figura, pertencente não ao mundo na natureza, mas percebida como sua adulteração, sua perversão. (CUNHA, 2019, p. 26)

Ressalta-se que, no mundo sob influência eurocêntrica “[...] a maior parte da legislação utilizada para determinar a prisão de homossexuais e prostitutas surgiu com as campanhas vitorianas contra a escravidão branca” (RUBIN, 2017, p. 65). Compreende-se ainda que, discursos jurídicos sofreram influência dos discursos religiosos, comungando inclusive de penas impostas aos condenados, fazendo com que, o discurso religioso transpusesse as fronteiras da religião para o jurídico secular.

As ordenações Filipinas⁹⁹ permaneceram independentemente adaptadas a Constituição do Império, em 1823. No Código Penal (CP), contido no livro V, capítulo VIII, segundo Pierangelli (1980) e Trevisan (2018) tratava das pessoas “[...] que cometem pecado de sodomia e com alimárias [animais]” (TREVISAN, 2018, p. 161). No CP se determinava que

[...] toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo em pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos os seus bens sejam confiscados para a Coroa de nosso Reino, posto que tenha descendentes; pelo mesmo caso seus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de Lesa Majestade. (PIERANGELLI, 1980, p. 26).

Trevisan (2018) assinala que a partir do Código Imperial se podem observar ecos discursivos, adaptações e releituras do discurso religioso. Os “crimes por ofensas à moral e aos bons costumes”, uma tipologia ampla e pouco trabalhada de forma a enquadrar diversas práticas incluindo as homossexualidades. Ressalta-se que, o termo “homossexualidade” foi utilizado em 1869, por Karl Maria Kertbeny (1824 - 1882), em sua argumentação contra o parágrafo 143 do Código Penal Prussiano de 14 de abril de 1851 que criminalizava a homossexualidade (FOUCAULT, 2020a; TREVISAN, 2018). No entanto, Miskolci (2014, p. 61) ao utilizar-se das linhas de Brickell (2006) destaca que “[...] em sua esmagadora maioria, as pessoas não entravam em contato com o vocabulário médico-legal e viviam suas vidas à margem das classificações científicas emergentes”.

No Código Penal Republicano (CPR) (1890), “[...] a figura jurídica da ofensa à moral” (TREVISAN, 2018, p. 164) é adaptada e modernizada sendo então nomeada por “crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias” ou “ultraje público ao pudor” (PIERANGELLI, 1980, p. 301). O travestismo insurge no CPR como contravenção: “[...]”

⁹⁹ Segundo Trevisan (2018, p. 161) “[...] solicitadas por Felipe I, mas só publicadas em 1603, no reinado seguinte, tomando por base as Ordenações Afonsinas, com reformulações e atualizações secundárias”. Segundo Barbosa; Medeiros (2018, p. 274) “O livro V das Ordenações Filipinas promulgado pelo então rei de Portugal Felipe I em 1603 permaneceu vigente até 1830”.

determinava-se a punição de quinze a sessenta dias de prisão para quem tomasse ‘trajos impróprios de seu sexo’ e os trouxesse ‘[...] publicamente para enganar’” (TREVISAN, 2018, 164; PIERANGELLI, 1980, p. 314).

Em sua reformulação o Código Penal (1932) foi acrescido de um capítulo denominado de “ultraje ao pudor” sendo esse mantido no próximo Código Penal (1940) ainda em vigência. Durante a ditadura civil-militar criaram-se mecanismos de coerção e punição aos atos tidos como subversivos e de atentado contra a moral e aos bons costumes.

Sob as linhas de Preciado (2009) acerca do tratamento destinado a aqueles que desviam da norma vigente, “[...] a sociedade queima seus resíduos: a sociedade medieval mandou homossexuais para a fogueira. A sociedade moderna tem métodos de eliminação mais racionais”¹⁰⁰ (PRECIADO, 2009, p. 45). Em diálogo com o que Preciado (2009), Miskolci (2014, p. 62) afirma que, “[...] um regime de visibilidade¹⁰¹ traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana”. Dessa forma, entende-se que, embora o conceito aplicado socialmente de desviante, perverso, *nefandun*, abjeto, invertido e sodomita tenha se deslocado histórica e culturalmente no Brasil, compondo a tríade pecado-crime-doença, ainda assim, se pode observar que as homossexualidades têm ocupado local de destaque dentre tais conceituações no decorrer da História e da evolução do conhecimento científico, para além, dos “[...] discursos institucionais religiosos, jurídicos e médicos” como pontuam Albertini, Costa, e Miranda (2019, p. 2) alinhando-se ao pensamento de (SZASZ, 1997).

Sob esse aspecto,

Sobre o sexo, os discursos – discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto – não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contrafeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele

¹⁰⁰ Citação original: “*La sociedad quema sus residuos: la sociedad medieval mandaba a los homosexuales a la hoguera. La sociedad moderna tiene métodos de eliminación más racionales*” (PRECIADO, 2009, p. 45).

¹⁰¹ “Na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio da vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição ou invisibilidade” (MISKOLCI, 2014, p. 62).

próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (FOUCAULT, 2020a, p.20).

Não obstante, “[...] no decorrer do século XIX, a larga experiência com a loucura proporcionara à psiquiatria suficiente *know-how* para enquadrar os desvios à norma não mais como crimes e sim como doenças” (TREVISAN, 2018, p. 172). Em diálogo com tal entendimento Foucault (2020a) discorre que

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada - o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as "sensações sexuais contrárias" pode servir de data natalícia - menos como um tipo de relações sexuais do que como certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgênia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 2020a, p. 48)

O entendimento das práticas homossexuais que para leigos podem ser considerados a mesma coisa, apenas nomeadas de forma diferenciadas, na realidade não são, “[...] o homossexual não poderia mais ser comparado ao sodomita, pois, este era um pecador/criminoso e aquele um doente mental/anormal, incapaz de controlar seus impulsos” (FREIRE, 2012, p. 90). “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 2020a, p. 47-48). “O sujeito/indivíduo ganha notoriedade a partir de sua sexualidade” (MOREIRA, 2012, p. 264).

No entanto, no Brasil

Em 1906 em seu livro intitulado “homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro”, o Dr. Pires de Almeida fazia a seguinte observação: excluída de objeto de estudo até a presente data, a pederastia no Brasil tem atravessado os quatro séculos de nossa história, não obstante carecer ela de observação e de pesquisa¹⁰². (MOTT, 1988b, p. 19).

A produção de conhecimento exíguo no Brasil acerca das homossexualidades não impediu que o país adotasse conhecimentos que vociferavam em diversas esferas médicas na Europa. Assim, em uma tentativa de compreender tal lacuna de pesquisas acerca das homossexualidades, Irajá (1931, p. 207) afirma que “[...] os médicos tinham vergonha de se ocupar com tal problema”. Segundo Moreira (2012, p. 262) “[...] à medida que o Estado foi se organizando e a Revolução Industrial se consolidando, as classes menos favorecidas iam sendo

¹⁰² ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Higiene Moral – Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1906. p. 76.

paulatinamente higienizadas por meio de campanhas de moralização e higiene coletiva”. Em diálogo com tal entendimento, Trevisan (2018) afirma

[...] Com livre trânsito nesse espaço outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou impondo sua autoridade em vários níveis. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferências desses especialistas cujos padrões higiênicos visavam melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria. [...] criavam-se rigorosos modelos de boa conduta moral, através da imposição de uma sexualidade higienizada dentro da família [...]. (TREVISAN, 2018, p. 168).

Assim, Nogueira, Pereira, Toitio (2020, p.73-74) afirmam que

O heterossexismo fundado na patologização da diversidade sexual e de gênero, em um momento de forte reação conservadora e moralista na Europa, espalhou-se para todo o mundo. No período moderno, a medicina foi um alibi utilizado para justificar as necessidades de controle da sexualidade. Associaram as doenças venéreas à imoralidade e a homossexualidade à perversão. A medicina atuou para criar uma visão “científica” da homossexualidade como uma doença, uma anormalidade, uma degeneração. Iniciou-se uma verdadeira “medicalização do sexo” com forte legitimação da visão moral-religiosa sobre a prática da homossexualidade.

Nesse interim, sob as linhas de Moreira (2012, p. 270-271) “[...] a materialidade do corpo determina o papel social que aquele indivíduo deve desempenhar. Do menino, espera-se que desenvolva hábitos e comportamentos masculinos e, da menina, hábitos e comportamentos femininos. Qualquer desvio desse padrão é logo entendido como patologia”, não existindo a necessidade de um grande distanciamento da norma, uma vez que, “[...] toda doença tem uma função normal correspondente da qual ela é apenas a expressão perturbada, exagerada, diminuída ou anulada” (CANGUILHEM, 2010, p. 35). Em suma,

A forma mais potente de controle da sexualidade não é, logo, a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem/mulher, heterossexual/homossexual etc.), e que serão finalmente reificadas e objetivadas como “identidades sexuais”. As técnicas disciplinadoras da sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-prazer. (PRECIADO, 2017, p. 156).

Deste modo,

Sendo uma patologia, a homossexualidade logicamente podia e devia ser curada mediante tratamentos adequados. Alguns indicam a necessidade de intervenção médico-psiquiátrica, mas sem dar detalhes de quais terapias seriam as aplicáveis nesse campo. Entre as terapêuticas propostas, todos coincidiam na necessidade de uma educação viril e responsável da infância e juventude, mas arriscavam também tratamentos hormonais, especialmente a escola de Ribeiro e Whitaker. Para Ribeiro, que punha ênfase nas alterações das secreções internas para explicar a homossexualidade, o conceito de

“psicologia sexual” consagrado por Krafft-Ebing devia ser substituído pelo da “Pathologia sexual” (FIGARI, 2007, p.250).

Logo, a heterossexualidade enquanto regime político gera privilégios a um grupo e cerceia os direitos e até mesmo nega a sanidade de outros, uma vez que uma elite não irá reconhecer a realidade de outro relegando-os a marginalia. Segundo Silva (2000, p. 83) “[...] fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças”. Frente a isso o autor adverte,

[...] a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, 2000, p. 83).

Logo, as sexualidades passam a ser percebidas a partir da emergência de identidades que ocupam papéis que ressaltam aspectos sexuais, sendo enquadrados dentro do desvio, fora da norma hegemônica da heterossexualidade. Assim, segundo Woodward (2005, p. 8) “As identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Saussure (1978) enfatiza que a língua (discurso) é exterior aos indivíduos, por isso, ela é um fato social. Assim, a visão da linguagem como fenômeno indissociável de seu contexto de produção sociocultural (NASCIMENTO; GUIMARÃES, 2017). Fernandes (2015, p. 21) aponta que “[...] depois de ter sido considerada pecado, vício e crime, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo (quase exclusivamente se tratando de homens) passou a ser concebida como patologia e essa definição da ciência foi amplamente utilizada por médicos brasileiros”.

Segundo Hocquenghem e Preciado (2009, p. 49) “[...] a psiquiatrização da homossexualidade não substituiu a repressão criminosa: ao contrário, a acompanhou. Prender homossexuais bastava numa época em que o sodomita era degenerado, no mesmo nível do tolo ou do louco¹⁰³”. Diante disso, no ensejo da modernidade, sanatórios brasileiros passaram a encarcerar minorias e indesejados, de homossexuais a mulheres cultas (PEREIRA, 2016; SILVA, 2016; BARBOSA, 2019; NASCIMENTO; LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2020) de forma a melhor servir as elites do país, uma vez que, para ser internado em uma instituição

¹⁰³ Citação original: “*La psiquiatricación de la homosexualidad no ha sustituido la represión penal: más bien la ha acompañado. Encarcelar a los homosexuales bastaba en una época en la que el sodomita era un degenerado, al mismo nivel que el tonto o el loco*” (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p.40).

dessa natureza não se precisava especificamente de um diagnóstico de doença mental, ser “indesejado” para as elites econômicas já qualificavam o sujeito a internação. Segundo Arbex (2013, p. 23) ao investigar o Hospital Colônia de Barbacena¹⁰⁴, tido como o maior hospital psiquiátrico do Brasil no período, que fora fundado em 1903 na cidade de Barbacena – MG,

[...] cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.

Matos (2002, p. 392) discorre que

O conjunto dos discursos produzidos pela medicina paulista apresentou um caráter repetitivo de certas informações, ideias e argumentos. Focalizando a família e, dentro dela, as mulheres e os homens, sua preocupação era de vigilância e controle. Assim certos componentes básicos aparecem reiteradamente nesse discurso: a separação das esferas de participação dos homens e das mulheres, a idealização da mulher-mãe e do homem-trabalhador-provedor e a moral sexual fundada no casamento monogâmico¹⁰⁵.

Assim, “[...] embora o código penal não considerasse a homossexualidade um crime, os homossexuais frequentemente seriam considerados seres doentios e criminosos, capazes dos crimes mais hediondos, e das ações mais loucas, movidos por sua paixão invertida” (TORRÃO FILHO, 2000, p. 253). Dessa forma, com penas que variavam de pena capital (CP 1823), confisco de bens (CP 1823), reclusão de um a seis meses de prisão (CP 1890), reclusão de seis meses a dois anos (CP 1932), detenção de três meses a um ano ou pagamento de três a dez dias-multa (CP 1969) entre outras, ou ainda, a possibilidade de recolhimento em instituição psiquiátrica.

Barbosa (2019, p.31) ao analisar o fundo do Sanatório Pinel¹⁰⁶ informa que “[...] o sanatório, durante sua administração privada (até 1944), registrou a passagem de mais de 4500 pacientes”, sendo o fundo composto por

[...] um total de 4.673 registros existentes no Fundo, 36% referem-se a mulheres; 94% a brancos, 2% a amarelos e 2% a ‘pardos, morenos ou negros’;

¹⁰⁴ O estudo de Arbex deu origem a um documentário intitulado “Holocausto Brasileiro” no ano de 2016.

¹⁰⁵ “[...] no caso brasileiro, a permissividade predominou e ainda faz parte do senso comum pressupor que homens tentem a trair/podem trair e, no que toca às relações com outros homens, Peter Fry (1982) mostrou que ‘masculinos ativos’, em diversas partes do Brasil, tinham suas relações relativamente toleradas, sem ameaça ao reconhecimento de sua normalidade/heterossexualidade” (MISKOLCI, 2014, p. 63).

¹⁰⁶ “o Sanatório Pinel de Pirituba – SP, foi inaugurado em 1929, pela família de Antonio Carlos Pacheco e Silva, era uma instituição privada e voltada para classes mais abastardas da sociedade contribuindo de forma decisiva para os discursos de patologização em torno das homossexualidades, no Brasil e seu arquivo traz vasta comprovação das práticas e registros das mesmas”(Nascimento; Lima; Martínez-Ávila, 2020, p. 13-14).

54% a pessoas entre 30 e 40 anos; 6% a italianos, 2% a portugueses e 1,5% a japoneses. O campo de informação mais variado do prontuário é o da profissão que vai desde comerciantes, médicos, de estudantes até funcionários públicos. Note-se ainda, que 32% dos registros de profissão das mulheres é de doméstica e 22% é de profissão não informada.

Os prontuários médicos além das correspondências dos sujeitos (Ver anexo 1, 2 e 3) que sofreram internações em instituições psiquiátricas tais como o Sanatório Pinel de Pirituba – São Paulo, foram analisadas em estudos como Silva (2016) e Nascimento, Lima e Martínez-Ávila (2020) que identificaram no Fundo Sanatório Pinel que se encontra sob a guarda do Arquivo do Estado de São Paulo onze prontuários de sujeitos internados na instituição por conta de suas práticas sexuais desviantes (Homossexualidade).

Quadro 6 - Casos analisados em que os pacientes foram internados no sanatório Pinel por práticas homossexuais

Caso	Paciente	Data de entrada	Ordem
139	Reverendo Macário	12 setembro 1930	C09579
216	Adalberto de Oliveira	30 de janeiro de 1931	C09581
760	Sydney da Silva Freire	01 de agosto de 1933	C09595
1126	Napoleão Biscaldi	17 de janeiro de 1935	C09606
1812	Bernardino de Campos Araujo	10 de agosto de 1937	C09625.
1990	Armando Sales de Oliveira Filho	24 de março de 1938	C09630
2479	Octávio Barros de Oliveira	18 de novembro 1939	C09643
3074	Octávio Batista Silva	26 de janeiro de 1940	C09660
2584	Mário Barreto Xavier	11 de março de 1940	C09646
3571	Renato Esteves de Almeida	Junho de 1943	C09674
3781	João Narciso Gonçalves	31 de janeiro de 1944	C09681

Fonte: Nascimento, Lima e Martínez-Ávila (2020).

Nesse interim, se pode observar que as homossexualidades compreendidas em tempos hodiernos, diferenciam-se das homossexualidades historicamente registradas que influenciaram de forma contundente o conceito moderno cunhado no século XIX. Green (2019, p. 125) detalha que

Johann Ludwig Casper, um perito da medicina Forense, emprestara o termo 'pederastia' do grego clássico, para o qual significava 'amor-de-menino'. No entanto, já no fim do século XIX, a palavra confundia-se com o termo *paedictio*, do latim, que significa intercurso sexual anal, e era empregada para se referir a essa atividade sexual e não ao desejo sexual que os adultos sentem pelas crianças.

A nomeação das homossexualidades como elas passam a ser percebidas até a segunda metade do século XX, resultando em ecos discursivos em tempos hodiernos, insurge quando as questões religiosas passam a perder forças na sociedade, auferido espaço ao discurso médico científico que oxigenava o discurso que já apresentava sinais de desgaste, ressaltando que o dispositivo de controle social se transforma para melhor servir ao poder. Até o momento pecado, a partir da influência do discurso médico científico, um desvio, uma patologia passível

de tratamento e ao mesmo tempo para o discurso jurídico, um crime, apesar de não estar preconizado na lei no Brasil em diversos momentos foram utilizados entendimentos alargados acerca da interpretação de leis para a punição de sujeitos praticantes de modalidades alternativas de sexualidade, principalmente no século XX.

4 Onde colocar o desejo? Classificações existentes no domínio das dissidências sexuais e de gênero no Brasil

Imergir no domínio das classificações, nomeações e representações é imergir em um cenário marcado por relações de poder, processos de estereotipagem e principalmente de silenciamentos. Uma vez que, ao se tornar um discurso oficial, todos os outros tornam-se marginais, soterrados ou sem importância dada a posição que ocupa na hierarquia estabelecida pelos proselitismos sociais.

Na última década do século XX e primeira década do século XXI, segundo Araújo (2018, p. 58) eclodem diversos estudos sobre “[...] aspectos diversos nos processos de representação e recuperação como, por exemplo, aspectos éticos e as questões de gênero”. Produções como (OLSON, 2001; LÓPEZ-HUERTAS; RAMÍREZ, 2005; PINHO, 2009) marcam a emergência do viés de gênero enquanto um domínio de atuação da Ciência da Informação. Não obstante, Dahlberg (1992) já apontava para a necessidade de um aprofundamento nos estudos acerca e sob o viés da ética no tratamento da informação. Ressalta-se que, os estudos das primeiras décadas sobre o domínio do gênero atuam de forma muito generalista, sob o objeto gênero, e mesmo nos estudos mais contemporâneos a visão do gênero sob a óptica biologizante ainda é aguda na área de Ciência da Informação.

Os estudos de Olson (1997; 2007), Campbell (2000), Silva e Lara (2004), Pinho (2010), apresentam-se de forma diferenciada frente ao que vinha sendo construído no âmbito da Ciência da Informação, construindo estudos não generalistas, apresentando um aprofundamento temático que possibilita um entendimento crítico acerca do domínio de gênero e seus desdobramentos. Lima e Santos (2019, p. 50) afirmam que “[...] a politização do gênero é uma inovação, pois traz para a cena do debate as pautas de ordenamento das vidas humanas”.

Logo, os arranjos de gênero são, ao mesmo tempo, fontes de prazer, reconhecimento e identidade, mas fontes de injustiça e dano. Isso significa que o gênero é inerentemente político – mas também significa que essa política pode ser complicada e difícil. Na ordem de gênero, a desigualdade e opressão têm levado repetidamente a demandas por reformas. Movimentos que buscam essa mudança incluem campanhas pelo voto feminino, pela presença das mulheres em movimentos anticoloniais e na representação de governos independentes. Há campanhas por salários iguais, pelo direito das mulheres à

propriedade de terras e bens, por reformas da legislação que regula os direitos e práticas homossexuais, pelo sindicalismo feminino, por oportunidades iguais de emprego, por direitos reprodutivos, por direitos humanos para homens e mulheres transexuais e pessoas transgênero, contra a discriminação na educação, contra a discriminação na educação, contra o machismo na mídia de massas, contra estupros e violência doméstica”. (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 43).

Pinho, Melo e Oliveira (2019, p. 38), ao evocarem o discurso de Louro (2008, p.21) de forma a alicerçarem seu estudo acerca dos assuntos de gênero e sexualidade nas representações temáticas nos sistemas *Sophia* e *Pergamum*, vislumbram que “[...] no terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual)”. Em consonância com Louro (2008), Pinho (2010, p. 31) ao inserir o debate na Ciência da Informação, já identificava os subgrupos “[...] lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros, bissexuais, *drag queens*, *crossdressers*, intersexo, assexual e simpatizantes”, “[...] evidenciando, mais uma vez, a pluralidade existente na temática e a necessidade de representá-la com mais especificidade” (PINHO; MELO; OLIVEIRA, 2019, p. 40).

Em diálogo com o que foi supracitado, Preti (1983, p. 153) afirma que “[...] os estereótipos têm sido objeto de estudo de diversas áreas, como a Sociologia, a Psicologia da Comunicação, a Semiologia, a Linguística e outras”. No estudo de tese aqui apresentado, questões acerca dos estereótipos aproximam-se dos estudos históricos e no âmbito da Ciência da Informação. Nesse interim, Preti (1983, p. 153) discorre que “[...] o processo de estereotipia surge, numa sociedade, provavelmente, do conflito entre o fenômeno da ‘mente coletiva’ e da ‘mente individual’, na medida em que esta é sufocada por aquela, tendo em vista os interesses do grupo”. Tal pensamento fora norteador pelo entendimento de “consciência coletiva” proposto por Durkheim (1972, p. 90-91) que compreende que

[...] a sociedade não é simples soma de indivíduos, e sim sistema formado pela sua associação, que representa uma realidade específica com seus caracteres próprios. Sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se consciências particulares não existirem; mas esta condição necessária não é suficiente. É preciso ainda que as consciências estejam associadas, combinadas, e combinadas de determinadas maneiras; é desta combinação que resulta a vida social e, por conseguinte, é esta combinação que a explica. Agregando-se, penetrando-se, fundindo-se, as almas individuais dão nascimento a um ser, psíquico se quisermos, mas que constitui individualidade psíquica de novo gênero. É, pois, na natureza desta individualidade, e não nas unidades componentes, que é preciso buscar as causas próximas e determinantes dos fatos que nela se produzem. O grupo pensa, sente, age diferentemente da maneira de pensar, sentir e agir de seus membros, quando isolados. Partindo,

pois, desses últimos, não poderíamos compreender nada do que se passa no grupo.

Preti (1983, p. 154) em consonância com o pensamento de Durkheim (1972) afirma que, “[...] trata-se, sem dúvida, de uma forma que a própria sociedade encontrou de simplificar a visão da realidade, distribuindo pessoas, coisas e fatos em escaninhos determinados e previamente rotulados”. Bhabha (1998, p. 110) em uma tentativa de conceituar o estereótipo afirma que “[...] o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo”, apontando ainda que, “[...] o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade (BHABHA, 1998, p.117). Para Bosi (1992, p. 113) “[...] no processo da estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência”, Baccega (1998, p. 8) dá continuidade ao discurso ao citar Bosi (1977, p. 98) afirmando que, “[...] quando procuramos conhecer a realidade, ocorre ‘um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura. O processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental’”. Bosi (1977, p. 99) ressalta que “[...] o repouso do estereótipo, nas explicações dadas pelo poder, conduz a uma capitulação da percepção e a um estreitamento do campo mental”. Bosi (1992, p.113) alerta que “o estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico”.

Albuquerque Jr (2010, p.30) acerca do “discurso da estereotipia” é incisivo ao afirmar que,

[...] é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

Para Lippman (1970, p. 156)

As mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las. E a menos que a educação nos tenha tornado agudamente conscientes, essas preconcepções governam profundamente todo o processo da percepção.

Lippmann (1970, p. 151), discorre ainda que, ao nos aproximamos da realidade, “[...] não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos”. “Aí está o estereótipo: são ‘os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas’. Eles

interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a ‘ver’ de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem” (BACCEGA, 1998, p. 8).

Segundo Preti (1983, p. 159) “[...] podemos entender os estereótipos, portanto, como atitudes ligadas a um mecanismo de defesa da sociedade, em particular no que se refere à ideologia sexual”. Nesse interim, “desde que certas práticas se tornem convenientes para a comunidade, passam a ser esperadas [...], e os estereótipos prolongam essa expectativa através das gerações. Quaisquer outras oferecidas em seu lugar provocam reações na ‘mente coletiva’” (PRETI, 1983, p. 159). Silva (2000, p. 76) aponta ainda que

[...] identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas O processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida aqui, como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação.

Diante disso, Candau (2003) afirma que “[...] os preconceitos são realidades historicamente construídas e dinâmicas; são reinventados e reinstalados no imaginário social continuamente” (CANDAU, 2003, p. 17). Rios (2007) discorre que os preconceitos são “[...] percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções” (RIOS, 2007, p. 27-28). Assim, Denizart (1997, p. 9) ao desenvolver sua etnografia urbana acerca das subjetividades travesti no Rio de Janeiro – RJ, afirma: “Um jovem gay chegando do Nordeste é execrado por ser pobre, homossexual e do interior”. A afirmação de Denizart (1997) denuncia a tessitura social, a relação simbiótica estabelecida entre o preconceito por origem geográfica¹⁰⁷ (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), o preconceito por orientação sexual e o preconceito econômico ou de classes sociais que vigoram na sociedade. Diante disso, “[...] compreender como se dão estes processos é condição imprescindível para desvelá-los e combatê-los, na perspectiva da construção de uma cultura dos direitos humanos.” (CANDAU, 2003, p.18).

Sob as linhas da obra de Foucault (2010a, p.30) “[...] o poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Dessa forma, já conhecido na análise do discurso que há interpelações do indivíduo em sujeito a ideologia. É assim que se considera que

¹⁰⁷ Para uma compreensão mais aprofundada acerca dos preconceitos geográficos referentes ao Brasil ver o capítulo "A formação do Estado Nacional brasileiro e os preconceitos por origem geográfica" ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

o indivíduo se constitui em sujeito por ser afetado pelo símbolo. Daí seu assujeitamento, ou seja, para que o sujeito seja sujeito é necessário que ele seja submetido língua. E é por estar subordinado a língua, ao símbolo, que ele, por outro lado, pode ser sujeito de, pertencente a, pois na sociedade aqueles que se colocam como contrários ou desviantes da norma não tem lugar ou papel definido, pois o espaço desse outro (LGBTQIA+, anão, deficiente, prostituta(o), sujeitos em conflito com a lei, entre outros) é o do não lugar, o esquecimento, a existência condicionada sob a égide da violência marcada não apenas no discurso mas sim sob todas formas de exclusão social, ou seja, o sujeito abjeto. Logo, pode-se compreender que o processo de exclusão ao qual os sujeitos praticantes de modalidades alternativas de sexualidades, que tem por natureza o desvio da norma vigente (a heterossexualidade compulsória) (RICH, 1993; ANJOS, 2000; BUTLER, 2002, 2003) instituíram um movimento das “margens” para o “centro” que busca resistir ao que fora imposto pelo proselitismo social norteado em direção a binaridade de gênero e da heterossexualidade. Cabe ressaltar que, essa binaridade tem sua gênese na noção de gênero entendida como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (SCOTT, 1995).

Logo, o processo de resistência desencadeado como forma de ação contra a norma vigente, pode ser visualizado por meio da criação de um complexo vocabulário que segundo define Dubois et al. (1993, p. 184), é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, sendo usado em um ambiente mais restrito que a própria língua. Ressalta-se o largo emprego de metáforas e eufemismos em tal vocabulário onde a presença do gênero feminino configura-se como padrão de tratamento além de forte influência midiática dos artefatos culturais de natureza audiovisual sob a forma de produções cinematográficas e das novelas. Com isso, se pode compreender que o vocabulário LGBTQIA+ constitui-se em uma língua de especialidade e apresenta-se rico em figuras de linguagem que assumem uma múltipla dimensão na medida em que se prestam, por um lado, a restringir a compreensão desse vocabulário aos falantes daquele domínio e, por outro, a revelar toda a riqueza de imagens que povoa o universo LGBTQIA+ (PINHO; GUIMARÃES, 2012).

Segundo Bourdieu (2012) como se trata de construir e representar uma categoria social dominada, quer dizer, constituída sobre termos negativos, deve-se levar em consideração que sua representação envolve o rompimento com as categorias de percepção que fundamentam a inferioridade. Esse rompimento permitiria que experiências vividas de forma tácita ou dissimulada ganhassem visibilidade a partir de sua enunciação pública e que se construam em

signos de pertencimento a um grupo social, a uma identidade. Bourdieu (2012, p. 148) ainda discorre que

[...] o objetivo de todo movimento de subversão simbólica é operar um trabalho de destruição e de construção simbólicas visando a impor novas categorias de percepção e de avaliação, de modo a construir um grupo, ou, mais radicalmente, a destruir o princípio mesmo de divisão segundo o qual são produzidos não só o grupo estigmatizante, como também o grupo estigmatizado.

Compreende-se assim que, a questão da construção dos estereótipos, ao imergir nos processos que resultam na abjetificação dos corpos, sujeitos e estratos sociais histórica e culturalmente marginalizados tem-se a construção dos mesmos, que atuam enquanto um fenômeno não natural, componente comum nos mais diversos mecanismos de controle social, construídos sob a égide de discursos hegemônicos que objetivavam a implementação e manutenção do poder, interferindo diretamente nos marcadores sociais da diferença alargando a mesma entrelaçando-se de forma profunda nas tessituras oriundas das relações sociais.

Ao se pensar em uma teoria acerca dos dispositivos de controle social, comumente se compreende os mesmos enquanto algo externo ao sujeito, que atua enquanto forças que modelam, adestram e docilizam os corpos (FOUCAULT, 1987a). No entanto, tal entendimento margeia o engano, uma vez que parte do dispositivo é de natureza subjetiva, logo interna, ou seja, “[...] a produção pedagógica do sujeito por si mesmo se dá tanto na objetivação dos sujeitos, como na subjetivação” (MARCELLO, 2004, p. 207), uma vez que, “[...] os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes” (LARROSA, 1995, p. 55), sobre tudo, “[...] não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora”, mas, ao contrário, “[...] em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir” (LARROSA, 1995, p. 55). Logo, “[...] aprender a ver-se, a dizer-se, ou a julgar-se é aprender a fabricar o próprio duplo¹⁰⁸” (LARROSA, 1995, p. 80). Assim, o dispositivo de controle social se constitui e é internalizado pelo sujeito, instaurando o que aqui se compreende como a natureza de dupla chave, onde, “[...] um poder que se exerce sobre si mesmo dentro do poder que se exerce sobre os outros” (DELEUZE, 1991, p. 107).

¹⁰⁸ Na pesquisa aqui apresentado o termo “Duplo” é entendido sob a óptica deleuziana, como “[...] a interiorização do lado de fora” (DELEUZE, 1991, p. 105). O autor utiliza-se das expressões “fora” e “dentro”, bem como sua mútua articulação, para referir-se, respectivamente, aos domínios do saber e da subjetividade em Foucault. Nesse sentido, “[...] o lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada, de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem o lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora” (DELEUZE, 1991, p. 104).

Gomes-da-Silva (2017) ao fazer uso das linhas de Bento (2015, p. 14) indaga-se “Se o gênero não é da ordem natural, como defini-lo? Existe identidade de gênero?” e propõe “Podemos pensar estas questões em dois momentos: 1) a dimensão invisível: a subjetividade e 2) a visível: a forma de apresentar-se ao mundo como membro de um determinado gênero” (Bento, 2015, p. 14). Teresa de Lauretis (1994) é taxativa ao afirmar que o gênero é imposto e sua construção “[...] é o produto e o processo tanto da representação quanto da autorrepresentação” (LAURETIS, 1994, p. 43).

Dessa forma, a narrativa heteronormativa que rege a sociedade em tempos hodiernos tenta criar corpos sexuados e neles inserir a “natural binaridade” (masculino e feminino), onde ancora-se a gênese de uma realidade baseada na negação, consolidando estereótipos de voz acrítica e superficial, tornando os corpos “[...] assujeitados às definições sociais dos papéis de gênero” e os sujeitos, em “escravos do corpo” (VALE, 2005, p. 28). No entanto, a sexualidade é o comportamento humano menos natural, pois sendo os caminhos da sexualidade constituintes de formas de expressão, de prazer, de visibilidade e de relação social, estão recobertos de símbolos, rituais e valores que estruturam e dão coesão às práticas e instituições sociais (PRADO; MACHADO, 2008).

Dessa forma, Carvalho Neto (2010, p. 8) afirma que

Pois suas preferências, predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, ao longo da sua existência. Afasta-se da noção simplista de mera reprodução animal associada ao coito, se prendendo apenas ao nível físico do homem, para se apresentar no plano psicológico do indivíduo. Por isso, além de fatores biológicos, a sexualidade é fortemente construída pelo ambiente sociocultural e religioso em que este se insere. A energia sexual é a grande força motriz da vida humana e das incontáveis formas de sua manifestação.

Em consonância com tal discurso Flandrin (1988, p. 6) afirma de forma contundente que “[...] não existe o homem natural, no sentido de que todo comportamento humano tenha sido modelado por uma cultura”. Denizart (1997, p. 9) afirma que “[...] a sexualidade é ‘uma fantasia passageira’, a ser usufruída como bem a entendermos”.

As identidades, dobras e práticas sexuais compreendidas nas dissidências sexuais e de gênero apresentam uma gama de classificações que insurgem nas margens de forma a estratifica-las, uma vez que, as margens apresentam-se como um domínio multifacetado composto por estratos sociais alocados segundo suas orientações sexuais, suas identidades de gênero e suas práticas sexuais, para além, dos atravessamentos horizontais dos marcadores de raça, geração e classe social que compõe uma embrincada tessitura social. O princípio apontado por Peter Fry (1982), alicerçando-se nas linhas de Douglas (1966, p.100) e Turner (1969),

apontam para a gênese da compreensão acerca de tal fenômeno de exclusão e consequentemente de estratificação social das margens, ao afirmar que

[...] o que é definido como sendo marginal, não-forma e perigoso depende porém de um certo ponto de vista. Em qualquer sistema social dado, a estrutura dominante, o *establishment*, define certas áreas como marginais e atribui a elas a não-forma e o perigo. Por sua vez, essas áreas estruturam-se de maneira a criar novas fronteiras além das quais uma nova não-forma é definida. [...] Pessoas definidas como perigosas por um sistema classificatório, por sua vez, definem outros como perigosos e assim por diante. (FRY, 1982, p. 78).

Bento (2017, n.p) reitera que “[...] no contexto histórico brasileiro, podemos afirmar que sexualidade e gênero são categorias analíticas (e políticas) com o mesmo *status* que classe social e raça”.

Como expressa Gayle Rubin (2017, p. 64)

O domínio da sexualidade também tem uma política interna, desigualdade e modos de opressão próprios. Assim como acontece com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. Elas são permeadas por conflitos de interesse e manobras políticas, tanto deliberadas como incidentais. Nesse sentido o sexo é sempre político. Mas há também períodos históricos em que as discussões sobre a sexualidade são mais controvertidas e mais abertamente polarizadas. Nesses períodos, o domínio da vida erótica é com efeito renegociado.

Logo, compreender as margens como um domínio homogêneo composto pelas ditas minorias, minorias essas, que auferiram visibilidade no campo social por meio de conquistas frente a norma hegemônica, é um entendimento não verossimilhante que induz ao erro. Ressalta-se que, mesmo nas margens existem discursos silenciados, uma vez que ainda ecoam discursos proferidos pela norma que alcançam e são vivificados pelas margens para enquadramentos e hierarquizações nas mesmas.

Assim, as masculinidades construídas sob a égide do machismo, do patriarcado e baseando-se em uma relação binária ancorada na negação, onde a existência do eu só é possível por ser diferente e oposto ao outro, limitou, oprimiu e seccionou a sociedade brasileira, assentando-se em “[...] uma forte sistematização sexual hierárquica, conforme autoridade masculina no meio familiar, com o deslocamento para a esfera pública” (DE ARAÚJO, 2019). Ressalta-se que, Bento (2017, n.p) ao citar Butler (2015, p. 18) afirma que, “[...] uma vez que o ‘eu’ está, desde sempre, ‘implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração’ o construto social que originou e também vivifica as representações das sexualidades desviantes na tríade Pecado-Crime-Doença atua como um dispositivo de “dupla chave”, pois aquilo que aprisiona fazendo uso do dispositivo também é aprisionado pelo

mesmo, tendo sua existência limitada e condicionada. Criando assim o mecanismo que compõe o dispositivo de controle social. Ressalta-se que, sob as linhas de Collins (2015, p. 21)

A escravidão foi uma instituição profundamente patriarcal. Ela se apoiava no princípio dual da autoridade do homem branco e em sua propriedade, uma junção das esferas políticas e econômicas dentro da instituição familiar. A heterossexualidade era presumida e era esperado que todos os/as brancos/as se casassem. O controle sobre a sexualidade das mulheres brancas abastadas foi central para a escravidão, uma vez que as propriedades deveriam ser passadas aos herdeiros legítimos dos senhores de escravos. Assim, assegurar a virgindade e a castidade dessas mulheres brancas estava intimamente atrelado à manutenção das relações de propriedade.

Uma das questões centrais acerca da masculinidade em uma sociedade falocentrica se constitui sobre e em torno do falo. Segundo Romero; Stippi; Cavalieri; Caldeira; Modenez (2020, p. 71) “[...] o pênis foi considerado pelas diferentes culturas como símbolo de poder e virilidade”. Logo, sob essa lógica, quanto maior o falo (pênis) mais masculino é um homem, consequentemente mais homem seria esse sujeito. Master; Johnson (1984, p. 158) afirmam que

[...] é largamente aceito o conceito de que quanto maior é o pênis mais eficiente é o macho numa conexão coital. O tamanho do órgão sexual masculino, tanto no estado flácido quanto no erecto [sic] tem sido considerado por muitas culturas, como capaz de refletir a bravura sexual do indivíduo masculino.

Dessa forma, criou-se sobre o falo um tabu, instaurando sobre os sujeitos a necessidade de possuir um falo satisfatório para os padrões sociais e do desejo que se diferenciam segundo o período histórico e geografia em que a temática emerge e que em muito se distancia da realidade anatômica dos sujeitos. Assim, os homens *cis* dividem-se em dois grupos distintos, tomando por variável o comprimento e espessura do pênis que interferem diretamente em sua masculinidade em meio social, a saber: os *shower*¹⁰⁹ e os *grower*¹¹⁰.

O que parece algo simplório para aqueles que não vivenciam a masculinidade, é gênese de problemas, embaraço e sofrimento psíquico para muitos sujeitos que não se adequam ao que foi apregoadado pelos proselitismos estéticos em uma sociedade patriarcal. Tal afirmação pode ser compreendida ao se vislumbrar a quantidade de sujeitos (homens *cis*) que não se sentem à vontade em utilizar o mictório público sem divisórias ou mesmo o banheiro da academia ou ginásios expondo seu corpo durante o banho após o treino ou troca de roupa ao julgamento dos

¹⁰⁹ Pênis que mesmo estando em estado de flacidez apresenta um tamanho expressivo próximo ou não do tamanho e circunferência que aufere em ereção.

¹¹⁰ Pênis que em estado flácido apresenta um tamanho e ao ficar ereto ganha além de enrijecimento, tamanho e circunferência satisfatórios.

outros sujeitos que podem vir a estar no mesmo ambiente¹¹¹. Ressalta-se que, ao aproximar-se deste espaço de socialização (Banheiro público) se pode vislumbrar o obvio, que de tão naturalizado tornou-se invisível, o espaço que teoricamente serve a uma função preestabelecida (escoadouro de despejos orgânicos¹¹²) não é um palco onde uma performance é executada, no entanto, não deixa de ser, mas pode ser compreendido como um espaço de exclusão ao ser atravessado por variáveis como orientação sexual, identidade de gênero e/ou marcadores da diferença como os padrões estéticos eleitos pelos proselitismos sociais balizados histórica e culturalmente para melhor servir aos grupos hegemônicos.

Enquanto na Grécia antiga o ideal de falo era representado pelas escalas de menor proporção, tendo os falos grandes associação com a feiura, a deformidade, a tolice e a própria luxúria. Nesse interim, ao atravessar a temática com uma variável de raça, se pode vislumbrar traços do que o processo de colonização sob o aspecto de seu fator sexual fez aos homens negros.

Em contrapartida, o “banheirão¹¹³” um dos termos (microestruturas) que emerge do discurso dos sujeitos observados, nomeia uma prática que aufere *status* de fantasia no domínio das homossexualidades, em específico nos estratos sociais compostos por homens com desejos homo-orientados (SILVA, 2007), entre outros como homens que fazem sexo com homens (HSH). O termo surge em função da impossibilidade de acesso a determinados espaços e/ou da falta¹¹⁴ deles, em função da repressão da sexualidade do sujeito homossexual no século XX (SOUZA, 2012).

Assim, tal prática torna o espaço físico do banheiro público um espaço de interação social com intuito sexual, ou seja, uma “microterritorialização”¹¹⁵ (COSTA, 2010). Acerca dos territórios, Silva (2007, p.61) assinala que “[...] territórios e identidades se confundem pela

¹¹¹ O video pode auxiliar a compreender um pouco sobre a temática: BANHEIRO DE ACADEMIA: Timidez e outras questões. Youtube, 21 de abr. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qQFb5xiA_nQ. Acesso em: 25 de abril de 2021.

¹¹² Ver LAPORTE, Dominique. Histoire de la merde. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1978. e CORBIN, Alain. Le Miasme et la jonquille. Paris: Flammarion, 1982.

¹¹³ Ressalta-se que a prática de ato obsceno em lugar público é crime previsto no artigo 233 do Código Penal brasileiro.

¹¹⁴ Nesse cenário insurge as ditas “Hospedarias para cavalheiros” (Figuras 34, 35 e 36), espaços que inicialmente serviam de fato para hospedagem. No entanto, tais espaços foram ressignificados, assim como cinemas (cinemão), tornando-se um espaço de interação sexual para homens. Ver Hospedaria Só Para Cavalheiros Segredos e Pegação Gay. [S. l.: s. n.], Youtube, 31 de dez. de 2020. 1 vídeo (18 min 15 seg). Publicado pelo canal Julio Marinho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=asSfNdAtXbg>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

¹¹⁵ Segundo Costa (2010, p. 21) “[...] O território significa a ‘brecha’ por entre o espaço público normatizado, ou agregações informais, nas quais sujeitos negociam representações sobre si mesmos e estabelecem moldes culturais práticos para suas relações. Porém não é exatamente território, mas a micro- territorialização: ‘micro’, pelo muito pequeno espaço físico que ocorrem, ‘cão’ pelo caráter de construção, de efemeridade, de instabilidade de sua realização.” (COSTA, 2010, p. 21).

significação que os sujeitos imprimem nos corpos: formas, músculos, saltos, olhares, gestos, práticas eróticas anunciadas e insinuadas nessa marcação”.

Assim, ao debruçar-se historicamente sobre este espaço tomando por viés a segregação, se pode compreender que o espaço do banheiro público nada mais é, do que mais um espaço de incidência do poder, uma “tecnologia de gênero” (LAURETIS, 1984, 1994, 1989 e 2007) que sustenta, confirma e prescreve o comportamento que cada gênero deve ter, obedecendo a uma ordem binária (masculino – feminino). A própria arquitetura dos banheiros públicos serve de forma silenciosa a uma ideologia que objetiva a sedimentação do entendimento acerca de um gênero e fixação dele, ao decidir quem urina de pé e quem precisa utilizar uma cabine para tal atividade, quem socializa¹¹⁶ e quem precisa se trancar para tal, quem exhibe sua genitália e quem precisa velar¹¹⁷.

Ao atravessar este espaço com a variável identidade de gênero se pode vislumbrar toda a violência com que a sociedade pode tratar aqueles que “fogem” a norma, pois enquanto o homem *cis* pode escolher se exhibe seu órgão genital em um mictório dentro de um banheiro público, um homem *trans* não tem essa escolha, e pode não ter sequer acesso a um banheiro segundo a sua identidade de gênero. Ressalta-se que, o mesmo tratamento é destinado a mulheres *trans*, travestis e transexuais femininas.

Diante disso, se pode perceber a multiplicidade de interações e relações de poder estabelecidas sobre e em torno das sexualidades e de seus desdobramentos. Diante disso, compreender a natureza a objetificação dos sujeitos torna-se aspecto central na compreensão das interações socio eróticas estabelecidas nesse microterritório.

Ao ser alocado na condição de “reprodutor” pelos senhores no decorrer do período colonial, os homens negros auferiram no imaginário popular o estereótipo de que possuíam grandes falos, fator esse necessário para o desempenho de suas funções de “reprodutor”. Logo, criou-se uma mítica em torno do corpo do homem negro, tornando o mesmo objetificado e hipersexualizado¹¹⁸. Faustino (2019, p. 28) ressalte que “[...] em nossa sociedade, denuncia Fanon, quando se pensa ‘o homem’ ou ‘humano’, o negro não está incluído. O homem negro não é, portanto, humano... O homem negro não é um homem”.

¹¹⁶ Ver UM BANHEIRO PARA TRANS? [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (15 min 09 seg). Publicado pelo canal Tempero Drag. Disponível em: <https://youtu.be/t_5O4AbzBZk>. Acesso em: 25 abril de 2021.

¹¹⁷ Ver PRECIADO, Paul B. “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019.

¹¹⁸ Segundo Fanon (2008, p. 140) “Para se compreender psicanaliticamente a situação racial, concebida não globalmente, mas sentida por consciências particulares, é preciso dar uma grande importância aos fenômenos sexuais. Com respeito ao judeu, pensa-se no dinheiro e nos seus derivados. Com respeito ao negro, no sexo”.

Tal entendimento, cria em torno da figura do homem negro, abjetificado e objetificado, além de hipersexualizado o estereótipo de “dotado”, “viril” e “reprodutor”, fazendo com que movimentos de segregação racial em diversos momentos atuassem sobre os corpos negros mutilando os mesmos de forma a tentar atingir a masculinidade deles. Diante disso, Kilomba (2019, p. 139) pontua

Arquivos históricos revelam como até a década de 1950 homens negros linchados no sul dos Estados Unidos eram quase sempre submetidos a rituais de castração. O assassinato simultâneo do homem negro e a posseção do pênis do homem negro espelham a conexão entre desejo, inveja e destruição.

Sob influência da indústria pornográfica, tal estereótipo acerca do homem negro foi sedimentado e consolidado no imaginário popular. No entanto, ocorre uma nova alocação desses corpos, o reprodutor do período colonial esmaece, fazendo emergir outras características que potencializam a hipersexualização dos corpos negros, alocando os mesmos no campo das aberrações, do monstruoso e de práticas fetichistas.

Em tempos hodiernos, a “aberração” tornou-se o modelo desejado, atrelando ao imaginário de gays, bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, *Queers*, Pansexuais e outros grupos masculinos (GBTQP+) com enfoque principalmente nos homens gays o desejo por falos grandes. Ressalta-se que, a pornografia moderna é produzida para homens *cis* frequentemente heterossexuais, fator esse que silencia o desejo de mulheres sob as mais diversas orientações do sexuais e identidades de gênero que tem seus desejos negligenciados, negados e consequentemente apagados. Em contrapartida, outros estratos sociais se adaptaram a narrativa heterossexual inclusive do desejo, para dar vazio ao desejo não heterossexual, capilarizando proselitismos que influenciam de forma contundente direta e/ou indireta os padrões estéticos corporais que devem alcançar maior visibilidade, criando assim marcadores sociais da diferença e do desejo.

Nesse interim, compreende-se que “[...] não há pornografia sem vigilância e controle paralelos dos fluidos e afetos do corpo” (PRECIADO, 2018, p. 53), ou seja, sem o controle farmacopornografico estabelecido pelo capital ao assimilar os corpos enquanto força produtiva sob o viés da cooperação sexual, não existiria pornografia. Assim, corpos abjetificados (Ursos, negros, anões, homossexuais, lésbicas, entre outros) tem espaço na indústria pornográfica, desde que na condição de fetiche e práticas não convencionais. Com isso, a sexualidade que é socialmente representada e tem sua construção do desejo edificado orientando-se por meio de dispositivos de controle social que apresentam uma narrativa do desejo e do prazer unilateral.

Na segunda metade do século XX e principalmente no início do século XXI, com o advento de serviços de entretenimento adulto, aplicativos de interação afetivo sexual, sites especializados no público gay, a sedimentação de tal entendimento acerca do tamanho do pênis e a própria representação do pênis começa a se dissipar, de forma lenta e progressiva tornando-se pauta no âmbito do domínio das sexualidades de forma menos toxica sob a óptica das construções sociais e interações.

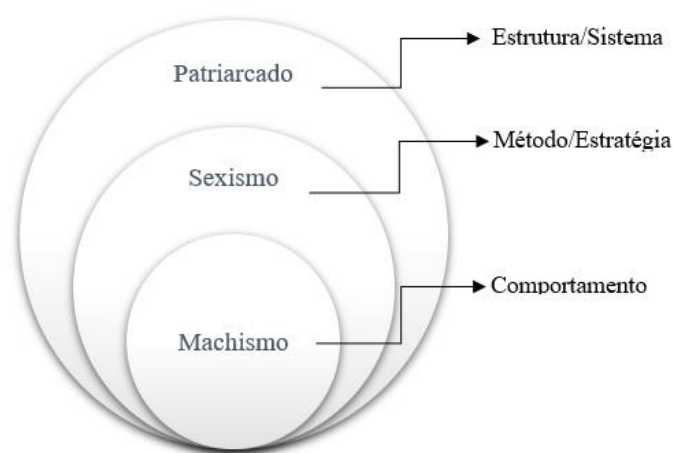
Tal desemaranhar das linhas constitutivas dos dispositivos de controle social e até da forma de interação no sistema patriarcal, revela que os dispositivos apresentam muitas vezes a mesma gênese. Assim, ao desemaranhar a tessitura que compõe um dispositivo, depara-se com uma complexa relação de poder, balizada pelos proselitismos sociais que interferem por meio de juízos de valor, desvios e percepções de contextos e significados como forma de manutenção do poder vigente. Ressalta-se que, o poder atua de forma capilar, em fluxo contínuo no contexto social.

Dessa forma, a inscrição das relações de poder insere-se em um primeiro momento sob o marcador social de gênero, neste momento, compreendido sob o viés da norma (binário e heterossexual). Para Nunes (2016, p. 22) ao citar Pateman (1993 [1988]),

[...] a estrutura patriarcal se sustenta por meio da fraternidade entre homens, que se encontram em uma relação de hierarquia entre eles, mas se tornam coletivamente opressores no sentido de que cada um deles é capaz de exercer poder sob ao menos uma mulher. Segundo outras teorias, esse poder, por sua vez, se dá por meio da estratégia sexista, ou seja, se desenvolve através de ideias e comportamentos generalizados que mantêm a posição de inferioridade, subordinação e exploração do sexo feminino (SAU, 2000). Quando essa estratégia sexista de dominação se manifesta concretamente, ou seja, quando comportamentos são realizados por parte do conjunto de opressores para o conjunto de oprimidas balizados por esse método, ocorrem as atitudes machistas.

Nunes (2016) representa as camadas e/ou hierarquias do sistema Patriarcal da seguinte forma:

Figura 9 - Sistema patriarcal segundo Nunes (2016)



Fonte: Nunes (2016) ancorando-se em Sau (2000) e Hartmann (1984 [1979]).

Tendo em vista tal entendimento, onde o patriarcalismo é

[...] compreendido como sistema, torna-se necessário que a solução para a ruptura do patriarcado seja teorizada justamente como o combate a uma estrutura. Atitudes que combatem o machismo, portanto, são necessárias [sic] mas não suficientes para atingir o total da estrutura patriarcal, visto que essas são apenas ferramentas de combate ao comportamento típico da camada opressora (NUNES, 2016, p. 21).

É importante salientar que, o que ocorre no final do século XIX e permanece se consolidando no decorrer do século XX até tempos hodiernos em um fluxo contínuo, é a atuação cada vez mais contundente do movimento feminista em resposta a construção do sistema patriarcal, ou seja, aquilo que foi esboçado em séculos anteriores mas que em função da constituição histórica, social e cultural da sociedade não pode auferir o devido espaço de equidade passa a labutar em pautas diferenciadas estratificadas.

Costa (2000, p. 9) discorre que

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família.

O que aparentemente parece algo simples e de pouca importância, instaura-se como marco de desconstrução no âmbito do sistema Patriarcal em que se insere a construção histórica do ocidente.

Julietta Kirkwood (1986) elabora o seguinte entendimento acerca do poder e de sua ação

[...] o poder não é, o poder se exerce. E se exerce em atos, em linguagem. Não é uma essência. Ninguém pode tomar o poder e guarda-lo em uma caixa forte. Conservar o poder não é mantê-lo escondido, nem preserva-lo de elementos estranhos, é exercê-lo continuamente, é transforma-lo em atos repetidos ou

simultâneos de fazer, e de fazer com que outros façam ou pensem. Tomar-se o poder é tomar-se a ideia e o ato¹¹⁹. (Kirkwood, 1986, p. 202-203).

Ao imergir nos estudos acerca do poder e de sua atuação na sociedade é comum utilizar-se das contribuições de Michel Foucault (1926 - 1984) e de Pierre Félix Bourdieu (1930 - 2002), as obras de ambos são contundentemente profícuas, em suas vertentes de análise a sobre os objetos analisados. Assim, ao elaborar o estudo de tese aqui apresentado, em função de sua proposta de instrumentalizar e dar subsídios aos profissionais da informação, por meio do entendimento acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero, para uma representação e uma classificação verossimilhante, ética e precisa acerca dos grupos que compõe tal recorte social, seria negligente não vislumbrar as contribuições de outros autores para além do referencial que norteia o estudo. Neste caso, em função da afinidade do autor com a produção de Michel Foucault, tornou seu uso e aplicação, o percurso mais obvio. Cabe ressaltar que, “[...]as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si” (DELEUZE, 1990. p.155).

No entanto, os diálogos possíveis entre as obras de Foucault e Bourdieu, no âmbito das relações sociais são reconhecidas e utilizadas por entendimento de que a construção do conhecimento se dá em meio ao diálogo. Nesse interim, as contribuições de Bourdieu, acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero são longamente trabalhadas no decorrer de sua obra, sob a forma de marcadores da diferença, no âmbito das relações sociais, dos aspectos culturais, econômicos e principalmente políticos. Louro (1997, p. 21-22) aponta que

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas [...], mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade e nas formas de representação.

Em consonância com tal entendimento, Parker (2000b) elabora

O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de

¹¹⁹ Citação original: “[...] *el poder no es, el poder se ejerce. Y se ejerce en actos. en verbo. No es una esencia. Nadie puede tomar el poder y guardarlo en una cajita fuerte. Conservar el poder no es tenerlo a cubierto, ni preservarlo de elementos extraños. es ejercerlo continuamente; es transformarlo en actos repetidos o simultáneos de hacer. y de hacer que otros hagan o piensen. Tomarse el poder es tomarse la acción, la idea y el acto*”. (KIRKWOOD, 1986, p. 202-203).

masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. (PARKER, 2000b, p. 96).

Louro (2000) dá continuidade ao que Parker (2000b) insere no diálogo ao colocar que “Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 9). Sob o entendimento de Bourdieu (2012) a relação construída de binaridade é vivificada rotineiramente de forma a reverberar e acentuar a relação baseando-se na negação do outro, onde o eu, só se constitui o que é, por não ser aquilo que o outro é.

A ‘intenção’ objetiva de negar a parte feminina do masculino [...], de abolir os laços e os vínculos com a mãe [...] manifesta-se, por exemplo, nos ritos [...] como o primeiro corte de cabelos do menino, e em todas as cerimônias que marcam a ultrapassagem do limiar do mundo masculino e terão seu coroamento na circuncisão.

O mesmo trabalho psicossomático que, aplicado aos meninos, visa a virilizá-los, despojando-os de tudo aquilo que poderia neles restar de feminino [...] assume, no caso das meninas, uma forma mais radical: a mulher estando constituída como uma entidade negativa, definida apenas por falta, suas virtudes mesmas só podem se afirmar em uma dupla negação, como vício negado ou superado, ou como mal menor. Todo o trabalho de socialização tende, por conseguinte, a impor-lhe limites, todos eles referentes ao corpo, definido para tal como sagrado, [...], e todos devendo ser inscritos nas disposições corporais. É assim que a jovem cabila interiorizava os princípios fundamentais da arte de viver feminina, da boa conduta, inseparavelmente corporal e moral, aprendendo a vestir e usar as diferentes vestimentas que correspondem a seus diferentes estados sucessivos, menina, virgem núbil, esposa, mãe de família, e, adquirindo insensivelmente, tanto por mimetismo inconsciente quanto por obediência expressa, a maneira correta de amarrar sua cintura ou seus cabelos, de mover ou manter imóvel tal ou qual parte de seu corpo ao caminhar, de mostrar o rosto e de dirigir o olhar.

Essa aprendizagem é ainda mais eficaz por se manter, no essencial, tácita – a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética. Assim como a moral da honra masculina pode ser resumida em uma palavra, cem vezes repetida pelos informantes, qabel, enfrentar, olhar de frente e com a postura ereta [...] do mesmo modo a submissão feminina parece encontrar sua tradição natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, de se submeter [...] nas posturas curvas, flexíveis, e na docilidade correlativa que se julga convir à mulher. (BOURDIEU, 2012, p. 36-38)

Sob as linhas de Foucault (2000, p.146), “[...] o domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo”. Assim, historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles (LOURO, 2000). Logo, o poder é exercido sobre o corpo, e dele “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder” (Foucault, 2000, p.146).

Segundo Freire (2012, p. 88) “[...] a partir das ideias sobre representações coletivas desenvolvidas na Escola Sociológica Francesa [...], reflete-se sobre a construção de categorias sociais nas quais os indivíduos são divididos”. O autor prossegue afirmando que sob as linhas de Durkheim e Mauss (1981) o ato de classificar está presente em todas as sociedades e que as classificações atuam “[...] como formas de dar sentido e organizar o mundo, dessa forma criando hierarquias, categorias, divisões, etc” (FREIRE, 2012, p. 88).

Esse entendimento é replicado cotidianamente, mesmo que de forma inconsciente por cada sujeito em seu estrato social. Lanz (2014, p.19), assim como De Araújo e Theophilo (2019, p. 76) ao citar o seminário a respeito da feminilidade proferido por Freud no ano de 1933, afirmam que ao encontrar-se com uma pessoa, a primeira distinção que se faz “[...] é se ela é homem ou mulher. E estamos acostumados a fazer tal distinção com certeza absoluta”. O que Lanz (2014) e De Araújo e Theophilo (2019) apontam relaciona-se com as duas ilusões apontadas anteriormente. Logo, após nomeados, “[...] classificados e organizados os diversos tipos sociais, são estabelecidos padrões de normalidade que devem ser seguidos pelos indivíduos que compõe uma determinada sociedade” (FREIRE, 2012, p. 88).

Sob este aspecto classificatório cotidiano, Fry (1982, p. 79) afirma que

As sociedades classificam pessoas, objetos e eventos em categorias ordenadas. Assim fazendo, elas classificam o que desafia as categorias "corretas" como perigoso e poluente. Mas o que é definido como "incorreto" é parte do sistema social e nunca pode ser expurgado, a não ser através da destruição sistemática. Os poderes mágicos, que se acredita serem inerentes a essas áreas proibidas, são o preço pago pela sociedade por estabelecer sua ordem social e simbólica. Os "de dentro" definem os não conformistas como "de fora", mas ao fazer isso eles instrumentalizam os seus opositores com um poder intrínseco que, por definição, eles mesmos não podem deter.

As identidades, dobras e práticas sexuais compreendidas nas dissidências sexuais e de gênero apresentam uma gama de classificações que insurgem nas margens de forma a estratifica-las, uma vez que, as margens apresentam-se como um domínio multifacetado composto por estratos sociais alocados segundo suas orientações sexuais, suas identidades de

gênero e suas práticas sexuais, para além, dos atravessamentos horizontais dos marcadores de raça, geração e classe social que compõe uma embrincada tessitura social, sob as linhas de Brah (2006, p. 371) “[...] identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança. Mas no curso desse fluxo as identidades assumem padrões específicos, como num caleidoscópio, diante de conjuntos particulares de circunstâncias pessoais, sociais e históricas”. Bento (2017, n.p) reitera que “[...] no contexto histórico brasileiro, podemos afirmar que sexualidade e gênero são categorias analíticas (e políticas) com o mesmo *status* que classe social e raça”.

Ambra (2019) resume em seus apontamentos a complexa realidade de compreensão e entendimento das masculinidades e do ser homem na sociedade brasileira em tempos hodiernos. José Estevez Araújo (2011, p. 59), pontua que “[...] o termo gênero tem a ver com o fato de que diferentes culturas associam capacidades, habilidades e atitudes diferentes à masculinidade e a feminilidade”, bem como “[...] o papel que esses estereótipos sociais do masculino e do feminino têm na formação da identidade de homens e mulheres realmente existentes” (ARAÚJO, 2011, p. 59).

Segundo Brah (2006, p. 34)

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciada.

Assim, ressalta-se que, ao imergir no universo das masculinidades enquanto parte discursiva e construto subjacente da norma dos papéis de gênero partindo do entendimento de que “[...] ser masculino ou feminino é porque houve, previamente, uma atribuição coletiva de significado nesse sentido” (ARAÚJO, 2011, p.61), é possível vislumbrar que “[...] a masculinidade é uma experiência coletiva em que um homem busca reconhecimento através de práticas com as quais conquistará visibilidade e *status* social perante seu grupo [...] passível de variação conforme região, classe, origem étnica, religião, etc.” (SOUZA, 2013, p.36), revelando que, as masculinidades não se configuram como algo cristalizado, fechado e imutável (PASSAMANI, 2009), ao contrário daquilo que infere a norma sob a égide do capitalismo e que revela que, as hegemonias “[...] não são mais que alianças elásticas que representam estratégias dispersas e contraditórias para sua manutenção e reprodução”¹²⁰

¹²⁰ Citação original: “[...] no son más que alianzas elásticas que representan estrategias dispersas y contradictorias para su mantenimiento y reproducción” (BERLANT; WARNER, 2002, p. 237).

(BERLANT; WARNER, 2002, p. 237). Segundo Willis (1997, p. 35) “[...] quando o gênero é assimilado na mercadoria, é concebido como algo estabelecido e congelado: um certo número de atributos sexuais define e denota masculinidade e feminilidade na prateleira de um supermercado destinada às possibilidades genéricas”. Em consonância com tal entendimento Kimmel (1998, p. 105) afirma

[...] as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tão pouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura para cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual [...] dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidade são o sexismo e a homofobia.

Robert Connel (1995, p. 188) compreende por masculinidade “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Logo, “[...] a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque a seus preceitos” (OLIVEIRA, 1997, p.4). Assim, “[...] hegemônicos e subalternos não estão definidos essencialmente, mas sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação” (PINHO, 2004, p.65).

Cecchetto (2004) aponta que:

[...] a masculinidade hegemônica é definida como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados e ou inferiores. Isso abre caminho para uma abordagem mais dinâmica da masculinidade: a divisão crucial entre uma masculinidade hegemônica e várias subordinadas que lhe servem de contraponto e antiparadigma. (CECCHETTO, 2004, p. 63)

Costa (1986) já aponta o desgaste gerado pela supremacia masculina, elaborada pela convergência de uma série de discursos, leis, normas e estatutos que foram reiterados paulatinamente no decorrer da história, afirmando “[...] o homem não é feliz como parece; de repente, percebe que a relação de dominação que estabeleceu com a mulher fez dele o seu próprio prisioneiro. Oprimido, passou a perceber que o seu espaço é limitado” (COSTA, 1986, p. 7).

Sob essa lógica, Fry (1982) elabora uma série de quadros acerca da evolução do entendimento das heterossexualidades sob os aspectos culturais (comportamentais), utilizando-se de variáveis como sexo, orientação sexual, papel de gênero (sob a óptica do período em que foi elaborado) e práticas sexuais, inscritas em recortes geográficos específicos, na segunda metade do século XX.

Em um primeiro momento (Quadro 7), Fry (1982, p. 91) organiza o universo analisado de uma dicotomia (Heterossexual/Homossexual) valendo-se de práticas culturais (comportamentais), das regiões Norte e Nordeste do Brasil, que ainda ecoam em tempos hodiernos.

Quadro 7 - "Homens" e "Bichas": Sistema "A"

Identidade	Homem	Bicha
1	Macho	Macho
2	Masculino	Feminino
3	Ativo	Passivo ¹²¹
4	Heterossexual/Homossexual	Homossexual

Fonte: Elaborado por Fry (1982, p. 91).

É importante compreender que, Fry (1982) ao cruzar as variáveis: orientação sexual, prática sexual com os aspectos comportamentais (Códigos de gênero estabelecidos) (GREEN; POLITO, 2006, p.143) o autor pode vislumbrar que existe uma separação culturalmente construída, que evidencia que, a depender do comportamento (Papel de Gênero), estereotipagem e performance de gênero do sujeito, o mesmo pode ser homossexual, mas não ter sua imagem (Masculina) atrelada a homossexualidade, e quando atrelada, é feito de forma a não causar constrangimento, pois o mesmo não fere as normas sociais de comportamento, podendo transitar de forma discreta em todos os meios sem mácula em sua masculinidade. Posto isso, Miskolci (2014, p. 58) conclui que

[...] ser ou parecer heterossexual ainda é uma condição necessária para não sofrer discriminação e preconceito, daí manejar a própria imagem e performá-la continua a ser uma experiência comum e poderosa, delimitadora de corporalidade e inclusive de subjetividades, sob constante auto-escrutínio.

Ainda sob a óptica de Miskolci (2014, p. 68) “[...] é importante sublinhar que o ‘passar por’ não é uma opção, antes uma estratégia de sobrevivência em contexto social hostil, no caso, heterossexista”. Sob esse entendimento, se tem a gênese da compreensão acerca do estrado social composto por homens que fazem sexo com homens¹²² (HsH), além das “identidades reservadas” (PECHENY, 2004) e das “homossexualidades discretas” – definida por Passamini (2009) como “[...] homens que preferem expressar seus desejos por outros homens ‘reservadamente’ e lutar contra a homofobia na esfera de suas relações pessoas” (PASSAMINI, 2009, p. 25) em diálogo profícuo com a teoria das identidades discretas.

¹²¹ Sujeito que na prática homoerótica tem performance anal receptiva.

¹²² Segundo Miskolci (2014, p. 55) ao utilizar-se das linhas de Silva e Duque (2010) configura-se como a “[...] categoria criada pela epidemiologia para alocar homens que não se identificam como gays, mesmo se relacionando com outros homens”.

Segundo Pecheny (2004) “identidades discretas” são identidades marcadas pela descrição e alocadas as sombras da norma. Para Miskolci (2014, p. 75) “[...] é nesse enquadramento moral que negociam sua agência/desejo, por meio de táticas e estratégias como o encobrimento e o segredo, em formas muitas vezes contraditórias, mas reveladoras sobre valores que regem suas vidas e a de muitos outros/as na sociedade brasileira”.

Para Pollak (1993, p. 216-217)

[...] a conquista das liberdades sexuais se deu graças ao reforço de uma sociabilidade específica e, indiretamente, de uma segregação como a que indica o termo 'gueto' [...] Na verdade, liberação sexual, sinônimo - no caso de homossexualidade - de emancipação da diferença, traduz-se no estabelecimento de uma espaço privado do homossexual que, de alguma forma, se abriga do olhar heterossexual. Consequentemente, a vida homossexual é diferenciada por limites específicos traçados entre 'vida privada' e 'vida pública', que inscrevem a diferença nas preferências sexuais em todas as relações sociais. Assim, muitos homossexuais tendem a colocar as relações familiares em qualquer um dos lados da vida pública, representada pelo trabalho e suas demandas (*contraintes*¹²³), seja em zona intermediária, mas, em qualquer caso, fora do que eles definem, quase sempre, como sua "vida verdadeira" ou sua "vida privada" (ênfase adicionada).

Foucault (1987a) pontua que “[...] o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo” (Foucault, 1987a, p.36), segredo esse que não se aplica a determinados sujeitos e estratos sociais que ao serem atravessados pelos marcadores etários, econômicos e de orientação sexual tem sua existência minuciosamente analisada e desveladas (GREEN; POLITO, 2006). Parker, Terto e Miranda (1998) ressaltam que

O comportamento e as práticas sexuais de homens que fazem sexo com homens foram exaustivamente pesquisados e o que antes era restrito às alcovas e às penumbras dos locais de encontros homossexuais veio à luz, exposto pela mídia e por cientistas, e discutido em eventos científicos e pela opinião pública em geral. (PARKER, TERTO, MIRANDA, 1998, p. 6)

Em um segundo momento (Quadro 8), Fry (1982) refina sua análise, pontuando que “[...] por volta dos fins da década de 1960, nas classes médias das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, surge um novo sistema de classificação das identidades sexuais masculinas” (FRY, 1982, p. 93) e esboça a seguinte Quadro de análise

Quadro 8 - "Homens" e "entendidos": Sistema "B"

Identidade	Homem	Entendido
1	Macho	Macho
2	Masculino	Masculino/Feminino
3	“Ativo”	“Ativo” / “Passivo”
4	Heterossexual	Homossexual

¹²³ Palavra oriunda do francês que ao ser traduzida pode ser compreendida como “restrições”.

Nesse momento da análise Fry (1982) percebe que existe uma independência das variáveis papel de gênero e comportamento sexual, o que torna as fronteiras das identidades sexuais masculinas, mais claras, contribuindo para tendência das identidades de fixarem (SILVA, 2000). Ressalta-se que a própria nomenclatura muda, de “Bicha” (termo pejorativo, utilizado para designar homossexuais masculinos afeminados) e passa a fazer uso do termo “entendido”, reflexo das mudanças sociais ocorridas, o que identifica a inscrição cronológica do estudo, para além, da própria evolução acerca do entendimento da temática. É importante salientar que, segundo Gomes (2015, n.p.) “[...] a própria alcunha “bicha” é de origem colonial, numa referência à “bicha”, nome pelo qual ficou conhecida popularmente a peste (possivelmente febre amarela) que assolou a Bahia no século XVII”, o autor prossegue afirmando que,

[...] os sodomitas foram acusados de, com seus atos, provocarem a ira divina, que castigava o povo com a doença. Sobre a tal “bicha”, o cronista Sebastião da Rocha Pita disse que “foram logo adoecendo e acabando tantas pessoas que se contavam os mortos pelos enfermos. Houve dias em que caíram duzentos e não escaparam dois. Estavam cheias as casas de moribundos, as igrejas de cadáveres, as ruas de tumbas”. (GOMES, 2015, n.p.).

Ressalta-se que, tal associação das homossexualidades a pragas e doenças, não foi utilizado enquanto estratégia de segregação em apenas um momento histórico. Na década de 1980, ao eleger-se grupos de risco, adotou-se em um primeiro momento os 5H para designar homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (denominação em inglês para as profissionais do sexo). Ressalta-se que,

Sem conhecer ainda o vírus nem suas principais vias de transmissão, a abordagem epidemiológica, classificando cada caso observado num grupo segundo fatores hipotéticos de risco, constrói os “grupos de risco” homossexual e toxicômano e, um pouco mais tarde, o dos haitianos. A construção desses grupos age, portanto, pela observação de uma série limitada de casos, pelo isolamento das características comuns a esses casos, a saber: a homossexualidade masculina, o uso de droga por via intravenosa e a origem geográfica. (POLLAK, 1990, p. 123)

Assim, com real ênfase as homossexualidades, foram elas foram nomeadas como “os leprosos dos anos 80”, “câncer gay”, “castigo de Deus” (BRITO; ROSA, 2018), estigmatizados e objetificados no período, ocupando grande destaque nas mídias impressa e televisionada, consolidando um isolamento social compulsório e consequentemente a morte social dos sujeitos que compõem estes estratos sociais alocados a margem pelo discurso médico científico alimentando e influenciado o proselitismo social e as comunicações “heteropatriarcais”.

Trevisan (2018) rememora por exemplo que

[...] Num programa televisivo infantil, “Domingo no Parque”, de Silvio Santos, um garoto de uns dez anos participou de um concurso de charadas contando esta: “Porque o papagaio não pega AIDS?” Resposta: “Porque ele só dá o pé”. Silvio Santos elegeu essa a melhor charada da tarde e premiou o menino com um par de tênis. (TREVISAN, 2018, p. 402).

Trevisan (2018, p. 407) exemplifica o grau de abjeção em que se encontravam o estrato social das homossexualidades ao apontar que, “[...] em meados da década de 1980, os jornais reportavam que até certos farmacêuticos estavam se recusando a aplicar injeções em homens efeminados - com medo de pegar a doença”. Em suma, segundo Trevisan (2018, p. 422), “[...] quase transformados em algozes da humanidade, os homossexuais sofreram, sobretudo em sua estrutura emocional, as ressonâncias sociais da aids”.

Nesse interim, Pollak (1990, p. 103) lança luz sobre outro aspecto da pandemia ao dar voz aos sujeitos soropositivos e compreender que “[...] a infecção pelo HIV¹²⁴ reforça tragicamente uma experiência social sujeita às eventualidades de relações baseadas no não-dito. o silêncio sobre a homossexualidade ou sua outra forma, a dissimulação, respondem ao receio de rejeição ou de julgamento moralizador malévolo”.

No terceiro momento do estudo Fry (1982) (Quadro 9), utiliza-se do discurso médico do século XIX, que ainda apresentava forte aderência com os discursos médicos da segunda metade do século XX e que embasou o discurso de patologização no início do século XX, causando todo um complexo movimento de reclusão das dissidências sexuais e de gênero. O resultado deu origem ao seguinte quadro de análise

Quadro 9 - O modelo médico do século XIX: Sistema "c"			
Identidade	Homem heterossexual	Pederasta/ Uranista / Homossexual	
		Homossexual Passivo	Homossexual Ativo
			Pseudo-heterossexual
		Invertido	Perverso
		<i>Weibling</i> ¹²⁵	<i>Mannling</i> ¹²⁵
1	Macho	Macho	Macho
2	Masculino	Feminino	Masculino
		Masculino	
3	“Ativo”	“Passivo”	“Ativo”
4	Heterossexual	Homossexual	Homossexual

Fonte: Elaborado por Fry (1982, p. 97).

¹²⁴ HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana.

¹²⁵ Segundo (FRY; MACRAE, 1983, p. 63) “No caso dos uranistas, os órgãos genitais vão numa direção e o cérebro noutra. Assim se produz ‘uma alma feminina encapsulada num corpo masculino’ e vice-versa. Ulrichs depois desenvolveu uma classificação complexa de ‘tipos homossexuais’ entre os quais o *Mannling*, que é totalmente masculino em aparência e personalidade, o *Weibling*, que é efeminado, e o *Zwischen-urning*, que é um tipo intermediário. Os primeiros dois termos equivalem aos termos ‘homossexual ativo’ e ‘homossexual passivo’ que a medicina vai desenvolver mais tarde e que são usados correntemente até hoje”.

Sob o entendimento do discurso médico do século XIX, Fry (1982) pode perceber que as práticas sexuais e os papéis de gênero auferem largo espaço no entendimento acerca das identidades sexuais masculinas dicotômicas vigentes no período. Segundo Foucault (2020a, p. 61) “O sexo ao longo do século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas”. O desejo é alocado em função secundária, deixando em um primeiro plano as práticas dos sujeitos e seus papéis de gênero.

Em sua última quadro analítico (Quadro 10), Fry (1982) elabora uma taxonomia produzida pelo cruzamento de duas variáveis, a "orientação sexual" e o "papel de gênero", dando origem a seguinte representação

Papel de gênero	Quadro 10 - Sistema "D"	
	Orientação sexual	
	Homossexual	Heterossexual
Ativo	Pederasta ou homossexual passivo	Não existe
Passivo	Pederasta ou homossexual ativo	Homem heterossexual

Fonte: Elaborado por Fry (1982, p. 98).

O entendimento acerca do que Fry (1982) organizou de forma a tornar didático o entendimento acerca das heterossexualidades masculinas na segunda metade do século XX, pode parecer lógico e até simplório ao voltar-se para esse estudo da posição cronológica em que se construiu essa narrativa, no entanto, em relação as heterossexualidades, em função da própria construção social que as aloca como centro, e norma compulsória, ao compreender que a diferença não atua isolada da norma, mas sim, estabelece uma relação simbiótica onde uma não pode existir sem a outra, pois a posição de uma é certificada pelas outras.

Perlongher (1993) ao debruçar-se sobre o mercado do sexo masculino no início da década de 1990 elaborou uma refinada classificação do domínio das masculinidades que fazem uso da prostituição como forma laborativa da cidade de São Paulo. Utilizando-se de nomenclaturas próprias e classificando-os em recortes de geração, estrato social, característica de gênero e posição sexual, (Quadro 11).

Quadro 11 - Classificação do domínio das masculinidades que fazem uso da prostituição como forma laborativa da cidade de São Paulo (Perlongher, 1993)

1 – Por Gênero					
Mais Masculino		Boy Laranja	Taxiboy	Michê Gay	Mais Feminino

	Michê ¹²⁶ Macho	Boy Paquera	Boy Modelito		
Prostitutos	<i>Okó Mati</i>		Gay Macho		Travesti Michê Loca Bicha
Não-prostituto	Fanchona	Homossexual Ativo	Homossexual Dual	Gay Entendido	Homossexual Passivo
2 – Por Idade					
Mais Jovem	<i>Eré</i>	Michê Jovem			Mais Velhos
Prostitutos	Garoto	Loca Baby			Michê Velho
Não-prostitutos	<i>Boy</i>	Bichinha Jovem			Tios Loca Velha Bicha Velha
3 – Por estrato Social					
Mias Baixo	Michê de Ipiranga	Bicha Tirada	Michê de São Luís		Mais Alto
Prostituto	Baixo Michê	Loca Pobre			Michê de Luxo “Executivo”
Não-prostituto	<i>Boys da treta</i>	Cliente Pobre	“Professor”		Bicha Fudida
	<i>Boys do Babado</i>				Bicha Pobre

Fonte: Adaptado de Leopoldo (2020), a partir da obra de Perlongher (1993).

O que pode observar entre as classificações elaboradas por Fry (1982) e Perlongher (1993) é que “[...] a heterossexualidade se apresenta como um muro construído pela naturalização, mas é apenas uma linguagem: um amontoado de signos, sistemas de comunicação, técnicas coercitivas, ortopedia social e estilos corporais¹²⁷” (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p. 140) que auferiram espaço e poder por serem reiteradamente repetidos como o normal, o centro, o ideal, o belo. Hocquenghem e Preciado (2009, p.14) são contundentes ao afirmar que

Há tanta "naturalidade" no desejo homossexual quanto no heterossexual; o que é, hoje, quase sempre admitido. Mas acima de tudo - o que impede nossa mania classificatória aí - o desejo zomba das identidades sexuais porque não se importa com elas. É a educação, familiar, edípica, que retrai o indivíduo na busca da identidade, cindindo e castrando o desejo¹²⁸.

Assim, se pode vislumbrar que a composição das heterossexualidades também se apresenta de forma performática, exigindo de seus praticantes todo um aparato histórico que

¹²⁶ Segundo Leopoldo (2020, p. 158) a partir das linhas de Perlongher (1993, p.8) “[...] a própria definição de michê está vinculada ao travesti como uma espécie de oposto, como o seu negativo. Perlongher parece assegurar que o [sic] travesti, em sua feminilidade radical, desencadearia todo um devir mulher enquanto o michê, em sua masculinidade paródica, fomentaria um modelo majoritário da masculinidade”.

¹²⁷ Citação original: “La heterossexualidad se presenta como un muro construido por la naturaleza, pero es sólo un lenguaje: un amasijo de signos, sistemas de comunicación, técnicas coercitivas, ortopedias sociales y estilos corporales” (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p. 140).

¹²⁸ Citação original: “Hay tanta «naturalidad» en el deseo homosexual como en el heterossexual; lo que es, hoy en día, Casi siempre admitido. Pero sobre todo - lo que ahí obstaculiza nuestra manía classificatória – el deseo se burla de las identidades sexuales porque no le importan. Es la educación, familiar, edípica, la que repliega al individuo en la bésqueda identidade, escindiendo y castrando el deseo”. (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p.14)

certifica sua posição social. Sob as linhas de Cunha (2019, p. 26)

Naturalizada, tomada como verdade em si, a imagem do homem nos parecia então algo uno, permanente, íntegro, único. Diante dessa imagem, a figura do homossexual masculino foi sendo construída como seu negativo, num processo marcado pela sua apropriação pela medicina e por sua localização estratégica na construção daquilo que Michel Foucault descreveu como dispositivo de sexualidade: uma forma de relação consigo mesmo e com o corpo próprio marcada pelo estabelecimento de uma ligação direta e absoluta entre sujeito, sexo e verdade.

Reitera-se que, a produção das masculinidades em meio patriarcal, machista e heterossexual se torna algo complexo, limitante e ao mesmo tempo não se permite a não multiplicidade de práticas e consequentemente de nomenclaturas, pois, mesmo a norma apresenta sujeitos de fronteira (Identidades fronteiriças) que borram os limites entre o centro e as margens preservando características predominantemente da norma, mas com práticas desviantes em contextos específicos como são os casos identificados na Figura 10.

Figura 10 - Classificação das heterossexualidades



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Diante disso, Cunha (2019, p. 26) pontua que historicamente as

[...] associações entre homens, fundamentais ao processo civilizatório, e que marcam tal progresso precisamente com aqueles valores incorporados à imagem naturalizada do homem moderno: a força, o pragmatismo, a racionalidade, a capacidade e o ímpeto de subjugar e transformar a natureza, o mundo à sua volta e os seres naturalmente inferiores, como mulheres e os povos ditos primitivos.

Tal afirmação pode ser vislumbrada em todo o decorrer do processo de colonização do Brasil. No entanto, em tempos hodiernos, ao emergir do contexto das associações entre homens relações que esmaecem as fronteiras entre as práticas sexuais e consequentemente das identidades, Cunha (2019, p. 26) prossegue seu discurso afirmando que

De todo modo, o limite deveria ser claro, ainda que precisasse ser definido e sustentado continuamente, requerendo para isso a vigilância permanente, tanto das instancias de controle e agentes da disciplina, como educadores e

médicos, quando do próprio sujeito, sempre atento ao menor vacilo ou sinal de afeição que pudesse ultrapassar os delicados limites do amor fraterno.

Assim, práticas e consequentemente nomenclaturas (autonomeações) como “brotheragem”, “banheirão”, “G0ys”, “Highsexual”, “Hetero Flexível” entre outros, fissuram as fronteiras da heteronormatividade fazendo com que ela seja posta objeto de análise. Frente a isso, utilizando-se do mesmo entendimento elaborado por Fry (1982) sujeitos de fronteira irrompem com os limites estabelecidos pela norma, as ditas experiências periféricas apresentam-se enquanto torções a norma, dando origem a uma organização social das heterossexualidades não percebidas em outros momentos, dada sua inscrição cronológica em tempos hodiernos. Não afirmo com isso que tais práticas não existissem no período histórico em que Fry (1982) elaborou seu estudo, no entanto, elas não eram nomeadas, ou mesmo, não apresentavam o sentido que adota na contemporaneidade, o que aponta para um deslizamento de sentido, onde o termo/microestrutura se desvencilha de uma relação de poder e inscreve-se em uma nova relação onde a negatividade associada ao termo/microestrutura já não se válida, o que pode ser entendido como uma autonomia no âmbito das relações de poder. A exemplo disso, o caso dos HsH, o estrato social, surge na década de 1980, para englobar sujeitos em cerceamento de liberdade que por motivos estes, mantinham relações sexuais com aqueles sujeitos que estavam acessíveis devido a condição em que se encontravam. Tal estrato social, emerge no contexto social enquanto grupo risco no período de surgimento da AIDS¹²⁹. Pinho, Melo e Oliveira (2019, p. 40) em diálogo com Santana (2014) ressaltam que

[...] além de ser colocada à margem da sociedade a homossexualidade também foi erroneamente responsabilizada pelo surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, mais conhecida como AIDS, na década de 1980. Isso, por um lado, degradou ainda mais a imagem de uma parcela da sociedade que já era marginalizada, mas, por outro lado, impulsionou os estudos acerca desse grupo.

Não obstante, em tempos hodiernos ainda se multiplicam discursos que associam as homossexualidades a doenças e pandemias como foi o caso do rabino sefardita Meir Mazuz, que afirmou durante uma palestra na *yeshiva*¹³⁰ da qual é líder, que o coronavírus “[...] é um castigo divino contra a homossexualidade¹³¹”. Diante disso, não seria incomum observar que mesmo nas heterossexualidades emergem identidades fronteiriças, que “borram” as fronteiras das sexualidades (Ver Quadro 12). Assim, ancorando-se nas classificações elaboradas por Fry

¹²⁹ sigla para *acquired immunodeficiency syndrome* - síndrome da imunodeficiência adquirida, em português.

¹³⁰ São as instituições que incidem sobre o estudo de textos religiosos tradicionais, principalmente o Talmud e a Torá.

¹³¹ Ver a notícia na íntegra: <https://www.timesofisrael.com/israeli-rabbi-blames-coronavirus-outbreak-on-gay-pride-parades/>

(1982) foi possível esboçar a classificação das identidades fronteiriças de natureza heterossexual.

Quadro 12 - Organização das heterossexualidades

Identidade	Heterossexualidades			
	G0y ¹³²	Heteroflexível	<i>Highsexual</i>	Homens que fazem sexo com Homens
1	Macho	Macho	Macho	Macho
2	Não ocorre penetração	Ativo/Passivo	Ativo/Passivo	Ativo/Passivo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Logo, o distanciamento de identidades, culturas e nomenclaturas estigmatizadas e/ou inferiorizadas tornam-se desejados. Tal entendimento, ultrapassa as fronteiras da norma e reverbera nas margens, reafirmando que mesmo orientando, identificando ou praticando uma sexualidade, identidade ou gênero não normativo, ainda se encontram imersos em uma sociedade heteronormativa. De forma mais radical, Bento (2017, n.p.) ao dialogar com Miskolci (2017) afirma de forma contundente que “[...] o que as pesquisas nesse campo têm reiteradamente revelado como um dos eixos estruturais e estruturantes da sociedade brasileira é a aversão ao feminino enquanto performatizado em corpos construídos como masculinos”. Miskolci e Silva (2008, p. 5-6) afirmam que

[...] homens homo-orientados, quer se identifiquem ou não como gays, são criados para serem heterossexuais. Seus ideais estéticos e até sexuais tendem a ser marcados por aqueles de toda a sociedade. [...] Este ideal é hetero, tende à homofobia e, mais uma vez, se volta contra o sujeito do desejo¹³³.

Tal entendimento, faz-se vislumbrar o favorecendo do surgimento de discursos extremistas como os de hipermasculinidades pregados por Jack Donovan, que apesar de homossexual, repudia toda a cultura gay e tem auferido espaço na extrema direita com seu discurso machista, misógino e “anarco-fascista¹³⁴”. Miskolci (2014, p. 59) em consonância com o que fora posto, aponta que “Todas as propagandas e a maioria dos homens locais buscam encarnar uma masculinidade insuspeita, muitas vezes até evocando um modelo corporal, de vestimenta e comportamento, que não titubeia em chamar de hiperviril”.

Para Bhabha (2005), as contra narrativas “[...] continuamente evocam e rasuram suas fronteiras desestabilizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras

¹³² A produção cinematográfica holandesa “Jongens” (2004) no Brasil sob o título “Boys” retrata a relação vivenciada entre o personagem Sieger (Gijs Blom) não homossexual (podendo ser classificado como G0y) e Marc (Ko Zandvliet) homossexual masculino.

¹³³ O comportamento apontado por Miskolci e Silva (2008) foi observado por Nascimento, Massoni, Shirakava.Pinho; Martínez-Ávila (2020) onde foi possível observar que o discurso é reiteradamente reafirmado nos aplicativos de interação afetivo sexual tais como Grindr sob a forma de enunciados como: “Você é assumido?”, “Busco sexo no sigilo”, “Discreto e fora do meio”, “Não curto afeminado”, entre outros.

¹³⁴ Ver a notícia na íntegra: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>

ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas” (BHABHA, 2005, p. 211). Assim, as homossexualidades insurgem no âmbito dos movimentos sociais ganhando tónus na segunda metade do século XX e uma maior visibilidade após *Stonewall* (28 de junho a 3 de julho de 1969) que apesar de ser considerado o marco fundador na narrativa histórica acerca do movimento LGBTQIAP+, sendo considerada a revolta de maior visibilidade, mas não a única. Sob as linhas de Albertini, Costa e Miranda (2019, p. 2) ancorando-se no argumento de (GAGNON, 1990) afirmam que “[...] *Stonewall* não é o zero absoluto da história gay contemporânea, mas se tornou o mito fundador de uma nova era para identidades sexuais, as quais passaram a ser instadas a se revelar publicamente”. A exemplo do que foi falado, o grupo social *Nuestro Mundo*, fundado em 1967 na cidade de Buenos Aires – Argentina, adotou uma postura fortemente politizada e contribuiu ativamente para a fundação da Frente de Libertação Homossexual (FLH) em 1971.

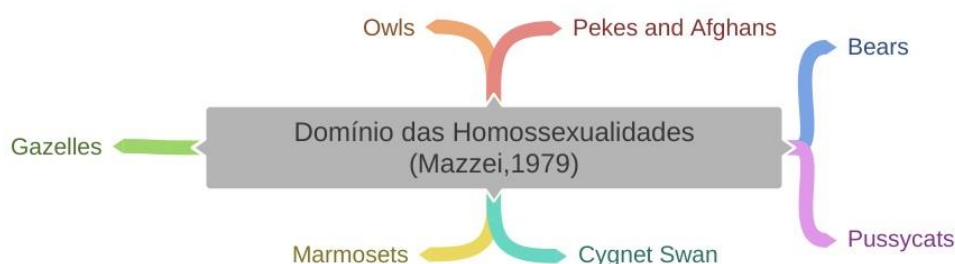
Como afirmando anteriormente, o Brasil, conhece sua história a partir de narrativas eurocêntricas e estadunidenses, neste estudo, o reflexo de tais narrativas não se apresenta de forma esmaecida ou apagada, pelo contrário, é realçada de forma a identificar as marcas que elas causaram no processo de construção histórica e no exercício do domínio colonial que apresenta uma direção unilateral (colonizador – colonizado) (OSTERHAMMEL; JANSEN, 2019). Logo, ao imergir no contexto das identidades dos grupos compreendidos pela sigla LGBTQIAP+, se pode perceber com certa facilidade que o estrato social/comunidade discursiva² preponderante é a composta por gays, o que certifica o uso de marcadores da diferença inclusive nas margens, como forma de hierarquização dos sujeitos segundo sua origem geográfica, raça, sexo, papel de gênero, orientação sexual e aproximação da norma, sob a égide dos estereótipos que marcam a construção performática do gênero no âmbito sociopolítico e cultural.

Nesse interim, insurge no movimento na segunda metade do século XX, movimentos de autoafirmação e empoderamento no âmbito do ainda embrionário Movimento Homossexual. Ressalta-se que, as demais nomenclaturas, foram surgindo conforme o diálogo começa a ser estabelecido no âmbito social e ganha força ao ser tomado pelos sujeitos como práticas identitárias, de orientação sexual e de gênero. Logo, o estereótipo do homossexual afeminado, magro e superficial causou determinadas rupturas dentro do estrato social dos homossexuais que deram voz a sujeitos que não se identificavam com tal estereótipo.

Tal entendimento, se torna explícito ao vislumbrar por exemplo o domínio ursino (Figura 15) em meio LGBTQIAP+. No ano de 1979, Mazzei elabora uma classificação bem-

humorada acerca do domínio das homossexualidades, baseada em características físicas e comportamentais dos sujeitos (Figura 11). Ressalta-se que, na representação de Mazzei (1979) os homossexuais masculinos são o foco, outras manifestações sexuais, identitárias foram silenciadas nessa representação.

Figura 11 - Classificação do Domínio das Homossexualidades (Mazzei, 1979).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Aquilo que teoricamente não iria além de uma brincadeira, tornou-se uma possibilidade de resistência ao padrão estético do Movimento Homossexual (MH) do período, onde a masculinidade era um aspecto secundário. Tal discurso de resistência ao estereótipo do homossexual masculino do período dialoga de forma contundente com estereótipo da masculinidade e de virilidade do período. Herbert Daniel (1982, p. 96) ao refletir criticamente sobre as questões da sexualidade e o marxismo relata que “[...] o sexo não era uma preocupação política, achávamos. Militantes, tínhamos outros problemas a abordar”, dando continuidade a narrativa, o autor ironicamente afirma “[...] onde vocês já ouviram falar de um operário bicha? Naquelas fantasias que inventamos, a classe operária não sofria ‘desvios’ sexuais. Porque não tinha sexualidade nenhuma. Era uma classe higiênica. Historicamente saudável” (DANIEL, 1982, p. 96).

Daniel (1982, p. 96-97) conclui o raciocínio afirmando que

Desde que comecei a militar, senti que tinha uma opção a fazer: ou eu levaria uma vida sexual regular – e transtornada, secreta e absurda, isto é, puramente “pequeno-burguesa”, para não dizer “reacionária” – ou então faria a revolução. Eu queria fazer a revolução. Conclusão: deveria “esquecer minha sexualidade”.

A revolução a qual Daniel (1982) se refere é a luta contra a ditadura civil-militar que se abatera sobre o Brasil desde o ano de 1964 e que perdurou até o ano de 1985. Segundo Quinalha (2019, p.27) ao situar Daniel (1982) discorre que

O Partido Comunista Brasileiro (PCB), que hegemonizou por décadas o campo das esquerdas, não fugiu à regra e contribuiu para alimentar essa visão homofóbica. Já no contexto da ditadura civil-militar de 1964, os grupos que

apostaram na resistência armada reproduziram, em algum grau, os mesmos valores morais conservadores.

Logo, o que insurge como uma forma de resistência contra a massificação de um modelo homossexual, reverbera e aufere espaço enquanto movimento identitário. O movimento ursino, não apenas resistiu, mas alargou sua atuação afirmando-se junto a outros estratos sociais compreendidos no desvio, mas que reafirmam sua masculinidade.

Ursos antes marginalizados em função do padrão estético eleito pelos gays masculinos auferem espaço e força de movimento dentro do movimento homossexual. Assim, *beards* (barbados) e *bears*¹³⁵ (ursos), gordos e peludos¹³⁶, se afirmaram em uma subcultura que influencia a economia, criando nichos de mercado e consumo, influenciando a economia do desejo (*Grindr*; *Scruff*), criando espaços e inclusive a moda *Lumberssexual*.

Sob as linhas de Neves e Rodarte (2018, n.p.)

As investidas teóricas que buscam localizar no tempo e no espaço o surgimento dos ursos geralmente se baseiam em relatos sem fontes precisas, embora sejam recorrentes as referências aos Estados Unidos da década de 1960 como o lugar e o período em que alguns homens assim começaram a se identificar

Neves e Rodarte (2018) estabelecem um diálogo com Diniz (2017) e França (2007; 2010) de forma a melhor compreender o funcionamento e organização de tal estrato social. Em um esforço para a conceituação, França (2007, p. 233) define Ursos como “Homens que se identificam com códigos de masculinidade e valorizam atributos como a gordura e os pelos [sic], em contraposição às *barbies*¹³⁷ [sic]”. Diniz (2017) para além de questões voltadas ao estereótipo construído sobre tal categoria, o autor define Ursos, como “[...] uma rede de pessoas ligadas por relações sociais, lugares de consumo e interação e pela busca da realização de certas aspirações afetivo-sexuais” (DINIZ, 2017, p.30).

Segundo Wright (1997, p. 2)

¹³⁵ Comumente estratos sociais marginalizados e que não seguem padrões estéticos representados por estereótipos norteados por proselitismos sociais em função de construções históricas, não insurgem em produções cinematográficas como protagonistas em uma produção fílmica não específica. Segundo essa construção normativa, esses corpos não são dignos de afeto, podem existir desde que obedecendo a uma rígida condição, a de habitar as sombras, tendo sua existência condicionada e configurando-se como objeto do desejo na condição do estranho, do não convencional, logo, do *queer*. A produção “*BearCity*” (2010) lança luz sobre zonas de sombra produzidas historicamente representando de forma verossimilhante e bem-humorada o cotidiano de relações ursinas em sua comunidade.

¹³⁶ Sobre o fenômeno da ascensão cultural do corpo musculoso e depilado como modelo gay no contexto norteamericano, ver: PETERSON, Grant Tyler; ANDERSON, Eric. Queering masculine peer culture: softening gender performances on the university dance floor. In: LANDREAU, John C.; RODRIGUEZ, Nelson M. Queer masculinities: a critical reader in education. London/New York: Springer, 2012, p. 119-138.

¹³⁷ *Barbies*: “Homens de aparência viril, que exibem um corpo musculoso e trabalhado fisicamente” (FRANÇA, 2007, p.233).

Para alguns, é uma atitude (ou melhor, uma falta de “atitude”), para outros, é uma imagem, um ícone sexual gay de desejo. Para alguns é um pouco das duas coisas; para outros, a recusa absoluta de se submeter a uma categorização é a essência de um urso. O ponto de partida teórico subjacente é a noção de “urso” como significante vazio saussuriano ou barthiniano. Cada auto identificado urso, nos últimos dez anos, a preencheu com sua própria definição e significado

Tal entendimento, constituiu uma multiplicidade de compreensões e identidades inseridas em uma subcultura no âmbito das homossexualidades (Figura 18).

A segunda metade do século XX, compreende um recorte cronológico complexo e efervescente do ponto de vista dos movimentos sociais e dos regimes ditatoriais no cone sul da América. A Revolução Cubana (1953-1959) desencadeou não apenas um entusiasmo que aproximou toda uma geração de latino-americanos do pensamento marxista, mas também incitou movimentos contrários de repressão. Nesse interim, regimes militares tomaram o poder no cone sul da América e não apenas perseguiram, mas torturaram e mataram todos aqueles que fossem considerados “inimigos do regime” ou ameaça ao mesmo e aos seus preceitos.

A Revolução Cubana desencadeou diversos micromovimentos que a aproximaram dos movimentos latinos e os distanciou da Rebelião de *Stonewall*. Cronologicamente, treze das vinte nações estiveram dominadas por militares até a segunda metade do século XX. Cronologicamente, se tem as seguintes inscrições acerca dos regimes militares no cone sul da América: Brasil (1964-1985), Bolívia (1964-1982), Uruguai (1973-1985), Chile (1973-1990) e Argentina (1976-1983). As estreitas relações entre os governos militares no cone sul e os Estados Unidos da América (EUA) não visaram apenas o controle e manutenção do poder, mas sim, uma repressão a possíveis levantes inspirados na revolução cubana. Assim, se pode compreender que um dos efeitos dos regimes militares foi a repressão sobre e em torno das agendas de liberação sexual e tolerância social a *gays* e *lésbicas*, tidos como “subversivos morais”, uma “[...] articulação entre ‘desvio moral’ e ‘subversão’[...] decorria da paranoia anticomunista e da grande preocupação com a chamada ‘revolução dos costumes’” (GREEN; QUINALHA, 2014, p. 15).

Segundo Rampinelli (2013, p. 141) em diálogo com Báez (2010, p. 243) apontam que

Os Estado Unidos efetuaram um saque cultural na América Latina, para tanto utilizaram-se dos seguintes mecanismos: a) legitimação do tráfico¹³⁸ ilegal de bens culturais pertencentes as instituições públicas, privadas e de grupos de

¹³⁸ Segundo Rampinelli (2013, p. 141) “[...] chegou-se a criar a profissão ilegal do *huaquero*, geralmente um nativo que se apropria de um bem cultural repassando-o ao traficante por um preço irrisório que o revende ao colecionador por uma soma exorbitante”. A profissão deixa de existir, no entanto, a prática ainda é comumente observada em tempos hodiernos no tráfico de peças sacras, obras de arte ou mesmo no tráfico de fósseis da chapada do Araripe – CE.

coleccionadores; b) destruição de obras de arte por meio de invasões armadas como as ocorridas em Cuba, no Haiti e no Panamá; c) utilização da guerra ideológica anticomunista para estimular a perseguição e a destruição do elementos cultural adverso; d) debilitamento das concepções culturais latino-americanas de resistência ao modelo de mundo estadunidense; e) e contribuição para o etnocídio de comunidades indígenas com o objetivo de controlar reservas energéticas.

Arns (1985) ao utilizar-se das linhas de Michel Foucault (1987a) discorre sobre a possibilidade de

[...] reconstrução de boa parte da história de uma época através do processo penal arquivado no Poder Judiciário de cada país. A verdadeira personalidade do Estado ficava ali gravada, sob a forma de sentenças judiciais determinando torturas, esquartejamentos em praça pública, normas de vigilância carcerária, castigos ao corpo, punição ao espírito (ARNS, 1985, p. 23).

Arns (1985, p. 22) arraigado sob esse entendimento, reúne “cópias da quase totalidade dos processos políticos que transitaram pela Justiça Militar brasileira entre abril de 1964 e março de 1979, especialmente aqueles que atingiram a esfera do Superior Tribunal Militar (STM)”. O autor informa que, “[...] foram obtidas, por inúmeros caminhos, cópias de 707 processos completos e dezenas de outros incompletos, num total que ultrapassou 1 milhão de páginas imediatamente microfilmadas em duas vias, para que uma pudesse ser guardada, sem riscos, fora do país” (ARNS, 1985, 22). Ressalta-se que,

As ditaduras civis ou de segurança nacional que marcaram grande parte do século XX em toda a América Latina também exerceram um papel fundamental na dominação cultural e na destruição de arquivos e documentos relacionados com a repressão, buscando duas estratégias: a) evitar o julgamento por conta dos crimes de violação aos direitos humanos; b) negar o direito das vítimas às indenizações. As ditaduras não reprimiram a cultura apenas para submeter um setor e subordiná-lo aos seus interesses, mas tratou-se de uma depuração sistemática e organizada com a finalidade de modificar a memória histórica. (RAMPINELLI, 2013, p. 141-142).

Rampanello (2013, p. 142) ao citar Báez (2010, p. 167), constata que “[...] na Argentina, o almirante Emílio Massera, integrante da primeira junta militar que deu o golpe de Estado em 1976, afirmou que naquele país se tratava de ‘uma guerra das culturas e das contraculturas’”. Nesse período o contexto em que as homossexualidades foram inseridas ainda no século XIX vigorava e o discurso médico-científico ainda repetia incessantemente o discurso patologizante que vigorou até o final do século XX, e ainda reverbera em meio social com abordagens temáticas como é o caso da “cura gay”¹³⁹.

¹³⁹ Uma das chapas que concorreram a presidência do Conselho Federal de Psicologia (CFP) no ano de 2019, tinha por proposta a “legalização” de terapias de conversão, a chamada “cura gay”. Ressalta-se que segundo a Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia [...] a homossexualidade não constitui doença, distúrbio nem perversão [...] os psicólogos deverão contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e

Nesse interim, se pode compreender que Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais, *Crossdressers* (CD)¹⁴⁰, *Drag Kings*, *Drag Queens*¹⁴¹, Transformistas¹⁴², Homens que fazem Sexo com Homens (HsH), *G0ys*¹⁴³, *Highsexuais*¹⁴⁴, *T-lovers*¹⁴⁵, entre outras manifestações indidentitárias/sexuais e de orientações de desejo (Figura 18), além de definições de gênero, como os 35 termos identificados por (NASCIMENTO; LEITE JUNIOR; PINHO, 2015; PINHO; MILANI, 2020) na definição de gêneros não binários (masculino e feminino) configuram-se como uma ampla tipologia que amplia as fronteiras do

desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. [...] (Eles) não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. [...] não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades e nem [...] se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica".

¹⁴⁰ Termo referente a pessoas que vestem roupas ou usam objetos associados ao sexo oposto, por qualquer uma de muitas razões, desde vivenciar uma faceta feminina (para os homens), masculina (para as mulheres), motivos profissionais, para obter gratificação sexual, ou outras. O *crossdressing*, não está relacionado a orientação sexual nem a transexualidade, um *crossdresser* pode ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual. O termo tem sua origem incerta, auferindo notoriedade como uma gíria *polari* (língua informal usada pela subcultura gay britânica) no início do século XX. Segundo Jesus (2012, p.10) "Crossdresser: Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras".

¹⁴¹ Obras cinematográficas como "Pink Flamingos" considerada marco na cultura drag conferem representações verossimilhantes dos sujeitos drag queen. Lançada no ano de 1972 no circuito underground, tem sua narrativa protagonizada pela drag queen Divine (Harris Glenn Milstead) revelando certa maturidade em sua narrativa, fazendo emergir sua natureza queer em diálogo com o obsceno e o bizarro. Não obstante a obra "Polyester" (1981), também protagonizada por Divine (Harris Glenn Milstead), vivificando a personagem Francine Fishpaw, satiriza ainda na década de 1980 o gênero melodramático no qual há muito enclausuraram as mulheres no cinema, fazendo emergir temáticas como o divórcio, o aborto, adultério, alcoolismo entre outros. Na obra cinematográfica "The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert" (1994), as personagens Anthony/Mitzi (Hugo Weaving) e Adam/Felicia (Guy Pearce) são exemplos da cultura drag na década de 1990 e podem fornecer uma aproximação temática verossimilhante com o conceito de drag queen que o trabalho de tese aqui apresentado utiliza. Na obra "Para Wong Foo, obrigada por Tudo! Julie Newmar" (1995), as personagens Vida Boheme (Patrick Swayze), Chi-Chi (John Leguizamo) e Noxeema Jackson (Wesley Snipes) são representantes da cultura drag e podem fornecer ao espectador uma visão acerca das competições que tem auferido espaço no meio desde a segunda metade do século XX e se popularizaram com o RuPaul's Drag Race (2009-atual). Um segundo olhar sobre o universo drag queen pode ser vislumbrado ao voltar-se para a obra cinematográfica "Flawless" (1999) traz a personagem Rusty (Philip Seymour Hoffman) revela uma faceta em muitos momentos ignorada pela sociedade, a de que drag queens não exercem outras funções além do entretenimento e da vida noturna. Na obra "A Caixa de Pandora" (2020) as personagens Dusty Muffin (Jackie Beat), Tequila (Oscar Moreno), Joan of Arkansas (Allister MacDonald) e Cherry (Mya Taylor) ajudam de forma romantizada a compreender um pouco sobre a cultura drag.

¹⁴² Segundo Jesus (2012, p. 10) "Transformista ou *Drag Queen/Drag King*: Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual". Ver o personagem João Francisco dos Santos/Madame Satã (Lázaro Ramos) na obra cinematográfica "Madame Satã" (2002).

¹⁴³ O termo "*g0y*" ou "*-y*" é abrangente, podendo incorporar comportamentos diversos como atitude, postura masculina, pró-atividade, entre outros, mas o principal é que com o zero em destaque no termo *g0y* serve para designar homens que não praticam sexo anal com outros homens.

¹⁴⁴ Heterossexuais que sentem atração pelo mesmo sexo ao fazer uso de *Cannabis Sativa* (maconha).

¹⁴⁵ Segundo Silva (2005, p. 2) o "[...] termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONG norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* (TGS) eram, conseqüentemente [sic], os *t-lovers*".

fenômeno e lança luz sobre as zonas de sombra da sociedade, fazendo-se perceber o aparato sociocultural do qual emergem atores que podem modificar a forma como as relações estabelecidas socialmente são representadas, visualizadas e compreendidas, para além da narrativa histórica eleita que apresenta preconceitos e antipatias, sendo norteadas por proselitismos sociais e com isso certificando estereótipos, que suscitam a cena e em destaque provocam discussões voltadas a uma perspectiva aberta ao repensar das posições dos sujeitos no contexto social.

Assim, gêneros não-binários, inexistência de gênero e parcialidade de gêneros (Figura 16) são imersos em um regime de visibilidade que funciona em forma de “[...] *chiaro-schuro*, no qual o que é socialmente reconhecível é iluminado, visível e reconhecido, enquanto o que é menos visível fica na sombra, na relativa invisibilidade ou em uma espécie de marginalidade obscena” (MISKOLCI, 2014, p. 74).

5 Vocabulário para Estudo de Homossexualidades e Modalidades Alternativas de Sexualidade e Desejo no Brasil

Nesse interim, ao adentrar o escopo do estudo e compreender que segundo as proposições de Benveniste (2005, p. 286) “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”, uma vez que, “[...] o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p.135).

Logo, “[...] como o desejo, a linguagem rompe, recusa-se a ser encerrada em fronteiras” (HOOKS, 2008, p. 857). Segundo Scott (1995, p. 2) “[...] os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história”. Em diálogo com tal constatação “[...] a história de uma palavra fornece-nos curiosidades que são tangenciais ao próprio conceito” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 150).

Como dito anteriormente, os dispositivos de controle social não desaparecem, eles transformam-se para melhor servir ao poder, assim, como o princípio da masmorra foi invertido no final do século XIX, apresentando ainda resquícios de sua atuação nos sanatórios do final do século XIX e século XX até a instauração do movimento antimanicomial, toda a engenharia criada para trancar, privar da luz e conseqüentemente aniquilar a existência dos sujeitos “indesejados”, sob as linhas de Comparato (2013, p. 18)

A criação do universo concentracionário, no século XX, veio demonstrar tragicamente a justeza da visão ética kantiana. Antes de serem instituições

penais ou fábricas de cadáveres, o *Gulag* soviético e o *Lager* nazista foram gigantescas máquinas de despersonalização de seres humanos. Ao dar entrada num campo de concentração nazista, o prisioneiro não perdia apenas a liberdade e a comunicação com o mundo exterior. Não era, tão só, despojado de todos os seus haveres: as roupas, os objetos pessoais, os cabelos, as próteses dentárias. Ele era, sobretudo, esvaziado do seu próprio ser, da sua personalidade, com a substituição altamente simbólica do nome por um número, frequentemente gravado no corpo, como se fora a marca de propriedade de um gado. O prisioneiro já não se reconhecia como ser humano, dotado de razão e sentimentos: todas as suas energias concentravam-se na luta contra a fome, a dor e a exaustão. E nesse esforço puramente animal, tudo era permitido: o furto da comida dos outros prisioneiros, a delação, a prostituição, a bajulação sórdida, o pisoteamento dos mais fracos.

Assim, a morte de LGBTQIAP+ no Brasil, não é apenas uma forma de controle, mas a manifestação do poder que viabiliza a ação por meio de segregação, invisibilidade, condicionamento das vidas, abjetificação dos sujeitos, entre outras tantas formas de violências que podem ser observadas no domínio analisado. Segundo Berger (1986, p.81) “[...] o meio supremo e, sem dúvida, o mais antigo de controle social é a violência”.

Como resultado,

Todas essas formas de violências e opressões sociais, econômicas, sexuais e de gêneros, marcam índices fortes de desigualdades sociais, que impossibilitam as pessoas de acreditarem em si mesmas como cidadãs, na qualidade de ter direito a ter direitos. Acreditamos que essas experiências de violências e exclusões poderiam ser pensadas a partir de um operador que Richard Parker (2000) vem chamando de ‘violência estrutural’. (PERES, 2004, p.120).

Sob as linhas de Farmer (2001), segundo Aggleton e Parker (2001) em consonância com o estudo de Parker (2000), a “violência estrutural” pode ser considerada uma ferramenta importante para o entendimento dos estigmas e discriminações que são produzidos na sociedade. Parker (2000) aponta cinco fatores como sendo componentes dessa violência estrutural:

- 1) Divisão e desigualdade sociais;
- 2) Opressão sexual e discriminação de Homens que fazem sexo com homens/profissionais do sexo;
- 3) Marginalização e criminalização de usuários de drogas injetáveis (UDI);
- 4) Relações de poder e gênero sobre as mulheres; e
- 5) Injustiça econômica sobre os pobres.

Logo, constitui-se uma relação diretamente proporcional, alinhando as variáveis minorias, vulnerabilidade e pobreza, ou seja, quanto maior o empobrecimento da população, maior a vulnerabilidade junto a segmentos mais empobrecidos da população. Assim, ao utilizar-

se de marcadores sociais da diferença (Origem geográfica, raça, gênero, orientação sexual) se pode perceber a quão perversa é a engenharia social que foi construída histórica e culturalmente, arraigando-se em preceitos machistas, racistas e sexistas, ancorando-se no sistema patriarcal, se pode vislumbrar a atroz realidade de determinados estratos sociais compreendidos no domínio analisado. Ressalta-se que, “[...] racismos que são, antes de tudo, redução dos modos de vida, redução da vida do outro” (RODRIGUES; ROSEIRO; ROCON; ROSEIRO, 2016, p. 141).

Como Foucault (1999, p. 305) aponta,

[...] o racismo vai permitir estabelecer, entre minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas, uma relação que é do tipo biológica: quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar. A morte do outro, não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida mais sadia; mais sadia e mais pura.

Logo, a resistência a norma se instaura no corpo e em seus desdobramentos, modelagens e performatividades, na fala, uma vez que, tais estratos sociais são fortemente enraizados na tradição oral, esses grupos elaboraram ao longo do tempo uma visão de mundo que tem na oralidade a sua referência, além de parte fundamental na construção da identidade. Mais do que fontes informativas sobre a história [...], as tradições orais revelam muito da relação dos seus autores com o conhecimento histórico (BÂ, 1973).

Compreende-se que a vida em sociedade submete os sujeitos a certo grau de exclusão, discriminação¹⁴⁶ e preconceitos, em função dos construtos sócio-histórico-culturais aos quais tais sujeitos se submetem e/ou são submetidos. O que determina o grau e a intensidade com que os preconceitos, estereótipos e a própria violência real (física, psicológica, sexual, patrimonial, moral) e simbólica (cerceamento de direitos, exclusões em seleções, entre outros) vão incidir sobre esses corpos é o grau de abjeção com que esses mesmos corpos são classificados.

Segundo Miskolci (2014, p.73-74)

Em uma sociedade como a brasileira, marcada por formas diversas de discriminação e preconceito, em relação a sexualidades não-heterossexuais, são amplamente conhecidos os fenômenos do *bullying* nas escolas, da

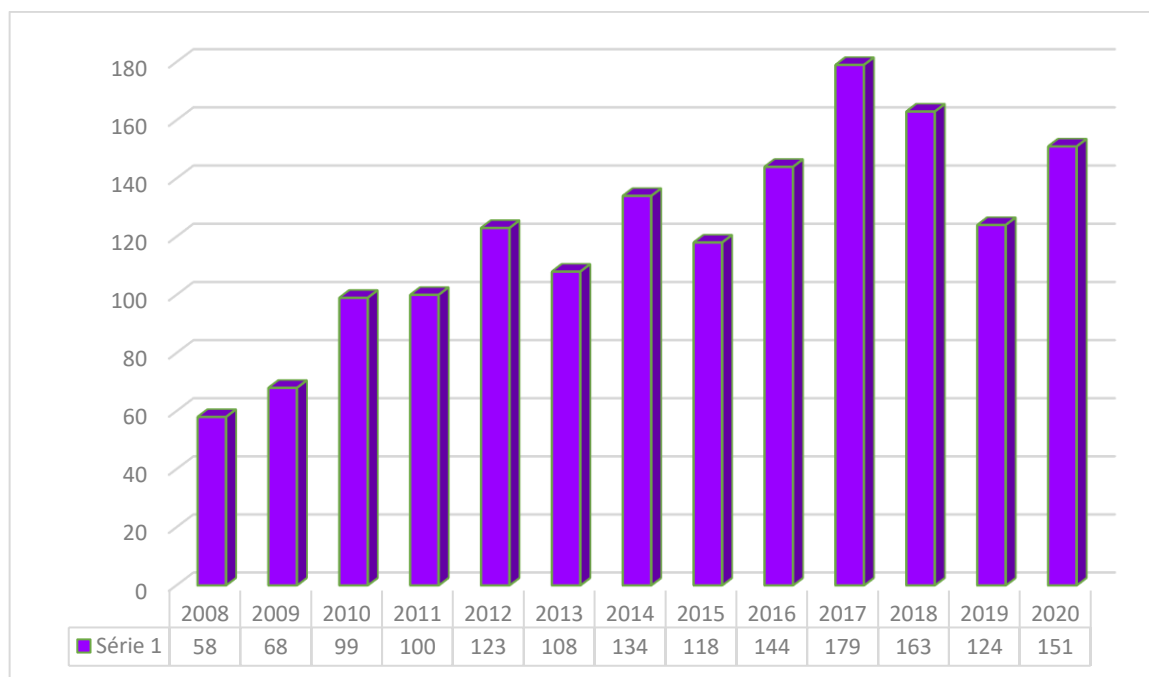
¹⁴⁶ Por exemplo, no filme *Filadélfia* (1993) em diálogo estabelecido entre Andrew Beckett (Tom Hanks) e Joe Miller (Denzel Washington) por volta dos 39 minutos e 37 segundos se apresenta uma definição para a discriminação que alcança de forma verossimilhante o teor de tal termo trabalhado nesse estudo, a saber: “Essa é a essência da discriminação: formular opiniões sobre outrem sem se basear em seus méritos individuais e sim por pertencerem a determinados grupos com determinadas características”.

violência contra homossexuais no espaço público e mesmo formas mais sutis, assédio moral e outras experiências negativas em esferas institucionais. Soma-se a isso a inexistência de direitos iguais e, portanto, de garantias civis básicas para que sujeitos não-heterossexuais sintam-se seguros no caso de serem assim reconhecidos em contextos como o mercado de trabalho.

Tal argumentação é validada ao observar que no ano de 2019, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020) os negros representaram 66,7% da população carcerária, enquanto a população não negra (considerados brancos, amarelos e indígenas, segundo a classificação adotada pelo IBGE) representou 33,3%. Ao voltar-se para o estrato social composto por travestis e transexuais, observa-se que, emerge do comportamento do brasileiro um paradoxo, uma vez que, tais estratos são compreendidos no domínio das dissidências sexuais e de gênero com o maior grau de abjetificação no ambiente social. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida das pessoas *trans* é de 35 anos, enquanto de pessoas *cis*¹⁴⁷ chega a 75,5 anos. Diversos são os fatores apontados para uma média tão baixa da expectativa de vida de pessoas *trans*. Em uma estimativa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), com base em dados colhidos nas diversas regionais da entidade, aponta que 90% das pessoas *trans* recorrem a prostituição como função laborativa no Brasil em algum momento de sua trajetória de vida, o que as torna um estrato social vulnerável a ações de violência. Tal afirmativa, pode ser vislumbrada ao debruçar-se sobre as mortes de pessoas *trans* no Brasil, onde 64% dos assassinatos são contra profissionais do sexo, e 80% das vítimas não conheciam intimamente o suspeito. Ressalta-se que, até o ano de 2020, não existe no Brasil um levantamento oficial acerca das populações LGBTQIAP+, em específico, da população T (Travestis, Transexuais e pessoas *Trans*). Essa lacuna de informação, vem sendo parcialmente sanada por Organizações Não Governamentais (Ongs), associações de defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAP+, entre outras entidades não vinculadas ao Governo Federal ou a seus Órgãos, tais como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Grupo Gay da Bahia (GGB), a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) além de instituições internacionais como a *Transgender Europe* (TGEu) entre outras que tem se voltado com certa atenção ao cenário brasileiro devido a posição de destaque que o país ocupa no *ranking* de países com mais registros de homicídios de pessoas *trans*.

Figura 12 - Assassinatos de Travestis e Transexuais segundo o Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras

¹⁴⁷ Para Jesus (2012, p. 15), *cisgênero* é "[...] um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento".



Fonte: Benevides; Nogueira, 2020.

Segundo a *Transgender Europe* (TGEu) no Brasil foram notificados ao menos 868 assassinatos de travestis e transexuais nos últimos oito anos. Isso cria não apenas uma gama de dados preocupantes, mas relações complexas, como o paradoxo criado pela posição de destaque do país no ranking de registros de homicídios de pessoas *trans* e o destaque do país na busca por pornografia com pessoas *trans*. Segundo Jinkings; Renzo (2019, p. 9) ao dialogar com a obra de Judith Butler, afirma que “[...] estamos testemunhando uma nova forma de fascismo, na qual nem sempre se ensaia um rompimento explícito com a democracia”.

Anualmente os principais portais de conteúdo pornográfico do mundo publicam relatórios com as categorias mais acessadas pelos consumidores, detalhando inclusive palavras-chave e termos de busca, além de tendências mais buscadas nos países que ocupam as vinte primeiras posições do *ranking*.

O Brasil tem figurado entre os vinte primeiros colocados do RedTube (<https://www.redtube.com.br/>) ocupando a décima posição no ano de 2019, Pornhub¹⁴⁸ (<https://pt.pornhub.com/>), entre outros (Figura 37). Ressalta-se que, desde o ano de 2016 o Brasil é considerado o país que mais consome pornografia com pessoas *trans* segundo o RedTube (GERMANO, 2016). Diante disso, não seria apenas necessário compreender o paradoxo gerado no cenário brasileiro acerca da busca por pornografia que utilizam pessoas *trans*, travestis ou transexuais como objeto com o elevado número de homicídios de pessoas pertencentes a esses estratos sociais.

¹⁴⁸ Ver o relatório: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>

Historicamente o Brasil não apresenta leis ou códigos que sem uma interpretação alargada de seu entendimento possam ser utilizadas para a repressão de LGBTQIAP+. No entanto, durante a ditadura civil militar do Brasil (1964-1985) e após ela ações contra os estratos sociais composto por travestis, transexuais e pessoas trans eram comuns. A exemplo disso, a operação tarântula no ano de 1987, segundo os responsáveis visava combater o avanço da epidemia da AIDS, tinha como foco prender travestis que se prostituíam nas ruas de São Paulo – SP e/ou processar travestis e homossexuais por ultraje ao pudor público e crime de contágio da AIDS (Figura 13).

Figura 13 - Reportagem da Folha de São Paulo de 1 de março, 1987

A-20 - 2.º caderno - Cidades - Domingo, 1.º de março de 1987 - FOLHA DE S. PAULO

Polícia Civil “combate” a Aids prendendo travestis

Do Reportagem Local

A Polícia Civil do Estado resolveu entrar no “combate” à Aids na cidade de São Paulo. Com este objetivo, foi lançada na madrugada de anteontem a “Operação Tarântula”, um comando especial de policiamento que visa realizar detenções em flagrante de travestis nos principais locais de prática do “travestismo” e aliciamento de “freguesias” nas ruas públicas. As primeiras ações da “Tarântula” já resultaram em 56 detenções, segundo Márcio Prudente Cruz, 52, delegado-chefe do Departamento das Delegacias Regionais de Polícia da Grande São Paulo (Degramp). Cruz afirma que a operação deverá durar o ano todo.

A operação está sob o comando do titular da Delegacia Seccional Sul, delegado Marcelo Alencar Aranha, e conta com uma equipe composta pelos titulares dos distritos policiais de Vila Clementino, Itaim-Bibi, Campo Belo e Vila Mariana (chamados da zona sul de São Paulo).

Segundo Cruz, o objetivo da “Operação Tarântula” é basicamente

Tarântula é uma aranha européia

Segundo o “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, “tarântula” é uma espécie de aranha europeia da família das levasideos, cuja picada causa febre, delírio e, segundo a crença popular, simulares sintomas que levariam o doente a cantar e dançar. De acordo com a enciclopédia da Lello Universal, sua picada causa abatimento e profunda melancolia, daí os antigos acreditarem que a vítima deveria agitar-se ininterruptamente para sair desse estado.

“Espantar a freguesia” e assim diminuir a propagação da doença. “Os tempos de Nostradamus estão chegando”, diz. Ele afirma acreditar que estamos num período pré-apocalíptico. No entanto, a operação não será efetuada durante o Carnaval, já que “os travestis tiram folga nesta época”, declara.

Cruz nega ter dito que pretende enquadrar os detidos na Lei de Segurança Nacional, ou que pretenda submetê-los a testes de Aids no Instituto Médico Legal, conforme foi publicado ontem no jornal “O Globo”. Para ele, os travestis podem responder a processos por ultraje ao pudor público e crime de contágio venéreo.

A respeito do nome dado à operação policial, Cruz diz que a autoria é do delegado Aranha. “A Tarântula tem vários braços, braços longos, e o objetivo é atingir várias ruas e várias avenidas onde se efetua o ‘travestismo’ indecente”.

Acidente na Régis Bittencourt mata quatro e fere dois

Do Reportagem Local

Um acidente envolvendo dois caminhões e três automóveis na rodovia Régis Bittencourt (que liga São Paulo a Curitiba, no Paraná), ocorreu às 18h30 de ontem, provocou a morte de quatro pessoas e ferimentos leves em outras duas. O choque, ocorrido no km 251 da rodovia, próximo à cidade de Jupiá (78 km a sudeste de São Paulo), provocou também a interdição das pistas nos dois sentidos, do horário do acidente até as 10h30. Logo após a liberação, o tráfego ficou lento por algum tempo.

O Fusca de chapas JK 968, 517, de autoria de J. R. S. S. teria se chocado —segundo a Polícia Rodoviária Federal— com o caminhão Mercedes-Benz CX 525-PR, cujo motorista, Antônio Valença, 24, sofreu ferimentos leves. Todos os ocupantes do Fusca (Paulo Misaki, 28; Teresa Misaki, 58; Maria Valença, 20; e Julieta da Conceição, 55) morreram no local. O motorista do

Prefeito de cidade do Ceará é morto por desconhecido

Do correio-pendente em Fortaleza

O prefeito de Maracanaú (município da região metropolitana de Fortaleza, capital do Ceará), Almir Freitas Dutra (PMB), morreu anteontem, às 23h30, após ser atingido na cabeça por disparos de revólver. O crime ocorreu quando Dutra e sua mulher, Ângela Maria, saíam de uma churrascaria da cidade, nas proximidades da casa do prefeito. Segundo testemunhas, o casal viajava a pé para casa quando um homem mascarado aproximou-se e disparou contra o prefeito.

O fotógrafo Sebastião de Moura Alves, que estava perto de Dutra, disse que o autor dos disparos tinha o rosto coberto por uma máscara carnavalesca, da mesma forma que dois outros homens, que o acompanhavam. Ainda segundo ele, os três mascarados fugiram em um Corcel preto sem placas.

Dutra foi peça-chave para a realização do plebiscito que decidiu pela separação do distrito do município de

Em MG é preso acusado de assalto a caminhoneiros

Das Agências

Foi preso ontem num sítio localizado na zona oeste de Belo Horizonte (MG) o motorista de caminhão Francisco Pereira de Souza, acusado de integrar a quadrilha de assaltantes via Rio-Bahia. Segundo o delegado do Dops mineiro Renato Trade, autor da prisão, desde dezembro Francisco se escondera no sítio, cujo dono é identificado como Hilton, funcionário da siderúrgica Mannesmann. Hilton seria um dos maiores receptores de cargas roubadas de caminhões.

O delegado Trade disse que Francisco aliciava caminhoneiros para que simulassem assaltos, passando a carga para a quadrilha, sobrevestida de aço inoxidável e chapas de ferro. Em seguida, faziam denúncia de assalto à polícia. De posse do caminhão, a quadrilha o desmontava para vender as partes (denúncia)

Fonte: Folha de São Paulo.

MacRae (1983, p. 56) discorre de forma assertiva acerca dos sentimentos que permeiam as homossexualidades ao afirmar que

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais opressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social.

Ao estabelecer um diálogo com tal afirmação França (2019, p. 46) afirma que “Esse terreno das ansiedades, dos medos e das fantasias, contudo, não costuma ser o mais propício ao diálogo de ideias. É porém, parte importante de como gênero e sexualidade operam na nossa sociedade”. Segundo o entendimento de Foucault (1995, p.98-99)

Todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços - breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes – senão em virtude do seu contacto momentâneo com o poder. De maneira que é sem dúvida para sempre impossível reavê-las em si mesmas, tal como seriam em estado livre [...] Nas palavras breves e estridentes que vão e que vêm entre o poder e as existências

mais inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessarem o tempo, o pouco de fulgor, o breve clarão que as traz até nós.

Em consonância com tal compreensão, Slavoj Žižek (2006, p. 11) afirma que

[...] o pensamento nunca chega à luz do dia espontaneamente, per se, na imanência dos seus princípios; o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, com um real exterior que se nos impõe brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar. Um pensamento verdadeiro, enquanto tal, é sempre descentrado: não pensamos espontaneamente, somos forçados a pensar.

O processo narrado Žižek (2006) descreve o gatilho da resistência em contextos de abjeção e opressão, uma vez que, buscamos, todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos. É possível afirmar que a maior parte do que se pode compreender como objeto do estudo aqui apresentado, advém das relações construídas no âmbito do sistema de saber/poder (FOUCAULT, 2010a) instauradas sobre os corpos LGBTQIAP+, uma vez que, “[...] os corpos ganham sentido socialmente. Ressalta-se que não existe uma exterioridade com relação a malha saber/poder. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 9). Prado e Machado (2008, p. 15-16) vão além de tal entendimento, afirmando que “[...] nossos hábitos sexuais dependem exclusivamente, da construção social das relações entre/pelos seres humanos, relações estas [...] amalgamadas pela concretude dos contextos culturais, geopolíticos, padrões morais e posições sociais”.

Assim, ao voltar-se especificamente sobre os corpos travestis e transexuais que fazem uso da prostituição como prática laborativa se pode vislumbrar as causas para a criação de um vocabulário próprio e que de fato as represente. Ressalta-se que a materialidade das práticas discursivas no domínio das dissidências sexuais e de gênero, ancorando-se na esfera das “relações eróticas/afetivas” estabelecidas no desvio disseminando-se por outros estratos sociais abarcados pelo recorte LGBTQIAP+ e até para estratos sociais heterossexuais muitas vezes sofrendo um novo deslizamento de sentido.

CERTEAU (1998) afirma de forma contundente que é nos espaços “invisíveis” que existe a possibilidade de encontrar “[...] os praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 1998, p. 171). Eribon (2008, p. 127) afirma que, “[...] o espaço público é heterossexual e os homossexuais são relegados no espaço da sua vida privada”. Logo, é necessário compreender que os espaços “íntimos” e/ou “privados” os quais os autores se referem certificam a existência condicionada a qual as dissidências sexuais e de gênero são submetidas em prol de uma

existência subalterna, tendo suas representações nos “armários”, “guetos”, “becos” e “porões” evidenciando as relações de poder instauradas sobre “[...] sexualidade, consumo, estilo de vida e classe” (FRANÇA, 2007, p. 229). “[...] íntimos de cada ser desviante, locais subjetivamente repressivos e institucionalizados pela sociedade heteronormativa dominante, como os únicos lugares possíveis para as manifestações afetivas e sexuais dos indivíduos homossexuais e/ou transgressores da norma” (SOUSA, 2019, p. 39).

Lauretis (2000) em diálogo possível com Certeau (1998), Eribon (2008) e França (2007) elabora que

[...] o tenaz hábito mental de pensar a sexualidade como atos sexuais entre pessoas e associá-la à esfera privada ou à privacidade individual, mesmo quando estamos constantemente cercados por representações da sexualidade (imagens visuais e verbais de atos sexuais, ou imagens que aludem a atos sexuais entre pessoas) tende a negar o óbvio, ou seja, o caráter absolutamente público dos discursos sobre sexualidade e o que Foucault chamou de "a tecnologia do sexo": os aparelhos ou dispositivos sociais (do sistema educacional à jurisprudência, da medicina à mídia etc.) que não só regulam a sexualidade, mas na verdade a impõem, isto é, regulam e impõem como heterossexualidade¹⁴⁹ (DE LAURETIS, 2000, p. 127).

Cabe ressaltar que, os dois mundos coexistem, bem como os sujeitos que neles transitam

A cidade, como escreveu o sociólogo Robert Park, em 1916, faz coexistir “um mosaico de pequenos mundos sociais”. E esse encaixamento de mundos sociais oferece aos indivíduos a possibilidade de pertencer a vários universos ao mesmo tempo e de ter por conseguinte várias identidades sociais, com frequência [*sic*], nitidamente separadas umas das outras: profissional, étnica ou religiosa, sexual [...] por conseguinte, um homossexual pode participar do “mundo gay” sem perder seu lugar no mundo heterossexual: ele terá, então, duas (ou várias) identidades; uma, ligada à sua inserção profissional (ou sua origem étnica) e outra, ligada ao tempo de lazer; uma identidade para o dia e outra para a noite e os fins de semana (o que, com frequência [*sic*], engendrou a tensão inerente às dificuldades da “dupla vida”, mas também permitiu que muitos homossexuais resistissem à opressão e à marginalização) (ERIBON, 2008, p. 41).

Assim, o entendimento acerca domínio das dissidências sexuais e de gênero torna-se uma empreitada complexa devido a multiplicidade de sujeitos, práticas e dobras compreendidas em tal domínio. De acordo com Meyer (2005, p. 16), o gênero engloba “[...] todas as formas de

¹⁴⁹ Trecho original: “[...] *la tenaz costumbre mental de pensar la sexualidad como actos sexuales entre personas y asociarla con la esfera privada o la "privacy" individual, aun cuando estamos constantemente rodeadas de representaciones de la sexualidad (imagenes visuales y verbales de actos sexuales, o imagenes que aluden a actos sexuales entre personas) tiende a negar lo obvio. esto es. El caracter absolutamente publico de los discursos sobre la sexualidade y lo que Foucault ha llamado "la tecnologia del sexo": los aparatos o dispositivos sociales (del sistema educativo a la jurisprudencia, de la medicina a los medios de comunicacion, etc.) que no solo regulan la sexualidad sino que efectivamente la impon en, esto es, la regulan y la imponen como heterossexualidad*” (DE LAURETIS, 2000, p. 127).

construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como dotados de sexo, gênero e sexualidade”.

Logo, de forma a tornar mais eficiente a compreensão acerca das comunidades discursivas que compõe o domínio das dissidências sexuais e de gênero Denizart (1997, p.8) afirma que “[...] estudiosos, na tentativa de definir o que é um [sic] travesti, afirmam que ele [sic] imita a mulher e outros dizem que ele inventa um novo feminino”. Diante disso, Denizart (1997, p. 8) afirma de forma contundente que “[...] fascínio e terror estão presentes em qualquer percurso para se tornar travesti” e continua ao discorrer que

A anatomia não é o destino, como queria Freud. O que importa é a luta para supera-la, produzindo um jogo de indistinção sexual. Uma vez desmarcada, o futuro do corpo é a prótese. Isso os [sic] travestis compreendem bem. Há muito tempo. Eles são o último refúgio de uma sexualidade empenhada em ser uma “caixinha de surpresas”. A *neca*, sinônimo de pênis, é uma grande e séria brincadeira de esconder e mostrar. É um segredo que parece vir à tona violentamente porque, quando exposto, é para instigar o prazer de ser tudo de uma só vez e agora, dissolvendo as categorias restritivas homem/mulher. (DENIZART, 1997, p. 8)

O que para o autor fica claro, dada a sua experiência, para o leitor pode se configurar como algo confuso. Assim, *gays*, lésbicas e bissexuais são comunidades discursivas já conhecidas, pelo menos em sua superficialidade estereotipada pela sociedade devido aos ganhos auferidos pelos movimentos sociais que silenciaram diversas comunidades discursivas em detrimento de outras, mesmo sendo extratos sociais componentes de uma mesma comunidade discursiva, a LGBTQIAP+. Tal entendimento reafirma que existe uma hierarquização das margens, que segrega, exclui e marginaliza aquilo que já foi marginalizado pela norma vigente. Uma hierarquia balizada pela proximidade dos sujeitos com as características, modos de vida e condições tidas como naturais e desejadas pelos grupos hegemônicos.

Deste modo, branqueamento e higienização tornaram-se características necessárias para uma melhor aceitação social. Isso fica evidente ao se esboçar uma representação acerca da hierarquia das margens tomando por foco as dissidências sexuais e de gênero. Em contrapartida, vale salientar que,

Essa transformação corresponde à crescente aceitação dos homossexuais no convívio social, sua revalorização e a consequente perda do seu caráter transgressivo e de abjeção, o que justifica descrever tal processo como normalização da homossexualidade, até mesmo em duplo sentido: os homossexuais se aproximam da norma e tornam-se normais, banais. (CUNHA, 2019, p. 26)

Ressalta-se que, o que Cunha (2019) aponta é, em outras palavras, o resultado de um processo de adaptação (branqueamento, masculinização e/ou feminilização) das homossexualidades em prol de uma cidadania a conta-gotas, uma vez que,

Com a normalização do homossexual, ao perder seu Outro, ao ver borradas suas fronteiras, a identidade masculina perde a integridade que lhe garantia a ilusão de natureza, e revela-se mais uma ficção, uma construção histórica. Mas talvez isso não se refira exclusivamente aos homens, e o que tenhamos em vista agora seja na verdade não a decadência do homem, mas o colapso das identidades, sobretudo aquelas construídas em articulação com o que o filósofo francês denominou dispositivo de sexualidade. (CUNHA, 2019, p. 27)

Assim, travestis, transexuais¹⁵⁰ e pessoas *trans* são três nomenclaturas em disputa no recorte geográfico analisado. Em muitos contextos tais nomenclaturas são utilizadas de forma intercambiável, em outros não, o que torna muitas vezes o entendimento de tais nomenclaturas confusas. Ressalta-se que, grande parte das definições neste caso são arbitrárias, hipossuficientes e inverossimilhantes ou pouco eficientes dada a gênese do discurso que orienta a nomeação. Tal problema é sintetizado na indagação: Quem nomeou aquilo que você é o fez de forma ética, verossimilhante e livre de preconceitos e antipatias? No caso das travestis, transexuais e pessoas trans, a resposta a essa indagação é negativa, uma vez que, a nomeação arraiga-se no discurso médico científico, logo um discurso de patologização. Ressalta-se que, segundo Garcia; Biziak; Sousa (2017, p. 17),

A língua médica e todo o aparato jurídico que ela sustenta – já que a lei naturaliza as estruturas simbólicas da anatomia¹⁵¹ se esforça, inutilmente, para dar conta das nomeações das ambiguidades do sexo no corpo,

¹⁵⁰ Nas últimas décadas ancorando-se nas múltiplas narrativas dos sujeitos transexuais e de suas vivências para além das demandas por visibilidade e representatividade dos movimentos sociais, a indústria cinematográfica, por exemplo, tem vivificado personagens transexuais auferindo espaço a tais sujeitos nas produções cinematográficas e sociais. Ressalta-se que, o discurso das produções cinematográficas acerca de personagens transexuais tem evoluído no decorrer das últimas décadas conferindo a tais personagens um largo grau de verossimilhança, a exemplo disso, ver: Bernadette (Terence Stamp) da obra “The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert” (1994), Brandon Teena (Hilary Swank) da obra “Boys Don't Cry” (1999), Hedwig Robinson/Hansel (John Cameron Mitchell) da obra “Hedwig and the Angry Inch” (2001), Calpernia Addams (Lee Pace) da obra “Soldier's Girl” (2003), Nong Toom/Parinya Charoenphol (Asanee Suwan) da obra “Beautiful Boxer” (2004), Lukas Leonhard (Rick Okon) da obra “Romeos” (2011), Laure/Michaël (Zoé Héran) da obra “Tomboy” (2011), Laurence Alia (Melvil Poupaud) da obra “Laurence Anyway” (2012), Einar Wegener/Lili Elbe (Eddie Redmayne) da obra “The Danish Girl” (2015), Nomi Marks (Jamie Clayton) da obra “Sense8” (2015-2018), Marina Vidal (Daniela Vega) da obra “Una mujer fantástica” (2017), Óscar Ruiz/Sara Millán (Ana Polvorosa) da obra “Las chicas del cable” (2017), Lara (Victor Polster) da obra “Girl” (2018).

¹⁵¹ Há uma relação posta entre o jurídico e o biológico na qual a lei exige a conformidade à “natureza” e ganha legitimidade por meio da naturalização binária e assimétrica de corpos. Foi a lei proibitiva imposta à Herculine Barbin, cujo corpo considerado anômalo pelos médicos fora signo de uma ambivalência insolúvel, que obrigou-x a mudar de gênero, culminando em seu suicídio. BUTLER, Judith. Foucault, Herculine e a política da descontinuidade sexual. In: Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.140-155.

fracassando na medida mesma em que tenta abarcar o real do sexo, inapreensível enquanto tal, num esforço terminológico obsessivo.

Do ponto de vista das violências simbólicas

No plano da violência simbólica, os discursos científicos acabam se entrelaçando com as teorias do cotidiano (*everyday theories*) e formando uma espécie de senso comum (teórico) homofóbico que consolida de forma violenta a heteronormatividade. Não por outra razão, um olhar relativamente cuidadoso permite perceber que a homossexualidade foi historicamente posta à margem e em oposição aos padrões da cultura. Nesse aspecto, é possível perceber nas ciências modernas um continuum daquela forma mentis inquisitorial de identificação do desvio sexual e designação da homossexualidade como um pecado (CARVALHO; DUARTE, 2017, p. 209).

Dessa forma, o termo travesti corresponde a uma identidade que apresenta uma geolocalização específica pertencente ao Brasil, Chile e Argentina tornando-se uma das identidades *sudacas*¹⁵². Logo, seu uso e entendimento fica limitado ao espaço geográfico onde ela vigora.

A nomenclatura travesti sofreu deslizamentos de sentido ao ser atravessada pelo marcador geracional. O próprio entendimento acerca dessa nomenclatura se transforma ao ser submetida a recortes temporais. Por exemplo, na década de 1960 no Brasil, as travestis vão afirmar que são homens vestidos de mulher 24 horas por dia, o discurso da sociedade comunga com tal entendimento, o que faz com que ele ganhe força do ponto de vista discursivo. Um exemplo disso é o caso da Rogéria (1943-2017), que permaneceu com seu nome de Astolfo Barroso Pinto, não tendo do seu ponto de vista a necessidade de modificar seu nome.

Já nas décadas de 1970 e 1980, as travestis vão afirmar que são “mulheres de peito e pau”, nesse momento irrompe a ideia de que a travesti é aquele sujeito que não pretende fazer a cirurgia de readequação sexual, o que a diferenciaria das transsexuais, nomenclatura ainda embrionária no período.

O termo atualmente tem borrado as fronteiras das identidades de gênero de forma a configura-se como o terceiro gênero no âmbito da “mulheridade¹⁵³”, seria uma forma de gênero feminino que não é mulher como se pode observar em outros casos de gêneros não-binários e não ocidentais.

A transexual ou a noção de transexualidade surge no contexto social com a atuação do discurso médico científico, quem instaura essa nomenclatura para as pessoas travesti e sujeitos que praticavam o travestimento é a medicina e não os sujeitos que vivenciavam a transexualidade, o que por si já revela uma relação de poder e a subalternização dos sujeitos

¹⁵² Maneira pejorativa de se referir aos sul-americanos utilizadas por europeus.

¹⁵³ Performance do papel de gênero feminino.

que não tem autonomia para se nomear. Então a medicina vai transformar diversos travestis em transsexuais, produzindo essa ideia de que existe uma transexual verdadeira (que seria aquele sujeito que estaria no corpo errado, que tem ojeriza a seu genital) e existe a travesti que se enquadraria em outra categoria (fetiche transvestico, autoginecofilia, entre outras nomenclaturas existem patologizantes que o discurso médico científico atribui a tal comunidade). Os transtornos parafilicos são classificados segundo os seguintes eixos.

Figura 14 - Eixos classificatórios dos transtornos parafilicos segundo o DSM



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Segundo Nascimento, Leite Jr e Pinho (2015, n.p.) as classificações atribuídas aos sujeitos que compõe o estrato social T, tem evoluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) desde sua primeira publicação (Quadro 13).

Quadro 13 - Evolução da tipificação e classificação das temáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)

Versão	Ano	Nº de categorias diagnósticas	Nº de páginas	Tipologias e Classificações
DSM - I	1952	106	130	Homossexualismo, o travestismo, pedofilia, fetichismo e sadismo sexual (incluindo estupro, agressão sexual, mutilação)
DSM - II	1968	182	134	Perturbação da orientação sexual. Desvio sexual
DSM - III	1980	265	494	Transtornos psicosexuais, subdivididos em quatro categorias: <i>Gender Identity Disorders</i> , <i>Paraphilias</i> , <i>Psychosexual Dysfunctions</i> e <i>Other Psychosexual Disorders</i>
DSM-III-R	1987	292	567	“Transtornos de identidade de gênero” com as especificações: “em crianças” e “em adolescentes ou adultos” ao invés de travestismo.
DSM - IV	1994	297	886	“Sexual and Gender Identity Disorders”, sendo composto por 27 transtornos, alguns apresentando mais de uma subdivisão,

				agrupados em Sexual Dysfunctions, Paraphilias e Gender Identity Disorders
DSM - 5	2013	303	970	Disfunções Sexuais, Disforia de Gênero e Transtornos Parafílicos

Fonte: Elaborado por Nascimento, Leite Junior e Pinho, 2015.

Nesse interim, nas primeiras décadas de seu surgimento, o termo transexual é reapropriado pelo movimento LGBTQIAP+ como estratégia de pleitear direitos e reconhecimento, pois estaria amparado em um discurso médico, um discurso de poder médico. É de conhecimento de que existem hoje travestis que querem se submeter a cirurgia de readequação sexual, e transexuais que não querem se submeter a tal cirurgia. Logo, é comum indagar-se “existe uma diferença objetiva, material entre uma travesti e uma transexual?”, a resposta mais adequada é que não, não existe uma diferença corporal, material e objetiva entre uma e outra.

Quanto ao termo trans, transgeneridade ou transgênero, são termos que insurgem como guarda-chuva para nomear o conjunto de sujeitos que não se adequam ou que rejeitam o gênero que lhes fora atribuído ao nascimento (travestis, transexuais, mulheres trans, homens trans, pessoas não binárias, entre outros). O termo é em si uma oposição ao termo *cis* que foi uma forma que o movimento trans encontrou de nomear a experiência de gênero que não é trans, seria então as pessoas cis. Denizart (1997, p. 8) prossegue “[...] em algum lugar, eles [*sic*] se dão conta de que o não-nomeado tem a potência fatal de encantar o desejo”. Em consonância com o discurso de Denizart (1997) Silva (2007) reitera que

Rótulos não cabem aqui. Travestis, o que são exatamente? Trânsito? Metamorfose? Uma construção minuciosa que se ergue, corpo e alma, em ziguezague, driblando violência, preconceitos, antecipando-se, mimetizando o algoz, penetrando domínios, atravessando fendas obscuras entre dimensões, abrindo-se aos que passam – canais, vias -, aos que desejam passar, oferecendo cavidades, dobras e orifícios entre mundos, pelos quais se vêem [*sic*] outras possibilidades de si mesmos, espelhos partidos na rua, ruína de identidades, farsa e tragédia, representação que se desnuda, [...] caprichos decadentes, dublagem, voz traiçoeira, aventuras rumorosas, trottoir vaporoso e exasperante, solidão, hipóteses cirúrgicas, enxertos, silicone, hormônios, performances, e o trabalho incansável de dobrar e vencer, a contrapelo, poro a poro, o retorno da biologia. (SILVA, 2007, p.17)

Denizart (1997, p. 14-15) continua desvelando que “[...] as categorias homem e mulher já não tem eficácia, alternando-se em vertigem para o observador. Não se trata apenas de uma mera oposição”. Entende-se em muitos momentos que as ditas minorias, são de fato minorias. Tal entendimento pode levar a uma ideia enganosa, uma vez que, se não existe um senso acerca da população LGBTQIAP+ como posso afirmar com veemência e segurança que tais estratos sociais são uma minoria?

Nesse interim, o debate acerca do acesso, representação e recuperação da informação tem povoado de forma contundente os estudos na área de Ciência da Informação. No entanto, como visto no decorrer de todo este estudo de tese, questões como nomear, classificar e como consequência dos diversos atos de tratamento da informação, fornecer acesso de sujeitos a documentos, faz com que o profissional da informação perceba dois problemas no desempenho de sua função, a saber: o primeiro determinar o conteúdo/assunto de um documento é um processo inerentemente subjetivo, o que torna a atividade complexa devido a possibilidade de atuação de preconceitos e antipatias do profissional ao assunto do documento. O segundo problema, pode ser percebido, ao debruçar-se sobre os sistemas de classificação, onde se pode observar que eles refletem seus idealizadores e principalmente os discursos hegemônicos do período histórico em que estão inscritos. Tal entendimento pode ser comprovado ao realizar o cruzamento de resultados apresentados nos trabalhos de Nascimento, Leite Junior e Pinho, (2015) (Quadro 13) acerca das nomeações das homossexualidades no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e Oliveira (2017) (Quadro 14) que discorre sobre a classificação das homossexualidades historicamente nas diversas versões da Classificação Decimal de Dewey (CDD).

Segundo Campbell (2013, p. 290) “[...] ferramentas que pretendem fornecer acesso ‘universal’, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD)¹⁵⁴, a *Library of Congress Classification* (LCC) e a *Library of Congress Subject Headings* fornecem acesso inadequado a grupos marginalizados¹⁵⁵”. Estudos como os de Oliveira (2017) fornecem subsídios para o entendimento de que a Classificação Decimal de Dewey apresenta limitações acerca das representações acerca de temáticas que envolvam a comunidade LGBTQIAP+ (Quadro 13).

Em diálogo com Campbell (2013), outros estudos como o de Silva e Lara (2004), Pinho (2010, 2017, 2020), Pinho, Melo e Oliveira (2019) em diálogo com Campbell (2000, 2020) Campbell, Guimarães, Pinho, Martínez-Ávila, Nascimento (2017), assim como Guimaraes, Nascimento, Pinho (2017), Nascimento, Guimarães (2017), Nascimento, Martínez-Ávila (2019) e Nascimento, Massoni, Shirakava, Pinho, Martínez-Ávila (2020) apontam lacunas na

¹⁵⁴ Segundo Barbosa (1969, p. 17) “Deve-se a Melvil Dewey o uso dos números, na ordem decimal, para a arrumação dos livros de uma coleção. Antes dele [sic], os números, mesmo usados decimalmente, eram empregados apenas para localização fixa. Seu índice relativo foi idealizado com esse [sic] sentido: daí o nome de relativo, isto é, feito de tal modo que, por êle [sic] os usuários de uma biblioteca soubessem os diversos aspectos de um assunto e onde encontrá-los na coleção, recorrendo às estantes, aos catálogos ou a outras fontes bibliográficas”.

¹⁵⁵ Citação original de Campbell (2013, p. 290) “[...] tools purporting to provide “universal” access, such as Dewey Decimal Classification, Library of Congress Classification and the Library of Congress Subject Headings, provide inadequate access to marginalized groups”.

produção do conhecimento acerca do domínio das dissidências sexuais e de gênero, na representação e consequentemente na recuperação da informação envolvendo os estratos sociais compreendidos neste domínio, uma vez que, existem limitações, imprecisões e em diversos casos inexistem uma ferramenta que forneça de forma eficiente e eficaz um suporte para a representação e recuperação de forma ética e verossimilhante acerca de dissidências sexuais e de gênero respeitando a garantia autopoiética dos sujeitos compreendidos neste domínio.

Nascimento, Massoni, Shirakawa, Pinho, Martínez-Ávila (2020) em diálogo com García Gutiérrez (2009) já alertavam que um sistema de organização do conhecimento criado por uma pessoa externa e um sistema criado com a contribuição de um sujeito compreendido pelo estrato social específico, não se configurariam enquanto o mesmo ato de nomeação.

Segundo Miranda (2008, p. 209-210)

A sexualidade talvez seja uma das mais difíceis representações a ser alijada do poder, porque tão intimamente ligada a ele. De fato, dentro do dispositivo da sexualidade, a sexualidade periférica estabelece arbitrariamente a fronteira do que é considerado anormal, natural e saudável. Como consequência, qualquer alteração em sua representação implica necessariamente uma ruptura na ideologia dominante. [...] O resultado é o sofrimento e a exclusão de todos que não se encaixam no modelo hegemônico, estabelecido pela heteronormatividade.

Para que se possa compreender de forma verossimilhante o que fora construído sob a forma de linguagem atuante enquanto mecanismo de defesa e resistência frente a heteronormatividade e não obstante de identidade em meio ao multifacetado ambiente LGBTQIAP+, tem-se de desbridar aquilo que é falado de sua compreensão lógica, tradicional e funcional na sociedade. Imergir em camadas mais profundas do entendimento acerca da performatividade, compreendendo o “estilo global de usos da boca” (BOURDIEU, 1996, p. 74).

Assim, após imergir em determinados domínios atravessados por marcadores da diferença, se pode compreender que no Brasil existem dois países que coexistem, a saber: o oficial e o real. O oficial é privilegiado, composto por estratos sociais que detém o “poder de fala” e o real é o de todos os sujeitos não compreendidos pelo discurso oficial, constituindo uma hierarquia conforme a incidência de violência em função do processo de objetificação sofrida pelos sujeitos que compõe tal estrato social. Ressalta-se que, a violência atua enquanto uma linguagem não verbal sobre os corpos abjetificados. Logo, se pode compreender que, nem todas as experiências são possíveis de serem transmitidas de maneira plena.

Segundo Bosi (1992, p. 112)

Conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, alguns livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso cotidiano se alimentam dessa confiança social.

Segundo Freud (2010, p.20) “[...] o indivíduo tem de fato uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra - ou, de todo modo, sem - a sua vontade”, ou seja, o que René Kaës (2011) nomeia como "singular-plural". Há elementos em comum, intersubjetivos que são compartilhados tornando-se comuns a determinados grupos, clã, entre outros, enquanto há outros elementos constitutivos dos sujeitos que são singulares, que só um sujeito vivência, e o faz de forma muito particular. Em outras palavras, nas hierarquias sociais historicamente construídas, em função de variáveis múltiplas gênero, raça, classe social, geração, entre outros, os grupos privilegiados não conseguem compreender em sua plenitude vivências de outros grupos sociais, ao ponto que, no âmbito dos grupos sociais é comum visualizar vivências compartilhadas ou comuns aos indivíduos que compõem aquele estrato social. Diante disso, Ricouer (2016) nomeia tais vivências enquanto objetos com várias faces, ou seja, por maior que seja o esforço de determinado estrato social em compreender as experiências de um outro estrato social, isso não é possível em função da multiplicidade de “afetos” (enquanto aquilo que atravessa o sujeito), que convergem para a composição de tal experiência.

Logo, a crença de que se pode simplesmente aprender o vocabulário, ou que, a lista de todos os termos em um determinado recorte temporal é o próprio dialeto, é uma crença que induz ao erro. O Bajubá vai além das palavras: é atuação¹⁵⁶. Linguagens como o Bajubá, criadas em meio as bermas da sociedade, tendo seu lugar, nas margens não objetivando tornar-se centro, mas sim resistir aos padrões de opressão e exclusão criados para segregar aqueles que divergem da norma. Ressalta-se que, em uma relação binária (margem - centro) esse tipo de vocabulário insurge como um artifício de proteção de um grupo vulnerável, auferindo e status de – antilinguagens.

O Bajubá é uma mistura de palavras de origem africana (Principalmente o Iorubá) sobreposta ao idioma fluente no país (Português), relacionando-se em uma interseccionalidade linguística complexa. Palavras do inglês, espanhol e francês são “emprestadas” pelo Bajubá, em função da economia do desejo composta por rotas de prostituição nacionais e internacionais que dialogam de forma profunda em muitos momentos com o próprio tráfico humano (VALE,

¹⁵⁶ Ver GLOSSÁRIO - Vencedor do Show do Gongo 2011 (19º Festival Mix Brasil) e GLOSSário – 2ª Lição, ambos disponíveis no youtube.

2005; 2007). Em contrapartida, muitas palavras permanecem em português e são usadas com um sentido alterado, configurando-se como um deslizamento de sentido que aufere uma ressignificação muitas vezes necessária para o processo de desconstrução do estigma social em que muitos termos/microestruturas foram criados.

De forma a tornar didático o entendimento acerca do vocabulário LGBTQIAP+ classificou-se os termos/microestruturas em cinco categorias identificadas a partir da indução e dedução dos termos (microestruturas) que compõe o mesmo, a saber:

- **Homossexualidades:** Bi, Bicha, Bicha de antiquário, Bicha de Blair, Bicha de Moema, Bicha fina, Bicha louca, Bicha profunda, Bicha sabonete, Bicha tranca-rua, Bicha balão, Bicha-bofe, Bicha-boy, Bicha branca, Bicha-cadela, Bicha-carteirão, Bicha-envelope, Bicha-louca, Bicha-louquice, Bicha-macha, Bicha-mauricinha, Bicha-mocassim, Bicha molinha, Bicha ploc ploc, Bicharia, Bicharoca, Bicheine, Bichinha baunilha, Bichoca, Bigode, Bigodón, Biltra, Bixa Bafoneira, Bixa Édna, Bobby, Bofe, Bofe-aranha, Bofe Itau, Bofoneca, Boneca, Borraboi, Buceto, Bunda mole/Bundeiro, Cachê, Caso, Catreva (catrevagem), Chupeteira, Colori, Cu preso, Culeiro, Dadeira, Debut, Denorex, Dislêxia, Dragonete, Encubado, Enrustido, Entendido, Greta, Guardiã-quaquá, Heterogay, Heterotecnos, Homiceta, Homigina, Homossexuellen, Homossexy, Índia, Irene, Ivone, Jacira, Jerusa confusa, Joana, Kakurucaia, Kika, Lacreia, Laleska, *Leather*, Lhushca, Machuda, Mafiosa, Mambasto, Manja-rola, Maricona, Marsupiellen, Mona, Monalisa, Mônica, Não tô podendo, Neuza, Nikita, P.A.M., Panqueca, Pão com cuspe, Pão com ovo, Passivona, Passivone, Pitu com charque, Poc-poc, Pupê, Quá quá, Recheada, Ser chegado, Tricha/Trixa, Vaca nova, Vagalume, Valdemar Ferreira, Velhota, Vera Boyola/Vera boiola, Viadagem, Viadérrio, Viadinho bombombom, Viado, Vinte e quatro, Víptima, Watusi (Varúsi), Wonder woman (uônder uômã), Xibumgo, Xica da Silva, Xuxa, Zé Augusto, Zig-zag, Zinho, Zira, Zumbi, entre outros;
- **Lesbianidades:** Aló, Apatá, Barriga, Bomberita, *Boot*, Borracha, Buba, Caminhoneira, Camioneta, Chuia, Chupa Charque, Chuteira, Cookie, Coronel, Di santini, Diesel, *Dyke*, Fada, Fanchona, Fufa, Janjão, Lelé, Lesbian chic, Lesbian drama, Xotão, entre outros.
- **Ações:** Agasalhar, Apagar a vela, Arerê, Atender, Atendimento, Atrache, Azuelar, Baba ovo, Babadão, Baixar vovó, Banheirón, Banho de Cleópatra, Besouro, Bofe tapioca ou bofe panqueca, Bofe-coca-cola, Bola gato, Bombão, Boqueteira, Cata-cavaco, Chupar, Chupar manga, Chupeta, Chupisco, Cunete, Dar piti, Dar um fight, Dar um voador, Descer o barraco, Descer o borel, Escandalo, Fazer, Fazer a gonda, Fudevu, Função,

Gravação, Gravar, Lamber o carpete, Loba, Mamona, Meia-nove (69), Mela-tecla, Mucica, Passar a ruva, Perrenga, Pimbar, Porta-jóia, Turca Marcada, Vô agarrar no muco dela, Xoxação, Xoxar, Zaira, Zumzumzum, entre outros;

- **Anatomia:** Amapoa, Aranha, Arrombada, Bambu, Batom, Beiça, Beiça, Benga, Bibita, Bilola, Buceto, Canivete, Capô de fusca, Catu, Chapeleta, Chaveirinho, Chico, Cona, Cortada, Croquete, Estrovena, Frapê, Gogóia, Grilinha, Kibe, Laiala, Laquaqua, Mala, Manguaça, Naira, Neca, Necão, Nicaô, Ocâni, Pacotão, Pacoteira, Perseguida, Pomba, Racha, Savi, Tabaco(a), Tcheca, Testuda, Tromba, Trombudo, Vara, Verga, Xana, Xavasca, Xereca, Xibiu, Xota, Xuleta, entre outros;
- **Expressões:** A como?, A noite hoje é uma cachorra!, Abafa o bofe, Abala/abalou, Abalar, Abalar Paripe, Abalar Paris, Abafa o caso, Abafe o caso e segure o tchan!, Ai meu edi, Arrasar, As mentirosas, Bafão, Baixar a Pomba Gira, Betty faria!, Bofe tapioca ou bofe panqueca, Brincas de ali-babá, Buceta bonita, Débora kerr, Fazer a Marisa, Fófi, Força na peruca!, Força no picumã!, Gozou ou levou a sério, Grudar o cliente, Meda, Metade sereia metade tubarão, Meu cu!, Pai de família, Quebrar a louça, Tá boa, Tá get!, Vô agarrar no muco dela, Xuxu, entre outras.

A complexidade do vocabulário LGBTQIAP+ atua não apenas na compreensão de seus termos, mas também na multiplicidade de termos/microestruturas metafóricas que podem ser observados em aplicações de nomes femininos a homossexualidades masculinas, travestilidades, ações entre outros, por exemplo: Hebe Camargo, Greta Garbo, Emma Thompson, Deborah Kerr, Uma Thurman, Watusi etc. Ressalta-se que, a influência de produtos culturais como as produções televisivas da Rede Globo de Produções como suas novelas, apresentam-se de forma aguda nas nomeações e usos além de personalidades da tv e música.

O uso de eufemismos para partes do corpo e atos sexuais, por um lado, permite um uso mais permissivo, uma vez que, na linguagem LGBTQIAP+ o vocabulário obsceno, gírio e comum marcado na representação linguística do significado erótico, onde a erotização dos corpos é um cotidiano e consequentemente a própria anatomia deles tem lugar de destaque no vocabulário que refletem o cotidiano dos sujeitos.

6 Considerações Finais

Ao compreender que a linguagem pode ser entendida como um fenômeno sociocultural de expressão, que reflete influências sócio-históricas além de preconceitos e antipatias, arraigados em estereótipos que insurgem em meio social como parte constitutiva dos

dispositivos de controle inscritos em jogos de poder, auferindo o status de êmica ao ser apropriada por de um indivíduo, grupo, classe, estrato social, inferindo características de um organismo vivo que se transforma com o uso, visando intencionalidades, vontades e desejos do universo que a utiliza.

Como identificou-se neste estudo de tese, em função da natureza abjetificada, dos estratos sociais compreendidos no domínio LGBTQIAP+ e objetificada, tendo suas existências condicionadas a espaços específicos e em casos específicos tendo a prostituição como forma de subsistência, criou-se uma antilinguagem, sob a forma de vocabulário próprio, que identifica e atua enquanto mecanismo de resistência frente as violências reais e simbólicas que permeias a construção das identidades desviantes da heteronormatividade.

Assim, em sua autonegação e autoclassificação, os estratos sociais que se utilizam do vocabulário LGBTQIAP+ valem-se de termos de outros idiomas como inglês, francês, espanhol e italiano, deslizamentos de sentidos como o próprio termo “Bicha” antes uma forma violenta e pejorativa de se referir a homossexuais, que revele em sua gênese a natureza abjeta e putrefata com que são comparados os sujeitos praticantes de modalidades alternativas de sexualidade, que ao sofrer um deslizamento de sentido, se torna uma forma de auto empoderamento, uma identidade, além de uma forte influência artefatos culturais, tais como as novelas da rede Globo de produções, além de ironias, eufemismos, figuras femininas vinculadas a artefatos culturais que são incorporados ao vocabulário de forma peculiar, auferindo um significado peculiar. Ancorando-se em uma garantia autopoietica que lhes auferir o espaço necessário para tal empreendimento e “redistribui” o poder de nomear até então centrado na figura do especialista que se arroga o direito de afirmar sob uma perspectiva única de nomeação.

Assim, como constatado em estudos oriundos de desdobramentos deste estudo de tese, se pode compreender que, para além de dominar os sistemas de classificação documentária, os estudos terminológicos contemporâneos têm como desafio compreender seu papel na reflexão acerca das interações sociais que resultam em hierarquias, estereótipos e estigmas que se manifestam através da linguagem. Em outras palavras, por trás de cada termo empregado por um grupo social, há uma vontade – ou mesmo uma vontade reprimida. Cada termo é cuidadosamente escolhido para provocar um determinado sentido, especialmente quando os sujeitos utilizam esse termo para representar a si mesmos. Um termo nunca está sozinho, ele revela aspectos sobre quem o produziu e está repleto de elementos identitários.

O presente estudo de tese corresponde a um esforço de aproximação com grupos marginalizados pela sociedade, compreendidos pela sigla LQGBTQIAP+, para o refinamento

do entendimento acerca de suas construções para em seguida, promover o desenvolvimento de uma classificação sobre as homossexualidades, seguindo uma abordagem pragmatista ou de análise de domínio, informada pelo conhecimento teórico de especialistas e pela participação dos indivíduos do domínio, garantindo assim a eficiência e eficácia no âmbito da representação e conseqüentemente da recuperação da informação, para além da garantia de uma construção verossimilhante acerca de tal domínio. Esta classificação poderá ser aplicada em um posterior momento no desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento, como taxonomias, tesouros, glossários e dicionários, que possam ser utilizados em unidades de informação específicas, fortalecendo de forma intrínseca e extrínseca o domínio e os objetivos e interesses dos indivíduos que o conformam.

Diante disso, ao término das observações e análise dos dados observados em local de socialização das comunidades discursivas compreendidas no domínio das dissidências sexuais e de gênero (tanto físico quanto em meio digital) e contidos no material bibliográfico analisado se pode compreender de forma contundente o processo de construção sócio-histórico, político e cultural no qual os atores sociais praticantes de modalidades alternativas de sexualidade desenvolveram um rebuscado vocabulário que para além da função de comunicação e de gerar entendimento entre as partes falantes, atua enquanto linhas de fuga e formas de resistência frente as ações dos dispositivos de controle social que vigiam os corpos desde a mais tenra idade. Não obstante se pode vislumbrar não apenas a evolução do vocabulário LGBTQIAP+ que serviu como base para este estudo, mas compreender a real necessidade de sua formulação e uso, por meio da visualização dos atravessamentos e subjetividades que compõe as vivências dos sujeitos envolvidos.

Nesse interim, se pode compreender que, o estado de exceção simbólico construído socio-historicamente sobre e em torno dos sujeitos que borram, desviam ou não balizam suas identidades, práticas e orientações do desejo pela norma vigente, eleita por proselitismos sociais, de forma a melhor servir os grupos hegemônicos onde o sistema patriarcal, utiliza-se de estratégias e métodos sexistas para arraigar um comportamento machista, em um invólucro capitalista, que se utiliza de dispositivos de controle social para tornar os corpos politicamente dóceis e economicamente produtivos, gerando em seu interior oprimidos e excluídos em um jogo de poder complexo em que “lembança e esquecimento”, são partes de um mecanismo de controle social, um instrumento que por meio de uma consciência seletiva, tal qual uma marionete, lembra ou se esquece daquilo que é conveniente apenas para ao grupo hegemônico.

Assim, ao vislumbrar os sistemas de saber/poder e patriarcal nos quais está inscrito toda a engenharia social de controle dos corpos, engendrada em uma interseccionalidade das relações de poder, raça, gênero e sexualidade que incidem sobre os corpos de modo a controlar suas práticas em uma produção serializada de sujeitos dóceis e economicamente viáveis sob a perspectiva do biopoder e consequentemente do capital. Não obstante, a criação de um vocabulário oriundo do marginalia que atua nas bermas da sociedade em uma ação discursiva margem-centro que não almeja tornar-se centro, mas que reverbera causando um movimento entre os sujeitos que de alguma forma não se sentem completamente representados e/ou identificados nos espaços destinados a eles no decorrer das construções sócio-históricas, coletivas e individuais.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, o estudo de tese aqui apresentado alcançou o objetivo proposto de identificar os termos êmicos utilizados no domínio das dissidências sexuais e de gênero, sob o recorte das comunidades discursivas LGBTQIAP+ que podem fundamentar de forma ética e atuar como garantia autopoietica na prática de organização do conhecimento, para além de, colaborar para a criação de sistemas de organização e representação do conhecimento mais eficientes acerca de tal domínio (Glossário). Respeitando as autonegações praticadas no âmbito do domínio LGBTQIAP+, uma vez que, no decorrer da construção histórica acerca das homossexualidades, tudo o que fora construído sobre e em torno das mesmas relaciona-se direta ou indiretamente com a tríade pecado-crime-doença, tornando as práticas, dobras e desejos, marginalizados e esmaecendo as mesmas do pondo de vista das memórias e da construção do próprio conhecimento onde os discursos médico científico, jurídico e religioso tornaram as homossexualidades estigmatizada.

Diante disso, ao visualizar, compreender os usos e práticas, organizar e dar espaço ao discurso não hegemônico, viabilizou-se a construção de diálogos profícuos que possibilitem uma representação verossimilhante, eficiente e eficaz no âmbito dos sistemas de organização da informação e do conhecimento, uma vez que, as linguagem documentárias e os sistemas de classificação devem atuar de forma a auferir um acesso universal, ou seja, uma recuperação eficiente além de uma representação verossimilhante do objeto representado/buscado de modo a satisfazer as necessidades de busca e representação não apenas do usuário, mas também das comunidades discursivas que interagem com os mesmos. Assim, tal estudo apresenta possibilidade de desdobramentos em pesquisas futuras como a por exemplo a própria criação de uma linguagem documentária voltada ao domínio das dissidências sexuais e de gênero.

Referências

- ABRAHAMSEN, Knut Tore. Indexing of Musical Genres. An Epistemological Perspective. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 3/4, p. 144-169, 2003.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. **Estigma, discriminação e AIDS**. Rio de Janeiro: ABIA, 2001. (Coleção ABIA - Cidadania e Direitos, n. 1).
- AGUIAR, António A. **Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa**. (Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa, 11) Lisboa, 1926.
- ALBERTINI, Rafael Zanata; COSTA, Márcio Luís; MIRANDA, Rodrigo Lopes. Narrativas fora do armário: a identidade sexual de homens gays na cidade. **Revista Subjetividades**, v. 19, n. 2, p. 27-06/2020, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação temática da informação na Literatura popular de cordel**. Curitiba: Appris, 2013.
- ALLPORT, Gordon. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ALMEIDA, Ana Luiza Nunes. O gênero construído: a influência do conceito na construção de identidade em duas iguais. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria - RS, n. 19, p. 55-66, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X26590>
- ALMEIDA, Angela Mendes de. **O gosto do pecado: casamento, sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Higiene Moral – Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital**. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1906.
- AMBRA, Pedro. Cartografias da masculinidade: do mito aos horizontes de desconstrução. **Revista Cult**, ano 22, n. 242, p. 17-19, 2019.
- AMBRA, Pedro. Cartografias da masculinidade: do mito aos horizontes de desconstrução. **Cult – Revista brasileira de cultura**, São Paulo: editora Bregantini, n. 242, fevereiro, 2019.
- ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 4, p. 274-305, Dec. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222000000200011>.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAUJO, José Estevez. Gênero e direito. In: FABIANI Emerson Ribeiro (Coord.) **Impasses e aporias do Direito Contemporâneo**. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 59-77.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ARBOIT, Aline Elis. Epistemologia da documentação: provocações necessárias. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, [S. l.], v. 24, n. 48, p. 382-388, 2014.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil**: nunca mais. Vozes, 1985.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AUSTIN, John. **How to do Things with Words**: The William James lectures delivered at Harvard University in 1955. Oxford: University Press, 1975.

BÂ, Amadou Hampâté. A palavra, memória viva na África. **Correio da UNESCO**: África e sua História, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1973.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n. 13, p. 7-14, 30 dez. 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i13p7-14>

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1969.

BARBOSA, Antonio Sergio Ackel. **Cartas pessoais de pacientes do Sanatório Pinel (1929-1944)**: um estudo filológico. 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2020.tde-20022020-165247. Acesso em: 2021-03-28.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; MEDEIROS, Robson Antônio de. Dos povos nativos ao surgimento dos movimentos sociais: influências dos discursos jurídicos, religiosos e médicos para a construção do conceito de homossexualidade no Brasil. **Revista de Direito Internacional**, Brasília, v. 15, n. 3, 2018 p. 266-289.

BARITE, Mario; FERNANDEZ-MOLINA, Juan Carlos; GUIMARAES, José Augusto Chaves; MORAES, João Batista Ernesto de. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, v. 22, p. 123-138, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-37862010000200003>.

BARLAEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação de cultura da cidade de Recife, 1980.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da ciência da informação. In TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

BARTRA, Roger. **El salvaje en el espejo**. México DF: Coordinación de Difusión Cultural, Coordinación de Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BEGHTOL, Clare. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. **Journal of Documentation**, London, v. 58, n. 5, p. 507-532, 2002a.

BEGHTOL, Clare. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of Documentation**, London, v. 42, n. 2, p. 84-113, June. 1986.

BEGHTOL, Clare. Ethical decision-making for knowledge representation and organization systems for global use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 56, n. 9, p. 903-912, 2005.

BEGHTOL, Clare. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries**. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002b. p. 45-49.

BELLINI, Lígia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENTO, Berenice. Determinismo biológico revisitado: raça e gênero. **Revista cult**, n. 198, p. 12-14, 2015.

BENTO, Berenice. Máscaras heterossexuais, desejos homossexuais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510021>.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral - volume I**. Campinas: Pontes, 2005.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERLANT, Lauren e WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, Rafael. **Sexualidades Transgressoras: una antología de estudios queer**. Barcelona: Içaria, 2002, p.229-257.

BERMAN, Sanford. **Prejudice and antipathies: a tract on the LC subject heads concerning people**. Jefferson: McFarland & Company Inc. Publishers, 1993.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

- BLACKWOOD, Evelyn. **Antropology and homosexual behavior**. Nova York: Haworth, 1986.
- BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.
- BOSI, Ecléa. A opinião e o estereótipo. **Contexto**. São Paulo: Hucitec, n.2. mar. 1977.
- BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 32, p. 111-118, março 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas lingüísticas**: O que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, junho de 2006.
- BREWER, John. **Ethnography**. Buckingham: Open University Press, 2000.
- BRICKELL, Chris. Sexology, the Homo/Hetero Binary, and the Complexities of Male Sexual History. In: **Sexualities**, London, Sage, v. 9, n.4, p.423-447, 2006.
- BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.
- BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: Homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 751-778, 2018.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.
- BUCKLAND, M.K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.
- BURKE, Peter. Geschichte als soziales Gedächtnis. In. ASSMANN, Aleida; HARTH, Dietrich. **Mnemosyne, Furmen und Funktionen Kultureller Erinnerung**. Frankfurt, 1991.
- BUTLER, Judith P. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires – Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa** - El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007 [1990, 1999].
- BUTLER, Judith. From: Bodies That Matter: On the Discursive Limits of ‘Sex’. In: GOODMAN, Lizbeth; DE GAY, Jane (Ed.). **The Routledge Reader in Gender and Performance**. New York: Routledge, 1998. p. 282-287.

BUTLER, Judith. **Marcos de Guerra**: las vidas lloradas. 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. São Paulo, Autêntica, 2015.

CABRERA, Miriam Regiane Dutra. **A questão do politicamente correto em temáticas relativas à homossexualidade e seus reflexos na representação da informação**. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – Marília, 2012.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; BARROS, Camila Monteiro De; SANTOS, Valéria Cunha Dos. **Rev. Interam. Bibliot**, Medellín, v. 37, n. 3, p. 201-214, Dec. 2014.

CAFÉ, Ligia; BRÄSCHER, Marisa. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB/USP, 2008.

CAMPBELL, Donald Grant. Queer theory and the creation of contextual subject access tools for gay and lesbian communities. **Knowledge Organization**, v. 27, n. 3, p.122-131, 2000.

CAMPBELL, Donald Grant. Queer Theory and the Creation of Contextual Subject Access Tools for Gay and Lesbian Communities. In: KEILTY, Patrick; DEAN, Rebecca (Ed.). **Feminist and queer information studies reader**. Litwin Books, LLC, 2013, p. 290-308.

CAMPBELL, Donald Grant; GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; NASCIMENTO, Francisco Arrais. The terminological polyhedron in LGBTQ terminology: Self-naming as a power to empower in knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 44, n. 8, p. 586-591, 2017.

CANDAU, Vera Maria. **Somos tod@s iguais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Perspectivas em **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 12, n. 1, nov. 2007.

CARDEAL DA CUNHA. **Regimento do Santo Ofício da Inquisição dos Reinos de Portugal**. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1774, Título 15.

CARLAN, Eliana; MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago./dez.2011.

CARNEIRO, Sueli. **Entrevista**. Margem esquerda, n. 27, p. 11-21, outubro de 2016.

CARRASCO, Rafael. **Inquisición y represión sexual en Valencia** - História dos sodomitas (1565-1785). Barcelona: Laerte, 1985.

CARVAJAL, Gaspar de. **Descobrimentos do Rio das Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

CARVALHO, Salo de; DUARTE, Evandro Charles Piza. **Criminologia do preconceito: racismo e homofobia nas ciências criminais**. São Paulo: Saraiva, 2017. 262 p

CASTRO, Edgardo. **Lecturas foucaulteanas**. Una história conceptual de la biopolítica. La Plata: Unipe Editorial Universitaria, 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília (DF): UNESCO; 2004.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CÉSARIE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2013.

CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. In: BRUMMETT, Barry (Ed.). **Reading Rhetorical Theory**. New York: Harcourt, 2000. p. 879-893.

COLLING, Leandro. **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador, EDUFBA, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. EM DIREÇÃO A UMA NOVA VISÃO: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In. MORENO, Renata. **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre viva. Série Economia e Feminismo, 4), p. 13-42.

COMPARATO, Fabio Konder. **A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos**. 8 ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNEL, Robert W.. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CORBIN, Alain. **Le Miasme et la jonquille**. Paris: Flammarion, 1982.

CORNELL, Drucilla. **The philosophy of the limit**. New York: Routledge, 1992.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. **Diccionario crítico etimológico**, tomo 5, Gredos, Madrid: 1984.

CORRIGAN, Philip. “Making the boy: meditations on what grammar school did with, to and for my body”. In Henri Giroux (org.), **Postmodernism, feminism and cultural politics**. Nova York: State University of New York Press, 1991. p.196-216.

COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento de mulheres. 2000. Disponível em: http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Genro_poder_e_empoderamento_das_mulheres.pdf. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

COSTA, António Firmino. Classificações sociais. **Leitura**, Lisboa, v.3, n.2, p. 65-75, out. 1977/abr.1998.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das representações sobre o homoerotismo. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 1, p. 21-38, 2010.

COSTA, Flávia Zimmerle da Nóbrega; GUERRA, José Roberto Ferreira; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. O Solo Epistemológico de Michel Foucault: Possibilidades de Pesquisa no Campo da Administração. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 168-179, abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2013v15n35p168>.

COSTA, Moacir. Introdução. In: GRANDINO, Adilson; MELO, Cândido Pinto de; NORONHA, Decio; NOGUEIRA FILHO, Durval Mazzei; OLIVEIRA, Eduardo de; MACRAE, Edward; GABEIRA, Fernando; VERUCCI, Florisa; GAIARSA, José Angelo; COSTA, Moacir; GIANNOTTI FILHO, Osvaldo; BOTAS, Paulo Cesar Loureiro; MONTEIRO, Regina Fourneaut; NOGUEIRA, Rose; PETRI, Valéria; VIEIRA, Yvonne Mattos; QUEIROZ, Zally Vasconcelos. **Macho masculino homem**. São Paulo: L & PM Editores Ltda, 1986, p. 7-8.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, janeiro de 2002.

CUENCA, María Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

CUNHA, Eduardo Leal. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino: o colapso da lógica identitária por der o pivô da “crise” e de sua instável figura. **Revista Cult**, ano 22, n. 242, p. 25-27, 2019.

D'EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614 pelo padre Ivo D'evreux, religioso capuchinho, publicada conforme o exemplar único conservado na Biblioteca Imperial de Pariz**. Maranhão: Typ. Do Frias, 1874.

DAHLBERG, I. Ethics and knowledge organization: in memory of Dr. S. R. Ranganathan in his centenary year. **International Classification**, Frankfurt, v. 19, n. 1, p. 1-2, 1992.

DAHLBERG, Ingetraut. Current trends in knowledge organization. In: GARCIA MARCO, Francisco. Javier. **Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Libreria General, 1995, p.7-25.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, v.7, n. 2, 1978.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

DANIEL, Herbert. **Passagem para o próximo sonho**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1982.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DE ARAÚJO, Erika Barbosa; THEOPHILO, Glaucia Lima de Magalhães. Transgêneros: ainda incompreendidos?. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 73-101, jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.39490>.

DE LA TIERRA, Tatiana. Latina lesbian subject headings: the power of naming. In: DRABINSKI, Emily; ROBERTO, K. R.; BERMAN, Sanford. **Radical cataloging: Essays at the front**, p. 94-102, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Vol. 1. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Editora. Perspectiva, 1971.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DERRIDA, Jacques. Assinatura acontecimento contexto. In: **Limited Inc**. Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 11-37.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva. 2013.

DÍAZ-JATUF, Julio. **Necesidades de Información en la comunidad GLTTIBQ (gay, lésbica, transexual, travesti, intersexual, bisexual, queer)**. Tesis de Maestría thesis, Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras/Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2017.

DINIZ, Antony Henrique Tomaz. Os corpos dos ursos: uma etnografia do meio ursino paulistano. 2017. 1 recurso online (140 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2017.

DOMINGUEZ, Bruno. Sangue recusado. **Revista RADIS**, Rio de Janeiro: Fiocruz, n. 189, junho, 218. p. 12-19.

DORLIN, Elsa. **Sexe, genre et sexualités**. Paris: Presses Universitaire de France, 2008.

DOUGLAS, Mary. **Purity and Danger** - An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011. (Série sexualidade e Direitos Humanos).

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 6ª ed., São Paulo: Nacional, 1972.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 399-455.

ELLIS, Albert. **The guild dictionary of homosexual terms**. Washington: Guild Press Ltd., c1965.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARMER, Paul. **Infections and Inequalities**: the modern plagues. Los Angeles: University of California Press, 2001.

FAUSTINO, Deivison. O negro, o drama e as tramas da masculinidade no Brasil: Qual é o lugar dos homens negros numa sociedade que, ao mesmo tempo, exalta os homens negros, mas nega a humanidade das pessoas negras? **Revista Cult**, ano 22, n. 242, p. 28-31, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Traduzido por Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FELBERG, Edgard. **O sexo nu**: bareback e outras reflexões. Curitiba: Appris, 2015.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scorteccei, 2015.

FERNANDES, Estevão R. **“Existe índio gay?”**: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. 383 f., il. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v.4, p.137-166, abr. 2004.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, novembro de 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>.

FLANDRIN, Jean-Louis. **Le sexe et l'Occident**. Paris: Seuil, 1981.

FLANDRIN, Jean-Louis. **O Sexo e o Ocidente: Evolução das atitudes e dos comportamentos**. São Paulo – SP: editora Brasiliense, 1988.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOGL, Jiri. A relação entre o conceito de informação e o conceito de conhecimento. **International Forum On Information And Documentation**, v. 1, n. 4, p. 21-24, 1999

FOGL, Jiri. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International Fórum on Information and Documentation**, The Hague, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

FONSECA, Mareio Alves da. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Max. Limonad, 2002.

FONSECA, Tânia M. G.; KIRST, Patrícia G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto alegre: UFRGS, 2003.

FONTAINE, Matthieu. Aveu et résistance. **Strathèse**, Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, n. 3, 2016. Relire Michel Foucault, URL : <https://strathese.unistra.fr:443/strathese/index.php?id=578>

FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. 2.ed. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1995, p. 91-128.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010a.

FOUCAULT, Michel. An Interview with Michel Foucault. In. FAUBION, James D., ed., **Power**. V 3. New York: The New Press, 1994. p. 239-97.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 382 p. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Foucault Live**: Collected Interviews, 1961-1984. New York: Semiotext(e), 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** - a vontade de saber. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2** – O Uso dos Prazeres. 8 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3** – O cuidado de si. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020c.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4**: as confissões da carne. São Paulo: Paz e terra, 2020d.

FOUCAULT, Michel. **Historie de la folie à l'Age classique**. Rio de Janeiro: Efitions Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 25-38.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: M. b. de Motta (Org.). **Ética, sexualidade, política/michel Foucault**: Ditos e escritos V. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987a.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2010.

FRANÇA, Isadora Lins. Gênero e sexualidade: ascensão conservadora e fantasias masculinas de poder no Brasil. **Margem esquerda**, n.33, p. 45-52, outubro de 2019.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 227-255, junho de 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100011>.

FRANCO, Cristina Perales. Abordagem Etnográfica à Convivência na Escola. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 887-907, setembro de 2018.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria Freire. **Introdução à ciência da Informação**. 2ª edição revisada e ampliada. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREIRE, Lucas de Magalhães. De Sodomitas a Homossexuais: a construção de uma categoria social no Brasil. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 88-100, agosto. 2012.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30. ed. – Rio de Janeiro: Record, 1995.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; BOCCATO, Vera Regina Casari; RUBI, Milena Polsinelli; GONÇALVES, Maria Carolina. **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GABEIRA, Fernando. Machismo. In: GRANDINO, Adilson; MELO, Cândido Pinto de; NORONHA, Decio; NOGUEIRA FILHO, Durval Mazzei; OLIVEIRA, Eduardo de; MACRAE, Edward; GABEIRA, Fernando; VERUCCI, Florisa; GAIARSA, José Angelo; COSTA, Moacir; GIANNOTTI FILHO, Osvaldo; BOTAS, Paulo Cesar Loureiro; MONTEIRO, Regina Fourneaut; NOGUEIRA, Rose; PETRI, Valéria; VIEIRA, Yvonne Mattos; QUEIROZ, Zally Vasconcelos. **Macho masculino homem**. São Paulo: L & PM Editores Ltda, 1986, p. 11-17.

GAGNON, John H. Gender Preference in Erotic Relations: The Kinsey Scale and Sexual Scripts. In: MCWHIRTER, David P.; SANDERS, Stephanie Ann; REINISCH, June Machover. **Homosexuality/Heterosexuality**: Concepts of Sexual Orientation. New York: Oxford, 1990. p. 177-207.

GAMBLE, Sarah. Postfeminism. In: GAMBLE, Sarah (Ed.). **Feminism and Postfeminism**. London; New York: Routledge, 2001. p. 43-54.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006, p. 345-362.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858.

GANGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: editora 34, 2009.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. **Desclasificados**. Pluralismo lógico y violencia de la clasificación. Barcelona: Anthropos, 2007.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Knowledge organization from a “culture of the border”: towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century**: integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002. p. 516-522.

GARCIA, Dantielli Assumpção; BIZIAK, Jacob dos Santos; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. **Do cárcere à invenção**: gêneros sexuais na contemporaneidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GERMANO, Felipe. Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube: O Redtube revelou que o brasileiro pesquisa e muito sobre transexuais em seu site. **Revista Exame**, São Paulo, v. 19, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOETTERT, Jones Dari. AOS" VADIOS", O TRABALHO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO E A VADIAGEM NO BRASIL. **Revista Formação** (Online), v. 2, n. 9, p. 101-117, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **Movimento humano**: incursões na educação e na cultura. Curitiba: Editora Appris, 2017.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélida. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v.32, n.1, p.60-77, 2003.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREGOR, Thomas. **Anxious Pleasures**: the sexual lives of an Amazonian people. Chicago: University of Chicado Press, 1985.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 327 p.

GUERRA, Gregório de Matos e. **Obras Completas de Gregório de Matos e Guerra** – Crônica do viver baiano seiscentista. Salvador: Janaína, 1969.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.

GUIMARAES, Jose Augusto Chaves; NASCIMENTO, Francisco Arrais; PINHO, Fabio Assis. THE METAPHORICAL DIMENSION OF LGBTQ INFORMATION: Challenges for its subject representation. **Informacao & Sociedade-estudos**. Campina Grande Pb: Univ Federal Campina Grande, v. 27, n. 3, p. 49-57, 2017.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis. A precisão nas linguagens de indexação: um estudo com a temática da homossexualidade masculina. In: **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB**, 2011, Brasília. Políticas de informação para a sociedade. Brasília: Thesaurus: 2011. v. cd-rom. p. 352-370.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis. Os desafios da representação do conhecimento face à homossexualidade masculina. In: José Augusto Chaves Guimarães; Vera Dobedei. (Org.). **Desafios e Perspectivas Científicas para a organização e representação do conhecimento**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012, v. 1, p. 143-146.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Que "corpo" é esse de Preciado? (Ou que corpos depreciados são esses?). **Revista Concinnitas**, v. 18, n. 32, p. 85-122, 2018.

HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad feminina**. Madri: Egales, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALPERIN, David. **San Foucault**. Para una hagiografia gay. Buenos Aires: El cuento de prata, 2007.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 201-246, junho de 2004.

HARTMANN, Heidi. The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union. In: JAGGAR, Alison; ROTHENBERG, Paula. **Feminist Framework**. Alternative theoretical accounts of the relations between women and men. New York: McGraw-Hill, 1984. p. 172-189. [1979].

HERDT, Gilbert. **Guardians of the flutes: idioms of masculinity**. Nova York: McGraw-Hill, 1981.

HERDT, Gilbert. **The Sambia: ritual and gender in New Guinea**. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1987.

HERDT, Gilbert; STOLLER, Robert. **Intimate communications: erotics and the study of culture**. Nova York: Columbia University Press, 1990.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, London, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HJØRLAND, Birger. Domain Analysis. **Knowledge Organization**, v. 44, n. 6, p. 436-464, 2017.

HJØRLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, Birger. **Information seeking and subject representation: an activity theoretical approach to Information Science**. London: Greenwood Press, 1997.

HJØRLAND, Birger. Knowledge organization (KO). **Knowledge Organization**, v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

HOCQUENGHEM, Guy; PRECIADO, Beatriz; SCHÉRER, René. **El deseo homosexual Terror anal**. Espanha: Melusina, 2009.

HOOKS, Bell. Linguagem: usar novas paisagens/novas linguagens. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 3, pág. 857-864, dezembro de 2008.

IRAJÁ, Hernani. **Psicoses do amor**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1931.

IRIGARAY, Luce. **The Sex Which is not One**. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

JACOBS, Daiane Dordete Steckert. Corpo Vocal, Gênero e Performance. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, pág. 359-381, agosto de 2017.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de lamemoria**. España/Argentina: Siglo XXI, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

JINKINGS, Ivana; RENZO, Artur. Apresentação. In: **Margem esquerda**, n. 33, p. 9-10, outubro de 2019.

JOECKER, Jean-Pierre; OUERD, Michèle; SANZIO, Alain. Histoire et Homosexualité, Entretien avec Michel Foucault. **Masques**, n. 13, p. 15-24, Printemps 1982.

KAËS, René. **Um singular plural**. São Paulo: Loyola, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael S.. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>.

KINCHELOE, Joe; BERRY, Kathleen. **Pesquisa em educação:** conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KINSEY, Alfred Charles; POMEROY, Wardell Baxter; MARTIN, Clyde Eugene. **O comportamento sexual do homem.** Tradução Augusto Coutinho Lage e Paulo Duarte Miranda. Lisboa: Meridiana, 1972.

KIRKWOOD, Julieta. **Ser política en Chile:** las feministas y los partidos políticos. Santiago: Flacso. Março, 1986.

KITZINGER, Celia. Heteronormativity in Action: Reproducing the Heterosexual Nuclear Family in After-hours Medical Calls. In: **Social Problems**, vol. 52, issue 4, p. 477–498, Society for the Study of Social Problems, 2005.

KOBASHI, Nair Yumiko. **A elaboração de informações documentárias:** em busca de uma metodologia. 1994. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.

KOGURE, Linda; ESTEVES JUNIOR, Milton. Por uma cartografia sentimental: do imaginário ficcional de Cidadilha à cidade-ilha de Vitória (ES). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 71, p. 274-290, dez. 2018.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras.** 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 217.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem.** Tradução Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edição 70, 1988.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror** - An Essay on Abjection. Nova York: Columbia University Press, 1982.

KULICK, Don. **Travesti:** Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário.** Livro III: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 342 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LAPORTE, Dominique. **Histoire de la merde.** Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1978.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Glossário: termos e conceitos da área de Comunicação e Produção Científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (org.). **Comunicação & Produção científica:** contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 35-86.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LAURETIS, Teresa de. **Alice doesn't: Feminism Semiotics, Cinema**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

LAURETIS, Teresa de. **Diferencias: Etapas de un camino através del feminismo**. Madrid: editorial Horas y horas, 2000.

LAURETIS, Teresa de. Identidad de género, malos hábitos y teoría queer. In ZURIAN, Francisco A. (Ed.). **Imágenes del Eros: género, sexualidad, estética y cultura audiovisual**. Madrid, España: Editorial Ocho y medio libros de cine, 2011.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

LAURETIS, Teresa de. **Théorie Queer et Cultures Populaires**. De Foucault à Cronenberg. Paris: La Dispute, 2007.

LE COADIC, Yves-Frçois. **A ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Efitons Gallimard, 1974.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4 ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LEITE JUNIOR, Jorge. “**Nossos corpos também mudam**”: sexo, gênero e invenção de categorias “Travesti” e “Transexual” no discurso científico. Tese de doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LEIVA, Dennis O. Quirós. Indios, sodomitas y demoníacos: Sumario de la Natural Historia de las Indias de Gonzalo Fernández de Ovied. In REQUENA, Antonio; MOTT, Luiz Roberto de Barros; LEIVA, Dennis O. Quirós; GUERRERO, Ricardo de la Espriella (Org.). **Crítica a los discursos sobre las prácticas sexuales de los pueblos originários**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2015.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. Salvador – BA: Editora Devires, 2020.

LÉRY, Jean de. **History of a Voyage to the land of Brazil, otherwise called America**. Berkeley: University of California Press, 1990.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Livraria Matins, 1941.

LÉRY, Jean de. **Voyage au Brésil**. Lausanne: Bibliothèque Romande, 1972.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional; USP, 1970.

LIMA, Gláucio Barreto de; SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. O campo da informação no ordenamento político de gênero. In: ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (Org.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota)

LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In: Charles Steinberg. **Meios de comunicação em massa**. São Paulo, Cultrix, 1970.

LOPES, Denilson. Bichas e Letras: uma Estória Brasileira. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). **A Escrita de Adé**. Perspectivas Teóricas dos Estudos Gays e Lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã/State University of New York, 2002, p. 33-50.

LÓPEZ YEPES, José. Teoría e Historia de la Información y Documentación. I. In: LÓPEZ YEPEZ, José (org.). **Fundamentos de información y Documentación**. Madrid: Eudema, 1989, p.25-52.

LÓPEZ-HUERTAS, María José; RAMÍREZ, Isabel de Torres. Terminología de género. sesgos, interrogantes, posibles respuestas. **DataGramaZero**, v. 6, n. 5, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias das Sexualidades. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Louro. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. Boitempo. 2014.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 2, 1, p. 53-60, abr. 1983.

MAI, Jens-Erik. Folksonomies and the new order: authority in the digital disorder. **Knowledge Organization**, v. 38 n. 2, p. 114-122, 2011.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O Conceito De Dispositivo Em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, v. 29, n.1, p.199-213. Porto Alegre: UFRGS, jan/jun 2004

MARCILESE, Mercedes; SILVA, Silmara Dela. Forma e função nos estudos da linguagem: a Linguística na década de 1960 e a "guinada pragmática". In: BAALBAKI, Angela; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MARCILESE, Mercedes; FONSECA, Raquel; SILVA, Silmara Dela. **Linguística III**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

MARINHO, Andrea Carla Melo; NASCIMENTO, Francisco Arrais; BORBA, Vildeane da Rocha; MORIGI, Valdir José. Onde quem manda é o freguês: memórias e representações sobre o Nordeste nos jingles das casas José. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; BUDD, John M. Epistemic warrant for categorizational activities and the development of controlled vocabularies. **Journal of Documentation**, v. 73 Issue: 4, p.700-715, 2017.

MARX, Karl. **Wage-labor and capital**. New York: International Publishers, [1849] 1971.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. **A Resposta Sexual Humana**. São Paulo: Livraria Roca, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. CORPOS NUMA PAULICEIA DESVAIRADA: MULHERES, HOMENS E MÉDICOS - SAO PAULO, 1890-1930. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, n. 25. 2002, p. 381-396.

MAZZEI, George. 1979. "Who's Who in the Zoo?". **The Advocate**: 42-43.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, pág. 635-655, dezembro de 2012.

MELO, Fabio Dantas de. Categorização linguística como esteio da organização do conhecimento. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSHER, Marisa (Orgs.). **Passeios no bosque da informação**: estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento – EROIC. Brasília DF: IBICT, 2010, 335 p. Capítulo 9, p. 177-182.

MENDES, Ronald Beline. Gênero/sexo, variação linguística e intolerância. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.). **Preconceito e intolerância**. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Mackenzie, 2011, p. 99-116.

MENGARDA, Elias José. Gênese e Evolução dos Dialetos Trentino e Vêneto. In. **Working Papers em Linguística**, UFSC, n.5, p. 42-57. 2001.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9-27.

MILANI, Suellen Oliveira; PINHO, Fabio Assis. Knowledge Representation and Orthophemism: A Reflection Aiming to a Concept. **Knowledge Organization**. Wurzberg: Ergon-verlag, v. 39, n. 5, p. 384-393, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Adelaide Calhman. O mapa da morte na literatura homoerótica brasileira contemporânea. In: MIRANDA, Adelaide C. (Org.). **Protocolos Críticos**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: uma análise sociológica por parceiros on-line. São Paulo: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014, p. 51-78.

MISKOLCI, Richard. O Armário Ampliado - Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: Um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MISKOLCI, Richard; SILVA, Larissa Maués Pelúcio. “Como o desejo se torna político – reflexões sobre desvio, estigma e abjeção”. In: **Anais** do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2008.

MOLLOY, Sylvia. La flexión del género en el texto cultural latinoamericano. **Cuadernos de Literatura**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 161-167, 2002. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cualit/article/view/7997>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MONTEIRO, Silvana Drumond; GIRALDES, Maria Júlia Carneiro. ASPECTOS LÓGICO-FILOSÓFICOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESFERA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 18, n. 3, 30 jul. 2008.

MORAIS, Beatriz de Lima. Corpos profanos: rascunhos sobre a heterossexualidade compulsória e um feminismo lésbico. **Revista Textos Graduated**, v. 3, n. 1, 24 dez. 2017.

MOREIRA, Adailson. A homossexualidade no Brasil no século XIX. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012, p. 253-280.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear - da construção de Categorias de gênero até a abjeção. In. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2010. **Anais...** Rio de Janeiro – RJ, 2010. ISSN: 1519-8782.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A inquisição no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 1995.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Cripto-sodomitas em Pernambuco colônia. **Revista AntHropológicas**, v. 13, n. 2, p. 7-38, set. 2002.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia (Séculos XVI-XIX)**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Escravidão e Homossexualidade. In. VAINFAS, Ronaldo. **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986. p. 19-40.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Icone, 1988b.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Etno-história da homossexualidade na América Latina. **História em Revista**, v. 4, p. 1-15, 1998.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Justitia et Misericordia: a Inquisição portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia. In: NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte**. São Paulo: Edusp, p. 703-739, 1992a.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Pagode português. A subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 40, p. 120-139, 1988a.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Relações Raciais entre Homossexuais no Brasil Colonial. **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 10, p.99-122, 1985.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 35, p. 169-189, 1992b.

MOTT, Luiz Roberto de Barros; ASSUNÇÃO, Aroldo. Gilete na carne: Etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. In.: **Temas IMESC (Instituto de Medicina Social e de Criminologia)** – Sociedade, direito e saúde. São Paulo: 1987, p. 41-56.

MURPHY, Timothy F. (Ed.). **Reader's guide to lesbian and gay studies**. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 2000.

NABAIS, Catarina Pombo. A Dobra Deleuze-Foucault. In: CASCAIS, António Fernando; LEME, José Luís Câmara; NABAIS, Nuno. **Lei, segurança e disciplina: trinta anos depois de Vigiar e Punir de Michel Foucault**, Lisboa: CFCUL, 2009, p. 71-110.

NASCIMENTO, Denise Morado. A abordagem sócio-cultural da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.16, n.2, p.25-35, jul./dez. 2006.

NASCIMENTO, Francisco Arrais. **MEMÓRIA DA MILITÂNCIA: a contribuição da Organização do Conhecimento para a reconstrução da memória do movimento LGBTQIA+ da região do Cariri cearense**. 2015. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Arte e Comunicação. Ciência da Informação. Recife-PE, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; FIORAVANTI, Denise Cristina Belam; BIZELLO, Maria Leandra; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Representação, memória e esquecimento: análise da filmografia relacionada a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103480>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Contribuição da Organização do Conhecimento na Representação da Informação em Contextos LGBT: Intepelações acerca da Linguagem. In: PINHO, Fabio Assis; Guimarães, José Augusto Chaves. **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife, PE: Ed. UFPE, 2017.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete; PINHO, Fabio Assis. TIPOLOGIAS E CLASSIFICAÇÕES: um estudo sobre astemáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)**, João Pessoa – PB: UFPB, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; LIMA, Larissa de Mello; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Homossexualidade masculina nos prontuários do sanatório Pinel 1920-1940: um estudo de compreensão dos dispositivos de controle social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 1, 16 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n1.45108>

NASCIMENTO, Francisco Arrais; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Autonegação e autoclassificação na construção de conceitos e classificações sobre gênero, sexualidade e raça no domínio das homossexualidades masculinas. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 5, p. 7-22, 2019.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; MASSONI, Luis Fernando Herbert; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; PINHO, Fabio Assis. O poder de nomear e a construção das masculinidades em aplicativos de interação afetivo-sexual no Brasil. In. ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (Org.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota)

NASCIMENTO, Francisco Arrais; MASSONI, Luis Fernando Herbert; SHIRAKAVA, Rafael da Silva; PINHO, Fabio Assis; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Autodenominación y autclasificación de la homosexualidad masculina y las sexualidades alternativas en Brasil. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 34, n. 84, p. 151-168, ago. 2020. ISSN 2448-8321. Doi: <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2020.84.58209>.

NEVES, Luiz Felipe Fernandes; RODARTE, Alberto. GRANDES, BARBUDOS E PELUDOS: A CONFORMAÇÃO DO IDEAL VIRIL NOS CORPOS DOS URSOS. In: Congresso Internacional de Comunicação e Cultura VI – Vínculos, redes e ambientes, 2018, São Paulo. **Anais...** VI coMcult. São Paulo: Universidade Paulista, 2018.

NOBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

NOGUEIRA, Claudete de Sousa. Memórias subterrâneas, histórias (re)visitadas: a contribuição metodologia da história oral em estudos de grupos étnicos. **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 51-67, 2013.

NOGUEIRA, Leonardo; PEREIRA, Maysa; TOITIO, Rafael. **O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

NUCCI, Marina. Seria a pílula anticoncepcional uma droga de "estilo de vida"? Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 10, p. 124-139, 2012.

NUNES, Débora Machado. **O PENSAMENTO FEMINISTA NA ECONOMIA:** revisão teórica e crítica a partir de uma perspectiva marxista. 2016. Dissertação (Mestrado no Programa Pós-Graduação de Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

OLIVEIRA, Luciano. Os Excluídos Existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, ano 12, n 33, fev.1997.

OLIVEIRA, Mariana Ferreira de. **A classificação do LGBT nas edições da CDD:** uma análise. 2017. 73 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução de Ciência da Informação. In: **Ciência da Informação e Biblioteconomia:** novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. DO SODOMITA AO HOMOAFETIVO: ESTEREÓTIPOS GAYS NA LITERATURA. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 30, jul-dez., p. 145-161, 2018.

OLSON, Hope A. How We Construct Subjects: A Feminist Analysis. **Library Trends**, v. 56, n. 2, 2007, p. 509–541. ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

OLSON, Hope A. Patriarcal structures of subject access and subversive techniques for change. **Canadian Journal for information and Library Science**, v. 26, n. 2/3, p. 1-29, 2001.

OLSON, Hope A. The Feminist and the Emperor's New Clothes: Feminist Deconstruction as a Critical Methodology for Library and Information Studies. **Library & Information Science Research**, v.19, n. 2, p. 181-198, 1997. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0740-8188\(97\)90042-6](https://doi.org/10.1016/S0740-8188(97)90042-6)

OLSON, Hope A. **The power to name:** locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso** – princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

ORLANDI, Eni. **Discurso e políticas públicas urbanas** - A fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010.

OSTERHAMMEL, Jürgen; JANSEN, Jan C. **Colonialismo:** Historia, formas, efectos. Siglo XXI de España Editores, S. A., 2019.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation:** Le livre sur le Livre – Théorie et pratique. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934. 411p. (Reeditado pelo Centre de lecture publique de la Communauté française de Belgique. Liège, 1989).

PAIS, Cidmar Teodoro. Campos conceptuais, campos lexicais, campos semânticos: da cognição à semiose. Léxico, semântica e lexicologia. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro, CIEFIL, ano VI, n. 7, p. 72-85, 2003.

PAMPLONA, Renata Silva. **O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2012.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, Richard. **Bodies, Pleasures and Passions: sexual culture in contemporary Brazil**. Boston: Beacon, 1991.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b, p. 125-150.

PARKER, Richard. **Na Contramão da AIDS**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000a.

PARKER, Richard; TERTO Jr., Veriano; MIRANDA, Washington. Apresentação. In: PARKER, Richard; TERTO Jr., Veriano (orgs.). **Entre Homens – homossexualidade e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **O arco-íris (des)coberto**. Santa Maria: ed. da UFSM. 2009.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993. [1988].

PECHENY, Mário. Identidades discretas. In: RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO JUNIOR, Veriano. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 16-33.

PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944)**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

PERES, Wiliam Siqueira. Violência, Exclusão e Sofrimento Psíquico. In: RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO JUNIOR, Veriano. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 116-122.

PERLONGHER, Néstor. **La prostitución masculina**. Buenos Aires: Urraca, 1993.

PETERSON, Grant Tyler; ANDERSON, Eric. Queering masculine peer culture: softening gender performances on the university dance floor. In: LANDREAU, John C.; RODRIGUEZ, Nelson M. **Queer masculinities: a critical reader in education**. London/New York: Springer, 2012, p. 119-138.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 14 jul. 2011.

PIERANGELLI, José Henrique. **Códigos penais do Brasil**. Bauru: Jalovi, 1980.

PIERONI, Geraldo. Os excluídos do Reino: A Inquisição Portuguesa e o degredo para o Brasil-Colônia. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 23–40, 2011.

PINAFI, Tânia; TOLEDO, Livia Gonsalves; SANTOS, Cíntia Helena dos; PERES, Wiliam Siqueira. Tecnologias de gênero e as lógicas do aprisionamento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 5, n. 06, 26 nov. 2011.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: _____ (Org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT/DEP/DDI, 1999. p. 155 – 178.

PINHO, Fabio Assis. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. 149f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2010.

PINHO, Fabio Assis. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

PINHO, Fabio Assis. Metafiltro para controle terminológico de metáforas no domínio da homossexualidade masculina. **Ciência da Informação (Online)**, v. 43, p. 120-133, 2014.

PINHO, Fabio Assis. Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 117-143, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p117

PINHO, Fabio Assis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. The Male Homosexuality in Brazilian Indexing Languages: some ethical questions. **Knowledge Organization**, v. 39, p. 363-369, 2012.

PINHO, Fabio Assis; MELO, Letícia Alves Félix de; OLIVEIRA, Jéssica Pereira de. Os assuntos gênero e sexualidade: representação temática nos sistemas Sophia/Biblioteca Nacional e Pergamum/UFPE. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**. v.13, n. 2, 2019, p. 36-47.

PINHO, Fabio Assis; MILANI, Suellen Oliveira. Ética em Organização do Conhecimento: categorização de termos fronteiriços em relação a gênero e sexualidade. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 6, n. 2, p. 84-103, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2020v6n2.p84-103>.

PINHO, Fabio Assis; NASCIMENTO, Francisco Arrais. História, memória e esquecimento no cinema brasileiro: a contribuição da organização da informação na reconstrução da imagem social do personagem homossexual. **Logeion: filosofia da informação**, v. 3, n. 1, p. 42-63, 2016. DOI: 10.21728/logeion. 2016v3n1.p42-63

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? In: **Revista Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69, 2004.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 149-174, June 2007.

PINTO MOLINA, María. **El resumen documental**: principios e métodos. Madrid; Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Mahalldrid: Pirâmide, 1992.

PIOVEZANI, Carlos. **A voz do povo**: uma longa história de discriminações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 7-23, dezembro. 2005.

PLUMMER, Ken. **Modern homosexualities**: fragments of lesbian and gay experience. Nova York e Londres: Routledge, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS**: Sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

POLLAK, Michael. **Une identité blessée**. Etudes de sociologie et d'histoire. Paris: Métailié, 1993.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo (Colônia)**. São Paulo: editora Brasiliense, 1976.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRESTES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. In. LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia de Vilhena Schayer; ABREU, João Francisco de (Org.). **Iniciação científica**: destaques 2007, Volume 1. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

PRETI, Dino. **Sociolingüística**: os níveis da fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Tradução: Susana Funck. **Revistas de Estudos Feministas**, v. 10, n.1, 2002, p. 155-167.

QUINALHA, Renan. Marxismo e sexualidade no Brasil: recompondo um histórico. In: **Margem esquerda**, n. 33, p. 25-31, outubro de 2019.

RAMPINELLI, Waldir José. Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos. **Lutas sociais**, v. 17, n. 30, p. 139-142, 2013.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REZZUTTI, Paulo. Mulheres do Brasil: a história não contada. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence, en **Adrienne Rich's Poetry and Prose**. editado por Barbara Charlesworth Gelpi y Albert Gelpi. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 3**: antropologia filosófica. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RÍOS, Marcela Lagarde y de los. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: UNAM, 2005.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, Fernando. **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RODRIGUES, Alexsandro; ROSEIRO, Maria Carolina Fonseca Barbosa; ROCON, Pablo Cardozo; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Racismos/sexismos e o extermínio da população LGBT: o que os discursos cristãos e das Escrituras como lei têm a nos dizer? **Dimensões**, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 136-160.

RODRIGUES, Carla. A filósofa que rejeita classificações. **Cult – Revista brasileira de Cultura**, São Paulo: editora Bregantini, n. 185, novembro, 2013.

RODRIGUES, Iraci Oliveira. **A organização da informação e a organização do conhecimento na produção científica em ciência da informação**. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. In: Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC. São Paulo, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

ROMERO, Alfredo; STIPPI, José Roberto; CAVALIERI, Inês; CALDEIRA, Murilo; MODENEZ, Sara. TAMANHO DE PÊNIS. INQUIETAÇÕES MASCULINAS E SOLUÇÕES. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 18, n. 1, 12 set. 2020.

ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos, 2006, Florianópolis. **Anais...** Fazendo Gênero VII. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 1. p. 1-7, 2006.

ROSCOE, Will. **The zuni man-woman**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.

RUBIN, Gayle S. **Políticas do sexo**. São Paulo, Ubu, 2017.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, [1984] 2003.

SACCONI, Luiz Antônio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1993.

SALDARRIAGA, Gregório. Sujeitos sem história, prática calada e marcas apagadas: a sodomia imperfeita ante o Santo Ofício do México. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 9-32, Dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X005009001>.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SANTANA, Hiller Soares. **Questões de gênero e sexualidade no currículo escolar**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014

SANTOS, Elias do Carmo. **A antropologia urbana como ferramenta para construção de um relato jornalístico sobre os jovens homossexuais que frequentam o Coreto Circular na Praça da República, em Belém do Pará**. Biblioteca online da Ciência da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UBI, Portugal, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARACEVIC, Tefko. A natureza interdisciplinar da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, 1996.

SAU, Victoria. **Dicionário ideológico feminista I**. Barcelona: Icaria, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Lisboa, 1978.

SCHOLZ, Roswitha. O valor é o homem. Tradução de José Marcos Macedo. Novos Estudos - CEBRAP, n. 45, p. 15-36, jul. 1996.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.16, p. 297-325, fev. 1998.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. History and foundations of information science. **Annual Review of Information Science and Technology**. Washington, CO. v.2, 1967, p.249-275.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 9-12, 1977.

SILVA GOMES, Fábio da. O Escravo Sodomita Na Colônia. **Khóra: Revista Transdisciplinar**, v. 2, n. 2, 2015.

SILVA, Claudio Roberto da; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Os termos relativos ao segmento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) no contexto das Linguagens Documentárias. **Informação & Informação**, v. 9, n. 1-2, p. 33-47, jan. 2004. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2004v9n1-2p33>

SILVA, Hélio Raimundo Santos. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio . **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2009.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio . Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2005. **Anais...** Belo Horizonte-MG, 2005.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS**. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio; DUQUE, Tiago. “Homossexualidades, estigmas e o discurso preventivo às DST/AIDS no Brasil ou como os gays deixaram de ser homens que fazem sexo com homens”. In: **Anais** do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2010.

SILVA, Redson dos Santos. “**Sob cuidados médicos**”: homossexualidade masculina nos prontuários do Pinel (1920-1940). 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. A poética e a política do currículo como representação. In: 21º Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1998. **Anais...** 21º Reunião Anual da ANPED, Caxambu - MG, 1998

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Zélia Lopes da; ANHEZINI, Karina. **A escrita histórica e suas múltiplas faces**. Assis: FCL - Assis UNESP - Publicações, 2011.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIMÃO, Frâncio Costa. **Identidade étnica e sexual**: a aliança dos universitários indígenas aos movimentos LGBTI+ do município de Benjamin Constant – AM entre os anos de 2018 a 2020. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, 2020.

SIQUEIRA, Sonia A. **A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Ed. Ática, 1978.

SMIRAGLIA, Richard P. **The elements of knowledge organization**. New York: Springer, 2014.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferari. A construção de identidade sexual: travesti, a invenção do feminino. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n.2, p.5 -14. Maio 2012.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SOUSA, Nomager Fabíolo Nunes de. **Por banheiros, ruas e pontes recifenses**: os trajetos homoeróticos do "estrangeiro" Tulio Carella na obra Orgia. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 34, p. 35-52, 2013.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer Banheirão**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Salvador – BA, 2012.

SOUZA, Wagner Leite de; SILVA, Andréa Adriana da; ALVES, Débora Cristina da Silva; ROCHA, Christian B. O. Conce; MELO, Thalita C. L.. O bricoleur, uma clínica rizomática e o “fazer psi”: repensando as práticas psicológicas. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - Alagoas**, v.3, n.2, p.23-38, 2016.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SZASZ, Thomas. **Manufacture of madness**: A comparative study of the inquisition and the mental health movement. Syracuse University Press, 1997.

TENNIS, Joseph T. Com o que uma análise de domínio se parece no tocante a sua forma, função e gênero?. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 6, n. 1, p. 3-15, 2012a.

TENNIS, Joseph T.. A convenient verisimilitude or oppressive internalization? Characterizing the ethical arguments surrounding hierarchical structures in knowledge organization systems. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 39, n. 5, p. 394-397, 2012b.

THORNHAM, Sue. Second Wave Feminism. In: GAMBLE, Sarah (Ed.). **Feminism and Postfeminism**. London; New York: Routledge, 2001. p. 29-42.

TIBURI, Marcia. Judith Butler: feminismo como provocação. **Cult – Revista brasileira de Cultura**, São Paulo: editora Bregantini, n. 185, novembro, 2013.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Tríades galantes; fanchonos militantes**: homossexuais que fizeram história. São Paulo: GLS. 2000.

TRAVERSO, Enzo. **El pasado, instrucciones de uso**. Madrid: Marcial Pons, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso** – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TURNER, Victor. **The Ritual Process** - Structure and Anti-Structure. Chicago: Aldine, 1969.

VAINFAS, Ronaldo. As sacanagens clericais. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 93, p. 21-22, junho de 2013.

VAINFAS, Ronaldo. **Confissões da Bahia, 1591-1592**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório. **Revista OPSIS**, Goiás, v. 7, n. 8, p. 54-68, jan./jun. 2007.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O vôo da beleza**: travestilidade e devir minoritário. (2005). 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza - CE, 2005.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia** - a dicionaria da língua afiada. São Paulo – SP. Editora do Bispo. 2006.

VITAL, Luciane Paula; CAFÉ, Ligia Maria Arruda. Ontologias e taxonomias: diferenças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 115-130, 2011.

WHITEHEAD, Harriet. “The bow and the Burden Strap: a new look at institutionalized homosexuality in native North America.” In: ORTNER, Sherry B.; WHITEHEAD, Harriet

(Orgs). **Sexual meanings**: the cultural construction of gender and sexuality. Cambridge: Cambodge University Press, 1981. p. 80-115.

WILLIAMS, Walter. **The spirit and the flesh**: sexual diversity in american indian culture. Boston: Beacon, 1986.

WILLIS, Susan. **Cotidiano**: para começo de conversa. Tradução Elena Elizabeth Riederer e Guiomar Giménez Boscov. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

WITTIG, Monique. La categoría de sexo (1976/1982). Tradução de Javier Sáez y Paco Vidarte. In: WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. EGALES: Madrid, 2006. p. 21-29.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p.7-72.

ŽIŽEK, Slavoj. **A subjectividade por vir**: ensaios críticos sobre a voz obscena. Relógio d'água, 2006.

Filmografia

BANHEIRO DE ACADEMIA: Timidez e outras questões. [S. l.: s. n.], Youtube, 21 de abr. de 2021. 1 vídeo (12 min 21 seg). Publicado pelo canal Bee40tona. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qQFb5xiA_nQ. Acesso em: 25 de abril de 2021.

BEAUTIFUL BOXER (A Luta Pela Beleza). Direção e produção de Ekachai Uekrongtham. Tailândia: GMM Pictures; Regent Releasing (US); TLA Releasing, 2004. 1 DVD (118 min).

BOMBADEIRA - A dor da beleza. Direção de Luis Carlos de Alencar. Brasil, 2007. 1 DVD (1h 15min).

BOMBADEIRA. Direção de Luis Carlos de Alencar. Produção de Luis Carlos de Alencar. 2007. 1 DVD (1 hora e 15 min.).

BOYS DON'T CRY (Meninos Não Choram). Direção: Kimberly Peirce. Produção de Hart-Sharp Entertainment; IFC Films; Killer Films. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 1999. 1 DVD (118 min).

BROKEBACK MOUNTAIN (O Segredo de Brokeback Mountain). Direção de Ang Lee. Produção de Focus Features River Road Entertainment; Alberta Film Entertainment; Good Machine. Estados Unidos: 2005. 1 DVD (134 min).

CALL ME BY YOUR NAME (Me Chame Pelo Seu Nome). Direção de Luca Guadagnino. Produção de Peter Spears, e Howard Rosenman. Itália: Sony Pictures 2017. 1 DVD (132 min).

DISOBEDIENCE (Desobediência). Direção de Sebastián Lelio. Produção de Frida Torresblanco, Rachel Weisz e Ed Guiney Estados Unidos: Sony Pictures, 2018. 1 DVD (114 min).

FILADÉLFIA. Direção de Jonathan Demme. Direção de Jonathan Demme; Edward Saxon. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993. 1 DVD.

FLAWLESS (Ninguém é Perfeito). Direção de Joel Schumacher. Produção de Joel Schumacher; Jane Rosenthal; Robert De Niro (não creditado) e Neil Machlis. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1999. 1 DVD (1 hora 52 min.).

GIRL. Direção de Lukas Dhont. Produção de Dirk Impens. Bélgica: Netflix, 2018. 1 DVD (100 min).

GLOSSÁRIO – 2ª Lição. [S. l.: s. n.], Youtube, 13 de abr. de 2012. 1 vídeo (6 min 37 seg). Publicado pelo canal FaBinho Vieira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ieX-wJuiH4Q>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

GLOSSÁRIO - Vencedor do Show do Gongo 2011 (19º Festival Mix Brasil). [S. l.: s. n.], Youtube, 25 de ago. de 2010. 1 vídeo (2 min 05 seg). Publicado pelo canal FaBinho Vieira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SfpRkLMRI3c>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

HEDWIG AND THE ANGRY INCH (Hedwig: Rock, Amor e Traição). Direção: John Cameron Mitchell. Produção de Killer Films. Estados Unidos: New Line Cinema, 2001. 1 DVD (1h 35 min).

HOLOCAUSTO BRASILEIRO. Direção de Daniela Arbex; Armando Mendz. Produção de Daniela Arbex. Brasil: Vagalume Filmes; Brasil Distribution; MAX, 2016. (1 hora 30 min.).

JONGENS (Boys). Direção de Mischa Kamp. Produção de Iris Otten; Sander van Meurs; Pieter Kuijpers. Países Baixos: Paramount Pictures, 20th Century Fox, 2014. 1 DVD (1 hora e 16 min.).

LAS CHICAS DEL CABLE (As telefonitas). Direção de Ana Polvorosa e Blanca Suarez. Produção de Netflix e Bambú Producciones. Espanha: Netflix, 2017. 1 DVD (50 min).

LAURENCE ANYWAY. Direção de Xavier Dolan. Produção de Charles Gillibert, Nathanaël Karmitz e Lyse Lafontaine. Canadá: Alliance VivaFilm, 2012. 1 DVD (168 min).

LE FATE IGNORANTI (Um Amor Quase Perfeito). Direção de Ferzan Özpetek. Produção de Tilde Corsi e Gianni Romoli. França, Itália: Strand Releasing, 2001. 1 DVD (1h 51 min).

MADAME SATÃ. Direção de Karim Aïnouz. Produção de Isabel Diegues, Maurício Andrade Ramos e Walter Salles. São Paulo: Imagem Filmes, 2002. 1 DVD (100 min.).

O VOO DA BELEZA. Direção de Alexandre Fleming Câmara Vale. Youtube, 18 de ago. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDldyRFFDvo>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

PINK FLAMINGOS. Direção de John Waters. Produção de John Waters. Estados Unidos: Saliva Films e New Line Cinema, 1972. 1 DVD (1 hora 32 min.).

POLYESTER (Poliéster). Direção de John Waters. Produzido por Robert Shaye; John Waters; Michael White. Estados Unidos: New Line Cinema, 1981. 1 DVD (1 hora 26 min.).

ROMEOS. Direção de Sabine Bernardi. Produção de Katharina Dufner, Kristina Löbbert e Janna Velber. Alemanha: PRO-FUN media Filmverleih, 2011. 1 DVD (1h 36 min).

SENSE8. Direção de Lilly, Lana Wachowski e Michael Straczynski. Produção de Marcus Loges, L. Dean Jones Jr. e Alex Boden. Estados Unidos: Netflix, 2015-2018.

SEXO E KARATE - a Pegação nos Cinemas Poeiras do Rio. [S. l.: s. n.], Youtube, 9 de jan. de 2021. 1 vídeo (16 min 25 seg). Publicado pelo canal Julio Marinho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9L8rx3lbVR8>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

SOLDIER'S GIRL (Um Amor na Trincheira). Direção de Frank Pierson. Produção de Linda Gottlieb. Estados Unidos e Canadá: CinePlayers, 2003. 1 DVD (112 min).

STAGE MOTHER (Caixa de Pandora). Direção de Thom Fitzgerald. Produção de Anne Clements; Brad Hennig; J. Todd Harris e Thom Fitzgerald. Canadá/Estados Unidos: Momentum Pictures, 2020. (1 hora e 33 min.).

THE ADVENTURES OF PRISCILLA, QUEEN OF THE DESERT (Priscilla, A Rainha do Deserto). Direção: Stephan Elliott. Produção de PolyGram Filmed Entertainment; Specific Films. Austrália: Gramercy Pictures, 1994. 1 DVD (1h 44 min).

THE CAKEMAKER (O Confeiteiro). Direção de Ofir Raul Graizer. Produção de Mathias Schwerbrock e Itai Tamir. Alemanha e Israel: Film Base Berlin (2017). 1 DVD (1h 53 min).

THE DANISH GIRL (A Garota Dinamarquesa). Direção de Tom Hooper. Produção de Tim Bevan. Estados Unidos: Universal Pictures (2015). 1 DVD (119 min).

THE KIDS ARE ALL RIGHT (Minhas Mães e Meu Pai). Direção de Lisa Cholodenko. Produção de Gary Gilbert. Estados Unidos: Focus Features (2010). 1 DVD (1h 47 min).

THE MASK YOU LIVE (A Máscara em que Você Vive). Direção de Jennifer Siebel Newsom. Produção de Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon e Jessica Anthony. (2015). 1 DVD (97 min).

THREESOME (Três Formas de Amar). Direção de Andrew Fleming. Produção de Brad Krevoy e Steven Stabler. Estados Unidos: Columbia TriStar Pictures, 1994. 1 DVD (1h 34 min).

TO WONG FOO, THANKS FOR EVERYTHING! JULIE NEWMAR (Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar). Direção de Beeban Keedron. Produção de G. Mac Brown. Estados Unidos: Imagens universais; Amblin Entertainment, 1995. 1 DVD (1 hora 54 min.).

TOMBOY. Direção de Céline Sciamma. Produção de Bénédicte Couvreur. França: Pandora Filmes, 2011. 1 DVD (1h 24 min).

UM BANHEIRO PARA TRANS? [S. l.: s. n.], Youtube, 14 de jan. de 2020. 1 vídeo (15 min 09 seg). Publicado pelo canal Tempero Drag. Disponível em: https://youtu.be/t_5O4AbzBZk. Acesso em: 25 abril de 2021.

UNA MUJER FANTÁSTICA (Uma Mulher Fantástica). Dirigido por Ferzan Ozpetek. Produção de Juan de Dios Larrain. Chile: Sony Pictures Classics, 2017. 1 DVD (1h 44 min).

Glossário

Termo	Função	Naturalidade	Significado	Sinônimo(s)
A				
A como?	Expr.		Expressão utilizada no meio LGBTQIAP+ de forma a especular e/ou monetizar o possível valor de um intercurso sexual com um homem bonito observado em local de socialização. Exemplo: “Menina, que homem lindo! Será que ele faz a como?” (SANTOS JUNIOR, 1996)	
A menina	Expr.		Condição de deficiência do sistema imunológico, adquirida por via sexual, transfusão de sangue contaminado ou uso de seringas infectadas; SIDA, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; AIDS.	

A noite hoje é uma cachorra!	Expr.		Expressão utilizada para noitadas; festas e encontros com intuito sexual.	
Ababé	S.f.		Festa de comilança; Festa do brigadeiro; Banquete. Ex.: “Rolou um ababé da porra no cuã da Clá, e a Rodrigo abравanou o fogão!” (VIP; LIBI, 2006, p. 16)	
Abafa o bofe	Expr.	PE	Expressão usada quando um bofe do bem ou um bofe escândalo deve ou merece ser acquendado.	
Abafa o caso	Expr.		Expressão usada quando alguém não está a fim ou não está mais podendo ouvir determinada conversa ou comentário; usa-se ainda quando alguém, por algum motivo, não quer que o assunto seja levado adiante.	
Abala/abalou	V.		Causou sensação; despertou a atenção.	
Abalar	V.		Fazer algo bem-feito; agradecer muito.	
Abalar Paripe ¹⁵⁷	Expr.		Fazer algo bem-feito; agradecer muito.	
Abalar Paris	Expr.		Fazer algo bem-feito; agradecer muito.	
Abatá	S.m.		Calçado; sapato.	
Abafe o caso e segure o tchan!	Expr.		Expressão utilizada quando alguém não está a fim ou não está mais podendo ouvir determinada conversa ou comentário; usa-se ainda quando alguém, por algum motivo, não quer que o assunto seja levado adiante.	
Abduzida	Adj.		Pessoa cega de paixão ou que mitifica outra.	
Abrir	V.		Contar sobre a orientação sexual e/ou identidade de gênero própria ou de outra pessoa.	
Abrir uma avenida na cara	V.		Diz-se do ato de violência de cortar o rosto de uma pessoa com lâmina ou navalha de forma a tornar essa pessoa menos atrativa para a prostituição.	Buceta na cara
Achó	S.m.		Roupa.	
Achó matim	Expr.		Roupa pequena; preservativo; camisinha.	
Acqué/Aqué	S.m.		Moeda; cédulas e moedas aceitas como meio de pagamento; meios de pagamento.	
Acquenda/Aquenda			Prestar atenção, olhar, ver, pegar, amassar, esfregar, furtar, grudar.	
Acucibeté			Pessoa que não entende o vocabulário LGBTQIAP+; Pessoa leiga no vocabulário LGBTQIAP+.	
Adé	S.m.	Do bajubá	Termo com o qual se designa no candomblé, os efeminados em especial e, genericamente, os homossexuais masculinos. Usado	

¹⁵⁷ Bairro da cidade de Salvador, estado membro da Bahia.

			também pelas travestis para se referirem a rapazes afeminados.	
Adé fontó	S.m.	Do bajubá	Homossexual masculino enrustido; aquele que não aceitou ainda sua identidade sexual ou sua orientação do desejo.	
A de cá; a de lá	Expr.		Tratamento entre dois homossexuais conversando. (SANTOS JUNIOR, 1996)	
Adofiró	S.m.		Homossexual masculino.	
Adozan	S.m.		Vaso para urina e dejeções; penico.	
Afá	S.m.		Espaço, terreno ou recinto em que se enterram e guardam cadáveres humanos; cemitério.	
Afofim	S.m.		Mal cheiro.	
África	Adj.	SP	Cansativo, chato, difícil.	
Agá	V.		Conversa sem importância entre amigos ou conhecidos.	
Agasalhar	V.		Sexo anal.	
Ageun/Ajeum	S.m.	Do bajubá	Aquilo que se come ou é próprio para comer; alimento.	
Ai meu edi	Expr.		Expressão de surpresa e desapontamento, raiva.	
Ajé	Adj.	Do bajubá	Aquele de natureza falsa, o que é falso; ruim, péssimo.	
Ajé fatolu	Expr.	Do bajubá	Pessoa falsa; maldosa.	
Aleijo	Adj.		Porcaria; de má qualidade; situação embaraçosa, delicada ou conflitante; coisa que não deu certo; algo ruim.	
Alibã/Aliban	S.m.		Polícia; membros de corporação policial.	
		RJ	carro patrulha da polícia.	
Alibete	S.m	Do bajubá	Roubo; furto; subtrair de alguém um bem.	Baco
				Bete
				Baco maculatembe
				Dar a Elza
				Neusa
Alice ¹⁵⁸	S.f.		Sujeito que vive num mundo de fantasias; tolo; bobo; sem maldade.	
Alice Kátia	Expr.		Sujeito bobo, sem maldade, que não consegue enxergar a maldade dos outros ou das situações.	
Alma sebosa	Adj.	PE	Pessoa chata e escrota; Pessoa do além, mal-assombrada; Pessoa ruim.	
Alma	S.f.	PE	Indivíduo considerado por si mesmo; ser humano, criatura.	
Almôndega	S.f.		Aglomerção de pessoas nas pistas dos clubes com a finalidade de se esfregarem umas nas outras.	
Aló	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	

¹⁵⁸ Alusão ao personagem central do clássico da literatura “*Alice’s Adventures in Wonderland*” (Alice no País das Maravilhas) de autoria de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), publicado sob o pseudônimo Lewis Carroll em 4 de julho de 1865.

Amadê	S.m.	Do bajubá	Menino jovem.	
Amapô/mapô	S.f.	Do bajubá	Ser humano do sexo feminino; Mulher.	
Amapoa	S.f.	Do bajubá	Vagina; órgão sexual feminino; termo usado para designar mulher	Amapô Mapô
Amapô carne-de-lata ¹⁵⁹	Expr.		Mulher desprovida de bons modos, dinheiro e beleza.	
Amapoa de Bajé	Expr.	Do bajubá	Mulher menstruada.	
Amapoa de canudo	Expr.	Do bajubá RJ	Travesti não operada; que tem órgão sexual masculino, mas jura que é amapoa.	
Ana Cláudia	S.m.		Mulher que aprecia andar acompanhada por homossexuais; aquela que tem muitos amigos homossexuais e sai com elas.	Isca
Anel de couro	Expr.	CE	Orifício anal.	
Angélica	S.f.	RJ	Veículo de aluguel para transporte de passageiros, com um taxímetro que marca o preço da corrida ou viagem; carro de praça, automóvel de praça; táxi.	
Apagar a vela	V.		Praticar sexo anal.	
Aparecer	V.		Também utilizado com as palavras surgir, desabrochar. Apresentação ao grupo de homossexuais, seria o primeiro dia de uma travesti na pista; aparecer pela primeira vez como homossexual; Empregado ao responsável pela primeira experiência sexual; aquele que liga o indivíduo a maioria, ao grupo a que naquele momento pertence.	
Aparta que é briga!	Expr.		Homossexuais em pleno amasso e começando a passar dos limites. Cuidado! Heterossexuais que não entendem do “babado” no pedaço.	
Apatá	S.f.	Do bajubá	Termo empregado para designar sapato, calçado. Deslizamento de sentido utilizado para designar mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Apodrecer	V.		Falar mal de algo ou alguém.	
Aquarilhado	S.m.		Homossexual masculino.	
Aquendar a Izaura ¹⁶⁰	Expr.		Fazer trabalhos domésticos.	
Aquendar a neça	Expr.		Esconder o órgão sexual masculino, de forma a montar a “buceta”.	
Aquendar uma Nequinha	Expr.		Gíria de travesti para ‘fazer um boquete’, sexo oral.	

¹⁵⁹ Ver o documentário “GLOSSÁRIO”, de FaBinho Vieira, 2011.

¹⁶⁰ Alusão a personagem Isaura, uma escrava branca, letrada e distópica retratada na narrativa de Bernardo Guimarães no livro “A Escrava Isaura” publicado em 1875 pela B.L. Garnier, Rio de Janeiro.

Aquesh	S.m.		(Do bajuba: 'aqüé' + do inglês: 'cash') o mesmo que acqué, dinheiro em papel-moeda.	
Aquest	S.m.		O mesmo que acqué.	
Aqué no zambe	Expr.		Dinheiro recebido na mão e guardado no bolso.	
Aquiri	S.m.	CE	Homossexual masculino normatizado.	
		Do bajubá		
Aranha	S.f.		Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Arara	S.f.	SP	Homossexual masculino chata e de voz estridente; <i>clubbers</i> com cabelos multicoloridos.	
Arerê	S.m.		Luta, conflito, briga, confusão; quebra de boas relações; desavenças.	
Arigó	S.m.		<i>Cannabis sativa</i> (Maconha)	Taba
Ariokô	S.m.		Pessoa desprovida de inteligência, leiga em determinado assunto.	
Arô	S.m.		Moeda; Cédulas e moedas aceitas como meio de pagamento; Meios de pagamento.	
Armário	S.m.		Homem forte, parrudo, bonito, alto, comumente enrustido em sua orientação sexual.	
Arrasar	V.		Fazer algo bem-feito ou com graça. Muito utilizada na Expressão “Arrazou Bicha!”.	
Arrastada	S.m.		Homossexual masculino idoso, cansado, de feições abatidas.	
Arrastão	S.m.		Prática do <i>gang bang</i> ; levar mais de um homem para a prática de intercurso sexual.	
Arrombada	Adj.		Aquela(e) que tem vagina ou ânus alargado por excesso de uso, flácido.	
Artur	S.m.		Homem ciumento.	
A senhora	Expr.		Tratamento entre homossexuais, travestis e transexuais ao conversarem.	
Asilada	Adj.	CE	louca; homossexual masculino “bem doida” ou que está nervosa.	
As mentirosas	Expr.		Expressão empregada para designar travestis que simulam a aplicação de silicone fazendo uso de curativos.	
Assoprar a vela	Expr.		Ter relação sexual anal com uma outra pessoa, desempenhando papel receptivo.	
Atender	S.m.		Ato de envolver-se ou comprometer-se sexualmente com alguém	
Atendimento	V.		Fazer sexo; se for “o atendimento” significa o sujeito com quem se vai ter relações sexuais.	
Atraque	V.		Luta, conflito, briga, confusão; quebra de boas relações; desavenças.	

Aviar	V.		Armar um encontro com intuito sexual; fazer sexo.	
Avoa	Interj.		Alguém ou uma ideia desagradável chega perto; também é usada quando alguém se aproxima na hora errada.	
Azarar	V.		Paquerar; flertar; dar em cima de alguém.	
Azuelar	S.f.	CE	Ser o ativo na relação sexual; roubar daquele que desempenha o papel dito masculino sua posição de ativo.	
B				
Babadão	S.m.		Sexo oral.	
Babadeira	Adj.		Empregado a sujeitos que tem muitos babados para contar; quando uma situação é de difícil solução, diz-se “Bicha a situação é babadeira”.	
Babado forte	Expr.		Fofoca de grande importância.	
Babado	S.m.		Algo muito bom; uma novidade que se conta; um acontecimento interessante, divertido e/ou com episódios surpreendentes; algo de bom. Porém, dependendo do contexto, pode significar algo que vai ter consequências ruins. Seu uso às vezes se assemelha ao uso que se faz do termo “bafão”, que tem usos mais positivos do que “babado”.	
			Acontecimento qualquer, podendo tanto ser algo bom como algo ruim	
			Caso amoroso e/ou sexual.	
Babalú	Adj.		Homossexual ativo ou prostituto que se serve da venda de favores sexuais para homossexuais como parte de sua fundamentação econômica.	
Baba ovo	Expr.		Sujeito que gosta de praticar sexo oral.	
Baco	S.m.		Roubo; furto; subtrair de alguém um bem.	Alibete
				Bete
				Baco
				maculatembe
				Dar a Elza
Baco maculatembe	V.		Roubo; furto; subtrair de alguém um bem.	Neusa
				Alibete
				Baco
				Bete
				Dar a Elza
Badalhoca	S.m.	CE	Fezes que ressecam e ficam presos aos pelos do ânus.	Neusa
Badi	S.m.		Região glútea; as nádegas.	
Bafafá	S.m.		Confusão.	
Bafão	Expr.		A expressão deriva do termo francês “bas-found”, que soa como “bafon”, e daí se transforma em “bafão”, pela proximidade sonora. O termo tem	

			diversas possibilidades de uso, todas ligadas a eventos que saem da rotina, que têm potencial para virarem fofoca, ou algo que movimentam a cena em que ocorreu. Significa, assim, algo inusitado, confusão, uma revelação bombástica, situação polêmica e/ou explosiva.	
Bagaceira	Adj.		Lugar ou coisa podre/ ruim; Lama.	
Baitola ¹⁶¹	Adj.	CE	(Pejorativo) Homem homossexual que tem relações sexuais de maneira passiva.	
Baitolagem	S.m.	CE	(Pejorativo) Viadagem.	
Baixa	Adj.		Homossexual masculino que anda no <i>underworld</i> , que todo mundo conhece, que faz <i>darkroom</i> , cinema, entre outros, refere-se a pessoa sem cultura, “barraqueira”.	
Baixar vovó	V.		Sexo oral, mesmo que “boquete”.	
Baixar a Pomba Gira	Expr.		Expressão utilizada para o ato de sair para interagir com intuito sexual.	Sair para caçar
Bajé	S.m.	Do bajubá	Líquido vermelho, viscoso, que circula nas artérias e veias bombeado pelo coração, transportando gases, nutrientes e elementos necessários à defesa do organismo.	
Bajubá ¹⁶²	S.m.		[...] língua africana comum que os negros traficados como escravos para o Brasil colonial/imperialista encontraram para se comunicar. Formado basicamente pelas línguas de origem Nagô e pelo Iorubá, o Bajubá é um dialeto relativamente simples. Como seus praticantes não pretendiam produzir alta literatura, possui caráter muito mais nominativo (SANTOS, 2011, p. 21); linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo universo gay [variante: bajubá].	
Balaco	S.m.		Forma abreviada de balacobaco.	
Balacobaco	S.m.		Festa, agito, evento, reunião.	

¹⁶¹ Atribui-se a origem da palavra a um deslizamento de sentido que envolve o britânico Francis Reginald Hull conhecido como Mister Hull (1872 -1951) e a construção da linha ferroviária no estado membro do Ceará. A bitola (medida-padrão na construção ou na indústria; forma fixa ou dimensão convencionada de certos materiais. distância entre os trilhos em uma linha férrea.) era pronunciada de forma anglófona "baitola" por Mister Hull, que era homossexual assumido. Logo, a palavra foi associada a imagem do homossexual que a pronunciava. Ver > <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-curiosa-historia-do-ingles-baitola/>

¹⁶² Ver o documentário “O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório”, de Alexandre Fleming Câmara Vale, 2007.

Baleia encalhada	Expr.		Homossexual masculino gordo e preguiçosa que só come, dorme e emite ruídos ininteligíveis.	
Balneário	S.m.		Sauna; termas onde homossexuais costumam ir para encontros e intercursos eróticos.	
Bambu	S.m.		Pênis.	
Bamerindus ¹⁶³	S.m.		Pessoa que mantém relações homossexuais. (SANTOS JUNIOR, 1996)	
Banda voou	Expr.		LGBTQIAP+ dada a noitadas; aquele que gosta de festas e da vida noturna.	
Bandeira	S.m.		Dar Pinta; “dar bandeira significa” 'deixar-se perceber'.	
Bandeiroso/a	Adj.		Indivíduo ou comportamento que sinaliza homossexualidade; homossexual que lida bem com sua sexualidade e já não tenta escondê-la socialmente.	
Bandejeiro	S.m.		Homossexual masculino; aquele que serve de bandeja.	
Banheirón	S.m.		Banheiro festivo com diversas finalidades, entre elas o uso de drogas, conversas e sexo; banheiro com função ou “pegação”.	
Banheirão ¹⁶⁴	S.m.		Praticar pegação, sexo oral ou anal em banheiros.	
Banho de Cleópatra ¹⁶⁵	Expr.		Banho de sêmen, ato em o parceiro ejacula sobre o sujeito.	
Baque	S.m.		Mentiras que os homossexuais masculinos inventam pra enganar os parceiros ou as amigas.	
Baranga	Adj.		Lugar, coisa ou pessoa bagaceira; cafona; brega: quando aplicado a pessoa, inclui-se também o significado de loira.	
Baratismo	S.m.		Brincadeira com intuito sexual.	
Barbeju	S.m.		Sujeito com aparência máscula, que mantém barba por fazer, não necessariamente homossexual; <i>beard, lumber</i> .	
Barbie	Adj.		Homossexual masculino excessivamente musculoso, mas desprovido de inteligência.	
Barbosa	S.m.		Homossexual masculino.	
Barraqueira	Adj.		Travesti ou mulher que faz escândalo.	

¹⁶³ O termo faz alusão ao programa do banco Bamerindus denominado “a gente faz”.

¹⁶⁴ A prática surge da impossibilidade de existência de afetos homossexuais em função de legislações no final do século XIX e início do século XX, da negação do espaço e da impossibilidade de manifestação de afetos por parte dos sujeitos homossexuais. Diante disso, procurou-se espaços onde se pudesse praticar determinadas carícias além do próprio ato sexual sem causar estardalhaço ou constrangimento social. Em tempos hodiernos a prática se popularizou como forma de dar vazão ao desejo

¹⁶⁵ Segundo a crença popular Cleópatra banhava-se com leite de cabra para manter o tônus e juventude da pele.

Barriga	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Barriguda	Adj.		Homossexual masculino gordo, com abdome proeminente.	
Barroca	S.f.	PA	Mulher/ Bicha/ Travesti Idosa.	
Baseado (Basy)	S.m.		Cigarro feito de maconha.	
<i>Basfond</i> ou <i>bas-fond</i>	S.m.		(Do francês “bas-fond” baixia; baixio; fundo baixo; lugar onde a água é pouco funda) A camada social formada por marginais, ralé.	
			Zona de prostituição de uma cidade, lugar do babado.	
			Caso amoroso e/ou sexual, pode ter vários significados, pode ser quando a festa tá bombando, lotada, ou quando rola barraco.	
Bater bolacha	Expr.		Ato sexual entre lésbicas.	
Bater cabelo	Expr.		Esnober, ferver, aparecer mais que as outras; fazer Performance; dançar.	
Bater porta	Expr.		Fazer programa (em uma alusão ao entrar e sair dos carros dos clientes).	
Bater saba	Expr.		Carícias entre homossexuais; pegação; carícias com intuito sexual.	
Bater um bolo	Expr.	SP	Masturbação entre gays; “mão amiga”.	
		RJ		
Baticum	S.f.		Festa com muita música e dança.	
Batida	Adj.		Sujeito que fica desorientado ao encontrar alguém de forma inesperada ou surpreendente.	
Bat <i>Girl</i>	Adj.		Homossexual não muito masculinizado, nem muito afeminado, ainda em transição; travesti ainda indefinida.	
Batom	S.m.		Órgão sexual masculino no diminutivo.	
Bebe-leite	Adj.		(Pejorativo) Termo utilizado comumente para designar homossexual masculino.	
Beck	S.m.		<i>Cannabis sativa</i> (Maconha) ou cigarro feito desse produto.	
<i>Beer</i>	S.m.		Modo de pagamento; termo aplicado a cerveja utilizada como forma de pagamento por sexo.	
Beíça	S.f.		Os grandes lábios da vagina.	
Beíço	Adj.		Pessoa assoberbada, que está praticando o carão.	
Beliscar azulejo	Expr.		Estar por um longo período sem sexo.	
Bem			Termo invariável usado como adjetivo: bom; Ex: Elas são bem!	
Bem doida!	Expr.		Bastante enlouquecida; usa-se quando alguém propõe ou faz algo errado ou inconcebível.	

Bem servido	Expr.		Aquele que tem um grande pênis, usualmente utilizado no sentido apreciativo, mas em alguns casos negativo, principalmente naqueles em que implicitamente se insinua sadismo durante a relação sexual.	
Benga	S.f.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Besouro	S.m.		Diz-se daquele que gosta de ser ativo em uma relação anal.	
Bet (Betty)	Adj.		Abreviação de bicha extraterrestre, ou seja, homossexual masculinos montadas em trajes tidos como futurista (travesti, <i>Drag Queen</i> , transformista, <i>Crossdresser</i>).	
Bete	V.		Roubo; furto; subtrair de alguém um bem.	
Betty faria!	Expr.		Expressão usada quando alguém é bonito e que incita o desejo sexual, então se diz: Betty faria!; ou então Débora kerr!.	
Beth Goulart ¹⁶⁶	Adj.		Homossexual desprovido de atributos físicos; homossexual feio.	
BF	Abrev.	SP/RJ	Abreviação para bicha fina.	
Bi confusa	S.m.		Homossexual masculino atrapalhado.	
Bi	S.m.		Forma abreviada e carinhosa para bicha.	
Bia	S.f		Ponta de cigarro ou de baseado.	
Biba	Adj.		(Familiar) gay, homossexual, bicha.	
Biba Coca-cola	Adj.		Homossexual popular, que está presente nas mais diversas festas e sociais do meio LGBTQIAP+.	
Biba In	Adj.		Homossexual masculino com forte senso de moda; sociável e que tem muitos contatos.	
Biba Sprite	Adj.		Homossexual masculino iniciante, novato, ingênuo, bobo.	
Bibita	S.m		Órgão sexual masculino pequeno.	
Bicha de antiquário	Adj.		Homossexual que se considera cult e que gosta do movimento vintage; aquele que só compra em antiquários e lojas de móveis usados.	
Bicha de Blair	Adj.	SP	Homossexual masculino (travesti) que usa o bajubá todo errado.	
Bicha de Moema	Adj.	SP	Homossexual masculino “mauricinho” de fora do meio LGBTQIAP+ que é adepto de tendências de moda como uma	

¹⁶⁶ Alusão a atriz Elisabeth Maria Xavier Miessa que apesar de ter um vasto currículo, apresenta uma condição chamada popularmente de sorriso gengival, o que torna sua expressão diferenciada.

			camisa xadrez e usa um celular na cintura.	
Bicha fina	Adj.	RJ/SP	Homossexual com jeito ou pretensão de refinamento.	
Bicha louca	Adj.		Em geral, classifica os indivíduos que agem agressivamente de modo efeminado. Empregado também como “loucas”, referindo-se ao grupo que demonstra atitude ostensiva homossexual, especialmente na “caça”, como receptivos. Utilizado ainda para destacar o interesse na caça, especialmente em ambientes de socialização homossexual; Homossexual masculino que apresenta trejeitos femininos, que é afetado.	
Bicha profunda	Adj.		Homossexual masculino tipo lésbica, que adora um papo-cabeça.	
Bicha sabonete	Adj.		Homossexual masculino que apresenta bons hábitos de higiene, mas que pertence a classes D e E, diz-se “cheirosa mas lisa”.	
Bicha tranca-rua	Adj.		Homossexual masculino sem controle; bêbado; barraqueiro.	
Bicha	S.m		Em gíria homossexual, um sinônimo para “perobo”. Pode ser utilizado muitas vezes com o mesmo sentido depreciativo, e nesse contexto implica alto grau de julgamento apreciativo negativo. Pode ser utilizado, no entanto, no sentido afetivo, dependendo da ênfase e das pessoas a que se refere no contexto da situação.	
Bicha balão	Adj.		Homossexual masculino gordo; aquele que apresenta excesso de peso corporal.	
Bicha-bofe	Adj.		Homossexual não efeminado, mas nem sempre ativo.	
Bicha-boy	Adj.		Homossexual masculino normatizado jovem.	
Bicha branca	Adj.		Homossexual masculino turista; que não é natural do local; aquele que não é nativo.	
Bicha-cadela	Adj.		Homossexual libidinoso, que transa muito e com muitos parceiros.	Lacraia
Bicha-carteirão	Adj.		Homossexual amig, colega e variante da bicha-mocassin, que usa o carteirão embaixo do braço.	
Bicha-envelope	Adj.		Homossexual masculino sempre enrustida que usa as calças (semi-bag ou de pregas) pela altura do peito, muitas vezes acompanhada de camisa xadrez por dentro; bicha centro-peito.	

Bicha-louca	Adj.		Homossexual masculino que apresenta trejeitos femininos, que é afetado.	
Bicha-louquice	V.		Ação ou modos da bicha-louca.	
Bicha-macha	Adj.		Homossexual masculino com pose de macho.	Bicha-bofe Monocó
Bicha-mauricinha	Adj.		Homossexual masculino rico ou metido a rico e de gosto duvidoso.	
Bicha-mocassim	Adj.		Homossexual masculino muito cafona que usa sapatos mocassins com franjas, deixando aparente o peito do pé envolto por meia soquete branca; em geral, a bicha-mocassim é também bicha-envelope.	
Bicha molinha	Adj.		Homossexual masculino muito afeminado.	
Bicha ploc ploc	Adj.		Homossexual masculino que não paga entrada em boates e clubes em função de sua rede de contatos.	
Bicharia	S.f.		Aglomerado de homossexuais masculinos.	
Bicharoca	Adj.		Homossexual masculino afeminado.	
Bicheine	Adj.		Homossexual festeiro, fervido.	
Bichice	V.		Ação ou modos de efeminado; viadagem.	
Bichinho do ran ran	S.f.		Síndrome de Imunodeficiência Adquirida – AIDS	
Bichinha baunilha	Adj.		Homossexual masculino iniciante, novato, ingênuo, travesti em início de carreira na prostituição.	
Bichoca	Adj.		Homossexual masculino afeminado.	
Bi-confusa	Adj.		Pessoa que se encontra extremamente confusa.	
Bicudo(a)	Adj.		Uma das fases do indivíduo que está cheirando cocaína.	
	S.m.		Pessoa assoberbada, que está praticando o carão.	
Bigode	Adj.	Portugal	Homossexual masculino mais velho.	
Bigodón	Adj		Homossexual masculino de meia-idade que adora usar um bigode.	
			Mulher com buço em excesso.	
			Pelos pubianos que saem pelas laterais da sunga ou da tanga.	
Bilacudo	S.m.		Homem que apresenta pênis grande.	
Bilola	S.m.	NE	Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Biltra	Adj.	SP	Homossexual masculino; termo comumente empregado entre amigos.	Bicha Mona Viado
Birita	S.f.	NE	Bebida alcoólica.	
Biritado	Adj.	NE	Bêbado.	

	S.m.			
Bixa Bafoneira	Adj.		Homossexual masculino que é adepto de confusões e brigas, barraqueiro.	
Bixa Édna	Adj.		Homossexual masculino sem muita inteligência ou trato social.	
Biziu	S.m	PE	Resquícios de fezes que se enrolam nos pelos da região anal.	Badalhoca
Bizu	S.f.	PA	Fofoca.	
Blush bofetada	Expr.		Uso de maquiagem pesada, geralmente em travestis e transsexuais que carregam na maquiagem.	
Boa noite Cinderela	Expr.		Diz-se de um golpe que consiste em dopar a vítima sem que ela perceba para posteriormente assaltá-la.	
Bobby	Adj.		Homossexual masculino normatizado; masculinizado; higienizado.	
Boca grande	Adj.		Pessoa que não consegue guardar os segredos alheios, por maldade ou não; fofoqueira.	Bocuda
Bochicho	S.f.		Fofoca, boato.	
Bocuda	Adj.		Pessoa que não consegue guardar os segredos alheios, por maldade ou não; fofoqueira.	Boca grande
Bodansky	Adj.		Variação de bode.	Bode
Bode	Adj.		Cansaço; enjôo; ressaca; saco-cheio; usado nas expressões estar de bode, estar com bode de alguém ou ai, que bode!	Bodansky
Bofe	S.m.		Homem; homossexual ativo.	
Bofe ACM ¹⁶⁷	Adj.		Homem que se relaciona com travestis ou transsexuais para roubá-los.	
Bofe-aranha	Adj.		Homossexual masculino que em um primeiro momento rejeita toda a qualquer carícia na região anal, mas que na verdade gosta muito dela.	
Bofe-coca-cola	Adj.		Homem que se excita fácil, no entanto no momento da relação sexual perde a excitação.	
Bofe do milênio	Adj.	PB PE	Diz-se daquele heterossexual que foi eleito pelos homossexuais masculinos por sua gentileza, graça e beleza.	
Bofe escândalo	Adj.		Homem muito bonito.	
Bofe Itau ¹⁶⁸	Adj.		Homem que transa com o homossexual, mas o surra depois, deixando ele a ver estrelas.	
Bofe Kibon sorvane ¹⁶⁹	Expr.		Homem que é bonito, “gostoso e que faz bem”.	

¹⁶⁷ O termo faz alusão ao ex-governador do Estado membro da Bahia, Antônio Carlos Peixoto de Magalhães (1927-2007) popularmente chamado de “ACM”.

¹⁶⁸ O termo faz alusão a propaganda do cheque “cinco estrelas” do banco de mesmo nome.

¹⁶⁹ O termo faz alusão ao *slogan* da marca de sorvetes Kibon Sorvane.

Bofe Olodum	Adj.		Homem violento; aquele que reage com a agressividade a paquera gay.	
Bofe SBT	Adj.		Aquele que “Topa tudo por dinheiro ¹⁷⁰ ”	
Bofe tapioca ou bofe panqueca	Expr.		Expressão utilizada para homossexuais masculinos que durante as preliminares são muito fogosos e viris, mas que no momento da relação sexual propriamente dita desempenha o papel receptivo.	
Bofoneca	Adj.		Homossexual masculino que tem voz ou jeito do sexo oposto, ou seja, uma voz anasalada.	
Boi	S.m	CE	Dinheiro.	
	S.f.	PE	Fluxo de sangue e restos de mucosa uterina periodicamente eliminados pela vagina; menstruação.	
Bola (Bôla)	Abrev.		Forma abreviada e carinhosa para bolacha.	
Bola gato	V.		Sexo oral; do inglês “Ball cat”; boquete.	
Bolacha	Adj.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Bombão	V.		Relação sexual.	
Bom dia jaburu ¹⁷¹	S.m.		Diz-se do golpe aplicado em mulheres mais velhas, com o objetivo de assaltá-las em sua casa, sem necessariamente fazer uso de drogas para fazer as vítimas dormirem.	
Bombadeira ¹⁷²	Adj.		Nome dado aquela que faz a aplicação de silicone industrial no corpo das travestis e transexuais com o objetivo de conceder formas femininas ao corpo masculino, seja no formato o rosto, braços e pernas ou na construção de seios, nádegas e quadril.	
Bombado	Adj.		Aquele que toma/injeta anabolizantes para parecer forte e musculoso; inflado, inchado; próprio das <i>Barbies</i> .	
Bombar ¹⁷³	V.		Tomar/injetar anabolizante.	

¹⁷⁰ O termo faz alusão ao programa “Topa tudo por dinheiro” apresentado por Silvio Santos nas noites de domingo na emissora de televisão SBT.

¹⁷¹ O “boa noite Cinderela” é um golpe no qual a vítima é dopada com uma ou mais substâncias alcaloides (de origem natural ou sintética) misturadas em algum tipo de bebida seja ela alcoólica ou não, no caso de bebidas alcoólicas o etanol (álcool utilizado em bebidas alcoólicas), nesse caso, é usado como potencializador dos efeitos da substância. O “Boa noite Jaburú” é um golpe semelhante sendo aplicado a mulheres, podendo ou não fazer uso de algum tipo de droga para que a vítima perca a consciência.

¹⁷² Ver documentário “Bombadeira - A dor da beleza”, de Luis Carlos de Alencar, 2007.

¹⁷³ Ver Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. Marcos Renato Benedetti. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.144. O documentário “Bombadeira” (2007) lança luz sobre zonas de sombra como o cotidiano de travestis e transexuais que aplicam o silicone industrial para modelar o corpo, conferindo a ele tons femininos. Termos que emergem do glossário como bombadeira, madrinha, pireli, bombar, entre outros, ganham maior compreensão ao serem vislumbrados em seus usos.

			Praticar penetração anal com movimentos fortes e rápidos	
			Aplicar silicone industrial com o objetivo de adquirir padrões estéticos femininos como joelhos arredondados, braços e costas menos delineados, seios e um quadril mais largo e proeminente.	
Bomberita	S.f.	Do espanhol	Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Boneca	Adj.		Um homossexual que pratica relação anal receptiva atraente; implica juventude, mas não necessariamente (adjetivo) usado de maneira afetiva por um homossexual em relação a um amigo homossexual que na prática anal é receptivo.	
Boneco de cera	Expr.		Prática sexual onde um sujeito recebe ejaculações de diversos parceiros em seu corpo.	Bukkake
Boot	Adj.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica muito masculina.	
Boqueteira	Adj.		Aquela que faz sexo oral em homem.	Chupeteira
Borraboi	Adj.		Homossexual masculino.	
Borracha	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Borrachudo	S.f.		Camisinha; preservativo.	
Botar a beer	V.		Pagar a relação sexual com cerveja; escambo envolvendo cerveja e sexo.	
Boy	S.m.		Homem; sujeito do sexo masculino.	
Braille ¹⁷⁴	V.		Apalpação; pegação.	
Boyzinho	Adj.		Adolescente ou jovem que se faz passar por machinho, mas que já apresenta algumas características ou comportamentos homossexuais.	
Brechar	V.	PE	Espiar por uma brecha da porta, da roupa.	Voyeurizar
Brechó de morotó!	Adj.		(Pejorativo) Forma de xingamento utilizado entre travestis.	
Brincas de ali-babá	Expr.	RJ	Pequenos nódulos que ficam em torno de um ânus; o termo é usado na expressão pelas brincas de ali-babá!	
Broa	S.m.		Enchimentos de silicone colocados na região das nádegas, comumente utilizado por travestis para obtenção de formas mais femininas.	
Bronha	V.		Masturbação masculina.	

¹⁷⁴ O termo faz alusão ao sistema de escrita tátil utilizado por pessoas deficientes visuais ou com baixa visão criado por Louis Braille (1809-1852).

Bruna	S.f.		Alguém que deixa evidente que deseja outra pessoa	
Buba	Adj.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Buceta bonita	Expr.	NE	Expressão empregada quando o homossexual masculino considerado muito feio norteando-se pelos padrões normativos de beleza é falsamente elogiado por uma amiga ainda mais feia; exemplo: Querida, hoje você está buceta bonita !!!!	
Buceta na cara	Expr.		Diz-se do ato de violência de cortar o rosto de uma pessoa com lâmina ou navalha de forma a tornar essa pessoa menos atrativa para a prostituição.	Abrir uma avenida na cara
Buceto	S.m.		Pênis do homossexual masculino ou da travesti.	
Bucheira	V.	BA	Prática sexual no “Balbininho” ¹⁷⁵ .	
Bunda mole/Bundeiro	S.m		Homossexual masculino.	
Bup	S.f.	GO	Alimento feito de farináceo com água ou leite, sal ou açúcar, podendo-se acrescentar outros ingredientes, e assado no forno em pequenas porções de diversos formatos, biscoito, bolacha.	
Buzum	S.m.	SP	Veículo grande, automóvel, para o transporte coletivo (urbano, interurbano, intermunicipal, interestadual) de passageiros, com rota prefixada; ônibus.	
C				
Caçação	V.		Ato de caçar; aquedação forte no sentido sexual; pegação.	
Caçapava	Adj.		Pessoa sem dentes; banguela	
Caçar	V.		Sair com o intuito de conseguir um ou mais de um parceiro sexual.	
Cachê	Adj.		Utilizado quando um jovem homossexual é financeiramente amparado por um homossexual maduro, financeiramente privilegiado, como retribuição a favores sexuais e outras afeições.	
Cachorra	Adj.		Pessoa libidinosa; indivíduo que transa muito e com muitos(as) parceiros(as).	
Cacu	Abrev.	CE	Forma abreviada de cacurucaia; indivíduo idoso ou de idade avançada para determinado fim	
Cacura	Abrev.		Forma abreviada de cacarucaia.	
Cacurucaia	Adj.	CE	Idoso ou que já passou da idade para fazer algo.	

¹⁷⁵ Nome atribuído ao Ginásio de Esportes Antonio Balbino, Salvador-BA, popularmente conhecido como local (gueto) de pegação gay.

Cafú do bem	Adj.		Homem com atitude menos rústica, apresentando certos traços de beleza e higiene	Cafuçu emergente
Cafuçu	Adj.	NE	Diz-se de quem tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, classe social ou país de origem; diabo; Demônio; roceiro asselvajado; peão; indivíduo grosseiro; inábil; homem com atitude rústica, não muito provido de beleza, mas que é fogoso na cama;	
Cagar no maiô	Expr.		Fazer algo que não deu certo e causou grande desconforto. Acovardar-se.	
Caído	Adj.		Aquele que não tem dinheiro. Cansado, desanimado. Lugar sem graça, sem atrativos.	
Cair na real	Expr.		Ter consciência; acordar para a vida.	
Caixa de surpresa	Expr.		Diz-se da mala (volume na cueca) que aparenta ser pequena, mas que ao ser descoberta revela grande volume, densidade, peso e tamanho.	
Caminhoneira	Adj.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica com gestual muito masculinizado.	
Camioneta	Adj.	Portugal	Lésbica masculinizada.	Sapatão
Candanga	Adj.		(Pejorativo) Mulher desprovida de atributos físicos; feia.	
Cangalha	Adj.	CE	Aquilo que não presta; ordinário, sem valor, vagabundo; fuleiro; bagaceira; brega; cafona.	
Canivete	S.m.		Homem que tem o pênis pequeno. Pênis pequeno.	
Cantar pra subir	V.		Ir embora.	
Capa ¹⁷⁶	S.m.		Prepúcio; Pele que cobre a glândula não circuncidada. Preservativo; camisinha.	
Capô de fusca	S.m.		Feminino de mala; vagina grande, alta, inchada ou proeminente.	
Caralho	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Carão	S.f.		Pose; esnobação; presunção.	
Careta	Adj.		Aquele que (ainda) não está sob efeito de droga ou que é contra seu uso; conservador; aquele cujas ideias não saem do senso-comum ou, quando muito, são retrógradas.	
Caretice	Adj.		Conservadorismo; senso-comum.	

¹⁷⁶ Ver homossexualismo em São Paulo e outros escritos/ organizadores James N. Green e Ronaldo Trindade – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Caricata	Adj.		Palhaça, brincalhona; pessoa cafona, ridícula e grotesca.	
Carpete	S.m.		Pêlos pubianos da mulher.	
Carupé	S.f.	Do bajubá	cabeleira postiça; chinó.	Picumã
Caso	Adj.		No meio heterossexual, caso costuma ser uma terceira pessoa envolvida num relacionamento já em andamento; amante; no meio homossexual, caso é o(a) namorado(a) ou alguém com quem se está ficando; par de amantes que vivem maritalmente; aqueles que apresentam união estável.	
Catação	V.		Paquera com intuitos sexuais.	
Cata-cavaco	S.f.		Coito com o parceiro(a) receptivo a ser suspenso, apoiado nas pernas e braços.	
Catreva (catrevagem)	Adj.	RJ	Homossexual sem atributos físicos; pessoa muito feia.	
Catu	S.m.		Odor desagradável do órgão sexual masculino.	Cebola
Cebola	S.m.		Odor desagradável do órgão sexual masculino.	Catu
Cecília	S.m.		Odor desagradável e forte das axilas; falta de higiene pessoal	
Celulite	S.m.		Telefone celular	
Centro-peito	S.f.		(Neologismo a partir de St. Tropez) calça semi-bag ou de pregas usada com o cós numa altura próxima à dos bicos do peito por bibas equivocadas.	
Chapeleta	S.f.		Glande; parte superior e mais sensível do órgão sexual masculino, também, e especialmente, quando essa parte é naturalmente ou artificialmente (por meio de circuncisão) descoberta, isto é, sem prepúcio.	
Charuf	Adj.	SP	Coisa ruim, desagradável.	
Charufar	V.	SP	Fazer algo que não deu certo.	Cagar no maiô
Chaveirinho	S.m.		Pênis pequeno.	Canivete
Chaveirinho de hetero	Adj.		Sujeito normatizado, branqueado e higienizado que não se identifica como LGBTQIAP+, em muitos casos apresenta-se de forma preconceituosa com os desvios a norma sexual.	
Checar	V.		Expelir excrementos, evacuar, obrar; defecar; sujar-se com seus próprios excrementos; sujar a terceiros com excretas; defecar na hora da penetração anal.	
Chechê	Abrev.		Forma abreviada de michê; garoto de programa.	
Cheine	Adj.		Diminutivo de bicheine.	

Cheque	S.f.		Restos de fezes que sujaram a cueca ou o órgão sexual do parceiro durante o ato sexual.	
Cheque ar	S.f.		Flatulência, porção de gases expelida pelo ânus.	
Chico	S.f.		Fluxo de sangue e restos de mucosa uterina periodicamente eliminados pela vagina; menstruação.	
			Ponta de cigarro.	
Chuca	S.f.		Instrumento utilizado para a limpeza do reto; lavagem do ânus, colón e reto, a fim de não sujar com fezes o pênis do parceiro	
Chuchu ¹⁷⁷	S.f.		Barba por fazer, mal disfarçada pela maquiagem.	
Chuia	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Chulo	S.m.	Portugal	Garoto de programa.	Michê
Chupa Charque ¹⁷⁸	Adj.	PE	(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Chupão	S.m.		Uma marca, usualmente roxa, em geral encontrada no pescoço ou nos ombros, ocasionada por excessiva sucção, o que denota contato sexual íntimo.	
Chupar manga	V.		Sexo oral com mulheres; também usado na expressão chupar a manga preta.	
Chupar	V.		Sexo oral; realizar a ação de chupar, especialmente a genitália.	Telefonar
Chupeteira	Adj.		Homossexual afeito ao sexo oral.	
Chupisco	V.		Sexo oral praticado entre homens.	Chupeta
Chuspona	Adj.		Versão lésbica de chupeteira.	
Chupeta	V.		Sexo oral praticado entre homens.	Chupisco
Chuteira	Adj.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	Chupa charque Sapatão
Cinemão ¹⁷⁹	S.m.		Cinema utilizado como local de interação erótica e sexual.	Missa
Climão	S.m.		Clima pesado ou tenso entre duas ou mais pessoas.	
Close	V.		Exibir-se, esnobar as outras travestis.	

¹⁷⁷ Ver documentário “INACREDITÁVEL: Casa da Bartô”, de Goulart de Andrade e Andrea de Maio de 1987.

¹⁷⁸ O termo é autoexplicativo fazendo alusão a ação de sugar com a boca (chupar) a charque (carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins) logo “chupar charque” seria sugar com a boca um pedaço de carne salgado, fazendo referência ao suor, ou seja, a expressão é utilizada em alusão a prática sexual de natureza homossexual feminina, onde o suor e a secreção de lubrificação vaginal apresentam teor de sal semelhante ao utilizado no processo de cura da carne bovina.

¹⁷⁹ Ver o uso do termo no vídeo: Sexo e Karate - a Pegação nos Cinemas Poeiras do Rio. [S. l.: s. n.], Youtube, 9 de jan. de 2021. 1 vídeo (16 min 25 seg). Publicado pelo canal Julio Marinho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9L8rx3lbVR8>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

Clubber	S.m.		Aquele que frequenta clubes e se monta à caráter.	
Coió	V.	Do bajubá	Bater em alguém, xingar alguém.	
Colar velcro	V.		Ato sexual entre duas mulheres.	
Colocação	V.		Ato ou efeito de colocar-se.	
Colocado	Adj.		Sujeito alterado por ação de qualquer droga lícita ou ilícita; bêbado.	
Colocar-se	V.		Ficar alterado por meio de drogas lícitas ou ilícitas.	Situar-se
Colocón	S.f.		Qualquer bebida alcoólica ou droga, especialmente cocaína.	
Colori	Adj.	RJ	Homossexual sem paciência, atacado.	
Comer mosca	V.		Falhar ou deixar passar falhas.	
Compléxia	Adj.		É um LGBTQIAP+ “dislêxia psicanalisada”, com um pouco de conteúdo, geralmente de péssima categoria (a bicha e o conteúdo).	
Cona	S.f.		Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Confeitar	V.		Sujar o pênis com fezes durante a penetração.	
Confirmou!	Interj.		Interjeição usada quando uma coincidência acontece.	
Cookie	Adj.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	Lésbica chic Bolacha fina
Copo d’água	Adj.	SP	Sujeito sem atributos de beleza, carisma ou desenvoltura social; sem graça.	
Coronel	Adj.		Lésbica independente e mais velha que supre economicamente a amante.	
Corre-corre	S.m.		Veículo que se locomove sobre rodas, para transporte de passageiros ou de cargas; automóvel.	
Cortada	Adj.		Transexual que era do sexo masculino (ou nasceu com um pênis), feminilizou-se, passou pela cirurgia de resignificação de sexo (transformou o pênis e em uma vagina).	
Cosibotó	Adj.	Do bajubá	Sujeito analfabeto, sem instrução, ignorante.	
Cossibaré		Do bajubá	Sujeitos sem inteligência.	
Cosuó	S.f.		Coisa “uó”, coisa chata, incômodo, perturbação.	
Crocodila	Adj.		Aquela que gosta de fofocar; dito maldoso; mexerico, disse me disse.	
Croquete	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde	

			termina o meato urinário; membro genital.	
<i>Crossdresser</i>	S.m.		Aquele que se monta para se divertir.	
Cu preso	Adj.		Homossexual enrustido; aquele que não assumiu sua sexualidade ou identidade de gênero; aquele que vide preso no “armário”.	
Cuã	S.m.	Do bajubá	Edificação de formatos e tamanhos variados, quase sempre destinado à habitação; casa, lar.	Ilê
Cuca	S.m.		Aversão ao trabalho; ócio, vadiagem; Preguiça; má vontade.	
Cuem	S.m.		Variante ortográfica de kuein.	
Culé	Abrev.		Colega, amiga (homo ou hetero).	
Culeiro	Adj.	MT	Homossexual masculino.	
Culete	S.f.	PE	História, quer inventada, produzida ou real.	
Culeteiro	Adj.	PE	Aquele que conta ou inventa história.	
Cunete	V.		Sexo oral na região do ânus, <i>cunnilingus</i> .	
Cyber-mano	Adj.		Jovem de periferia que aderiu à cultura tecno; <i>Clubber</i> popular e herdeiro legítimo do <i>trash-minas</i> .	

D

Da o nome	Expr.		Mostra que pode; ter condições de fazer algo.	
Dadeira	Adj.		Homossexual com grande número de práticas sexuais de modo receptivo.	
Dança do rebuceteio	Expr.		Troca-troca de namoradas entre as lésbicas.	
Dar a egípcia	V.		Virar a cara para alguém, ignorar.	
Dar a elza	V.	Do bajubá	Roubar.	Azuelar
				Elza
				Dar um ninja
				Fazer a linha Aidê ou Haydêe
Dar área	Expr.	SP	Ir embora do local onde se está.	
Dar close	V.		Dar uma olhada.	Dar pinta
Dar o truque	V.		Enganar.	Dar o EQ
Dar pinta	V.		Fazer trejeitos efeminados, propositadamente ou não; mostrar afetação.	
Dar piti	V.	NE	Xingar, causar dano, brigar; Baixaria.	
Dar um dois	V.		Fumar <i>Cannabis sativa</i> (maconha).	
Dar um <i>fight</i>	V.		Fazer sexo com alguém; copular, atender, transar.	
Dar um ninja	V.	ES	Sumir com algo; Roubar.	Dar a Elza
Dar um voador	V.	ES	Dar um tapa, brigar.	
Dar uma beíça	V.		Dar um golpe para arrumar dinheiro ou não pagar dívida.	
Dar uma kenfa	V.	GO	Dar um fora em alguém.	

De leve	Expr.	PA	Pequena maldade.	
Débora kerr	Expr.		Expressão usada quando se vê alguém que provoca tesaõ; às vezes, Débora kerr faz dupla com Betty faria.	
Debut	Adj.		Apresentação ao grupo de homossexuais, seria o primeiro dia de uma travesti na pista; aparecer pela primeira vez como homossexual; Empregado ao responsável pela primeira experiência sexual; aquele que liga o indivíduo a maioria, ao grupo a que naquele momento pertence.	Aparecer
Delta-T	S.m.		Diz-se do órgão sexual masculino que, em estado de repouso, é pequeno, mas quando excitado revela-se uma caixa de surpresas, ou seja, de proporções avantajadas; alta diferença de tamanho entre a neça mole e dura; exemplo: aquela mala tem delta-T.	
Demônio das aranhas	Expr.		Fala-se ao invés de puta que o pariu.	
Denorex	Adj.		Que parece homossexual, mas não é; que parece heterossexual, mas não é.	
Depósito de porra	Expr.		Fala-se do homossexual que pratica sexo na posição receptiva, adepto de práticas <i>bareback</i> ¹⁸⁰ que permite que diversos parceiros ejaculem no interior de seu ânus ou boca.	
Derrubado	Adj.		Sem grana; Cansado; Lugar sem graça	
Desacquendar (desaquendar)	V.	Do bajubá	Deixar de lado; deixar em paz; esquecer.	
Desaquendar uma Gretchen	V.		Expelir pela boca (o conteúdo do estômago); borcar; vômitar.	
Desavisado	Adj.		Alguém que nunca sabe de nada ou que finge não saber.	
Descabelar o palhaço	V.		Masturbar-se.	
Desce ou descer pra avenida	Expr.		Ir para o ponto de prostituição.	
Descer o barraco	Expr.	RJ	Aprontar uma briga; brigar.	
Descer o borel	Expr.	RJ	Brigar; descer barraco.	
Descolado	Adj.		Pessoa que se dá bem em determinadas situações.	
Descolândia	S.m.		Lugar onde os descolados se descolam.	
Descolar	S.m.		Dar-se bem; conseguir o que se quer.	
Despistado	S.m.		Que sofreu dissimulação; encoberto, disfarçado.	
Di santini	Adj.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém	

¹⁸⁰ Prática de sexo sem o uso de preservativo (FELBERG, 2015).

			relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Diag-leife	Adj.		Situação complicada, que não propicia.	
Diague	Adj.		Refere-se a tudo que é negativo; (Interjeição) usa-se para evitar coisa ruim; isola!, usado para remeter-se a lugar de predominância heterossexual.	
Diesel	Adj.		Lésbica masculinizada.	Caminhoneira
Din-din	S.m.		Dinheiro, cédulas com valor monetário.	
Dislécia	Adj.		Homossexual confuso, com crises múltiplas de identidade, que anda sempre em busca de si própria.	
Do além	Adj.		Pessoa, lugar ou situação bastante esquisita, estranha mesmo.	
Doce	Adj.		Algo ruim; aprontar alguma coisa de mal para outra pessoa; mandar bater; ou armar situações constrangedoras e ameaçadoras.	
Docinho	V.		Apanhar na rua.	
	Adj.		Cliente mal-cheiroso (Diz-se Ai Bicha, ontem atendi um docinho uó).	
Dona borboleta	Adj.		Sujeito hiper masculizado, que tem atributos que beiram a caricatura do masculino; Machão.	
Draga	Adj.		Pessoa que come demais; sujeito que come em excesso.	
Dragão	Adj.		(Pejorativo) Pessoa muito feia.	
Dragonete	Adj.		(Pejorativo) Pessoa que, além de muito feia, é homossexual e sem modos.	
Dramático	Adj.		Aquele que faz drama por qualquer coisa; aquele que fala exageradamente.	
Dun	Abrev.		(Pejorativo) Indivíduo da raça negra.	Dun-dun
				Dunda
Dunda	Adj.		(Pejorativo) Indivíduo da raça negra.	Dun
				Dun-dun
Dun-dun ¹⁸¹	Adj.		(Pejorativo) Indivíduo da raça negra.	Dun
				Dunda
Dyke	S.f.	Do inglês	Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
E				
É bem! Ou é bens!	Expr.		Pessoa ou coisa boa, legal.	
Edí	S.m.	Do bajubá	Orifício anal, na extremidade terminal do intestino, por onde sai os excrementos; Ânus.	
Ekê	S.m.	CE	Orgão sexual masculino; a mala do bofe: (o ekê do ocó); problema	

¹⁸¹ Alusão a música Chico Dun Dun 1965 Nelson Gonçalves HD 720p

			(deixa de ekê!) (Não confundir com EQ, equê)	
Elza	V.		Quem rouba, roubar.	
Elzeiro	Adj.		Que ou aquele que furta, rouba.	
Embaçado	Adj.		Difícil, complicado, obscuro, confuso, turvo, desordenado.	
Emma Thompson	S.m.		Machucado originado de pancada forte, resultando em manchas roxas e doloridas na pele; exemplo: “bati a perna e tô com uma Emma Thompson doloridíssima”.	
Enceradeira	Adj.		Aquela mona que não perde uma música na pista de dança; bicha que dança até não aguentar mais.	
Encubado	Adj.		Diz-se do homossexual que ainda não assumiu sua sexualidade para si mesmo; enrustido.	
Engate	V.	Portugal	Ato ou efeito de paquerar; tentativa de namoro, paqueração.	
Enquizilado	Adj.	CE	Indivíduo encanado, chateado, cheio de problema; Ensimesmado; Antipático.	
Enrustido	Adj.		Homossexual que ainda não saiu do armário, não assumiu sua posição de gay.	
Entendido	S.m.		Homossexual masculino.	
Entortar chifre	Expr.		Dar-se mal.	
Envuduzar	V.		Executar ritual de vudu; colocar olho-grande, torcer para que (algo) não dê certo	
EQ (equê)	Abrev.		O mesmo que truque, engano, coisa falsa.	
Ecqué/Equé	V.		Ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude; Mentira.	
Equezeiro	S.m.		Praticante do EQ (equê).	
Escandalo	Adj.		Quando algo está muito bonito, arrumado, bem-feito. Diz-se “Mona o picumã da senhora está um escândalo”	
			Confusão, briga, grito. Normalmente empregado quando ocorre traição conjugal, briga por espaço de prostituição.	
Esquiso	Adj.		Aquele que é esquisito ou esquizofrênico.	
Estar fantasiado	Expr.		Estar bem-vestido, “embecado”; Montado.	
Estrovena	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Européia	Adj.		Travesti ou Trans que teve experiência com prostituição na Europa, ou viveu na Europa.	

Existe não	Expr.		Quando se depara com um LGBTQIAP+ aberrantemente feia, existe não.	
Extra-fofa	Adj.	SP	Diz-se das Barbies que já passaram do peso.	
F				
Fazer a Catarina	V.		Imitar a amiga numa roupa ou produção.	
Fazer a Edith	V.		Dar conselho.	
Fazer a Elizabeth	V.		Deixar marca de fezes no vaso sanitário.	
Fazer a linha Aidê ou Haydê ¹⁸²	V.		Furtar, roubar mesmo sem necessidade, quando o sujeito tem o hábito de furtar coisas sem valor ou mesmo seus clientes ou colegas de trabalho.	
Fazer a linha amiga	Expr.		Falsidade necessária no âmbito social.	
Fazer a linha criança esperança	Expr.		Prática sexual com menor (erê).	
Fazer a linha egípcia	Expr.		Dar pouca importância ou mesmo não se importar.	
Fazer a linha rica	V.		Esbanjar.	
Fazer a linha	Expr.		Fazer tipo; oferecer algo para ser agradável.	
Fazer a louca	Expr.		Se fazer de desentendida para sair-se bem de determinadas situações vexatórias.	
Fazer o vício	V.		Ficar com alguém por prazer, para se divertir, sem interesses comerciais.	
Fazer a pista	V.		Prostituir-se.	
Fazer a fina	Adj.		Para se referir a pessoas, no sentido de serem educadas, amáveis e de terem um bom nível de educação formal.	
Frouxa	Adj.		Sujeito que apresenta flacidez na região anal.	
Fuá	Adj.		Falta de ordem; confusão, desorganização.	
Fada	Adj.		Lésbica passiva.	
<i>Fake</i>	Adj.	Do inglês	Aquilo ou aquele que não é verdadeiro; fictício, enganoso.	
Fanchona	Adj.		(Pejorativo) Termo preconceituoso para lésbica; Femino de “fanchono ¹⁸³ ”.	
Farinha	S.f.		Substância branca e pastosa que se encontra entre a glândula e o prepúcio do homem; esmegma.	

¹⁸² Referência à personagem cleptomaniaca interpretada pela atriz Cristiane Torloni, na novela América telenovela brasileira, escrita por Glória Perez e dirigida por Jayme Monjardim, Marcos Schechtman, Luciano Sabino, Marcelo Travesso, Teresa Lampreia, Federico Bonani e Carlo Milani. Produzida e exibida pela Rede Globo, de 14 de março a 4 de novembro de 2005.

¹⁸³ Termo largamente empregado pelo Santo Ofício para designar homem que procura prazeres nos indivíduos do próprio sexo. Aquele que se presta aos prazeres sensuais de indivíduo do seu sexo. Provavelmente originado pelo deslizamento de sentido do termo “*fanciulla*” do idioma italiano, que significa donzela.

<i>Fashion desnecéssaire</i>	Adj.		Pessoa que não entende de moda, tendências e que erra muito achando que está bem vestida e na moda.	<i>Fashion discontrol</i>
<i>Fashion discontrol</i>	Adj.	SP	Pessoa exagerada ou toda errada no vestir-se.	<i>Fashion desnecéssaire</i>
Fazer	V.		Fazer sexo com alguém; copular, atender, transar.	
Fazer a chuca	V.		Procedimento no qual é introduzido uma solução líquida através de um cateter retal. Tem por objetivo aliviar a distensão abdominal, diminuir flatulência, realizar a eliminação de bolo fecal, melhorando a constipação.	
Fazer a egípcia	Expr.		Virar a cara e ficar de perfil (como as figuras egípcias), a fim de menosprezar ou ignorar alguém.	
Fazer a gonda	V.	GO	Sexo oral, felação.	
Fazer a marisa	Expr.	SP	Expressão usada nos cinemas de “pegação”. Como em geral esses cinemas têm duas salas, uma com filmes héteros e outra com filmes gays, os homossexuais que atendem na sala de filmes gays fazem a Marisa, uma coisa " <i>de mulher pra mulher</i> ".	
Fazer beijo	V.		Enfadar-se; desdenhar; fazer pose, fazer carão.	
Fazer meia	S.m.	SC	Caso de viadagem não explícita, segredada a dois.	
Fazer sabão	V.		Ato sexual entre lésbicas; esfregar-se.	
Fechar	V.		Dar muita pinta; Abalar. Humilhar, causar constrangimento por algum motivo.	
Fechar tudo	V.		Dar muita pinta; Abalar muito.	
Fedora	Adj.		Sujeito mal-cheiroso, podre; que não mantém hábitos de higiene pessoal.	
Feção	V.		Ato de dar muita pinta; desmunhecar; Fazer cena.	
Ferveção	S.f.		Diversão; local onde está rolando diversão.	
Ferver	V.		Divertir-se; Enlouquecer na pista.	
Fervido	Adj.		Pessoa ou local agitado, divertido.	
Fervo	Abrev.		Forma abreviada de ferveção.	
Ficar	V.		Ter relações amorosas e/ou sexuais sem compromisso.	
Ficha	Adj.		Que ou aquele que é obcecado por adquirir e acumular dinheiro; sovina.	
Filé	Adj.		A melhor parte de algo ou de alguém.	
Fino	Adj.		Aquele que tem comportamento e trato elegante, fino; esnobe.	
Flop	Adj.		Coisa fracassada.	
Flor	Adj.		Pessoa boa; Pessoa delicada.	

Fófi	Adj.		Expressão usada com certo ar de deboche para designar uma pessoa fofa ou fofa em excesso.	
Fofa	Adj.		Pessoa ou local organizado, delicado, do bem.	
Força na peruca!	Expr.		Expressão no intuito de dar força, o mesmo que: Coragem! Vá em frente! Vai nessa! Se joga!	Força no picumã!
Força no picumã!	Interjeição		Expressão no intuito de dar força, o mesmo que: Coragem! Vá em frente! Vai nessa! Se joga!	Força na peruca!
Frapê	S.m.		Diz-se do órgão sexual masculino quando não está ereto em sua plenitude; está meio-mole-meio-duro; meia-bomba	
Free willy	Adj.		Homossexual acima do peso; Gordo.	
<i>Friendly</i>	Adj.	Do inglês	Diz-se de pessoas heterossexuais que convivem muito bem com homossexuais; lugares frequentados por heterossexuais em que os homossexuais são bem-vindos; corresponde ao S da sigla GLS: simpaticante.	Mogli
Fubanga	S.m.	SP	Aquilo que não presta; sem serventia; insignificante; ordinário; inferior; bagaceira; furrepa.	
	Adj.		(pejorativo) mulher feia.	
Fubeca	Adj.	SP	Aquilo que não presta; sem serventia; insignificante; ordinário; inferior; bagaceira; furrepa.	
Fudevú	S.f.		(Hibridismo do verbo 'foder' + do francês 'vous') Suruba, fodelança; 2. Bagunça ou confusão que envolva sexo.	Rebuceteio
Fufa	S.f.	Portugal	Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Fuleiro	Adj.		Aquilo que não presta; sem serventia; insignificante; ordinário; inferior; bagaceira; furrepa.	Fubeca
Função	S.f.		Qualquer ato que envolva droga ou sexo.	
Fundamento	S.m.		Comportamento, atitude.	
Furar	V.		(Pejorativo) Copular, desde o ponto de vista daquele que se presta ao papel de ativo.	
Furico	S.m.	NE	Abertura exterior do tubo digestivo, na extremidade do reto, pela qual se expelem os excrementos; ânus.	
Furrepa	S.f.	CE	Coisa insignificante, de qualidade ordinária; vagabundo; cangalha.	
G				
Gagau	S.m.	PE	Líquido esbranquiçado, secretado por diferentes glândulas genitais masculinas, que contém os espermatozoides; esperma.	

Gala	S.m.	CE	Líquido esbranquiçado, secretado por diferentes glândulas genitais masculinas, que contém os espermatozoides; esperma.	
Gala seca	S.m.	CE	Pessoas que há muito tempo não mantem relações sexuais; atraso sexual.	
			Diz-se de lugares fedidos, com cheiro de mofado (cheiro de gala seca).	
Galinha	Adj.		(Geralmente pejorativo) Pessoa que que procura função sexual.	
Galinagem	V.		Função sexual; sair a procura de relações sexuais.	Caçação
Gambé	Adj.		Profissional que, trabalhando na polícia, teria de zelar pela manutenção da ordem, pela segurança dos cidadãos; polícia.	Alibã
	S.m.			
Garota	Adj.		Feminina, delicada.	
Gatas (As gatas)	Adj.		Travestis; utilizado normalmente para definir travestis com características femininas que desempenham a prostituição como função laborativa.	
Gayzinho	Adj.		Quando a travesti ainda não se transformou. Pode ser usado também para designar rapazes homossexuais.	
GDC	Abrev.		Abreviação de gay de cabeça: heterossexual amigo que simpatiza com as ideias e comportamento gay.	Mogli
				Friendly
Gentem	Expr.		Gente, com pronúncia que imita a tendência do apresentador Sílvio Santos em falar quase tudo com a terminação /-m/, pronunciada com os lábios fechados	
Gilete	Adj.		Antigo termo para designar bissexuais.	
	S.m.			
Gira	S.m.	RJ	Redondeza, local.	
	Adj.	Portugal	Algo, alguém ou algum lugar muito agradável.	
Gogóia	S.f.	RS	Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Goma	S.f.		Edificação de formatos e tamanhos variados, quase sempre destinado à habitação; casa, lar.	Ilê
Gongado	Adj.		Corrompido; aquele que foi vítima de zombaria; que foi rebaixado.	
Gongar	V.		Lançar deboche; Corromper; Zombar; Rebaixar.	
Ghost	Adj.	Do inglês	Sujeito que deixa de interagir após determinado tempo ou manifestação de interesse em aplicativos de interação afetivo sexual.	
Ghosting	V.	Do inglês	Termo utilizado para designar o desprezo, desaparecimento, a falta	Vácuo

			de resposta em aplicativos de interação afetivo sexual.	
Gozou ou levou a sério	Expr.		Expressão empregada quando se quer saber se está levando alguém a sério	
Gravação	S.m.		Sexo oral.	
Gravar	V.		Fazer sexo oral; deslizar a língua em um órgão sexual masculino ereto.	
Grea	S.f.	PE	Tiração de sarro, de onda; gozação.	
Greta	Adj.	SP	Homossexual discreto, recatado, ensimesmado.	
Grilinha	S.f.	RS	Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Grudar o cliente	Expr.		Intimidá-lo fisicamente, para roubá-lo.	
Guanto ¹⁸⁴	S.m.		Preservativo; camisinha.	Capa Porta-joias
Guardiã-quaquá	Adj.		Homossexual que fica na entrada dos <i>dark-rooms</i> , na porta dos banheiros ou dentro das cabines esperando alguém interessante (na sua própria avaliação) entrar para ela acquendar.	
Guela	Adj.		Aquele que delata; acusador, denunciante.	
Guelsmã	S. m.		Droga de alta concentração e toxicidade, mistura de cocaína, geralmente apresentada em forma de cristais para ser fumada numa espécie de cachimbo; Crack, pedra. [Narcótico de uso ilegal.].	
Guenza	Adj.	CE	Homossexual desprovido de beleza, normalmente muito magro ou deficiente.	
H				
Hetero-gay	Adj.		Heterossexual masculino que trata homossexual feminino com delicadeza, mas copula com mulheres porque gosta.	
Heterotecnos	S.m.	SP	<i>Clubbers</i> assexuados que participaram da cena tecno em meados dos anos 1990 e que queriam parecer héteros.	
Homiceta	Adj.		(Composto de 'homem' + 'buceta') homossexual masculino que comumente desempenha papel receptivo em uma relação homoerótica.	Homigina
Homigina	Adj.		(Composto de 'homem' + 'vagina') homossexual masculino que comumente desempenha papel receptivo em uma relação homoerótica.	Homiceta
Homossexuellen	Adj.		Homossexual masculino afeminado.	Bicha-mulher

¹⁸⁴ Alusão ao termo luva em espanhol.

Homossexxy	Adj.		Homossexual sexy, sensual; que abusa de seus dotes de sedução.	
Hospital	S.m.		Termo utilizado para designar problema.	
Hóstia	S.m.		Camisinha; preservativo masculino.	
Hype	S.m.		Assunto, objeto ou pessoa em voga; o sucesso do momento.	
I				
Identidade	S.m.		Camisinha, preservativo.	
Idy	S.m.		Abertura exterior do tubo digestivo, na extremidade do reto, pela qual se expelem os excrementos; ânus.	
Igabalé	S.f.		Utensílio para varrer, constituído por um cabo longo de madeira a que se fixa, numa das extremidades, um feixe de fibras de piaçaba ou outras fibras ou pelos naturais ou sintéticos; vassoura.	
Ilê	S.f.		Edificação de formatos e tamanhos variados, quase sempre destinado à habitação; casa, lar.	Goma
Ileotria	S.f.		Bronca, reclamação.	
Indaca	S.f.		Cada parte lateral da cara, Rosto, face, feição.	
Índia	Adj.		Homossexual desprovido de inteligência ou desenvoltura.	Tapuia
INPS ou INSS	S.m.		Diz-se de boate frequentada majoritariamente por gays mais velhos.	
Ir de angélica ¹⁸⁵	Expr.		O mesmo que ir de taxi.	
Irene	Adj.	RS	Homossexual envelhecido, idoso.	
Isca	S.f.	SP	Mulher heterossexual que anda com homossexuais sem saber que está sendo usada para atrair homens.	Ana Cláudia
Ivone	Adj.	RJ	Diminutivo do termo “passivone”, homossexual que na prática sexual é receptivo.	
	S.f.			
J				
Jacira	Adj.		Homossexual masculino de baixo nível; mal-educado, sem modos.	Bicha qua quá
Jamanta ¹⁸⁶	Adj.		Estado daquele que ficou louco, colocado, lesado, alucinado.	Bagaceira
Janção	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Jaqueira	V.	BA	Ato sexual na estação da Lapa ¹⁸⁷ .	
Jerusa confusa	Adj.		Homossexual masculino atrapalhado, desastrado.	

¹⁸⁵ A expressão faz alusão a música “Vou de taxi” da cantora Angélica presente no álbum: Angélica da gravadora: CBS, no ano de 1988. Versão original de Vanessa Paradis - Joe Le Taxi, composição: Didier Pain. Tradução: Aloysio Reis e Byafra.

¹⁸⁶ A expressão faz alusão ao personagem Jamanta interpretado por Carlos Augusto Carvalho Pereira (Cacá Carvalho), na telenovela brasileira Torre de Babel produzida e exibida pela Rede Globo, exibida entre 25 de maio de 1998 a 15 de janeiro de 1999, Escrita por Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil e dirigida por Denise Saraceni, José Luiz Villamarim, Carlos Araújo e Paulo Silvestrini.

¹⁸⁷ Maior terminal de ônibus da cidade de Salvador-BA.

Joana	Adj.		Homossexual masculino sem muita escolaridade.	
Jogar o picumã	V.		Virar a cabeça, mudando os cabelos de lado com a intenção de menosprezar ou ignorar alguém.	
Jorge	Adj.		Homem bonito, másculo.	Pai de família
K				
Kakurucaia	Adj.		Homossexual masculino idoso.	
Kacura (cakura)	Adj.		Homossexual masculino idoso.	
KOA	Expr.		Palavra onomatotópica que quer dizer EU EHN!.	
Kátia ¹⁸⁸		SP	Cachaça; pinga; bebida alcóolica.	
		CE	Pessoa que faz as investidas sexuais através do tato.	
Katita	Adj.		Pessoa bonitinha, jeitosa.	
Kibe	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Kika ¹⁸⁹	Adj.		Homossexual que tem a prática sexual de pedir ao parceiro que durante o ato sexual ejacule em sua face.	
Kuein	Abrev.	CE	Forma abreviada de acquenda, imperativo do verbo aquendar	
L				
Lacraia ¹⁹⁰	Adj.		Homossexual que tem muitos parceiros; fogoso.	
Laiala	S.f.	PA	Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Laleska	Adj.		Homossexual efeminado.	
Lamber o carpete	V.		Sexo oral entre lésbicas.	
Laquaqua	S.m.	Do bajubá	O contrário de “bibita”; Pênis avantajado.	
Laruê	V.	Do bajubá	Ato ou efeito de fofocar; dito maldoso; mexerico, disse me disse.	
Lash	V.	Do bajubá	Jogar o picumã, fazer a egípcia, virar a cara, dar rabissaca, com a intenção de tombar alguém.	
Leather	S.m.		Homossexual adepto do couro e de práticas sadomasoquistas.	
Lelé	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica de trato e comportamento refinado.	

¹⁸⁸ Expressão que faz a lusa a cantora Kátia Garcia Oliveira, que é deficiente visual e fez sucesso no Brasil na década de 1980, termo usado na expressão “fique kátia!” ou “fazer a linha Kátia”.

¹⁸⁹ Alusão ao Filme de Almodova

¹⁹⁰ O termo faz alusão a dançarina de funk carioca Marco Aurélio da Silva Rocha (1977-2011), conhecida como Lacraia, que alcançou sucesso em 2002 com dupla formada com o MC Serginho.

<i>Lesbian chic</i>	Expr.		Lésbica feminina, culta, bem-arrumada.	
<i>Lesbian drama</i>	Expr.		Comportamento dramático característico de lésbicas.	
Levar coió	V.		Apanhar; ser xingado por alguém.	Levar pei
Levar pei ¹⁹¹	V.	CE	Apanhar; ser xingado por alguém.	Levar coió
Levar um banzai	Expr.		Terminar o relacionamento; levar um fora do(a) parceiro(a).	
Lhama	Adj.		Pessoa descolada, com idéias diferentes, que vive um pouco fora da realidade; ou que não aceita muito bem a sociedade, o consumismo exagerado, o modismo.	
Lhushca	Adj.		Homossexual idoso.	
<i>Lipstick lesbian</i>	Adj.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica de trato e comportamento refinado.	<i>Lesbian chic</i>
	S.f.			
Loba	Adj.		Sujeito que gosta de praticar sexo oral no parceiro.	
Lombarda	Adj.		Sujeito que acabou por se entrevar; que se encontra paralisado; tolhido. Que deixou de possuir a movimentação; que não se consegue mover; tolhido ou parálítico. Indivíduo entrezado; parálítico.	
M				
Machorra	Adj.	RS	(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Machuda	Adj.		Homossexual masculino que força a masculinidade que o mesmo não apresenta naturalmente.	
Madrinha	Adj.		Travesti ou mulher normalmente envolvidas com a prostituição durante a juventude que sobrevive da renda obtida pela locação de quartos para trans e pontos de prostituição que ficam sob sua guarda. A figura da madrinha configura-se como uma transição social, como a mesma já foi explorada e sabe o contexto social das travestis e mulheres, a mesma	

¹⁹¹ “Pei” é uma onomatopéia de tiro.

	S.f.		consegue transcender ocupando a função de exploradora por meio da compra de seu espaço seja por tempo de uso de determinado espaço ou mesmo compra do espaço físico. Tal relação transcende as relações econômicas e afetivas gerando assim um embrincado contexto social de exploração, exclusão e sexo.	
Mafiosa	Adj.	RJ	Homossexual ou lésbica má, que costuma observar tudo e todos com um certo olhar de desdém, arrogância; geralmente tem uma língua muito afiada, critica e fala mal de todos.	
Mafu	S.f.	SP	<i>Cannabis sativa</i> , Maconha.	
Magia negra	Adj.		Perigo de grandes proporções.	
Magia	S.m.		Circunstância, estado ou situação que prenuncia um mal para alguém ou algo; Perigo.	
Magiclin	Adj.		Da margem, feito, escrito, desenhado nela; que vive fora do âmbito da sociedade ou da lei, como vagabundo, mendigo ou delinquente; indivíduo marginal.	
Mala	S.m.		Orgão sexual masculino; Volume do órgão sexual masculino ou o próprio pênis.	
Malagem	Adj.	PE	Característica ou particularidade do que é chato; qualidade do que é maçante; o que causa tédio; chateação.	
Malassombro	Adj.	PE	Diz-se de pessoas ou situações estranhas, que causem certo medo e/ou tenham energia ruim; Doença.	
Maldita	S.f.		Síndrome de Imunodeficiência Adquirida - AIDS.	
Malu	S.m.		Mal hálito; mal cheiro da boca.	
Mambasto	Adj.	BA	Gêmeo; homossexual que copia ou é idêntico a outro.	
Mamífera-ilha	S.f.		Uma mamífera cercada de homens por todos os lados.	
Mamíferas	S.f.		Grupo de mulheres que saem em bando a procura de parceiros sexuais.	
Mamona	Adj.		Sujeito que gosta de praticar sexo oral no parceiro.	
Mancha	Adj.	SP	Homossexual masculino; homossexual muito afeminado; diz-se: a própria afetação. Isso não é uma pinta, isso é uma mancha.	
Manguaça	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde	

			termina o meato urinário; membro genital.	
			Cachaça.	
Mangue-bicha		PE	LGBTQIAP+ que se identificam com o movimento mangue beat.	
Manja-rola	Adj.	SP	Homossexual masculino que se masturba em banheiro público.	
Manja-tempo	Adj.	SC	Pessoa que comenta maldosamente acerca da vida de terceiros.	Venenosa
Margarete	Adj.	PE	LGBTQIAP+ enganador; que vive contando mentiras; quem busca enganar outra pessoa se valendo de falsidade	
Maria-gasolina	Adj.		Mulher, hetero ou lésbica, que só namora quem tem carro ou moto.	
Maria-sabonete	Adj.		Lésbica que se relacionou afetivo sexualmente com uma grande quantidade de outras lésbicas.	
Maricleide	S.m.		Sujeitos que tem desejo sexual e que se relacionam eroticamente com travestis.	
Mariconia	Adj.		Homossexual idoso.	
	S.m.		Cliente de programa que tem trejeitos masculinos, mas que muitas vezes é receptivo nas relações homoeróticas.	
Marsupiellen	Adj.		Homossexual que não se identifica com a identidade homossexual, negando todos a construção e mantendo-se de forma discreta em suas relações.	Discreto e fora do meio
Matação	V.		Ato ou efeito de matar alguém ou algo, de falar mal de alguém ou alguma coisa.	
Matar	V.		Falar mal de alguém ou algo.	
			Acabar com alguma coisa; comer, beber ou fumar até o fim.	
Matim (Mati)	Adj.	Do bajubá	Pequenino, insignificante, reles, chinfrim.	
Matusalém	Adj.		Pessoa idosa.	Nefertite
Mavambo	Adj.	RJ	O mesmo que maloqueiro; bofe com pinta de ladrão, ladrão com pinta de bofe que faz, bofe que dá coiô pesado, elzeiro; traficante, bofe armado; também bicha mavamba ou sapata.	
Meda	S.m.		Medo; geralmente empregado como deboche e com sentido contrário; também usado na expressão que meda!, de uso corrente pela população brasileira, mas originalmente empregado no circuito gay, segundo a tendência de se falar tudo no feminino.	
Meia-bomba	Adj.		Diz-se do órgão sexual masculino que não atingiu ereção total, mas em torno de 50% ou menos.	Frappé
Meia-nove (69)	S.f.		Sexo oral mútuo e simultâneo entre duas pessoas.	

Meiga	Adj.		Pessoa excessivamente dócil.	
Mela-tecla	S.m.		Pessoa viciada em sexo virtual e que se masturba na frente da tela do computador.	
Melissinha	Adj.		Lésbica feminina.	
Menininha	Adj.		Travesti com aparência muito feminina. Geralmente mais nova.	
Metade sereia metade tubarão	Expr.		Quando a pessoa apresenta características dicotômicas, sejam elas físicas, comportamentais e/ou subjetivas; andrógino ¹⁹² .	
Meu cu!	Expr.		Utilizada para designar indignação ou desdém; nesta acepção, equivale a caguei! Ou um caralho!, “Que se dane!”, “Que se foda!”.	
Mi	S.m.	SP	Atitude, resolução, comportamento errôneo, cujos resultados são insatisfatórios ou negativos; falha, lapso, erro.	
Michê	S.m.		Aquele que se prostitui.	
Milho	Adj.	CE	Coisa boa; comida gostosa; festa legal; lugar aconchegante.	
Missa		RJ	Cinema utilizado como local de interação erótica e sexual.	Cinemão
Mitorô	V.	Do bajubá	Verter urina, voluntária ou involuntariamente.	
Mixuruca (Xuruca)	Adj.		Insignificante, apoucado, pequeno; De má qualidade, de valor reduzido; festa sem graça, sem animação.	
Miy	Abrev.	CE	Forma abreviada de milho; coisa boa; exemplo: é só o miy. Forma abreviada de mijo; fedor; lugar fedorento ou que tem cheiro de mijo.	
Moçona	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Modelão	S.f.		Roupa bonita; roupa usada na montagem.	
Mogli	Adj.		Heterossexual que convive, apoia e é aceito em meio LGBTQIAP+ enquanto um igual, tendo desenvoltura no linguajar verbal e não verbal de tais estratos sociais.	<i>Friendly</i>
Mona	Adj.	Do bajubá	Mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino.	
Mona ocó (Monocó)	Adj.	Do bajubá	Apresenta significados diversos significados nos ambientes homossexuais: mona é mulher e ocó, homem; em alguns grupos é usado para lésbicas masculinizadas e em outros para gays não-efeminados ou também michês	

¹⁹² Segundo Jesus (2012, p. 16) andrógino pode ser definido como “Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

Monalisa	Adj.		(Mona = Homossexual masculino + Lisa = sem dinheiro, pobre) Homossexual masculino das classes C e D.	pão com ovo e kisuco
Môni	Abrev.		Forma abreviada e carinhosa para o termo Mônica.	
Mônica	Adj.		(Derivado de mona) homossexual masculino amigo e próximo.	Bicha da casa
Monocó	Adj.		Forma aglutinada do termo mona ocó.	
	Abrev.			
Montação	V.		O processo de vestir-se com roupas de mulher, geralmente com certo exagero.	
Montado	Adj.		Bem-vestido; <i>Cross-dressing</i> .	
Morder a fronha	V.		Desempenhar o papel receptivo em uma relação homoerótica.	
Mortt	S.m.		Estado de espírito em que se exacerbam o ódio, (bode) irritação profunda em relação a uma pessoa, coisa ou situação.	
Mucica	S.m.	PE	Desejo sexual; vontade de praticar sexo.	Caralho latejante
Muco	S.m.		Cabelo crespo, ressecado.	
Muito rica	Adj.	SP	Pessoa bonita, delicada.	
Mulher-bicha	Adj.		Mulher com todos os traços dos homossexuais masculinos afeminados.	
Mulher-pinto	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Mulheru	S.f.		(De 'mulher' + 'peru') Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Mundinho	S.m.		Universo social de uma pessoa ou grupo.	
Munganga	V.	PE	Performance normalmente irônica ou de deboche para manifestar insatisfação ou humor.	
Muvuca	S.f.		Aglomerado ruidoso de pessoas; grande confusão; tumulto.	
Muxiba	Adj.		Aquela que apresenta uma curva acentuada de queda dos seios.	
N				
Na inocência	Expr.	PA	Diz-se quando o LGBTQIAP+ diz que fez algo sem querer, mas querendo.	
Naira	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Não tô podendo	Expr.		Não poder fazer algo.	
Não-bicha	Adj.		Homossexual normatizado; padronizado sob a égide da heteronormatividade de forma a	

			desempenhar papel de gênero condizente com o sexo biológico.	
Neca	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Necão	S.m.		Pênis grande, avantajado.	
Nefertite ¹⁹³	Adj.		Sujeito muito idoso, mas que ainda conserva uma aura de mistério.	
Neide	Adj.	PE	LGBTQIAP+ desprovido de inteligência.	
Nem confiança!	Expr.		Não dar atenção.	
Nena	S.f.	Do bajubá	Matérias fecais, excrementos.	
Nena Camargo	V.	CE	O nome completo da Nena.	Checar Nenar
Nenar	V.		Eliminar os excrementos naturalmente.	
Neuza ¹⁹⁴	V.		Apropriar-se de (bem alheio), mediante violência, ameaça ou fraude.	
	Adj.		Muito feio; sujeito desprovido de beleza e de atributos físicos.	
	S.m.		Homossexual japonês ou descendente.	
Nicaô	S.m.		Diz-se do pênis de proporções avantajadas de travesti.	
Niente de pil			Nada, coisa nenhuma.	
Nikita	Adj.		Homossexual que acredita que é fatal, que seduz a todos.	Pittbullzeira
			Lésbica que sempre está à procura de confusão.	
Ninfeta	Adj.		Travesti jovem, com pouco tempo de pista e vistosa.	
	S.f.			
Nome morto	S.m.		Nomenclatura atribuída ao nome de registro ao nascer em pessoas trans ou travestis.	
No truque	Expr.		Para enganar, otimizar seus atributos por meio de certos artifícios.	

O

Ocâni	S.m.	Do bajubá	Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Ocó	S.m.	Do bajubá	Homem na idade adulta; adolescente que atingiu a virilidade.	
Ocotô	Expr.	RN	Pergunta equivalente a: “onde é que eu estou?”; vocábulo geralmente	

¹⁹³ A Nefertite tem sempre uma Zoraide por perto, sua pupila e seguidora.

¹⁹⁴ Em locais de socialização entre sujeitos trans e travestis se costuma dizer que “Elza roubou tanto que ficou rica”; por isso agora, “sua prima, Neuza, é quem rouba”.

			empregado por LGBTQIAP+ passadas, desorientadas e disléxicas; exemplo: depois de muito doida, a bicha olhou em volta e perguntou - ocotô?	
Odara	Adj.	Do bajubá	Bonito, elegante, vivaz; grande.	
Ofofi	S.m.	Do bajubá	Odor desagradável, mal cheiro.	
Ofofi do ofidã	S.m.	Do bajubá	Mau cheiro da região genital masculina.	Cebola
Olá querida	Expr.		Cumprimento vazio de sentido.	
Olha os omólus	Adj.		Designa homens ou LGBTQIAP+ desprovidos de beleza e atributos físicos.	
Olofô	Adj.		Que tem odor desagradável; fétido, fedorento.	
Omivará	S.m.	Do bajubá	Líquido esbranquiçado, secretado por diferentes glândulas genitais masculinas, que contém os espermatozoides; esperma.	
Operada	S.m.		Transexual que era do sexo masculino (ou nasceu com um pênis), feminilizou-se, passou pela cirurgia de resignificação de sexo (transformou o pênis e em uma vagina).	Cortada
Oré	Adj.	Do bajubá	Rapaz de bom aspecto, forte, saudável.	
Ornitorrinca	Adj.		Mulher híbrida, antagônica da mamífera; leia-se: aquela que odeia com razão o modus operandi das mamíferas.	
Orum	S.m.	Do bajubá	Céu; firmamento.	
Oté	S.m.	Do bajubá	Mal cheiro no corpo.	
Otim	S.f.	Do bajubá	Qualquer bebida que quando ingerida a partir de uma certa quantidade provoca um estado de embriaguez; bebida alcoólica.	
Oxanã	S.m.	Do bajubá	Fino rolo de tabaco picado, ger. enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado; cigarro.	Xanã

P

P.A.M.	Abrev.		Abreviação de Passivas até a morte, quando o homossexual masculino não desempenha papel ativo na relação sexual.	
Pacotão	S.m.		Pênis grande.	Mala
Pacoteira	S.f.		Vagina grande ou inchada.	
Padê	S.f.	Do bajubá	Alcaloide extraído das folhas da Erytroxylom coca, ou por síntese da ecgonina ou seus derivados; cocaína.	
Pagodeira	Adj.		Lésbica das classes C e D, que se comporta de forma vulgar e masculinizada, que curte pagode e anda sempre acompanhada de outra(s) lésbicas.	

Pai de família	S.m.		Expressão utilizada para designar o perfil tido como ideal para um relacionamento; sujeito másculo, responsável, que preenche todos os requisitos do papel de gênero que a sociedade espera.	
Panqueca	Adj.		Homossexual que desempenha função passiva em um ato sexual; aquele que é penetrado pelo parceiro.	
Pantim	S.m.	PE	Comportamento em desacordo com o ambiente.	Barraco
Pão com cuspe	Adj.		(Pejorativo) Homossexual muito pobre; diz-se que tal sujeito é tão pobre que não tem um ovo para colocar no pão, por isso come puro, sem mistura.	
Pão com ovo	Adj.	SP	(Pejorativo) Homossexual pobre, tanto econômica como culturalmente.	
Papapum	S.f.	RJ	Arma de fogo manual, de repetição e de porte individual, cujo depósito de cartuchos é constituído por um tambor com várias culatras, e que permite tantos tiros quantas forem as cargas que contiver esse tambor; Revolver.	
Passada	Expr.		Utilizado para manifestar surpresa com alguma situação ou declaração feita pelo interlocutor.	Chocada
Passar a nena	V.		Sujar o pênis com fezes durante a penetração	Passar cheque
Passar a ruva	V.	GO	Sexo oral entre lésbicas.	Lamber o carpete
Passar bem	Adj.		Ser bonito(a), belo(a) desejado(a).	
Passar cheque	V.		Sujar o pênis com fezes durante a penetração	Passar a nena
Passivona	Adj.		Homossexual que apenas pratica a passividade no ato sexual.	
Passivone	Adj.		Homossexual masculino que desempenha papel receptivo em uma relação homoerótica.	
Pastel	Adj.		Indivíduo ingênuo, tolo, inexperiente.	Vacão Zé Mané
Patá	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Patinha	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
Pajubá	S.m.		Dialeto criado pelos sujeitos travestis e transexual.	
Pegação	V.		Carícias, manifestação física de afeição ou de amor carnal; carinho.	Caçação
Pencas	Advérbio		De intensidade; em alto grau; muito, em grande quantidade.	
Penosa	Adj.		LGBTQIAP+ que espera ou depende de alguém, que não trabalha.	

Penoso/penosa	Adj.		Que qualifica algo que não dá dinheiro, que é pobre, empobrecido, não rentável. Usasse também para classificar clientes que não querem pagar o programa ou que tendem a negociar o valor do programa de forma a barateá-lo.	
Pêra	Adj.		LGBTQIAP+ em estado de puro histerismo; perdido, sem ação frente a alguma situação vexatória ou alguém.	
Perigosa	Adj.		Pessoa que gosta de fazer intrigas; pessoa falsa, maldita, nefasta.	
Perrenga	Adj.		(Pejorativo) Pessoa do sexo feminino que é promíscua; que tem muitos casos amorosos.	
Perseguida	S.f.		(Pejorativo) Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Perua	Adj.		Mulher escandalosa no vestir-se, portar-se ou na tintura do cabelo.	
Pêssega	Adj.		Que ou aquele que não entende.	
Pêssego	Adj.	CE	Pessoa indecisa; que não chega a se decidir, a se configurar; indeterminado; complicada	
Pessequismo	V.		O ato de ser pêssega.	
PG	Abrev.		Compromisso sexual que se realiza mediante o pagamento de um valor previamente estabelecido.	Ploc Programa
Philips	S.m.	RJ	Carro da polícia civil.	
Piá	S.m.		Menino, garoto, guri, moleque.	
Picu	Abrev.		Peruca; conjunto de pelos que cobrem a cabeça dos humanos; cabeleira; cabelo.	
Picumã	S.m.	Do bajubá	Peruca; conjunto de pelos que cobrem a cabeça dos humanos; cabeleira; cabelo.	
Pimbar	V.	CE	relação sexual, cópula.	
Pindaíba	S.f.		Falta daquilo que é necessário à subsistência; penúria.	
Pintoso/pintosa	Adj.		Pessoa homo-orientada que deixa transparecer, em seu comportamento, sua orientação sexual. Aplica-se também a travestis que denunciam sua condição pela aparência física.	
Pirangagem	Adj.	NE	Qualidade ou característica de quem é avarento, de quem tem apego excessivo ao dinheiro, às riquezas.	
Pirangueiro	Adj.	NE	Aquele que é obcecado por adquirir e acumular dinheiro; sovina.	
Piranha	Adj.		Que tem habitual ou regularmente relações sexuais ou amorosas com vários parceiros: indivíduo promíscuo. Que contém imoralidade ou degradação moral.	Vagaba

Pirar no lance	V.		Aprofundar-se exagerada ou erroneamente em algo; encanar em/com algo; alterar o sentido das coisas.	
Pirar o cabeção	V.	SP	Aproveitar muito uma festa.	
Pireli ¹⁹⁵	S.m.		Enchimento de esponja ou outro material utilizado para dar formas femininas ao corpo travestilizado.	
Piriri	S.f.		Alcaloide extraído das folhas da Erytroxylom coca, ou por síntese da ecgonina ou seus derivados; cocaína.	Padê Vera Xaxé
Piscar	V.		Excitar-se; o mesmo que estar sexualmente excitado.	
Pitomba	S.f.	PE	Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
	Adj.			
Pittboy	Adj.	RJ	Heterossexual homofóbico malhado praticante de jiu-jitsu, sempre reconhecido por estar acompanhado de um cachorro pitbull.	
Pitbullzeira	S.f.		Lésbica que sempre está à procura de confusão	
	Adj.		Mulher heterossexual desprezível, machista e desprovida de inteligência, que se atrai com facilidade por perfis similares ao seu e praticantes de jiu-jitsu.	
Pittbundão	Adj.		Diz-se daquele que ameaça, mas não cumpre.	
Pitu com charque	Adj.	PE	Homossexual desprovido de atributos físicos, pertencente as classes C e D, que usa uma linguagem vulgar.	
Pivô	V.		Movimento de meia-volta, com muita pinta, como fazem as modelos na ponta da passarela de um desfile; fazer esse movimento é dar pivô.	
Playbicha	Adj.		Homossexuais masculinos padronizados, higienizados e branqueados, comumente pertencentes as classes A e B que se exibem na mídia com mulheres.	Marsupiellen
Ploc	S.m.		Compromisso sexual que se realiza mediante o pagamento de um valor previamente estabelecido.	PG
Pochete	Adj.		Diz-se daquele(a) que adora aparecer junto de alguém tida(o) como importante.	
Poc-poc	Adj.	SP	homossexual masculino desprovido de modos comumente de classes C e D.	Qua-quá Pão-com-cuspe Pão-com-ovo
Poderosa	Adj.		Sujeito LGBTQIAP+ de forte carisma pessoal.	

¹⁹⁵ A expressão faz alusão a indústria de pneus Pirelli Pneus Ltda.

Podre	Adj.		Algo ou alguém ruim, desagradável.	
Podreira	S.f.	MG	Pessoa ou situação ruim, desagradável.	
	Adj.	PE	Lugar sujo com pessoas desagradáveis.	
Polonesa	V.		Ato de acariciar com as mãos de forma libidinosa o objeto do desejo.	Mão amiga Mão boba
Pomba	S.m.	CE	Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	Neca
	S.f.	SP/MG	Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Pomba gira	Adj.		LGBTQIAP+ briguento, endemoniada, que busca por confusão.	
<i>Pool</i> de bichas ¹⁹⁶	S.f.		Aglomerado de homossexuais masculinos comumente afinados para a realização de um trabalho; movimento ou confusão.	
Poposuda	Adj.		Mulher <i>cis</i> ou LGBTQIAP+ que apresenta nádegas grandes.	
Porta-jóia	S.m.		Preservativo; camisinha. Boca quando se trata de sexo oral.	Capa
Prédia	S.m.		Prédio, condomínio ou edifício de utilidade pública em que coabitam muitos sujeitos LGBTQIAP+.	
Presepada	S.f.		Espetáculo ridículo; cena, escândalo, confusão.	
Pudim	Adj.		Que ou aquele que é viciado na ingestão de bebidas alcoólicas; que ou aquele que se entrega à doença do alcoolismo; etilista.	
	S.2 g.			
Punheta	V.		Masturbação masculina.	
	S.m.		Coisa enrolada, dificultosa, embaçada.	
	S.f.		Elucubração; cogitação profunda.	
Pupê	Adj.	Do francês <i>poupée</i> , 'boneca'	Homossexual que chama a atenção pelas atitudes descomedidas; imoderado, extravagante, excêntrico.	
Q				
Quebrar a louça	V.		Expressão utilizada quando dois homossexuais (travestis) interagem de forma sexual ou afetiva.	
Quá quá	Adj.		Homossexual sem modos, pobre, afeminado.	
R				
Rabicó	S.m.		Bunda.	
Rabo	S.m.		Bunda.	

¹⁹⁶ Expressão muito usada no cinema pernambucano, significa um grupo de maquiadores; sempre que um filme não tem grana para pagar maquiagem, o produtor sugere contratar um *pool* de bichas para fazer o trabalho sem remuneração, apenas por amor à arte ou aos olhos azuis do diretor.

Racha	S.f.		Canal que se estende entre o colo do útero e a vulva; Órgão sexual feminino, vagina.	
Rachada	S.f.		(Pejorativo) Mulher.	
	Adj.			
Radiado	Adj.		Drogado.	
Radiola de ficha	S.f.	PE	Sujeito que sempre está nos bares; programa barato.	Jukebox
Ramé	Adj.	Do bajubá	Indivíduo que se veste mal; que demonstra falta de elegância ao se vestir.	
Ré no kibe	V.		Ser penetrado pelo ânus.	
Rebuceteio	V.		Troca-troca de namoradas entre as lésbicas.	
Recheada	S.f.	AL	Diz-se do homossexual masculino dentro do qual o(s) parceiro(s) ejacularam, sem camisinha.	
Retetê	S.f.		Ação ou efeito de discutir; Falta de entendimento; em que há discussão ou conflito; querela.	
Rolar	V.t.i.		Ser ou tornar-se realidade no tempo e no espaço, seja por acaso, seja como resultado de uma ação, ou como o desenvolvimento de um processo ou a modificação de um estado de coisas, envolvendo ou afetando (algo ou alguém); ficar com alguém.	
Rosca	S.m.c.2.g.		Abertura exterior do tubo digestivo, na extremidade do reto, pela qual se expelem os excrementos; ânus.	Anel de couro
				Edi
S				
Sabão	V.		Esfrega-esfrega entre duas pessoas, caricias com intuito sexual.	
Sabão em pó	S.m.	SP	Diz-se quando dois gays, namorados ou não estão ficando.	
Sabonete	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	bolacha fina
				lesbian chic
Saboeira	Adj.		(Pejorativo) Aquela que faz “sabão”; Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; Lésbica.	
	S.f.			
Saia rodada e tamancão	Adj.		Mulheres geralmente de origem pernambucana que habitam as ladeiras de Olinda (PE), santa Teresa (RJ) ou da vila Madalena (SP) e que aderiram para sempre a estética bicho-grilo dos anos 1960 e 1970.	
Sair do closet/ Sair do Armário ¹⁹⁷	V.		Assumir publicamente a sexualidade.	outing

¹⁹⁷ Expressões como “derrubar a porta do closet” e “chutar a porta do closet” significam assumir-se com estardalhaço. Segundo Albertini, Costa e Miranda (2019, p. 2) “[...] a imagem do armário representa a homofobia como não o faz em relação ao racismo e à misoginia”.

Sandalinha (Sandalhinha)	S.f.		Lésbica de traços e jeito delicado e feminino.	bolacha fina <i>lesbian chic</i>
São Sebastião	S.f.		Pose feita com os braços ao redor da cabeça e as mãos sobre a nuca durante o ato sexual, à espera de que o(a) parceiro(a) faça tudo sozinho(a); pessoa que tem ou quer ter relações sexuais passivamente, com o outro proporcionando-lhe prazer.	
Sapa	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher.	
Sapata	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual com outra mulher.	
Sapatão	S.f.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual com outra mulher.	
Sapeca	S.f.		Termo afetuoso comumente utilizado para designar Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual com outra mulher.	
Sargentão	Adj.		(Pejorativo) Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica com gestual muito masculinizado.	Caminhoneira Sapatão
Savi	S.m.	RJ	Mal cheiro no órgão sexual masculino. Substância branca e pastosa que se encontra entre a glândula e o prepúcio do homem; esmegma.	Catu Cebola Farinha Ofofi do ofidã
SBP	Abrev.		(Pejorativo) super bicha pobre.	
Se deitar	V.		Não se humilhar. Em outro sentido, refere-se a “bombar” o corpo.	
Se jogar	V.		Divertir-se muito; ir fundo num assunto ou caso.	
Semi-drag	Adj.		Bicha andrógina; 2. Bicha que se monta mas ainda não atingiu o status de drag.	
Sentar	V.		Ter relação anal.	
Ser chegado	S.m.		Ter inclinações ou ser homossexual.	
Ser do babado	S.m.		Ser homossexual.	
Sindicato	S.m.		Grupo de homossexuais; ser membro do sindicato é simplesmente ser gay ou lésbica.	
Siririca	V.		Masturbação feminina.	
Sofá da Hebe ¹⁹⁸	S.m.	DF	Lugar onde as bichas se encontram para fofocar.	

A expressão pode surgir apenas como “*coming out of the closet*” ou “*coming out*”, uma vez que, é uma tradução livre dela.

¹⁹⁸ A expressão faz alusão ao programa de auditório da apresentadora Hebe Camargo, exibido pelo SBT onde ficou 24 anos.

Soltar a franga	V.		O mesmo que sair do closet.	
Soltar veneno	V.		Falar mal de algo ou de alguém.	
Suruba	S.f.		Orgia.	
Susie ¹⁹⁹	S.f.		Barbie que não toma bomba; musculosa natural.	
T				
Tá boa	Expr.		Expressão muito utilizada pelos gays significando desdém ou descrédito, equivalente a você acha mesmo? Ou nem vem. Tá boa Bonita!; Cumprimento nos sentido de demonstrar interesse em saber como está, o mesmo que “Como você está?”.	
Tá get!	Expr.	SP	Utilizado quando algo não está bom.	
Tá meu bem	Interjeição		Espanto: olha!; olha só!; nossa!	
Tá, meu bem?!	Expr.		“Eu não te disse?!”; “Arrasou!”; coisa boa.	
Taba	S.m.	Do bajubá	<i>Cannabis sativa</i> , Maconha.	
Tabaco leso	Adj.		Idiota.	
Tabaco(a)	S.f.		Vagina.	
Tank panzer	S.f.		Lésbica muito masculinizada.	
Tapuia	Adj.		Bicha doida.	
Tarrasqueta	S.m.		Ânus	Edi
Tata	Adj.		Bicha amiga.	
Taubice	S.m.		Pequeno truque ou folga em excesso.	
Tcheca	S.f.		Vagina	
Tcheco			Banho mal tomado; banho de gato, que é só pra disfarçar.	
Tchube ²⁰⁰	S.f.	PE	Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Ter carão	Adj.		Ser bonito(a), fazer pose.	
Teste da farinha	Expr.		Teste para descobrir se alguém é gay: senta-se na farinha e verifica-se o tamanho da impressão do cu.	
Testuda	S.f.		Vagina proeminente.	
Tia	S.f.	Do bajubá	(Pejorativo) HIV bicha velha	
Tia cleide	S.m.		Camburão da polícia.	
Tia SIDA	S.f.		Síndrome de Imunodeficiência Adquirida - AIDS	
Tiona	Adj.		(Pejorativo) Tia que usa uma carteira grande e geralmente prateada debaixo do braço.	

¹⁹⁹ O termo faz alusão a Boneca brasileira da fábrica Estrela, que compete no mercado nacional com a Barbie. No entanto, apesar de ser considerada uma boneca genuinamente brasileira, ela surgiu como uma cópia da boneca inglesa Sindy, criada em 1963 pela fábrica Pedigree Dolls & Toys. Sindy competia com a Barbie no mercado inglês.

²⁰⁰ Abreviatura de “Dublec dublim” da música Bolinha de sabão do Trio Esperança, Composição: Orlan Divo/Adilson Azevedo, que era trilha do comercial da boneca Bolinha de Sabão da Fábrica Estrela.

Tô bege	Expr.		Corresponde a estar pasma com algo, sem graça ou surpresa, mas de maneira não muito agradável.	
Tô boba	Expr.			Tô kátia
Tô inhaz	Expr.		Estou em vias de; estou quase.	
Tô kátia	Expr.			
Tô loca	Adj.		Estou bem louca.	
Tô loca do meu edi	Adj.		Estou bem loquerrima.	
Tô Mônica	Expr.		Pessoa abismada, chocada, atravessada por algum acontecimento.	Tô passada Tô kátia
Tô passada	Expr.		Estou chocada.	Tô Mônica Tô kátia
Toda quebrada na plástica	Adj.		Ter feito muitas intervenções cirúrgicas, a fim de se feminilizar.	
Tombado	Adj.		Caído, derrubado, destruído, apodrecido; Sem graça; Cansado	
Tombar	V.		Avacalhar, debochar, menosprezar ou ridicularizar algo ou alguém; reduzir os méritos	
Top	Adj.		Travesti considerada bonita, porque é muito feminina. Está na internet em sites e blogs, e/ou faz filmes e ensaios fotográficos de sexo explícito.	
Torto	Adj.		Bêbado; drogado.	
Trá	S.f.		Forma abreviada de traveca ou travesti; com mais ênfase – traaaa- é algo relacionado a um grande impacto.	
Traíra	Adj.		Traidor; delator.	
Trancar	V.	SP	Masculinizar-se.	
Tranca-rua	Adj.		Pessoa bêbada e sem controle.	
Transpocherlada	S.f.		O mesmo que dizer tô passada ou tô beje ou tô loca.	
Trash	Adj.	Do Inglês	Porcaria.	Lixão
Trash-minas	S.m.	SP	Clubbers passados dos anos 1990, que moravam em bando e faziam a linha lixão; são os verdadeiros predecessores dos cyber-manos, principalmente no que diz respeito à estética e às ideias.	
Trava	S.f.		Travesti feminina	
Traveca(o)	S.f.		Travesti.	
Traveção	Adj.		Travesti com atributos físicos exagerados, muito “bombada”, ou grande demais.	
Trem de prata	Adj.		Pessoa intrometida.	
Trepar	V.		Copular; transar.	
Trévola	S.f.		“Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no	Travesti

			feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento” (JESUS, 2012, p. 16)	
Tribufu	Adj.		Mulher feia.	Jaburu Trubufu
Tricha/Trixa	Adj.		Homossexual masculino mais que bicha; viado ao cubo; Três vezes bicha.	
Tromba	S.m.		Pênis grande.	
Trombudo	Adj.		Aquele que tem pênis grande	Pauzudo
Truar	V.	CE		Ferver
Trubufu (Tribufu)	Adj.		Mulher feia.	jaburu Tribufu
Trucão	S.m.		Aumentativo de truque.	
Trufa	S.m.		Trabalhador rural, rústico, que vive isolado e de maneira simples; sujeito rústico, sem muita instrução, comumente de classes sociais mais simples.	
Truque	S.m.		Coisa falsa. O termo pode ser usado em algumas situações, sempre sugerindo engodo. Usar artifícios para enganar e, assim, otimizar a aparência feminina (sutiãs com enchimento, perucas, entre outros).	
Truqueiro			Aquele que dá truque.	
Truta	S.m.		Aquele por quem se tem amizade, benevolência; amical.	
Tudo	Interjeição		Muito bom!	
Turca marcada	Adj.		Que possui uma grade tendência para estar envolvido em brigas; que age de maneira impulsiva; rixoso.	
Turvo	S.m.		Pessoa ou momento estranho	
	Adj.		peessoa de procedência ou situação consequência duvidosa	
U				
Uma Thurman	S.f.		Conjunto de pessoas; grupo.	
Um babado	S.f.		Elogio destinado a algum acontecimento ou algo bom.	Um negócio Uma coisa
Um negócio	S.f.		Elogio destinado a algum acontecimento ou algo bom.	Um babado Uma coisa
Uma coisa	S.f.		Elogio destinado a algum acontecimento ou algo bom.	Um babado Um negócio
Unha	S.f.	Portugal	Dose pequena de bebida alcoólica.	
Unhe	V.	Cabo Verde	Revelar o mau caráter de alguém.	
Unhi	V.t.i.	Cabo Verde	Mostrar as nádegas, mostrar o rabo.	
Uó	S.m.		Algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado, tudo que é ruim. "é uó!" começou como exclamação das travestis no rio, na década de 1980, e se instalou como frase obrigatória do vocabulário moderno.	Uoscar
Uoscar	S.m.		Algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado, tudo que é ruim. "é	Uó

			uó!" começou como exclamação das travestis no rio, na década de 1980, e se instalou como frase obrigatória do vocabulário moderno.	
Uranista	S.m.		Homossexual masculino.	
Urso	S.m.		Homossexual parrudo, malhado ou gordo com excesso de peso e de pêlos.	
Úrsula	Adj.	SP	Homossexual que compra em lugar barato mas diz que foi em local caro; exemplo: compra artigos paraguaios na 25 de março e diz que é tudo do Morumbí, ou compra no Beco da Poiera/ Beco da gia e diz que é do Shopping Iguatemi (VIP; LIBI, 2006, p.131)	
	S.m.		Mulher que se aproxima do universo ursino, que tem amigos, se identifica e socializa com o extrato social dos ursos.	
V				
Vaca de presépio	S.f.		Pessoa que não costuma falar muito, que não interage com outras pessoas, que não costuma socializar, quase sem ação.	
			“Pessoa bonita que serve para decorar o ambiente ou fazer companhia em eventos sociais, sem abrir o bico” (VIP; LIBI, 2006, p. 133).	
Vaca nova	S.m.		Homossexual do sexo masculino.	
Vacão	S.m.	Portugal	Indivíduo ingênuo, tolo, inexperiente.	Zé mané
Vácuo	V.		Termo utilizado para designar o desprezo, desaparecimento, a falta de resposta em aplicativos de interação afetivo sexual	Ghosting
Vadjin	Adj.	São Tomé e Príncipe	Que não tem ocupação, trabalho, ou que nada faz.	Vagaba
			Que não se empenha, que trabalha ou estuda pouco.	
Vagaba	Adj.		Mulher de comportamento sexual promíscuo; piranha.	Vadjin
			Homem que não trabalha, vagabundo, ordinário.	
Vagalume	S.m.		Homossexual do sexo masculino.	
Valdemar Ferreira	S.m.		Homossexual do sexo masculino.	
Vanilla sex	Exp.		Nomenclatura atribuída pelos sujeitos LGBTQIAP+ praticantes do BDSM às relações tradicionais (Baunilha) entre lésbicas.	
Vara	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glande peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	

Varejão	Adj.		Normalmente qualifica pessoas, sobretudo clientes, referindo-se àqueles que regateiam preço e que apalpam as travestis enquanto sondam as condições do programa.	
Vé	Adj.	São Tomé e Príncipe	Sujeito que tem muitos anos de vida; velho.	
	S.m.			
Vé keté-keté	Adj.	São Tomé e Príncipe	Sujeito muito velho.	
Vé Kueté-kueté	Adj.	São Tomé e Príncipe	Sujeito muitíssimo velho.	Nefertite
Velcro	S.m.		Pêlos pubianos da mulher.	Carpete
Velhota	S.m.		Homossexual do sexo masculino.	
Vender peixe	V.t.d.		Provocar (alguém) amorosamente, demonstrar interesse amoroso por; azarar.	
	V.t.i.			
Veneno	S.m.		Palavras ou atos malignos de pessoas maldosas.	
Venenosa	Adj.		Relativo à pessoa que fala mal de algo ou alguém, ou que faz intriga.	
Ventosa	S.f.		O fazer prender-se a um azulejo ou alguma outra superfície lisa sob a força do vácuo formado pelo ânus durante o movimento de contração do mesmo.	
Vera	S.m.		Alcaloide extraído das folhas da Erytroxylom coca, ou por síntese da ecgonina ou seus derivados; cocaína.	Padê
				Piriri
				Xaxé
Vera Boyola/Vera boiola	S.f.		Sujeito de trato delicado, fino e dado ao luxo; homossexual metido a rico.	
Verga	S.m.		Órgão genital masculino, constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital.	
Viadagem	S.m.		Nomenclatura atribuída ao comportamento homossexual afeminado.	
Viadeiro	S.m.		Coletivo de “viados”.	
Viadérrimo	Adj.		Homossexual do sexo masculino que apresenta trejeitos.	
Viadinho bombombom	Adj.		Homossexual do sexo masculino jovem que apresenta trejeitos marcadamente femininos.	Bicicletinha sem guidom
Viado	Adj.		Homossexual do sexo masculino.	
Vício	S.m.		O homem com quem se fica amorosamente ou sexualmente, sem cobrar. “Fazer vício” significa namorar cliente, ou ficar com alguém durante as horas de trabalho.	
Vicioso/a	S.m.		Travesti, cliente ou homens em geral que confundem relações sexuais profissionais com afetivas.	

Vige-vige	S.m.	NE	Forma pejorativa de tratamento de homossexuais masculinos que apresentam trejeitos.	
Vilã	Adj.		LGBTQIAP+ que se acha superior as demais pessoas, que gosta de fazer a linha rica, maltratar e humilhar os outros.	
Vinte e quatro ²⁰¹	S.m.		Homossexual masculino.	
Vip	Abrev.		“Viado impossibilitado de pagar”; atribui-se a um LGBTQIAP+ que por algum motivo não pode pagar por entradas, consumo ou dispor de dinheiro para fazer a social.	
Víptima	S.f.		Homossexual que sofre do mal de viptimização, isto é, quer ser vip em todo e qualquer lugar. Ex. “A Viptor é uma víprima” (VIP; LIBI, 2006, p.134).	
Vitaminada	Adj.		Pessoa robusta, bonita que aparenta saúde.	
Vô agarrar no muco dela	Exp.		Expressão utilizada para afirmar que a pessoa vai agredir outra.	
Vudu	S.m.		Energia negativa.	
Vuduzar	V.t.d.		Torcer para que algo não dê certo.	
Vuvá	V.	São Tomé e Príncipe	Expressar(-se) com gemidos; gemer.	

W

Watusi (Varúsi)	S.f.		Mulher.	
			Homossexual masculino que apresenta traços femininos bem definidos.	
Wonder woman (uônder uômã)	S.f.	Adaptação do inglês	Homossexual performático e iluminado.	Sissi

X

Xana	S.f.	Do bajubá	Canal que conduz ao colo do útero e que se abre na vulva; vagina.	Amapoa
				Aranha
				Cona
		RS		Gogóia
		RS		Grilinha
		PA		Laiala
				Perseguida
		MG		Pomba
		SP		Racha
				Tabaco(a)
				Tcheca
				Xavasca
				Xereca
				Xibiu
				Xota

²⁰¹ O termo faz alusão ao animal representado pelo número 24 (vinte e quatro) no jogo do bicho, o veado. A aproximação ou associação do homossexual masculino ao animal advém do comportamento sexual da família *Cervidae*. Família essa, a qual pertence o veado (*Ozotoceros bezoarticus*) tem por comportamento manter relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo.

Xanã	S.m.		Fino rolo de tabaco picado, ger. enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado; cigarro.	
Xavasca	S.f.	Do bajubá	Canal que conduz ao colo do útero e que se abre na vulva; vagina.	Amapoa
				Aranha
				Cona
		RS		Gogóia
		RS		Grilinha
		PA		Laiala
				Perseguida
		MG		Pomba
		SP		Racha
				Tabaco(a)
				Tcheca
				Xana
				Xereca
				Xibiu
Xaxé	S.m.	Do bajubá	Alcaloide extraído das folhas da <i>Erytroxylom coca</i> , ou por síntese da ecgonina ou seus derivados; cocaína.	Xota
				Padê
				Piriri
Xaxo	S.m.		Encanto, atração ou sedução que certos seres exercem sobre outrem; graça sedutora própria de pessoa que agrada, cativa ou mesmo deslumbra.	Vera
Xepa ²⁰²	S.f.		Termo utilizado quando se conhece alguém no final da festa; quando se conhece alguém quase pela manhã na boate. Ex: Conheci o bofe na xepa (VIP; LIBI, 2006, p. 138).	
			Feio, indesejado, aquilo que ninguém quis.	
Xepó	Adj.	Do bajubá	Que ou o que revela mau gosto, pouca sofisticação ou pouco trato social.	
			Diz-se de ou o que é exageradamente ostensivo, espalhafatoso e tendente ao ridículo ou à vulgaridade.	
Xereca	S.f.	Do bajubá	Canal que conduz ao colo do útero e que se abre na vulva; vagina.	Amapoa
				Aranha
				Cona
		RS		Gogóia
		RS		Grilinha
		PA		Laiala
				Perseguida
		MG		Pomba
		SP		Racha
				Tabaco(a)
				Tcheca

²⁰² O termo faz alusão à “xepa” empregado comumente em mercados e feiras livres onde o termo é utilizado para designar o alimento que sobra da venda diária nas feiras-livres, e que, quando perecível, é dado ou oferecido a baixo preço.

				Xana
				Xavasca
				Xibiu
				Xota
		Do bajubá		Amapoa
				Aranha
				Cona
		RS		Gogóia
		RS		Grilinha
		PA		Laiala
				Perseguida
Xibiu	S.f.	MG	Canal que conduz ao colo do útero e que se abre na vulva; vagina.	Pomba
		SP		Racha
				Tabaco(a)
				Tcheca
				Xana
				Xavasca
				Xereca
				Xota
Xibumgo	S.m.	NE	Indivíduo do sexo masculino que mantém relações sexuais ou afetivas com outros homens; homossexual.	
Xica da Silva ²⁰³	S.m.		Homossexual negro.	
Xinti	V.t.d.	Cabo Verde		Aquendar.
				Dar o truque.
Xixarro	S.m.		Indivíduo que é excessivamente magro; magricelo..	
Xocreuza	Adj.		Espantada; que está psicológica, emocional ou moralmente abalada; que sofreu algum choque físico ou psíquico	Chocada.
				Passada.
		Do bajubá		Amapoa
				Aranha
				Cona
		RS		Gogóia
		RS		Grilinha
		PA		Laiala
				Perseguida
Xota	S.f.	MG	Canal que conduz ao colo do útero e que se abre na vulva; vagina.	Pomba
		SP		Racha
				Tabaco(a)
				Tcheca
				Xana
				Xavasca
				Xereca
				Xibiu
Xotão	S.f.		Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual, com outra mulher; lésbica.	
Xoxação	S.f.	SP	O ato de xoxar.	
Xoxar	V.t.d.	SP	Falar mal de alguém ou de alguma coisa; debochar.	

²⁰³ O termo faz alusão a personagem Xica da Silva/Joana da Silva Oliveira (Taís Araújo) da telenovela brasileira de mesmo nome produzida e exibida pela Rede Manchete entre 17 de setembro de 1996 a 11 de agosto de 1997.

	V.t.i.	BA	Fazer sexo com alguém; Transar.	
Xoxo	S.m.		Ato ou efeito de debochar. Deboche, sarro, onda, caçoada, grea, gozo, avacalhação, irônia, sarcasmo, zombaria, esculachar, escárnio, menosprezo, desdém.	
Xoxo monstro	S.m.		Aumen. de xoxo; quando o deboche alcança níveis muito elevados causando desconforto.	
Xuleta	S.f.	MG	Vagina de jovem. Lésbica jovem.	
Xuruca	Adj.	SP	Insignificante, apoucado, pequeno. De má qualidade, de valor reduzido. Festa sem graça, sem animação.	Mixuruca
Xuxa	S.m.		Adereço utilizado para prender o cabelo. Homossexual de mais idade que apresenta desenvoltura no trato com os mais jovens.	
Xuxu	Adj. S.m.		Expressão carinhosa, querido. Barba por fazer, mal disfarçada pela maquiagem.	Chuchu
Y				
Yara	S.f.	NE	<i>Cannabis sativa</i> , Maconha	Taba
Ypsilon	S.m.		Ato sexual entre duas pessoas que o praticam em posição invertida e de pernas abertas.	
Yvone ²⁰⁴	Adj. S.f.		Amiga falsa	
Z				
Zé Augusto ²⁰⁵	S.m.		Homossexual masculino.	
Zefa	S.f.		Mulher que furta ou rouba.	
Zé mané	Adj. S.m.		Indivíduo ingênuo, tolo, inexperiente.	Vacão
Zen-bundista	Adj. S.c.2.g.		Sujeito que passa a imagem de calma e equilibrada, no entanto de forma discreta é fogoso.	Zen-putista
Zen-putista	Adj. S.c.2.g.		Sujeito que passa a imagem de calma e equilibrada, no entanto de forma discreta é fogoso.	Zen-bundista
Zi	S.f.		Forma carinhosa de nomear a uma amiga, comumente também do meio LGBTQIAP+ ou mogli.	Bi Zizi
Zig-zag	S.m.		Homossexual masculino.	
Zinho	S.m.		Homossexual masculino.	
Zira ²⁰⁶	S.m.		Homossexual masculino desprovido de atributos físicos; Feio.	
Ziquizira	S.f.		Má sorte, azar, coisa errada, energia ruim, urucubaca.	

²⁰⁴ O termo faz alusão à personagem de Yvone (Letícia Sabatella) na telenovela brasileira Caminho das Índias, escrita por Glória Perez, que foi ao ar entre 19 de janeiro de 2009 e teve seu último episódio em 12 de setembro de 2009, produzida e exibida pela Rede Globo de televisão.

²⁰⁵ Ver SANTOS JUNIOR, Orocil Pereira. Bichonário: um dicionário gay. Salvador: ed. do autor.1996.

²⁰⁶ O termo faz alusão a Dra. Zira (Kim Hunter) personagem da série norte-americana de ficção científica que foi ao ar nas noites de sexta-feira na CBS em 1974. Baseada no filme “*Planet of the Apes*” (1968) e suas sequências, que foram inspirados no romance “*La Planète des Singes*” de Pierre Boulle.

Zizi	S.f.		Forma carinhosa de nomear a uma amiga, comumente também do meio LGBTQIAP+ ou Mogli.	Bi Zi
Zoeira	S.f.		Briga; ato ou fato de dois ou mais adversários ou contendores baterem-se corpo a corpo.	
			Desentendimento, querela, conflito de interesses, discussão agressiva.	
Zoiúda	Adj.		Sujeito invejoso.	
Zola	S.f.		Nomenclatura atribuída a homossexuais usuários da <i>internet</i> , comumente utilizado de forma pejorativa por sujeitos não LGBTQIAP+.	
Zoraide ²⁰⁷	Adj.		Sujeito que se dedica a prática exotérica em diferentes níveis.	
Zuda	S.	São Tomé e Príncipe	Clister; técnica de limpeza da região anal. Utilizado com certa frequência por sujeitos receptivos em relações sexuais homoeróticas.	Chuca
			Enema; Procedimento no qual é introduzido uma solução líquida através de um cateter retal. Tem por objetivo aliviar a distensão abdominal, diminuir flatulência, realizar a eliminação de bolo fecal, melhorando a constipação.	
Zumbi	Adj.		Drogadicto, pessoa viciada em drogas.	
	S.c.2.g.		Sujeito muito drogado, desconectado da realidade.	
	S.m.		Homossexual negro ²⁰⁸ .	
Zuzo bem	Adv.		Tudo bem. Se refere ao modo como as coisas estão ou ao modo como a pessoa está se sentindo, como vai a vida.	
Zumzumzum	S.f.		Falta de entendimento; discórdia, briga.	

²⁰⁷ A expressão faz alusão à personagem Zoraide (Jandira Martini) na telenovela brasileira “O clone”, escrita por Glória Perez produzida e exibida pela Rede Globo entre 1 de outubro de 2001 à 14 de junho de 2002.

²⁰⁸ O termo ao ser utilizado para designar homossexuais negros faz alusão a Zumbi dos Palmares (1655-1695). Figura de grande prestígio e líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial do Brasil.

Apêndice 1

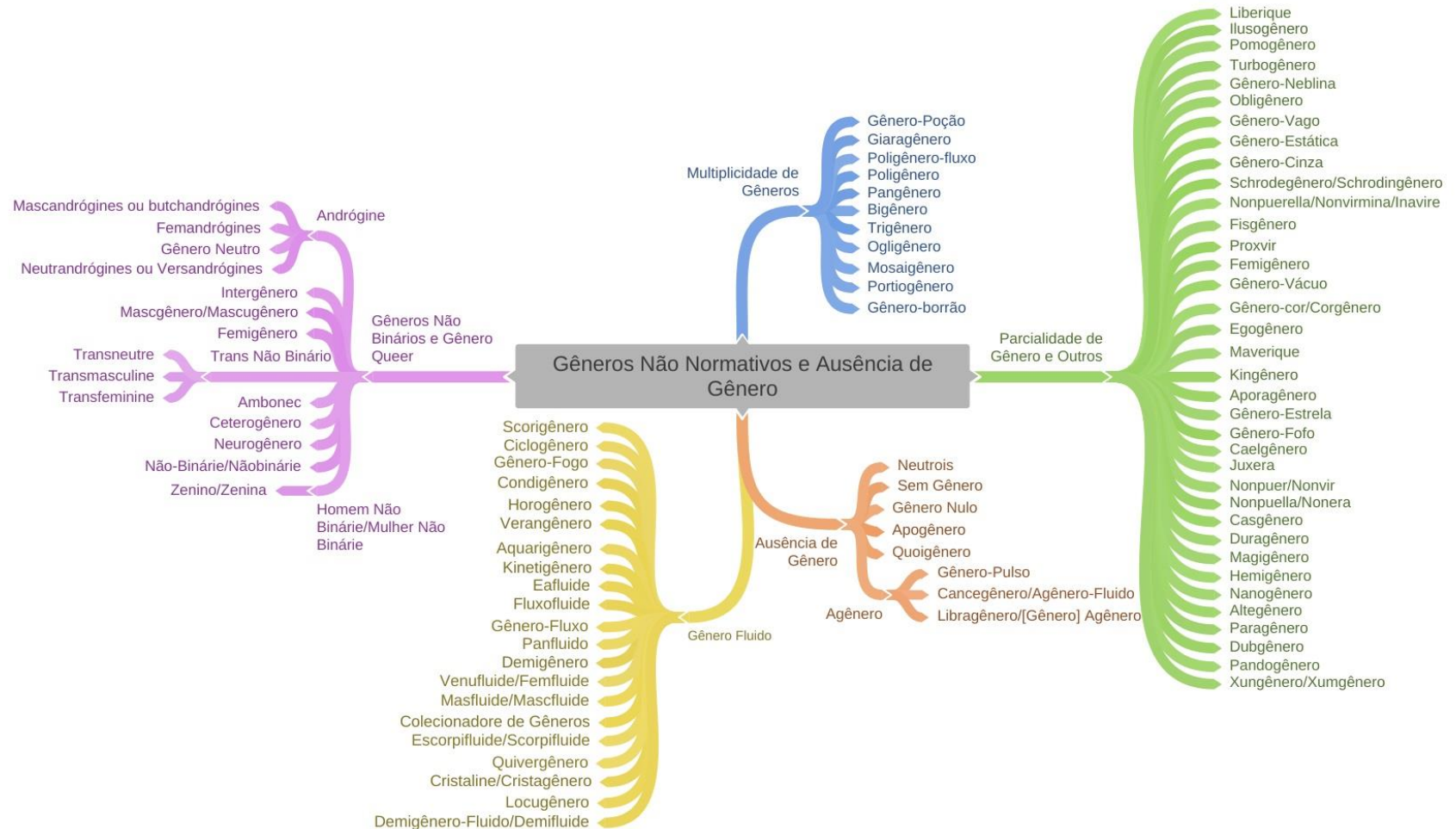
Figura 15 - Classificação do Domínio Ursino



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Apêndice 2

Figura 16 - Representação dos gêneros não normativos e da ausência de gênero



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Apêndice 3

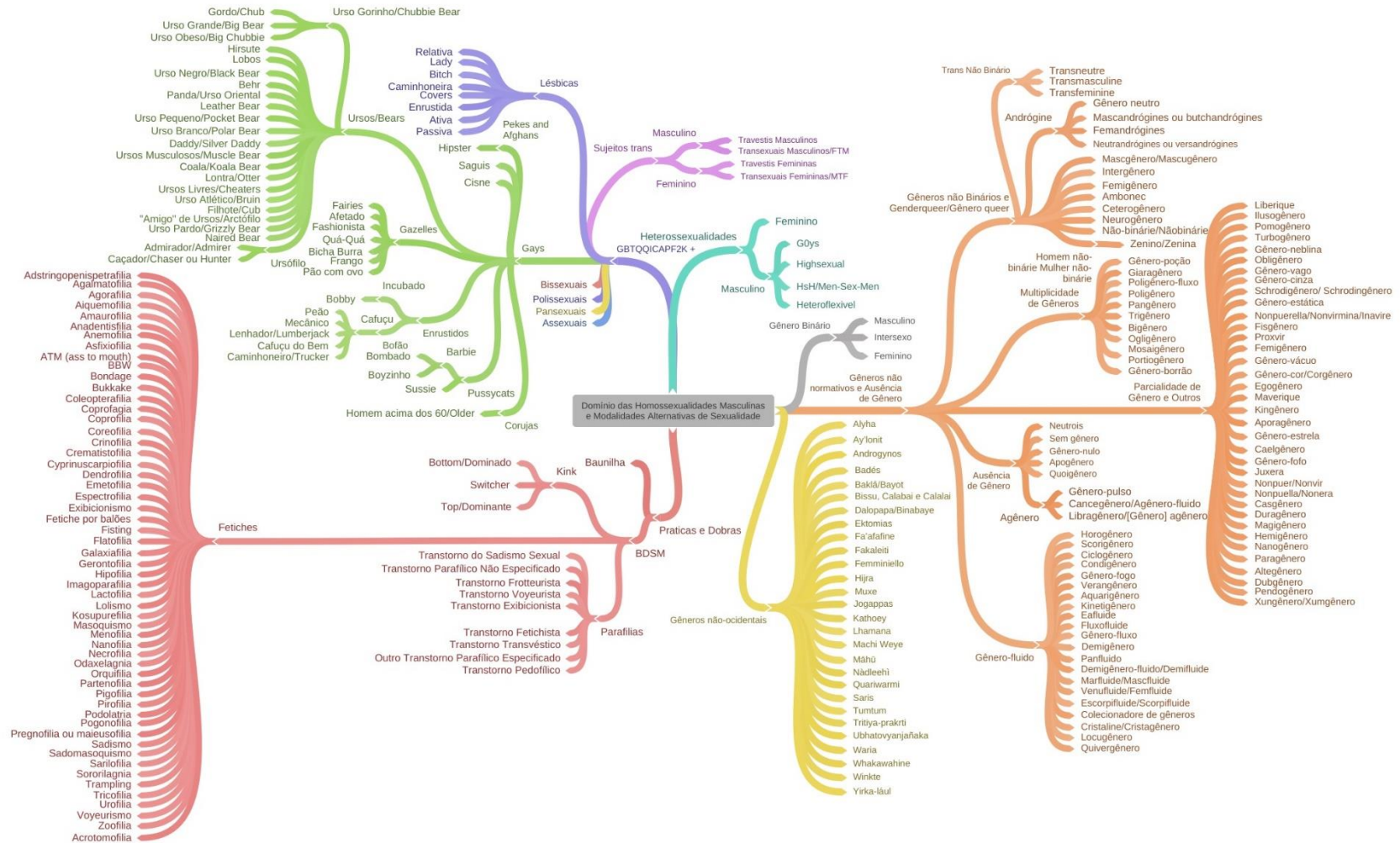
Figura 17 - Gêneros Não-ocidentais identificados na literatura



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Apêndice 4

Figura 18 - Domínio das Homossexualidades Masculinas e Modalidades Alternativas de Sexualidade



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Apêndice 5

Quadro 14 - Classificação das homossexualidades nas edições da Classificação Decimal de Dewey (CDD)

Edição										
10 ^a	Não há nenhuma menção à homossexualidade.									
11 ^a										
17 ^a	155	Psicologia diferencial e genética	155.3	Psicologia sexual			155.334	Bissexualidade		
	157	Psicologias anormais e clínicas	157.7	Desordens de caráter e personalidade			157.734	Homossexualidade		
							301.415	Vida sexual fora do casamento ²⁰⁹		
									616.858 34	Desordens de personalidade, caráter e intelecto
18 ^a	155	Psicologia diferencial e genética	155.3	Psicologia sexual			155.334	Bissexualidade		
	157	Psicologias anormais e clínicas	157.7	Desordens de caráter e personalidade			157.734	Homossexualidade		
	176	Ética Sexual ²¹⁰								
					301.41	Os sexos e suas relações	301.415	Extraconjugal e relações sexuais anormais	301.415 7	Homossexualidade
	616	Ciências médica					616.858	Desordens de personalidade, caráter e intelecto	616.858 34	Homossexualidade
19 ^a	155	Psicologia diferencial e genética	155.3	Psicologia sexual			155.334	Bissexualidade		

²⁰⁹ Incluindo concubinatos, pré-maritais, adultério, prostituição, homossexualidade e outras perversões.

²¹⁰ Incluindo castidade, celibato, continência, adultério, homossexualidade, inseminação artificial, contracepção.

	157	Psicologias anormais e clínicas	157.7	Desordens de caráter e personalidade			157.734	Homossexualidade		
			157.9	Psicologia Clínica						
	176	Ética Sexual ²¹¹								
	306	Cultura e instituições	306.7	Instituições relativas às relações dos sexos ²¹²	306.76	Homossexualidade ²¹³				
20 ^a	616	Ciências médica			616.85	Doenças diversas e desordens	616.858	Desordens de personalidade, caráter e intelecto	616.858 3	Desordens sexuais ²¹⁴
	306	Cultura e instituições	306.7	Instituições pertencentes às relações dos sexos	306.76	Orientação sexual	306.738	Casamento homossexual		
							306.764	Heterossexualidade		
							306.765	Bissexualidade		
							306.766	Homossexualidade ²¹⁵	306.766 2	Homossexualidade masculina
									306.766 3	Homossexualidade feminina (lesbianismo)
	616	Ciências médica			616.89	Desordens mentais	616.858	Desordens de personalidade, caráter e intelecto	616.858 3	Desordens sexuais ²¹⁶
21 ^a	155	Psicologia	155.3	Psicologia sexual e psicologia dos sexos			155.334	Bissexualidade		
					155.34	Relações sexuais ²¹⁷				
			306.7		306.76	Orientação sexua	306.764	Heterossexualidade		

²¹¹ Incluindo castidade, celibato, continência, adultério, homossexualidade, inseminação artificial, contracepção.

²¹² Incluindo namoro, relações pré-matrimoniais, paternidade solteira, incesto, sadismo, masoquismo.

²¹³ Inclui bissexualidade.

²¹⁴ A homossexualidade fica inserida em desordens sexuais sob o código 616.858 34.

²¹⁵ O movimento Gay foi classificado sob o código 305.906 64.

²¹⁶ A homossexualidade fica inserida em desordens sexuais sob o código 616.858 34.

²¹⁷ Incluindo relações heterossexuais, homossexuais e bissexuais.

22 ^a				Instituição pertencente às relações dos sexos ²¹⁸			306.765	Bissexualidade		
							306.766	Homossexualidade ²¹⁹	306.766 2	Homossexualidade masculina
									306.766 3	Homossexualidade feminina (lesbianismo)
			306.8	Casamento e família			306.848	Casamento gay		
	616	Ciências médica					616.858	Desordens de personalidade, intelecto, controle impulsivo	616.858 3	Desordens sexuais e de identidade de gênero ²²⁰
	155	Psicologia	155.3	Psicologia dos sexos	155.33	Diferença dos sexos	155.334	Bissexualidade		
					155.34	Relações sexuais ²²¹				
	306	Cultura e instituições	306.7	Relações sexuais	306.76	Orientação sexual	306.762	Assexualidade		
							306.764	Heterossexualidade		
							306.765	Bissexualidade		
							306.766	Homossexualidade	306.766 2	Homossexualidade masculina
									306.766 3	Lesbianismo
							306.768	Transsexualidade		
							306.779	Travestismo		
			306.8	Casamento e família			306.848	Casamento de pessoas do mesmo sexo		
	616	Doenças	616.8	Doenças do sistema nervoso e desordens mentais			616.858	Desordens de personalidade, sexual, de identidade de gênero, controle de impulso, desenvolvimento	616.858 3	Desordens sexuais e de identidade de gênero ²²²

²¹⁸ Classifica-se aqui trabalhos interdisciplinares sobre sexo, amor sexual e relações sexuais.

²¹⁹ O movimento Gay foi classificado sob o código 305.906 64.

²²⁰ Incluindo homossexualidade tratada como uma desordem médica.

²²¹ Inclui relações heterossexuais, homossexuais, bissexuais.

²²² Incluindo homossexualidade tratada como uma desordem médica.

							faccioso, desordens de aprendizado, comportamento violento, retardação mental.		
23 ^a	155	Psicologia	155.3	Psicologia sexual; psicologia de pessoas por gênero ou sexo, por orientação sexual	155.33	Psicologia de pessoas por gênero ou sexo ²²³			
					155.34	Psicologia de pessoas por sua orientação sexual ²²⁴	155.343	Bissexuais	
							155.344	Homossexuais	155.344 1
									155.344 2
	306	Cultura e instituições	306.7	Relações sexuais	306.76	Orientação sexual, transgênerismo, intersexualidade			
							306.764	Heterossexualidade	
							306.765	Bissexualidade	
							306.766	Homossexualidade	306.766 2
									306.766 3
			306.8	Casamento e família	306.84	Tipos de casamentos e relacionamento	306.848	Casamento de pessoas do mesmo sexo	
	616	Medicina e Saúde					616.858	Personalidade, sexual, identidade de gênero, controle impulsivo, comportamentos facciosos, transtorno de aprendizagem,	616.858 3
									Sexual e gênero - desordens de identidade ²²⁵

²²³ Incluindo exibição de características de comportamento de ambos os sexos ou gêneros (comportamento andrógono); pessoas intersexuais; pessoas transgêneros; transsexuais.

²²⁴ Incluindo assexuais, Heterossexuais.

²²⁵ Incluindo homossexualidade tratada como uma desordem médica.

[illegible]

Anexo 1

Figura 19 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

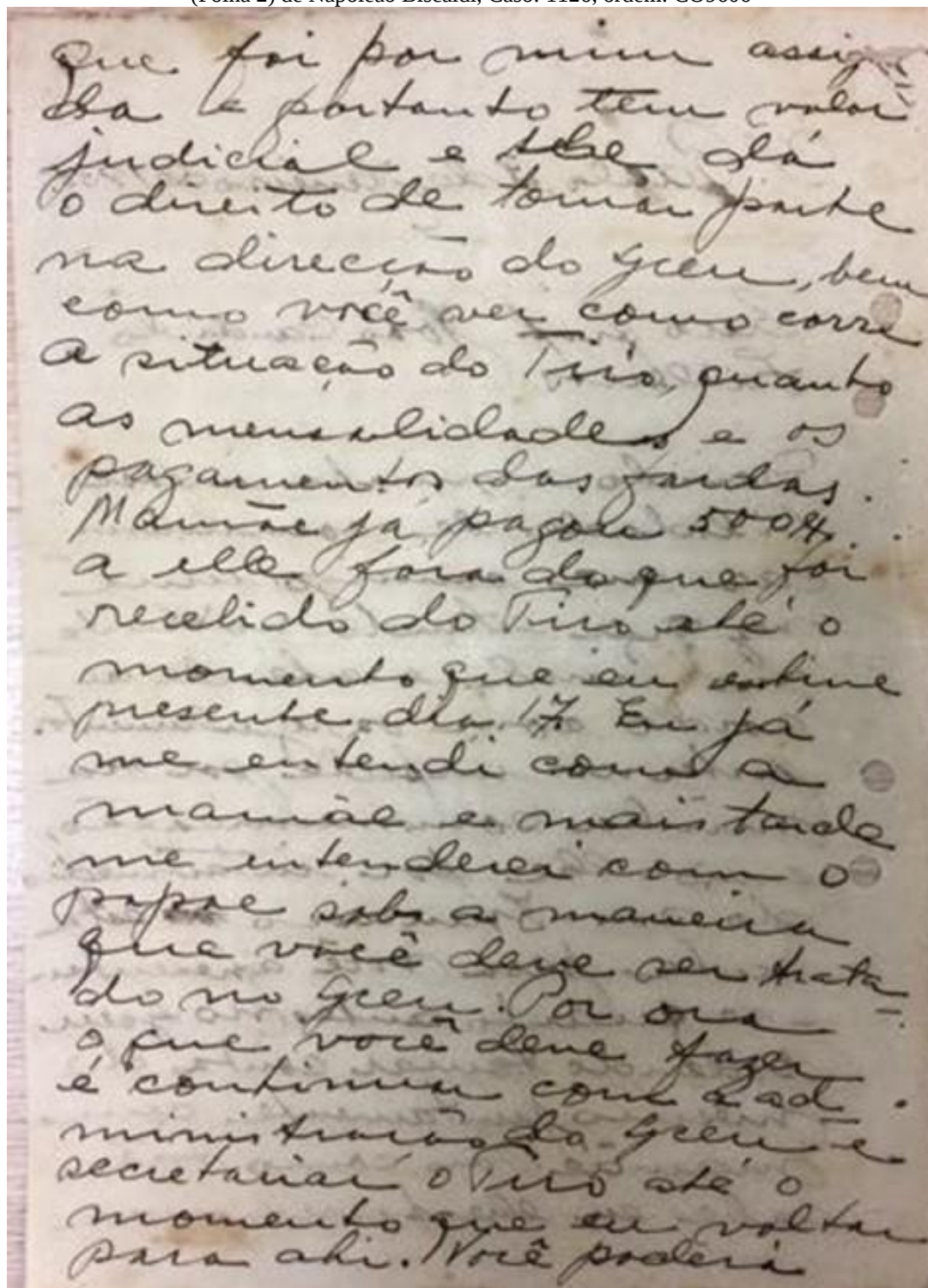
S. Paulo, 3 de Janeiro de 1935.

Caro Prof. João Candido
Faller

Devido a minha impossibilidade de comunicar-me consigo, uma vez que estando no Sanatório Pinel e este, de acordo com os regulamentos internos impede por via minha comunicação, envio-lhe por intermédio do Sr. Francisco ~~da~~ esta carta para você apresentar-se quanto antes no local, podendo tomar conta do mesmo juntamente com a mãe. Pois, como você sabe eu lhe passei uma

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 20 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606



que foi por mim assignada e portanto tem valor judicial e elle dá o direito de tomar parte na direcção do gen. bem como vccz ver como corre a situação do Viro quanto as mensalidades e os pagamentos das gaidas. Manuã já pagou 5004. a elle fora do que foi recebido do Viro até o momento que eu estive presente dia 17. Eu já me entendi com a manuã e mais tarde me entendi com o pappe sbr a maneira que vccz deve ser feita do no gen. Por ora o que vccz deve fazer é continuar com a ad. ministração do gen e secretaria o Viro até o momento que eu voltar para ahi. Vccz poderá

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 21 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 3) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

pagar o quanto ~~pago~~
~~de~~ da sua Crede
e continue si elle quizer
ou mudar para outro
lugar. Quanto o que
você deve continuar
a receber o ordenado,
não estipulado naquelle
documento, caso você
aceitar porque como
eu lhe costumava
não era justamente
ao ordenado que correspon
dia ao mesmo documento.
Creio que por ora você
continua contente. re
com 200400 até ~~em~~
puder pagar-lhe como meia
justo. Quanto aos meus
ultimos pedidos podem
ficar sem effecto, ~~sem~~
sem ser necessario a estar

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 22 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 4) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

transmittil-os, isto e' ficam somente entre eu e voce.
~~Vos~~ Falleiros voce conti-
 nue com a ~~propaganda~~ do ~~lyceu~~ com as ultimas
 reclamaçoes feitas. Quanto
 aos exames do curso prepa-
 ratório voce veja como
 melhor voce achar. Si
 puder que elles fiquem
 mesmo no lyceu voce
 ja sabe como deve proce-
 der e se achar por elles
 fiquem fora do lyceu
 veja si depois elles podem
 voltar. Quanto os alumnos
 do 1º anno para o segundo
 o que quizerem faze-
 rem podem de so-
 poderes continuar. Fale
 do reconhecimento da
 escola. Archiva tudo.
 o que voce receber e
 gastar, juntamente com
 manual. Voce podera
 entregar a caixa do religio-
 a manual. ja fellei com elle.

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 23 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 5) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

~~Você poderá abrir a~~
Você não abrirá a gaveta
da mesa, só em
casa que eu lhe der
nova autorização. Eu
si for muito necessário
você abrirá ficando
você responsável por
tudo que nella conti-
ner. Talvez comparea
sem recibo pois você
tem o pleno direito e
dever de comparecer uma
vez que você continuará com
a declaração que eu lhe
dei. Já me entendi com
a mamãe e para entre
qualquer coisa só ella
lira para o fien. Ficando
os meus maninhos independentes
do movimento, isto é do
fien. Por isso você attenda

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 24 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 1 (Folha 6) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

A mamãe, pai e ela
 e' muito boa. Fui en-
 fante ~~errei bastante~~.
 Logo que eu cheguei no
 Green vou ~~estudar~~ tal
 na direccão da Green,
 isto é como Director
 e em irei estudar Me-
 dicina.
 Muita Saudades
 de todos e principal-
 mente de vocês. Espero
 que logo vou poder
 vir ao Sanatório. Eu
 deo continue no
 Sanatório, em respect
 aos meus pais até
 quanto elles acharem
 melhor.
 Muito obrigado por
 tudo. Muita attenção
 continue a trabalhar
 pelo progresso do Green
 especialmente com o
 interesse de todos.
 Napoleão Biscaldi

Fonte: Barbosa, 2019.

Transcrição da carta 1 de Napoleão Biscaldi

S. Paulo, 3 de janeiro de 1935. Caro prof. João Candido F.

Devido a minha impossibilidade de comunicar-me consigo, uma vez que estando no Sanatório Pinel e este, de acordo com os regulamentos internos impede por ora minha comunicação, envio-lhe por intermédio do s.r. F esta carta para você apresentar-se quanto antes no Liceu, podendo tomar conta do mesmo juntamente com mamãe: Pois, como você sabe eu lhe passei uma que foi por mim assinada e portanto tem valor judicial e lhe dá o direito de tomar parte na direção do Liceu, bem como você ver como corre a situação do Tiro, quanto as mensalidades e os pagamentos das fardas. Mamãe já, pagou 500\$ a ele fora do que foi recebido do Tiro até o momento que eu estive presente dia 17. Eu já me entendi com a mamãe e mais tarde me entenderei com o papai sob a maneira que você deve ser tratar do no Liceu. Por ora o que você deve fazer é continuar com a administração do Liceu e secretariar o Tiro até o momento que eu voltar para ahi. Você poderá pagar o quarto da rua Oriente e continue se você quiser ou mudar para outro lugar. Quanto o que você deve continuar a receber o ordenado, não estipulado, naquele documento, caso você aceitar, porque como eu lhe costumava não era justamente ao ordenado que correspondia o mesmo documento. Creio que por ora você continua contentar-se com 250\$000 até eu puder pagar-lhe como seria justo. Quanto os meus últimos pedido podem ficar sem efeito, sem ser necessário a estar transmiti-los, isto é, ficam somente entre mim e você. Você F. você continue com a propaganda do Liceu com os últimos reclame feito. Quanto aos exames do curso preparatório você veja como melhor você achar. Si puder que eles façam mesmo no Liceu você já sabe como deve proceder e se achar que eles façam fora do Liceu veja se depois eles poderão voltar. Quanto os alunos do 1o ano para o segundo o que quiserem fazendo um pouco de esforço poderão continuar. Trate do reconhecimento da Escola. Arquive tudo o que você receber e gastar, juntamente com mamãe. Você pode entregar a cartela do relógio a mamãe. Já falei com ela. Você poderá abrir a Você não abrirá a gaveta da mesa, só em caso que eu lhe der nova autorização ou se for muito necessário você abrirá ficando você responsável por tudo que nela contiver. F. compareça sem receio, pois você sem o pleno direito e dever de comparecer uma vez que você continuar com a declaração que eu lhe dei. Já me entendi com a mamãe e para evitar qualquer coisa só ela irá para o Liceu. Ficando os meus manos independentes do movimento isto é do Liceu. Peço você atender a mamãe, pois ela é muito boa. Fui eu que errei bastante. Logo que eu chegar no Liceu você tomará, talvez a direção do Liceu, isto é, como Diretor e eu irei estudar Medicina. Muitas Saudades de todos e principalmente de você. Espero que logo você poderá vir ao Sanatório. Eu devo continuar no Sanatório, em respeito aos meus pais até quanto eles acharem melhor. Muito obrigado por tudo. Muita atenção. Continue a trabalhar pelo progresso do Liceu sossegadamente como eu estivesse presente *your friend*. NB

Anexo 2

Figura 25 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 2 (Folha 1) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

S. Paulo, 25 de Janeiro de 1935.

Amigo e Mauro Falleiros

Não posso de contagem,
 fazer por tudo quanto
 está acontecendo e devido
 a minha família. Não
 deixe ninguém tomar
 conta do meu eu lhe
 dei a autorização neces-
 sária. ~~Por~~ Você de reagir, custe
 o que custar. Fico em pública
 forma de queles documentos
 que lhe puser. Dê a um
 advogado. Falleiros junto
 remette. Lhe as cartas e auto-
 rização ao Dr. Senechal. Crie
 que você poderia tratar junto
 a elle tudo que for possível
 para mim. Crie Falleiros
 que você já recebeu do

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 26 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 2 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

3.ª quinza. Nellas você terá
 tudo o que eu lhe ~~escrevi~~ contei
 sobre o meu caso e a minha
 situação.

Filles, não supporto
 a saudade, mas tenho
 coragem de soffrer e
 de lutar ainda com
 o destino. To a morte
 não separará
 your father and
 myself.

Napoleão

Sembramos a todos.

Filles, não telephone
 e nem mande cartas
 para cá, pois se elles desco-
 brirem que pessoas extranhas
 estão a perturbar a familia
 sabem que estão a per-
 turbar a paz de que necessitam
 para melhor lugar.
 Não costo a telefonar e
 que mande cartas
 cartas. Your father, Napoleão.

Fonte: Barbosa, 2019.

Transcrição da carta 2 de Napoleão Biscaldi

S. Paulo, 25 de janeiro de 1935. Amigo e Mano F.

Não perca de coragem, faça ver tudo quanto está acontecendo é devido a minha família. Não deixe ninguém tomar conta do Liceu eu lhe dei a autorização necessária. Você de reagir, custe o que custar. Tire uma publica forma daqueles documentos que lhe passei. Dê a um advogado. F junto remeto-lhe as custas e autorização ao Dr. I. Creio que você poderá tratar junto a ele tudo o que for possível para mim. Creio que você já recebeu do Z. Nelas você terá tudo o que eu lhe expli contei sobre o meu caso e a minha situação. F, não suporto a saudades, mas tenho coragem de sofrer e de lutar ainda custe o custar. Só a morte nos separará. *Your, your brother and friend.*

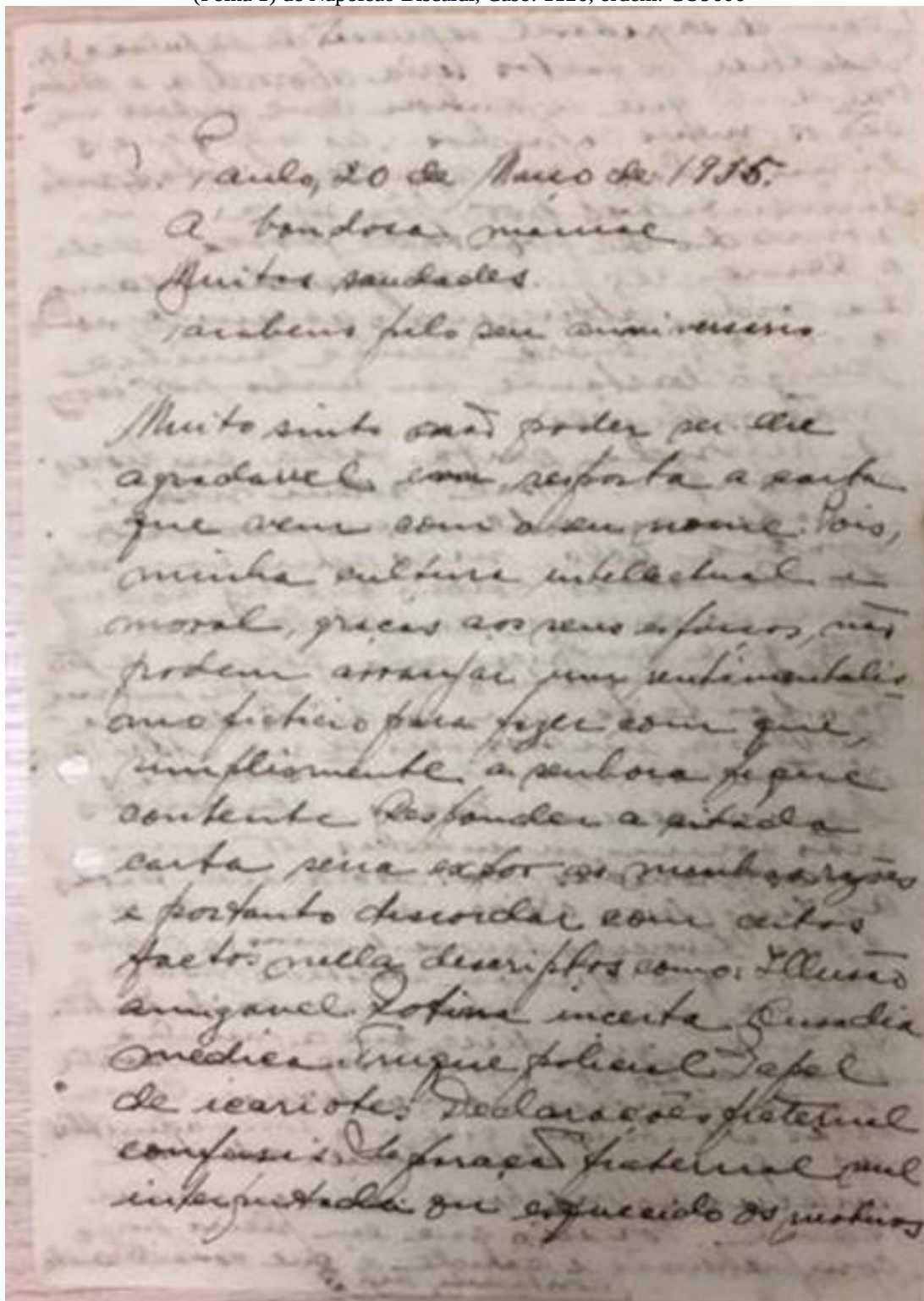
N

Lembranças a todos.

N. B. [F]alleiros não telefone e nem mande cartas para cá, pois si eles descobrirem que pessoas estranhas a minha família, sabem que estou aqui são capazes de me mandarem para outro lugar nem conte a ninguém de que maneira vieram as cartas. *Your brother, N.*

Anexo 3

Figura 27 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 1) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606



Paulo, 20 de Maio de 1915.
A bondosa mãe
Muitas saudações.
Também pelo seu aniversário.

Muito sinto não poder ser de
agradável com resposta a carta
que vem com o seu nome. Pois,
minha cultura intelectual e
moral, graças aos meus esforços, não
podem arranjar um sentimentalismo
fictício para ficar com que
simplicemente a senhora se pareça
contente. Responder a pitada
carta sem expor os meus esforços
e portanto discordar com certos
factos, nulla descriptos como: Ilusão
amizade. Lotaria incerta. Guardia
medica. Enxame policial. Papel
de icariote. Declarações ficticias
confusões. Depressão ficticia e
insegurança ou esquivado do trabalho

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 28 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 2) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

(com desagradavel repellido de expulsão) e
 detalhar os factos seria aborrecido e perfun-
 to. O que a senhora deve poder me
 são os meus caprichos e as exigencias
 limitadas (pois aquelles e estas sendo
 alimentadas por boa seiva e em
 estado de vontade ferrea, seria
 o meu regno no grande oceano
 da vida, attingindo assim o que
 que oigueria minha familia
 muito bastante em tudo, por isso
 não fallarei
 A referida carta fallou em proas-
 so contra o papae, porém não é
 propriamente um processo
 contra elle, mas um pedido
 do de felleas corpus que fiz ao Juiz
 que continha um debate, um
 que em nome da policia e da
 do Instituto Pinel, cuja interna-
 ção foi feita em condições de desagr-
 dade e em progrez de me attribuir
 disturbios mentaes e tendências
 homo-secuaes. Essas attribuições
 não foram inventadas por mim
 mas providas nas declarações feitas
 ao Juiz (dica a diaria de S. Paulo de 19 e
 23 de Fevereiro do corrente anno) e pelo
 Papae que affirmou attestado medico
 e a 1.ª pelo Dr. Adolfo Director do Institu-
 to Pinel, que disse que a minha
 internação foi feita porque eu revela-
 va tendências homo-secuaes. Com
 estas attribuições que não posso admitir
 pois que as protesto desde hoje
 internado no Pinel incorruni-
 cavel. Por isso que em pleno juizo
 comprehensão e sabido e que considerando
 continuei no 2.

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 29 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 3) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

29-3
illegal a minha internação no Sanatório,
(como affirmo o Promotor Publico Dr.
Ataliba Rognier) appeali pela justiça.
Assim sendo, achei que poderia
sahir do Sanatório com a mesma
polidez com que entrei. O que bem
se percebe e que ha um certo des-
conexo entre as declarações de
Pape e do Dr. Rubeo cuja fusão
das duas me foram apresentadas
com o titulo de repouso e apazigua-
do-me, de chofre, do meu fizeu
de que era Director e da Presidencia
do T. f. 20. Estas declarações ~~confusas~~,
que divergem e de certo ponto
parecem confusas, teriam tido, como
fonte, falsas nutilações e bem
inconstantes, para fazer com que
Pape fizesse fazer a analyse
censita das verdades e se obrigado
a proceder da maneira acoute-
cida. Por agora continuo apan-
vire.

Fonte: Barbosa, 2019.

Figura 30 - Amostra de documento do Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo do Sanatório Pinel Carta 3 (Folha 4) de Napoleão Biscaldi, Caso: 1126, ordem: CO9606

a decisão judicial. O que eu quero
é a melhor penitência tranquila,
bem como todos de casa. Ambições
a todos.

Do filho affectuoso

Napoleão Biscaldi

Fonte: Barbosa, 2019.

Transcrição da carta 3 de Napoleão Biscaldi

S. Paulo, 20 de março de 1935.

À bondosa mamãe muitas saudades.

Parabéns pelo seu aniversário Muito sinto não poder ser-lhe agradável em resposta à carta que vem com o seu nome. Pois, minha cultura intelectual e moral, graças aos seus esforços, não pode arranjar um sentimentalismo fictício para fazer com que, simplesmente a senhora fique contente. Responder a citada carta seria expor as minhas razões e, portanto, discordar com certos factos nelas descritos como: Ilusão amigável. Rotina incerta. Ousadia médica. Truque policial. Papel de Iscariotes. Declarações fraternal confusas. Separação fraternal mal interpretada ou esquecido os motivos (com desagradável expressão de expulsão) etc. Detalhar os factos seria aborrecê-la e perturbá-la. O que a senhora deve perdoar-me são os meus caprichos e as exigências limitadas pois aqueles e estas sendo alimentadas por boas seivas e eu armado de vontade férrea serei o leme seguro no grande oceano da vida, atingindo assim o nome que orgulhara minha família juízo bastante eu tenho, por isso não falharei.

A referida carta fala em processo contra papai, porém não é praticamente um processo contra Ele, mas sim um pedido de Habeas-corpus que fiz ao Juiz, que confirma esse debate, uma vez que eu fui preso pela polícia e trazido ao Instituto Pinel, cuja internação foi feita em condições desagradáveis e impossíveis de me atribuir: distúrbios mentais e tendencias homossexuais. Essas atribuições não foram inventadas por mim, mas aprovados nas declarações feitas ao Juiz (Leia o Diário de S. Paulo de 19 e 23 de fevereiro do corrente ano) a 1a pelo Papai que juntou atestado médico e a 2a pelo Dr. Pacheco Diretor do Instituto Pinel, que disse que a minha internação foi feita porque eu revelava tendencias homossexuais. Com estas atribuições que não posso admiti-las e que as protesto fiquei até hoje — internado no Pinel incomunicável. Por isso que em pleno juízo compreensão e saúde é que considerando continua pag. 3 ilegal a minha internação no Sanatório, (como aprovou o Promotor Público Dr. AN) apelei pela justiça.

Assim sendo, achei que poderia sair do Sanatório com a mesma polidez com que entrei. O que bem se percebe é que há um certo desconexo entre as declarações de Papai e do Dr. Pacheco cuja fusão das duas me foram apresentadas com o falso rotulo de repouso explicando-me, de chofre, do meu Liceu de que era Diretor e da Presidência do T. J. 20. Estas declarações (confusas) que divergem e até certo ponto parecem confusas, teriam tido como fonte, falsas ventilações e bem inconstantes; para fazer com que Papai fizesse fugir a análise sensata das verdades e ser obrigado a proceder da maneira acontecida. Por agora continuo esperar vire. a decisão judicial. O que eu quero é que a senhora permaneça tranquila, bem como todos de casa. Lembranças a todos

Do filho afetuoso NB

Anexo 4

Figura 31 - "Máscara que se usa nos negros" (1820-30), Jean-Baptist Debret. Representação de um escravo "tigre" em sua função de transporte de dejetos



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Anexo 5

Figura 32 - Capa do Jornal Lampião da Esquina noticiando as investidas da polícia contra a comunidade LGBTQIAP+ no período da ditadura civil-militar do Brasil.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Figura 33 - Capa do Jornal Lâmpião da Esquina denunciando a matança cometida contra a comunidade LGBTQIAP+



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Figura 34 - Capa do jornal Lâmpião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Figura 35 - Reportagem do jornal Lâmpião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"

Reportagem

Só para cavalheiros

Fotos: Ricardo Fragoço Tupper

A esses hotéis a Embatur jamais concederia suas estrelas. Não só por causa da cotação duvidosa de todos eles, como também porque é de bom tom ignorar que eles existem. Mas pulgentos uns, outros pouco higiênicos, e apenas alguns recomendáveis, eles existem e sobrevivem, ao longo dos anos, como espécies de casamentos de resistência: qual é lá que nascem paixões, amores se fortalecem, desilusões se deflagram ou, pura e simplesmente, se vive a aventura de cada noite. São os hotéis, as pensões, as biras, as hospedarias, as bibocas e muquifos conhecidos de todos nós; são os nossos mais recônditos ninhos de amor.

A produção dessa reportagem começou quando João Carlos Rodrigues, pesquisando nos textos mais malditos do maldito João do Rio para compor a antologia História de Gente Alegre, daquele maior cronista carioca (que a gente val publicar), encontrou essa verdadeira obra prima que é Sono Profundo: sem tirar nem pôr, um retrato das hospedarias nossas conhecidas, só que traçado no começo do século, ainda com pinceladas de art nouveau. Então já era assim?, nos perguntamos, antes de sair em campo pra descobrir como é agora. O resultado está aqui.

De João do Rio, "Sono Profundo"

Os delegados de polícia são de vez em quando uns homens amáveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sórdidos do Rio, teve a amabilidade de dizer:

— Quer vir comigo visitar esses círculos infernais?

Não sei se o delegado quis dar-me apenas a nota mudana de visitar a miséria, ou se realmente, como Virgílio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos círculos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. Lembrei-me que Oscar Wilde também visitara as hospedarias de má fama e que Jean Lorrain se fazia passar aos olhos dos ingênuos como tendo acompanhado os grão russos nas peregrinações perigosas que Goron guiava.

Era tudo quanto há de mais mais literário e de mais batido; nas poucas francesas há dez anos já aparece o jornalista que conduziu a gente chique aos lugares macabros; em Paris, os repórteres do Journal andam acompanhados de um apache autêntico. Eu repetiria apenas um gesto que é quase uma lei. Aceitei.

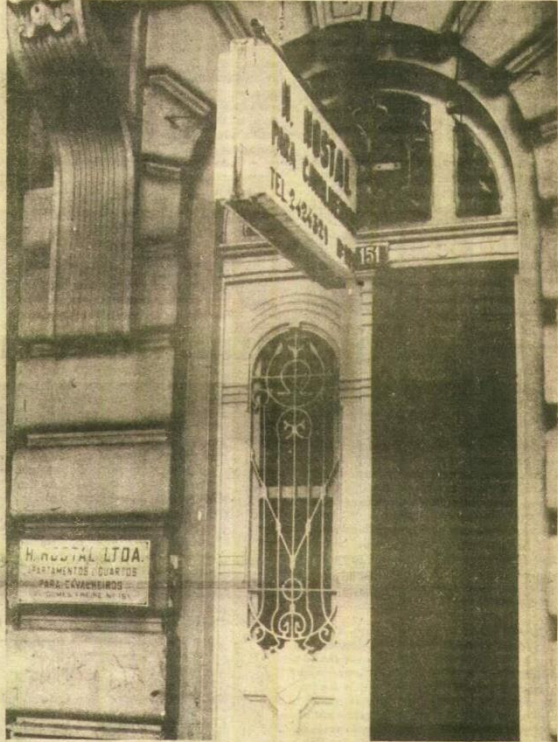
A hora da noite quando cheguei à delegacia, a autoridade ordenou uma caça aos pilotes, pobres garotos sem teto, e preparava-se para a excursão com dois amigos, um bacharel e um adido de legação, tagarela e língua.

O bacharel estava comovido. O Adido assegurava que miséria só na Europa — porque a miséria é proporcional à civilização. Ambos de casa davam ao releu interior do posto um aspecto estranho. O delegado sorria preparando com um interesse de um maître-hôtel o cardápio das nossas sensações.

Final, ergue a bengala.

— Em marcha!

Descemos todos, acompanhados de um cabo de polícia e de dois agentes secretos — um dos quais zangado, com o rosto grosso de calabrés. É perigoso entrar só nos covis horrendos, nos trágicos asilos da miséria. Vamos caminhando pra Rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. As equinas, grupos de vagabundos e descordados desapareciam ao nosso apontar, e, aprofundando o olhar pelos becos estreitos em que a rua parece vasar a sua imundície, por aquela rede de becos, víamos outras lanternas em forma de foice, alumando formas equívocas. Havia casas de um pavimento só, de dois, de três; negras, fechadas, hermeticamente fechadas, pegadas umas à outra, fronteiras, confundindo a luz das lanternas e a sombra dos balcões. Os nossos passos ressoavam num desmonte nos lagados quebrados. A rua, mal iluminada, tinha candelários quebrados, sem a capa Auer, de modo que a branquice de uns focos envermelhecia mais a chama púscua dos outros. Os prédios antigos pareciam ampararem-se mutuamente, com as fachadas esbocinadas, arrebatadas algumas. De repente uma porta abriu, mostrando um adido de algum retardatário.



o pescoço. Outros espaçavam-se completamente nus.

A mando da autoridade superior, os agentes chegavam a vela bem perto das caras, passavam a luz por baixo das camas, sacudiam os homens do sono dormindo. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quase a roncá-los outra vez, a razão porque estavam ali, lamentavelmente. O bacharel estava varado, o adido tinha um ar desprezado. Não tivesse ele visitado a miséria de Londres e principalmente a de Paris! O delegado, entretanto, gozava daquele espetáculo.

— Subamos! murmuro.

Trepamos todos por uma escada íngreme. O mau cheiro aumentava. Parecia que o ar rareava, e, parando um instante, ouvimos a respiração de todo aquele mundo como o afastado resfregar de uma grande máquina. Era a seção dos quartos reservados e a sala das esteiras. Os quartos estreitos, asfixiantes, com camas largas antigas e lençóis por onde corriam percevejos. A respiração tornava-se difícil.

Quando as camas rangiam muito e custavam a abrir, o agente mais forte empurrava a porta, e, a luz da vela, encontrávamos quatro e cinco criaturas, emborçadas, suando, de língua de fera; homens furiosos, cobrindo com um lençol a nudez, mulheres tapando o rosto, marinheiros "que haviam perdido o bote", um mundo vário e sombrio, gorgolejando desculpas, com a garganta seca. Alguns desses quartos, as dormidas de luxo, tinham entrada pela sala das esteiras, em que se dorme por oitocentos réis, e essas quatro paredes impressionavam como um pesadelo.

Completamente nua, a sala podia conter trinta pessoas, à vontade, e tinha pelo menos, atenta as velhas esteiras atiradas ao soalho.

Os freqüentes dormiam todos — uns de barriga para o ar, outros de costas, com o lábio no chão negro, outros de lado, recurvados como arcos de pipa. Estavam alguns vestidos. A maioria, inteiramente nua, fizera dos andrôjos traverseiros. Erguendo a vela, o encarregado explicou que ali o pessoal estava muito bem, e no palar em halo da luz que ele erguia, eu via pés disformes, mãos de dedos recurvos, troncos suarentos, cabeças numa estranha lassidão — uma galeria trágica de cabeças embrutecidas, congestas, bufando, de boca aberta. De vez em quando um braço erguia-se no espaço, tombava; faces, em que mais de perto o raio de luz batia, tinham tremores súbitos — e todos roncavam, afogados em sono.

Um dos agentes sacudia um rapazola.

— Hein? Já quatro horas? fez o rapaz acordando.

— Que faz aqui?

— Espero a hora do bote para a ilha. Sou carvoeiro, sim senhor... Ail minha mãe! Vou levar-me preso!

Subitamente, porém, apalpus as algibeiras, olhou nos anseios. Tinha sido roubado! Houve um rebuliço. Como por encanto, homens, havia ainda minutos, a dormir profundamente, acordavam-se. O senhor delegado alteando a voz deu ordem para não deixar sair ninguém sem ser revistado. O encarregado, com perdo do senhor delegado e das outras ismórias descompunha o pequeno.

— Trouxe dinheiro, maricas? Já não lhe tenho dito que m'o entregue? É lá possível ter confiança nesta súa. E a minha casa agora, e eu? Besta de uma fúria, que não sei onde estou...

Os agentes faziam levantar a canalha, arreliada com o incidente, e na luz vaga os perfis patibulares emergiam com restos cômicos de espreguiçamento.

Tanto o bacharel como o adido mostravam na face um leve suto. O delegado contemplava-os.

— Que lhes dizia eu? Uma sensação, meus caros, admirável. Subamos ao último andar!

Havia com efeito, mais um andar, mas quase não se podia lá chegar, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degraus, gente que se agarrava aos balaustrados do corrimão — mulheres recostas da promiss-

→

Página 5

LÂMPIÃO da Esquina

Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Figura 36 - Reportagem do jornal Lâmpião da Esquina do ano de 1981 retratando os ditos "Hotéis de Pegação"

Reportagem

começou outro tipo de fascínio que até hoje cultivo, pela vida nas prisões. A gente ficava lá, nos dias de visitas, juntinho num banco, eu sentindo o cheiro de azedo do seu uniforme de zurieta, namorando abertamente sem que os outros presos — ou suas mulheres, seus filhos, suas visitas enfim — ou os guardas dessem a mínima. Eu devia arranjar um advogado para ele, mas não havia dinheiro. E então, na quinta visita, quando cheguei lá, me contaram uma história obscura: de teria sido transferido não sei pra onde. Desde então, nunca mais o vi, e também nunca mais tive notícias dele.

Então, naquela noite, como um Jean Genet tropical e trêmulo, sai com Adolfo e fizemos nosso primeiro ganho: suamos um marinho norte-americano, bêbado, num beco escuro próximo a Praça Mauá. Além da carteira recheada de dólares (havia uma foto, de uma mocinha loura, com uma dedicatória sumária: *Kisses, Debbie*).

Naquela madrugada fizemos uma farra no velho Capela, regada a muito vinho. E Hernandez teve o que merecia — a nota de cem cruzeiros que lhe estendi na portaria, deixando bem claro, com o meu olhar, que nos próximos dez dias ele não deveria me dizer nem "bom-dia".

Ah, meus tempos de bira! Lembro-me de uma noite (Adolfo, então, já desapareceu) em que eu, só e desesperado, tirei a máquina de escrever da bolsa da cama e cometi a usá-la enquanto protestos enérgicos se ouviam de todos os lados (eram duas horas da manhã e, àquela hora, qualquer ruído na bira se multiplicava por mil). Seu Hernandez batia na porta histérico, o coro de vozes gritava cada vez mais alto: "Quero dormir, porta", enquanto na máquina, diante de mim, o papel repetia mil vezes a mesma mensagem: "Não é bom que o homem ligue só (Gibson II, 18)". Ou de outra vez em que um cara cortou os pulsos, e Hernandez, ao descobri-lo sangrando sem parar, pediu ajuda aos espanhóis de outras bairas próximas: foram jogar o cara debaixo dos Arcos da Lapa, para que ele morresse por lá.

Os primeiros degraus

Finalmente galgávamos os primeiros degraus da velha hospedaria da Rua Marcellino Dias, 46, em plena Central. Estávamos ligeiramente cansados, pois vínhamos de uma longa caminhada, desde a Cinelândia, à procura de um lugar mais barato, onde pudessemos enlazar nossos corpos e tirar-lhes o mais profundo gozo. Jorge subia compassadamente a escadaria em direção ao balcão de recepção (que mais se parecia com aqueles balcões das repartições públicas, envidraçados e com orelhões de constante uso), com seu todo aquilo não passasse de uma ensaiada cerimônia. Eu suava frio, as pernas bambeavam e o ranger dos degraus proporcionavam-me um clima de suspense. Afinal aquela seria a minha primeira experiência e, nem de longe, o lugar correspondia aos embargos êxtases de minhas punhetas.

Um velho senhor, com sotaque espanhol, prontamente nos atendeu. Em seu rosto, não víamos nenhuma expressão que aprovasse ou desaprovasse nosso desejo. Tratava-se de um negócio, onde ideologias e moralis não se intrometiam. Pensei, de início, que não seríamos aceitos, pois com os nossos quinze anos e alguns meses, mais nos parecíamos com moleques que, junto com os rotos shorts e camisetinhas de malha esgarçadas, haviam trocado a pipa, a pelada e o pique-esconde por entre caminhões — sem nunca sermos descobertos com um amiguinho — por brincadeiras mais excitantes.

O solitário senhor, ao nosso pedido de vaga, deu uma virada de 180 graus, e de frente para o quadro de chaves — uma tábua com vários pregos já enfiados pelo tempo, onde pendiam vários chaveiros — escolheu a de número 17. Após pagarmos oito cruzeiros, correspondentes ao preço de uma rápida estada (Mesmo aqueles horrendos lidos de 74, após um período de muitos milagres (7), ainda podia-se tranquilamente fazer uso dessas salvadoras casais, só para cavalheiros, sem se preocupar com nefastos golpes de lápis nas suas apertadas orelhas), ouvimos aquela voz rouca que nos indicava o quarto no meio do longo corredor e que parava de vibrar ao concluir a simpática observação: *É o melhor quarto da casa!* O espanhol parecia adivinhar minha condição de debutante.

Caminávamos pelo estreito corredor, tentando enxergar, na penumbra, a numeração das sucessivas portas que passávamos. As longas tábuas do chão, gastas e ligeiramente apodrecidas, balançavam como se fossem despenhar conosco. No fundo, uma montanha de lençóis, sujeitos por gozões de outré, repousava a espera de sua rotina diária para a tuituitaria. Enquanto isso, sussurros, gemidos de gostosas dores e o som ar-

"sem dar trabalho a ninguém" (no dia seguinte de tinha sumido).

Se eu voltei ao "trabalho noturno" com Adolfo? Só mais duas vezes. Na última, a chamada vítima, devidamente depenada, me olhou durante um breve instante dentro dos olhos e, então me reconheceu: eu, na verdade, era ele — nesta absurda divisão em que as pessoas se enquadram, entre depenados e depenadores, estarei, sempre e inevitavelmente, entre os primeiros. E foi então que acabou a minha breve carreira como êmulos de Jean Genet.

O final desta minha "estação no inferno"? Está contada, sem tirar-nem pôr, no meu livro *Primeira Carta aos Andrôgonos*, neste trecho que aqui reproduzo: "Houve uma madrugada em que acordamos com o vento sopradinho para o outro lado: abrimos as portas e era a polícia. Seu Hernandez tinha fugido cinco minutos antes, a ordem era fechar todas as bairas, alguma coisa no sub-terâneo semanal saía errado. Os policiais invadiram todos os quartos, abriram malas, atiraram roupas para o ar, reviraram os colchões. No meu quarto, afastaram a cama, encontraram a máquina de escrever. Um deles me olhou dentro dos olhos, sorriu ao me reconhecer, "veadinho", perguntou numa voz carinhosa, de pai, "essa máquina foi roubada?" Respondi secamente que não. E ele, concluindo, "foi roubada, sim". E levou-a consigo, e não me olhou mais. Recolhi minhas roupas, joguei-as dentro da mala de papéis, desci as escadas, ainda cruzei uma vez com o policial — ele segurava, cuidadoso, a máquina de escrever. Sai à rua, amanhecia. Respirei fundo, pouco movimento àquela hora, a bira ficava para trás, mas eu nem olhava...". etc., etc., etc.

Um ano depois aluguei o sobrado em frente à bira e lá morei dois anos. Quando sai de lá (então chegava a minha vez de ser preso: fiquei 70 dias na Ilha das Flores), já não havia mais nada do outro lado, além de escombros: a bira de Hernandez fora, no ferro-de-engomar em que antes pontificavam os reis e rainhas da Lapa, uma das últimas trincheiras a cair. (Aguinaldo Silva)

dente de respirações aceleradas, ultrapassavam as baixas divisões de eucates, envolvendo o lúgubre corredor.

Chegávamos ao nosso quarto. Atirei-me apressado à fechadura, ansioso por descobrir o ambiente, por trás da porta. Dentro do minúsculo quarto, no canto direito, via-se um pequeno lavatório encaixado na parede, e suas inscrições comprovavam sua origem inglesa. No lado esquerdo duas camas, postas lado a lado, sendo uma de casal e outra de solteiro, obrigavam-me a descobrir a razão para sua conjunta existência, visto que só a de casal, seria suficiente (confesso não ter descoberto até hoje). Os lençóis eram de um exasperado estampado, desses de cortina. Uma cadeira, entre as duas camas, servia de mesinha de cabeceira, e em seu assento encontravam-se dois sabonetes vagabundos e um enorme pote de vasilina não esterilizada — certamente o melhor serviço da casa. A exótica pintura das falsas paredes — um fundo azul celeste desbotado, encoberto com desenhos de girlandas de flores, num berrante tom de vermelho fosforescente — dava um toque final no mal gosto da decoração. A esta altura, o fascínio pelo lugar era maior do que pelo meu parceiro.

Tiramos a roupa, e diante da falta de cabides ou coisas parecidas, colocamos as peças sobre a cama de solteiro, que não pretendíamos usar. Estávamos prontos para o jogo. Ao tentar apagar a luz, notei que esta era a mesma que iluminava precariamente todo o corredor. Fomos obrigados a esquecer o pouco da vergonha que encobria nossa adolescente nudez, e iniciamos.

Além do ondulado e desconfortável colchão, a cama rangia ensurdecidamente, como se sentisse prazer conosco. Os sons dos outros quartos e das passadas do corredor, chegavam ampliados em nosso quarto, transformando-o numa verdadeira caixa de ressonância. O gozo demorava, pois a concentração era quase que impossível — não sei se pelo barulho ou se pelo meu fascínio. Por fim o orgasmo veio forte e intenso, abafando por completo os outros sons.

Não demorei muito o espanhol veio bater à nossa porta, dando por terminado o tempo. Coloquei pausadamente minha roupa, tentando encontrar mais algum detalhe perdido entre as falsas paredes. Desci triunfante os degraus do prédio, que persistiam em seu ranger. Estava feito.

Nunca mais voltei à velha hospedaria da Central, e nem tampouco voltei a ver Jorge. Mas decerto, não haveria lugar melhor e mais fascinante, do que aquele, para a minha prazerosa iniciação ao ritual de bairas e cavalheiros. (Antônio Carlos Moreira)

Escolha o seu hotel

Alvite — Gomes Freire, 295. Quartos apertados e sem banheiro, que fica do lado de fora. Cr\$ 250 e Cr\$ 500.

É o menos conhecido dos hotéis da Gomes Freire. E é o mais desconfortável também. É o ideal, se você estiver com pressa e os outros três da rua estiverem ocupados. O nível de segurança é baixo.

Casa Bianca — Rua do Lavradio, 68. Apartamentos confortáveis, com banheiro, água quente e ar condicionado. Cr\$ 200 e Cr\$ 500. É a mais nova descoberta Lampiônica. O ar condicionado funciona mesmo, o nível de segurança é razoável e há bastante conforto. Só apresenta o inconveniente de receber também casais heterossexuais (inconveniente para quem não gosta ou prefira maior discrição).

Vinte de Abril — Rua 20 de Abril, 12-A. Apartamentos simples, mas com banheiro e água quente. Cr\$ 200 e Cr\$ 500.

É o hotel ideal para quem exige um mínimo de conforto, muita discrição e um preço razoável. Para dormir, exige preenchimento de ficha e, às vezes, nas noites ou madrugadas de sexta-feira e sábado, obriga os fregueses a uma longa espera nos corredores.

Londrina — Rua do Senado, 104 — e **Rio Senado** — Senado, 106. Quartos minúsculos e fregueses, cheio de piolho, banheiros sem água quente, do lado de fora dos quartos. Cr\$ 200 e Cr\$ 400.

São os piores do centro do Rio. Só os use em caso de extrema necessidade. O nível de segurança é quase nenhum.

Copa Linda — Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 956. Apartamentos confortáveis com banheiro, água quente e ar condicionado. Cr\$ 1.523.

Só para quem está com muito dinheiro e não quer se deslocar para o centro. É pouco usado por homossexuais. Sua frequência é quase toda de casais heterossexuais.

Agres — Rua Fátima de Almeida, 110 — e **Ipanema**. Apartamentos confortáveis, com banheiro, água quente e ar-condicionado. Cr\$ 1.500.

Também indicado para quem está na Zona Sul, não quer vir ao centro e está com algum dinheiro. É mais usado por homossexuais que o Copacabana, mas também atende a muitos heterossexuais. Atende também a turistas e a quem pretende utilizar-se de massagistas oferecidos pelas clínicas especializadas em prostituição masculina.

Norte-Sul — Rua Moraes e Vale, 36 — Lapa. Apartamentos, de tamanho razoável, com banheiro e água quente. Cr\$ 350 e Cr\$ 700 (para passar a noite). Ar condicionado.

Tem um inconveniente sério: não se surpreenda se na sala de espera tiver de dividir a televisão com algum casal heterossexual. O outro problema são os carpetes, mal cuidados, que não exalam bom cheiro. É o ideal para quem curte travesti. E não precisa procurar muito, pois os travestis fazem ponto bem próximo. O acesso não é muito seguro.

Passeio — Moraes e Vale, 45 — Lapa. Apartamentos confortáveis, com banheiro e água quente. Cr\$ 350 e Cr\$ 700. Ar condicionado. Fica em frente ao Norte-Sul e obedece praticamente às mesmas características. Só que acaba de passar por reformas e os carpetes não estão ainda tão fedorentos.

Souto — Rua da Lapa, 123. Quartos minúsculos, sem muito conforto. Os banheiros ficam fora dos quartos, mas têm água quente. Cr\$ 200 e Cr\$ 500.

É o preferido dos michês da Cinelândia, dorme é seguro. Passou por alguma reforma recentemente, mas as condições de conforto não foram modificadas. Os quartos são quentes, apesar do ventilador, e não têm janela para a rua. Há duas pequenas venezianas para o corredor, o que leva todos os gemidos para o lado de fora do quarto.

Meio Dia — Rua Gomes Freire, 55. Quartos espaçosos, com banheiro e água quente. Cama razoavelmente confortável. Cr\$ 350 e Cr\$ 800. O seu maior inconveniente é a espera a que, às vezes, o freguês se vê obrigado, pois, um dos mais procurados, está sempre cheio. Fora isso é ótimo. Os quartos são bem arejados, embora sem ar condicionado, e possuem janela para o exterior. É absolutamente seguro e discreto.

Hostal — Gomes Freire, 151. Apartamentos espaçosos, com banheiro e água quente. Camas confortáveis. Cr\$ 350 e Cr\$ 800.

Obedece praticamente às mesmas características do Meio Dia, embora um pouco maior. A espera é um pouco mais confortável, pois há um local reservado para isso. É, porém, menos discreto.

Gomes Freire — Gomes Freire, 243. Apartamentos apertados, mas com banheiro e água quente. Camas pequenas. Cr\$ 350 e Cr\$ 800.

Não é tão seguro quanto o Hostal e o Meio Dia, mas é um hotel razoável. É bom escolher, se for possível, um bom quarto, pois alguns, a maioria talvez, não têm janelas e são quentes. Merece ser visitado pela loucura que pode proporcionar. *Alvite, Alvite*

LÂMPIÃO da Esquina

Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Figura 37 - Relatório do Pornhub sobre tendências de buscas no Brasil em 2019



Fonte: Pornhub.